

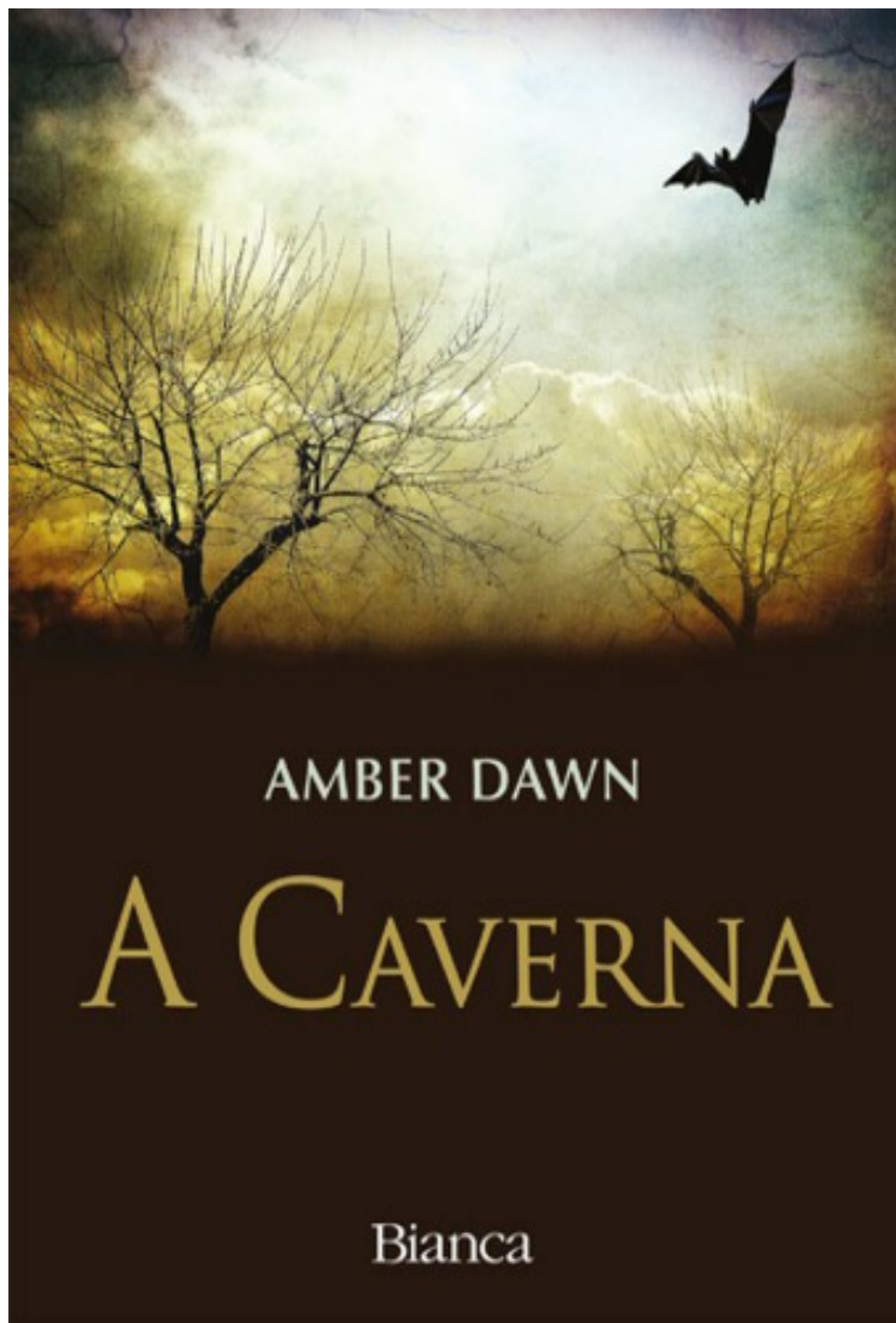


AMBER DAWN

A CAVERNA

Bianca





AMBER DAWN

A CAVERNA

Bianca

Índice

- [Capa](#)
- [Rosto](#)
- [Créditos](#)
- [Sobre a Autora](#)
- [Terminologia Vampiresca](#)
- [O Início](#)
- [Capítulo I](#)
- [Capítulo II](#)
- [Capítulo III](#)
- [Capítulo IV](#)
- [Capítulo V](#)
- [Capítulo VI](#)
- [Capítulo VII](#)
- [Capítulo VIII](#)
- [Capítulo IX](#)
- [Capítulo X](#)
- [Capítulo XI](#)
- [Capítulo XII](#)
- [Capítulo XIII](#)
- [Capítulo XIV](#)
- [Capítulo XV](#)
- [Capítulo XVI](#)
- [Capítulo XVII](#)
- [Capítulo XVIII](#)
- [Capítulo XIX](#)
- [Capítulo XX](#)
- [O Fim](#)

<https://www.facebook.com/juliocwmaciel>

Amber Dawn Bell

A Caverna

Tradução

Marcia Maria Men

Querida leitora,

Da perspectiva da heroína do livro, Amber Dawn Bell nos conta uma história fascinante, com muita ação, aventura, romance, suspense e humor.

No dia do seu aniversário de dezesseis anos, Cheyenne descobre que é uma vampira. Uma excursão com a turma do colégio a uma caverna traz surpresas reveladoras e assustadoras, e isso é apenas o começo de uma aventura eletrizante contra um mal oculto e perigoso que espreita de todos os lados...

Prepare-se para uma avalanche de emoções!



Leonice Pomponio

Editora

Copyright © 2011 by Amber Wentworth
PUBLICADO SOB ACORDO COM HIGHLAND PRESS
PUBLISHING Todos os direitos reservados.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

As publicações da Editora Nova Cultural não podem ser reproduzidas, total ou parcialmente, seja qual for o meio, mecânico ou eletrônico (inclusive digitalização), sem a permissão expressa da Editora. A reprodução das publicações sem a devida autorização da Editora constitui crime de violação de direito autoral previsto no Código Penal brasileiro. TÍTULO ORIGINAL:

CAVE OF TERROR

EDITORIA

Leonice Pomponio

ASSISTENTE EDITORIAL

Patricia Chaves

EDIÇÃO/TEXTO

Tradução: Marcia Maria Men

CAPA E DIAGRAMAÇÃO

Mônica Maldonado

ISBN 978-85-13-01451-6

© 2011 Editora Nova Cultural Ltda.

Rua Texas, 111 – sala 20ª – Jd. Rancho Alegre – Santana do Parnaíba
São Paulo – SP — CEP 06515-200

Sobre a Autora

Amber Dawn Bell sempre se interessou pelo paranormal. Desde criança, diferentemente da maioria das crianças, que acham que há um monstro dentro do armário, ela achava que havia um vampiro embaixo de sua cama. Esses personagens sobrenaturais a amedrontavam e fascinavam ao mesmo tempo. Amber acredita ter herdado essa característica de sua avó, com quem costumava assistir a filmes de terror, geralmente comendo uvas e queijo. Os pais dela não podiam saber, porque achavam que não fazia bem a uma menina assistir a esse tipo de filme. Era um segredo entre avó e neta.

Amber descobriu a leitura de romances quando era adolescente, e ficou encantada, especialmente com os históricos ambientados na Escócia. Aos 15 anos, ela conheceu o rapaz com quem viria a se casar. Segundo Amber, no instante em que pôs os olhos nele, ela soube que estavam destinados a ficar juntos para todo o sempre...

O amor de Amber por romances e história medieval a levou a perseguir seu sonho de escrever. Hoje, ela é mãe e dona de casa, e agora que seus filhos estão mais velhos, ela pode se dedicar a realizar seu sonho. Amber adora histórias sobre vikings, piratas, Escócia e praticamente tudo que seja paranormal, especialmente vampiros.

Ela mora no Texas com o marido, com quem está casada há 22 anos, os dois filhos adolescentes, dois cachorros e dois gatos. Ela acredita que todos têm direito a um “felizes para sempre”, até mesmo os vampiros.

As atividades prediletas de Amber são assistir à TV, malhar e, é claro, escrever. E também ler ao som de Elvis Presley, Air Supply, Journey, Bon Jovi, Madonna, Tears for Fears e Duran Duran, entre outros.

Saiba mais sobre esta autora no site www.amberdawnbell.com

Terminologia Vampiresca

Apărăre – clică: guardiões da raça; vivem entre os humanos; se transformam conforme a necessidade.

Clică – um clã de vampiros

Fissura Loucura por sangue – reação física à ausência prolongada do suplemento; violenta

Ligação – cerimônia; troca de sangue entre um macho e uma fêmea

Liliac – o *c l i c ă* original: do mal; caçado pelos *Panteră* ; podem se transformar em

morcegos e outras criaturas aladas

Luptă – clică : capaz de se transformar em lobo; lobisomens *Panteră* – *clică* : vivem entre os humanos; alguns podem se transformar em panteras

Parceiro eterno – um vampiro ligado a alguém; para a vida toda *Sede de sangue* – um alerta do corpo para a necessidade da ingestão do suplemento sanguíneo; fome

Suplemento sanguíneo – pílula, semelhante às de vitamínicos, contendo os suplementos necessários ao sangue

Vânător – caçadora do mal; nascida aproximadamente a cada quinhentos anos; pertencente ao *clică Panteră*

O Início

Uma descoberta desagradável

Meu aniversário de dezesseis anos foi horrível. Em vez de uma festa de arromba, eu fui iniciada em um *clicã* de vampiros. Nada como descobrir que seus pais são sanguessugas no dia mais importante da sua

vida. Quero dizer, como eles esconderam isso por todos esses anos? E por que raios só foram me contar agora?

Eu sempre me considerei uma pessoa lógica, vivendo no mundo real, onde o Drácula existe apenas na cabeça de escritores esquisitões. Claro, os filmes a respeito são bons para dar risada ou, de vez em quando, para se tomar alguns sustos, mas eles não são verdadeiros.

Vampiros não existem de fato.

Bem, parece que existem, sim, e eu sou uma. Legal. De algum modo, essa descoberta encobriu a alegria de conseguir tirar minha carteira de habilitação.

Em vez disso, eu estava cada vez mais obcecada com pensamentos sobre as mudanças na minha vida, como por exemplo: eu ainda poderia andar sob o sol? Seria realmente obrigada beber sangue? Será que teria de dormir em um caixão? Eu sou claustrofóbica, então isso realmente não seria muito bom para mim.

Depois de pensar a respeito, percebi que mamãe e papai saem durante o dia. Afinal de contas, eles têm empregos normais. Meu pai é dono de uma empresa de *softwares*, e minha mãe é psicóloga. Contudo, nunca passamos muitas horas sob o sol e nunca fomos passar férias na praia.

Acho que eu teria notado se eles dormissem em um caixão ou bebessem sangue, não é? Todas as noites eles tomavam vinho, ou um líquido que parecia ser vinho. Eu mesma nunca tinha provado da bebida. Creio que eles não estariam tomando o DNA de outro ser humano bem na minha frente. Isso seria simplesmente repulsivo.

Deu para imaginar todos os pensamentos voando enlouquecidos pela minha mente? Em um instante, eu sou uma adolescente normal, completando dezesseis anos. No momento seguinte, estou sendo guiada por um tipo de

ritual de iniciação em um encontro cheio de vampiros, todos me congratulando por chegar à maturação. Esse é o tipo de festa de debutante inesquecível, que vai ser a inveja de todas as minhas amigas... Não mesmo! Aqui morre a minha chance de estrelar um episódio do *My Super Sweet Sixteen* na MTV.

Mamãe e papai prometeram responder a todas as minhas perguntas depois da indução. E foi o que eles fizeram... Acho que estão se perguntando até agora qual era a placa do caminhão que os atingiu.

Uma coisa é certa: tudo o que eu pensei saber a respeito de vampiros foi pelo ralo abaixo. Bem, quase tudo.

A luz do sol não faz com que eles explodam em chamas, reduzindo-os a uma pilha de cinzas. Ainda bem. Mortos-vivos não existem. Vampiros são criaturas vivas, com um coração pulsante e tudo mais. As missas no domingo de manhã estão cheias deles. Água benta é só isso mesmo, água abençoada. Vampiras passam maquiagem na frente do espelho como todo mundo. Alho é um tempero muito bom para vários pratos. Cruzes ficam bem como acessórios *fashi on*. Caixões não são parte obrigatória nos quartos de vampiros. E estacas de madeira não são mais mortais do que quaisquer outras armas, o que me leva a outro fato, tão perturbador quanto desapontador: vampiros não são imortais.

Eles vivem mais do que os humanos normais, claro... muito mais. Também se curam com uma rapidez extraordinária e não são atingidos pela maioria das doenças e sofrimentos humanos, mas não vivem para sempre. Que pena! A imortalidade era o único ponto positivo em toda aquela situação...

Eu deixei a pergunta mais importante por último: eu sairia por aí mordendo pessoas e sugando o sangue delas? Digo, não é isso que os vampiros fazem? Mamãe riu e papai balançou a cabeça, sorrindo. Eu não via onde estava a graça.

Minha mãe explicou que séculos atrás, antes dos confortos da tecnologia moderna, os vampiros não tinham outra escolha, precisavam retirar sua nutrição diretamente dos humanos. Eu estremeci. Isso é repugnante! Mas ao longo dos anos, eles evoluíram e já não precisam mais de longos caninos para perfurar a pele. Esses dentes se contraíram e agora só se estendem caso o vampiro se sinta ameaçado ou furioso. Ou quando ele não se alimenta com

regularidade e entra na “fissura” por sangue. Eu não quis nem saber do que isso se tratava. Fissura por sangue? Obrigada, mas não mesmo. Fiquei muito feliz em saber que vou poder continuar comendo o que sempre comi. Só precisarei suplementar minha dieta com... adivinhe só? Isso mesmo. Sangue. Eca!

Mas também descobri algo bem legal. Toda vampira (isso mesmo, só as fêmeas) adquire uma habilidade física especial e única em seu aniversário de dezesseis anos, que é quando ela atinge a maturidade. Eu mal podia esperar para descobrir qual seria o meu poder especial. Tomara que não fosse algo muito estranho ou muito indiscreto...

Como sou ginasta, passo cinco horas por dia na academia, treinando. Já é difícil o bastante se encaixar no grupo sem ser esquisita; eu já não tenho muito tempo para uma vida social, o que faz de mim uma esquisitona sem precisar de dificuldades adicionais.

Nunca tive um namorado propriamente dito. A menos que você conte o garotinho fofo no jardim de infância que passava bloqueador nas minhas costas quando íamos para a piscina. Não sei se os rapazes têm medo de me chamar para sair porque eu não tenho tempo para dedicar a eles, ou se é porque eu provavelmente conseguiria surrá-los com pouca ou nenhuma dificuldade. É o resultado de cinco horas na academia.

O que eu posso dizer? Ginástica é a minha vida. Eu pratico esse esporte desde que comecei a andar. E não pretendo parar só para que algum garoto tonto possa babar em cima de mim. De jeito nenhum!

Enfim... Eu passei o resto do meu aniversário esperando minha habilidade especial aparecer. E nada. Fui para a cama decepcionada e frustrada, pensando que eu não tinha recebido poder algum. Era o que faltava.

Sou uma vampira sem poderes. E mesmo assim preciso beber sangue. Onde é que estava o detalhe lindo e luxuoso? Onde estava a coisa boa para contrabalancear tudo o que havia de ruim? Não parecia justo. No dia seguinte, durante uma excursão na aula de biologia, tudo mudou. É onde começa a

minha história.

Antes que você vire a página, acho justo avisá-lo. Se você tem um coração fraco, pare agora, antes que seja tarde. Esta história não é nenhum

conto de fadas, e eu não sou uma Cinderela. Este é um relato fiel da minha vida, e vai mudar para sempre o modo como você vê o mundo e as criaturas que vivem nele.

Você foi avisado!

Capítulo I

Nuggets peludos de frango do mal

O alarme ecoou por minha cabeça latejante. A realidade se infiltrou em minha mente ainda adormecida e eu me sentei, segurando a cabeça entre as mãos. Pequenos jogadores de futebol chutavam meu cérebro por dentro. Droga, se era essa a sensação de ser uma vampira, eu não queria ter nada a ver com isso.

Desliguei o despertador com uma pancada e desabei de volta na cama. Roxie levantou a cabeça peluda, bocejou e se aproximou de mim, derrubando baba de cachorro na minha cara.

A porta se escancarou e eu soltei um grunhido. Roxie saltou para o chão, seus quase quarenta quilos me atropelando no processo.

— Cheyenne, está na hora de levantar. Como você está? — indagou minha mãe, a voz cheia de pena.

— Estou ótima, mamãe. O que posso dizer? Essa coisa de ser vampira é fantastibulosa. Eu teria revirado os olhos para aumentar o efeito da frase, mas não tinha energia

suficiente para isso.

— É normal se sentir mal no dia seguinte. Seu corpo está tentando assimilar o avanço acelerado dos seus sentidos. — Mamãe sorria como se isso fosse um acontecimento corriqueiro.

— Hein?

— Você vai começar a ouvir coisas que nunca escutou antes, e de longe. Sua visão vai ser melhor do que qualquer humano já sonhou em possuir. Você será capaz de distinguir o cheiro de alguém a mais de um quilômetro de distância. Todos os seus sentidos se ampliarão. Infelizmente, leva certo tempo para se acostumar a essas coisas, por isso a dor de cabeça.

— Ótimo. Era tudo o que eu precisava. E justamente no dia da excursão para a caverna. Mamãe apertou os lábios, parecendo se concentrar. — Sob essas circunstâncias, eu permito que você fique em casa. Você provavelmente vai

precisar de um tempo até que se acostume com tudo antes de voltar à escola. Mas que isso não vire um hábito! — Ela ergueu uma sobrancelha enfaticamente e me encarou. Aquele olhar de mãe, sabe?

— Eu tenho que ir, vai valer boa parte da nota. Nem quero pensar no que teria de fazer para compensar se não participar hoje. — Suspirei e cobri minha cabeça.

— Se é assim, melhor sair logo da cama e acelerar. — Mamãe agarrou meu edredom e o puxou com força, me deixando exposta ao ar frio. Virando-se para sair, ela ainda falou por sobre o ombro: — Tenha um bom dia, querida. Conversamos mais tarde sobre as mudanças pelas quais seu corpo vai passar. Eu sei que é meio assustador.

— É, sim. — Eu me arrastei para fora da cama e, assim que pus os pés no chão, ocorreu-me um pensamento horrível. — Mamãe! Espere! Esqueci de perguntar uma coisa.

Ela voltou para o meu quarto.

— Sim?

— Ahn... Quando é que eu vou precisar de... sangue? Deus, eu tinha mesmo perguntado aquilo? Digo, mas que coisa ridícula para se perguntar para a própria mãe. Era um pesadelo!

— Por enquanto, você ainda não vai precisar. Não se preocupe. Seu pai e eu vamos discutir os sintomas com você. Mas isso ainda vai demorar para acontecer com você. Vai levar algum tempo para seu corpo passar pela transformação e necessitar do suplemento. Mas acredite, seu corpo vai dar sinais quando o momento chegar. — Ela pousou as mãos em meus ombros e me olhou com toda a seriedade. — Quando acontecer, você precisa contar para mim ou para seu pai na mesma hora. Se esperar demais, você pode entrar na fissura por sangue. Digamos que isso não é bonito de se ver... e pode ser perigoso, tanto para você quanto para aqueles ao seu redor. Eu vou lhe mostrar onde mantemos nosso suprimento na volta do trabalho, para o caso de não estarmos em casa quando você precisar dele.

— Certo... eu acho.

Eu só rezava para que não acontecesse na frente de um monte de conhecidos. — Cheyenne! Já estava mesmo na hora de você chegar — gritou Mandy, minha melhor

amiga e, como eu, também ginasta.

— Olá. É, eu meio que me atrasei. Não queria acordar hoje de manhã. Era o eufemismo do ano.

— Estávamos prestes a entrar no ônibus. Você deu sorte de não termos partido sem você. — Ah, sim... Que sortuda eu sou.

Se ela soubesse... Imaginei o que ela diria se eu lhe contasse que sou uma vampira de verdade. Mandy provavelmente teria um ataque. Mais cedo ou mais tarde, eu acabaria contando. Nós não escondemos nada uma da outra. Além disso, ela sempre parece adivinhar quando tem algo errado comigo.

— Venha! Vamos sentar lá no fundo. Podemos fazer caretas para quem estiver de costas para nós.

— Qual é a sua idade mesmo? — questionei.

— Ah, você sabe que também quer! — Ela subiu no ônibus, e eu fui logo atrás. Levaríamos apenas uns vinte minutos, no máximo, para chegar à caverna. Eu sabia disso

porque ela fica bem ao lado da nossa academia. Eu já tinha estado na caverna tantas vezes na vida que provavelmente conseguia recitar o

discurso do guia palavra por palavra. Estalactites se agarravam ao teto. Estalagmites podiam até alcançar o teto. E não vamos nos esquecer da pipoca da caverna, do gelo da caverna, das pedras soltas, dos corais da caverna, das cortinas da caverna — também conhecidas como “bacon da caverna” — e um ou outro morcego. É, eu já tinha visto e ouvido tudo aquilo. E veja só que sorte... iria poder ver e ouvir tudo de novo.

O estranho é que, mesmo sendo claustrofóbica, nunca tive problemas para entrar na caverna. Provavelmente porque ela era, em grande parte, aberta e arejada. A história podia ser bem diferente se eu tivesse de me espremer por uma daquelas fendas estreitas e escuros.

— Nossa, você parece muito animada com a visita, Cheyenne. — Mandy riu e fez a careta que sempre me arrancava um sorriso. — Não acha legal irmos para uma caverna no dia das bruxas?

Eu balancei a cabeça e revirei os olhos. Ela continuou fazendo a careta até que eu sorrisse de novo. Mandy então ficou séria.

— Certo, qual é o problema, azeda? E nem tente me dizer que não é nada. — Eu tive uma manhã difícil e estou com dor de cabeça. Nada de mais.

Bem, a parte sobre a dor de cabeça era verdade. E eu tinha tido, mesmo, uma porcaria de

manhã. O problema era o que eu não estava contando. Essa garota é um *pit bull* quando se trata de arrancar informações. Quando fareja sangue, ela agarra e não solta mais. Ah, droga, eu tinha que me lembrar de sangue...

Ela deu um meio-sorriso.

— Tudo bem. Alguma hora você vai despejar tudo. — Não tem nada para ser despejado. — Aquilo soou tão estranho que nem eu mesma acreditei no que disse.

— Você trouxe a câmera nova? — ela quis saber. Eu indiquei minha bolsa.

— Sim, bem aqui.

Antes da minha iniciação, papai e mamãe haviam me surpreendido com a câmera. Eu estava economizando durante meses para comprá-la, então fiquei muito feliz por recebê-la de presente. Era uma Canon pequena com uma tela grande, e tirava fotos realmente ótimas. A única pessoa que gosta de fotografar ainda mais do que eu é Mandy.

— Bom! — Ela esticou o pescoço e olhou pela janela. — Estamos quase lá. Eu reclinei a cabeça no assento do ônibus.

— Mal posso esperar.

O ônibus entrou no estacionamento e eu me endireitei, olhando ao redor para saber quantos carros estavam por ali. Eu não estava com disposição para multidões. Descemos do ônibus e atravessamos a rampa de madeira que levava ao bloco de entrada.

Assim que entramos ali, um formigamento estranho começou na base da minha coluna e subiu, terminando em uma leve vibração permanente na minha nuca. Esquisito. Esfreguei o local com uma das mãos e olhei para a sala.

— Vamos dar uma olhada nas lembrancinhas.

Mandy agarrou meu braço e me arrastou até a seção principal das lembrancinhas, cheia de morcegos de borracha, capacetes de exploradores completos com luzes, brinquedos de plástico, lápis, joias e todo tipo de pedras preciosas.

Eu resmunguei baixinho. Ela podia ser uma palhaça às vezes, mas nunca era entediante, com certeza.

Rochas e pedras preciosas estavam organizadas em uma estrutura giratória com várias divisórias. Peguei um quartzo olho-de-tigre e girei-o em minha mão. A superfície fria e lisa era gostosa de segurar. Coloquei-o de volta na cesta e peguei um cristal rosa. Ele dava uma sensação áspera ao toque, mas era lindo. Talvez eu comprasse um na saída da excursão.

Mandy pegou um morcego de borracha e ficou brincando com ele, balançando-o pelo elástico que o segurava. Ela fez a criatura saltar junto do meu rosto, cantarolando sons pretensamente fantasmagóricos.

— Tire uma foto, Cheyenne! — Ela segurou o morcego perto do rosto e sorriu. — Você tem sérios problemas — falei, mas tirei a foto. Se ela soubesse como tinha chegado perto de descobrir meu segredo... De todas as

bugigangas que ela podia ter pegado, escolhera logo o morcego. Irônico, não? Essa é a minha vida: uma ironia atrás da outra.

— É por isso que você me ama.

Mandy colocou o morcego de volta no lugar e pegou cada uma das outras quinquilharias, fazendo uma palhaçada a cada novo objeto. Experimentou um capacete verde e fez uma pose, esperando que eu tirasse outra foto.

— É, deve ser por isso.

Eu tive de rir: ela era pateta demais. E claro, eu tirei a foto. Certo, também tirei uma de mim mesma usando um capacete rosa. O que posso dizer? Algumas coisas são irresistíveis.

Fui até o outro lado do bloco, perto da entrada, com Mandy a me seguir de perto. Ali, várias máquinas para adivinhar o futuro ou dizer que tipo de amante você é, apenas apertando uma alavanca, estavam alinhadas às duas paredes mais próximas da porta.

— Legal! Adoro esses brinquedos. Quero fazer o teste do amor! Tem uma moeda de vinte e cinco centavos? — Mandy sorriu e estendeu a mão para mim.

Eu cacei em minha bolsa e tirei dali algumas moedas. Ela pegou duas e disparou para a máquina do teste do amor, perpendicular à entrada.

Eu escolhi um medidor de amor. Depositei uma moeda no lugar

indicado e segurei a manivela com força. Luzes vermelhas dispararam, girando, acendendo cada nível.

Por favor, não pare no “nhé”.

Eu não sobreviveria a isso, especialmente porque Mandy tinha acabado de gritar que estava “ardendo”.

As luzes pararam de piscar e só uma permaneceu acesa: “inofensiva”. Ótimo, inofensiva. Exatamente o que eu sempre quis ser. Minhas mãos continuavam frias, era só isso. Sem aceitar o selo de “inofensiva”, inseri outra moeda.

Um cheiro de baunilha, ou talvez de amêndoas, atingiu minhas narinas. Parecia o cheiro da loção que Mandy ganhara de aniversário alguns meses antes. Mas eu não me lembrava de ter sentido aquele cheiro nela antes. E eu tinha vindo sentada ao lado dela no ônibus. Que esquisito... Então veio um toque suave de canela junto com as amêndoas, criando um aroma reconfortante.

Eu agarrei a manivela de novo e apertei. As luzes começaram a girar, meu olhar acompanhando o padrão hipnótico.

Um braço deslizou por mim, vindo de trás, e uma mão masculina e quente envolveu a minha. Eu engoli um grito, e meu coração disparou. O ar estalou com a eletricidade. Eu teria arrancado minha mão daquele aperto, mas ele a mantinha refém. Pequenos choques percorriam meu corpo, e minha pele se aqueceu. Um hálito quente e úmido acariciou meu

pescoço, onde meu cabelo havia se separado e vindo para a frente. Eu ofeguei, sentindo um calafrio subir pela espinha, meu corpo se arrepiando por inteiro.

As luzes pareceram crescer e ficar mais brilhantes, dançando no ritmo do meu coração, me hipnotizando. Eu nunca tinha sentido nada tão poderoso, tão íntimo. O cintilar parou, e a única luz a permanecer acesa anunciava de modo definitivo: “incontrolável”.

Insegura, sem saber o que fazer em seguida, lentamente olhei para trás. Meu estômago estava contraído, o coração aos saltos, acompanhando uma melodia desconhecida.

Lábios carnudos se abriram em um sorriso enquanto um desconhecido me fitava nos olhos, deixando-me muda e perplexa.

— Isso é o que eu chamo de química — ele disse. Era o rapaz mais bonito que eu já tinha visto: moreno, alto, maravilhoso. Tinha olhos

azul-claros penetrantes, convidativos e lindos. E eu fiquei ali, feito uma idiota, com baba escorrendo pelo queixo. Sim, era uma bela cena, cheia de classe.

Ele soltou minha mão e deu um passo para trás. — Bem, foi bom conhecê-la, Faísca.

Ele piscou e deu meia-volta, saindo tão repentinamente quanto havia surgido. Quando meus sentidos retornaram, olhei ao redor em busca do sr. Bonitão. Eu tinha de

mostrá-lo a Mandy. Ela nunca iria acreditar em mim. Mandy agora estava de costas para mim, jogando com o leitor de mãos. Corri até onde ela se encontrava.

— Mandy! Ah, meu Deus, você não vai acreditar no que acabou de acontecer comigo! — Deve ter sido bom, porque seu mau humor evaporou. Ela ergueu uma sobrancelha, questionadora, e esperou pelas minhas informações. — Eu estava ali no teste do amor, jogando, e...

— Saiu nível “nhé”, acertei?

— Você quer ou não saber o que aconteceu?

Eu pus a mão no quadril e a encarei. Ela fez um gesto, pedindo para eu prosseguir. — Bom, eu apertei a manivela, e aí um sujeito veio por trás de mim e segurou minha

mão, quase me dando um choque de tanta eletricidade estática. A máquina ficou doida e a luz parou no “incontrolável”. Eu olhei para trás para ver quem tinha me atingido e era um cara lindo. Ele era incrível! Eu quase caí de costas. — Olhei ao redor, tentando localizá-lo. — Mas agora não o vejo por aqui.

— Será que ele desapareceu no ar?

— Algo assim. Mas a melhor parte foi que... ele me chamou de Faísca e piscou para mim. Ele piscou para mim! Ele era alto e tinha os olhos azuis mais lindos do mundo! Você iria morrer se o visse.

Mandy cruzou os braços sobre os seios inexistentes. — Eu adoraria ver o rapaz que deixou você toda mole. Ele deve ser algo do outro

mundo.

Enquanto eu vasculhava os arredores atrás do meu parceiro de jogo, Mandy saiu na direção da lanchonete. Ela está sempre comendo alguma coisa. Juro, se ela não fizesse ginástica cinco horas por dia, estaria redonda como uma bola gigante.

Depois de perceber que estava procurando à-toa, juntei-me a ela na lanchonete. — O que você comprou?

Ela mostrou um pirulito. Mandy é louca por doces. Não que eu não goste também... — Ei! — Eu a cutuquei no ombro. — Pensei que você não tivesse dinheiro! — Não, eu só não tinha moedas de vinte e cinco centavos. Dãã! Nós nos sentamos em um banco perto do ponto de bondinhos para esperar pelo início da

excursão. Meu coração ainda estava disparado pelo encontro estranho, parecendo querer saltar do peito e ir pulando até sair pela porta. E se eu nunca mais o visse? Eu iria morrer se isso acontecesse.

Mandy tirou da bolsa um pirulito cor-de-rosa e o entregou para mim. — Obrigada. Eu não sabia que você tinha comprado um para mim também. Tomei o doce da mão dela e o enfiei na boca. Ainda bem que não tinha um plástico em

volta.

— É, eu sou assim: dissimulada. — Ela sorriu e deu uma mordida no seu. — Além de incrivelmente meiga.

— Claro que é!

Eu comecei a rir. Mandy, meiga? Ah...!

— O que foi? Não está vendo minha auréola? — Ela fez um gesto, contornando o halo imaginário.

— Estou, sim. Mas é melhor você disfarçar os chifrinhos que estão aparecendo, senão ninguém vai acreditar na auréola.

— Cinco minutos para o início do passeio das dez horas. Por favor, sigam até o outro lado do prédio, passando por nossa lojinha. Stan irá guiá-los — orientou uma voz pelo alto-falante.

— Somos nós. — Mandy se levantou e estendeu a mão. — Vamos. Ela me segurou pelo pulso e me puxou.

— Sim, sim.

Fizemos uma fila na porta onde subiríamos no bondinho que nos levaria para as profundezas da caverna. Dei mais uma olhada ao redor: nada do bonitão. Droga! Mas eu tinha a sensação de que ele ainda estava por ali, em algum lugar. Meu estômago se contraiu quando pensei nisso.

Um homem subiu no bonde e anunciou:

— Meu nome é Stan, e eu vou ser seu guia hoje. Quando eu colocar o bonde em movimento, vocês vão sentir um tranco, e então vamos entrar na caverna.

Nosso corpo foi para a frente quando o carrinho foi posto em movimento, depois começamos a descer. Os odores de terra fresca e amêndoas penetraram em meu nariz. Estranho... eu nunca tinha notado aquele cheiro na caverna antes.

— Você passou aquela loção de amêndoas hoje? — perguntei a Mandy. Ela franziu o nariz.

— Não, por quê?

— Por nada. Pensei ter sentido o cheiro dela há pouco, e agora de novo. A claridade foi sumindo aos poucos enquanto nos movíamos mais para o interior da

caverna, até ser substituída pela escuridão total. Os freios guincharam e fomos parando devagar, o carro estremecendo e fazendo chacoalhar meus ossos e dentes.

Assim que fiquei de pé, uma tontura sem precedentes me dominou. Eu vacilei e tive de me sentar de novo. Eu já tinha sofrido ataques de claustrofobia antes, mas a sensação dessa vez era diferente. Era como se meus sentidos estivessem tendo um curto-circuito. Um som agudo quase me deixou surda. Meu estômago se revirou de náusea, fazendo com que eu segurasse minha barriga e me dobrasse ao meio. O cheiro intensamente doce e enjoativo aumentou a ânsia, e eu gemi.

— Cheyenne? Você está bem? — Mandy sentou-se a meu lado e pousou a mão em meu ombro.

Eu respirei fundo e tentei afastar a tontura.

— Sim. Acho que me levantei muito rápido e fiquei tonta. Talvez eu devesse ter arrumado tempo para tomar café, em vez de comer só um pirulito.

— Vamos, meninas! Vocês estão atrasando o grupo — falou minha professora de biologia, a sra. Krammer.

— Estamos indo — grasnei.

Engoli o excesso de saliva diversas vezes, respirei fundo e me levantei. Certo, eu estava um pouco melhor.

Mandy me olhou, preocupada.

— Você vai conseguir?

— Sim, sim, estou bem. Vamos, antes que a sra. Krammer dê à luz aqui. Nosso grupo parou em frente à corrente que bloqueava a entrada da caverna. Sons

estranhos continuavam a ricochetear pela minha cabeça. Levei as mãos às têmporas e fiz uma leve massagem, com o estômago rodando.

— Você ainda está esverdeada — disse Mandy. — Obrigada.

Ótimo. Não bastava eu me sentir péssima, também estava com uma aparência péssima. Bom, pelo menos eu era coerente.

Stan fez seu discurso sobre como o óleo e a poeira contidos em nossos dedos poderiam danificar as formações na caverna. Como se alguém sentisse o impulso incontrolável de molestar uma formação natural. Enfim...

— Lembrem-se, a regra de “não toquem em nada” é válida para tudo aqui. Retirar algo da caverna é crime federal, por isso haverá uma revista de cavidades na saída.

Várias pessoas se assustaram; ninguém riu.

Eu me inclinei e cochichei para Mandy:

— *Hello-ou? Era só uma piada!*

Ela suspirou.

— Nossa classe só tem otários.

Stan ergueu as mãos em rendição.

— Só estou brincando!

Então todo mundo riu.

Ele soltou um dos lados da corrente e nos deixou passar. — Podem ir em frente até a área reservada e esperem por mim lá. Mandy e eu ficamos para trás e deixamos o grupo ir à nossa frente, para podermos

conversar sem sermos repreendidas. Stan nos alcançou e nos levou até uma área ampla, chamada de Sala de Apresentação.

— Quase todas as formações presentes na caverna encontram-se representadas neste espaço. — Stan apontou sua lanterna para cada uma delas, apresentando-as brevemente. Depois foi até uma fenda em uma das paredes, e todos se juntaram ao seu redor enquanto ele direcionava a luz para a rachadura.

Um pequeno morcego estava enfiado ali, escondendo-se da luz. — Ah, que coisinha mais fofa! — encantou-se uma de nossas companheiras de classe. — É o que todas as garotas dizem. Se você prestar atenção, vai ver que esse morcego é

marrom, o que significa que se trata de um macho — informou Stan. Desde que me lembro, morcegos sempre me intrigaram. Há uma ponte perto de onde eu

moro em que os morcegos se juntam durante certas épocas do ano. Quando eles saem, depois que o sol se põe, é como se uma nuvem de fumaça se erguesse no ar. Já passei várias horas assistindo à movimentação deles.

Depois do que descobri no meu aniversário, acho que essa fascinação com morcegos faz sentido.

— Este foi um dia muito diferente para nós. Como não há mais entradas naturais para cá, nunca mais teremos a formação de uma colônia de morcegos nesta caverna. Consideramos uma sorte quando é possível encontrar alguns poucos por dia, especialmente tão de perto. Mas hoje já avistamos seis, e em pleno dia das bruxas, ainda por cima! Achamos um, inclusive, nas profundezas da caverna, mais longe do que tínhamos visto em anos. Os morcegos que surgem por aqui tendem a permanecer perto da abertura. — Stan apontou a lanterna para o teto de calcário, onde havia outro morcego pendurado. — Estão vendo aquele *nugget* de frango peludo e cinzento? É uma fêmea.

Pelo canto do olho, detectei um movimento: era um morcego, indo para o fundo da caverna. Uma sensação esquisita pesou em meu estômago, e não era náusea.

— Uau, vimos até um morcego voando! Vocês estão com muita sorte — comentou Stan. Uma das líderes de torcida gritou, choramingando: — Eu não gosto de morcegos voando ao redor da minha cabeça! Revirei os olhos.

Talvez um dos rapazes do time de futebol pudesse segurar a mãozinha dela e protegê-la dos morcegos malvados. Ah, por favor! Tomara que um dos bichinhos fizesse cocô naquele penteado loiro perfeito.

— Não há com o que se preocupar. Eles comem mosquitos, não gente. Além do mais, o que um *nugget* peludo e fofinho poderia fazer com você? — Stan virou-se e nos levou para fora do recinto.

No caminho, paramos na Sacada do Canudinho enquanto Stan explicava com os canudos eram formados por círculos de minerais. O teto brilhava de umidade, e da ponta dos canudos pingava água. Fiquei observando as proporções delicadas.

Uma gota gelada atingiu o topo da minha cabeça, fazendo com que eu me encolhesse, gritando.

Mandy olhou para trás, querendo saber o que tinha acontecido. Eu abri um sorriso envergonhado e dei de ombros. — Uma gota de água caiu na minha cabeça. Estava gelada. Stan riu.

— É o que nós chamamos de “beijo da caverna”. É a água mais pura que você pode encontrar. Sem contar que é considerado sinal de boa sorte.

Se era assim, eu esperava que chovessem beijos da caverna em mim. Depois do que eu descobrira no dia anterior, precisava de toda a sorte que pudesse conseguir.

Conforme penetramos mais profundamente na caverna, a umidade nos cobriu como uma manta fria. O eco agudo em minha cabeça ficou mais intenso. Tentei tapar os ouvidos com os dedos, mas foi inútil. O cheiro de amêndoas também ficou mais forte; era como se houvesse um bolo de *amaretto* assando no fundo da caverna. O que podia estar causando aquele odor? Mamãe não estava brincando quando dissera que meus sentidos ficariam mais aguçados. A pessoa podia enlouquecer com aquela sobrecarga de informações.

— E agora, está sentindo o cheiro de amêndoa? — perguntei a Mandy. Ela franziu o nariz.

— Hum... não. Qual é o seu problema com amêndoas hoje? — Não sei, mas juro que estou sentindo esse cheiro. Stan nos permitiu tocar uma formação, chamada Pedra das Tentações. Cada um de nós

teve sua vez. Eu fui a última, depois de Mandy. Toquei a pedra,

permitindo que meus dedos deslizassem por toda a extensão da superfície lisa e fria. A umidade presa à formação deixou meus dedos escorregadios.

Uma leve vibração passou pelas minhas mãos e braços, até os dedos dos pés. Afastei a mão de cima da rocha e fiquei parada, a mão flutuando sobre a formação. Lentamente, coloquei-a de volta sobre a pedra. A pulsação fez cócegas na palma da minha mão. Recuando outra vez, olhei em volta para ver se mais alguém havia sentido aquilo. Nenhuma reação estranha à vista. Eu já havia tocado a Pedra das Tentações várias vezes antes, mas nunca sentira nada tão diferente.

— Mandy — chamei.

Ela se virou.

— O quê?

— Você sentiu alguma coisa esquisita quando tocou a formação? — Como o quê, por exemplo? — perguntou ela. — Não sei. Uma espécie de vibração, ou algo assim. — Não, não senti nada. Você está ficando doida? Primeiro o cheiro de amêndoa, agora

pedras que vibram... — Ela balançou a cabeça. — Estou começando a ficar preocupada com você.

Eu também estava.

— Estamos prestes a entrar em um túnel longo. Espero que não tenha ninguém claustrofóbico aqui. — Stan deu uma risadinha.

Mandy olhou para mim, como se eu mesma não soubesse que tenho claustrofobia. Mas não seria a primeira vez que eu colocaria meus limites à prova. Sem problemas: respirei fundo e fiquei preparada, caso tivesse uma crise.

Por favor, não na frente da classe toda.

No meio do caminho, fiquei sem ar de repente. Pisquei, tentando clarear a visão. Meu coração disparou, o pulso dilatando minhas veias com força suficiente para eu sentir o sangue passando por todo o meu corpo.

Não, por favor... Não agora, não aqui!

As paredes ao meu redor estremeceram e começaram a se fechar, diminuindo o espaço disponível para me mover ou inspirar o oxigênio de que precisava para viver. Minhas mãos subiram até o peito, apertando, enquanto

eu ofegava em busca de ar. Meu rosto se cobriu com uma película de suor e minhas mãos ficaram grudadas. Parei por um momento, tentando respirar fundo, mas a sensação continuou. Pequeninos pontos de luz piscaram à minha frente. Fechei os olhos com força, depois tornei a abri-los e pisquei.

Não, não, não...

A cada passo que eu dava, meus pés pareciam pesar mais. Um joelho cedeu e lutei para não cair. Meus pulmões ardiam, mas eu me recusei a ceder àquele ataque ridículo, especialmente na frente de todo mundo.

Foi quando o corredor opressivo se abriu em uma salinha. O ar tornou a circular em meus pulmões, e minha visão voltou ao normal. Soltei um suspiro de alívio.

Graças a Deus ninguém tinha notado minha quase crise. Isso seria embaraçoso demais. Mandy se virou para mim e franziu a testa.

— Você está pálida, Cheyenne. Mais do que o normal. — É a iluminação daqui. Estou bem.

— Se é o que você diz...

— ...a formação Beliscos do Tamanho do Texas é a principal atração desta sala. E se vocês olharem com atenção, vão encontrar alguns fósseis incrustados na rocha.

Stan dirigiu o facho da lanterna para indicar alguns fósseis mais perceptíveis. Mandy levantou a câmera e tirou algumas fotos. Eu prendi o fôlego enquanto passávamos por outro túnel, torcendo para não ter outro chique.

— Esta sala é chamada de Sala do Colapso. A Falha Balcones passa pela caverna bem aqui. — Ele iluminou a área a que se referia.

Não era nada demais para se olhar, mas Mandy tirou algumas fotos mesmo assim. Eu pisquei algumas vezes para livrar minha visão dos pontos de luz que dançavam na frente dos meus olhos.

Stan nos guiou em frente e manteve-se junto a um interruptor. Mandy sussurrou:

— Essa é a parte em que ele apaga as luzes.

— Ai, que medo — cochichei de volta.

— Para permitir que vocês conheçam a escuridão total, vou apagar as

luzes por alguns segundos. Imaginem como deve ser para um animal que tenha vindo parar aqui — sugeriu Stan.

As luzes se apagaram e todos ficaram quietos.

Imediatamente, senti uma presença muito forte ao meu redor, me apertando em um abraço de urso. Lutei contra o que estava me prendendo, rezando para que a sensação estranha não se transformasse em outro ataque de claustrofobia.

O forte odor de amêndoas fez cócegas em meu nariz quando respirei fundo. Que diabos...? Senti um toque leve vindo de trás de mim e meu cabelo foi afastado para o lado. Um bafejo de ar quente soprou pela minha pele, e os cabelos de minha nuca se arrepiaram. Um arrepio de apreensão percorreu meus ombros.

O que está acontecendo comigo?

Dois objetos pontudos arranharam o local onde minha pulsação estava disparada em meu pescoço, beliscando minha pele. Levei a mão à garganta.

— Ah-ah-ah, Mandy. Muito engraçadinha.

— O quê? — A voz dela soou à minha frente, não atrás de mim. Eu me virei, estendendo a mão para a escuridão, esperando fazer contato com algum idiota da minha classe. Mas toquei apenas o ar. — Eu gosto de deixar as luzes apagadas por um tempo para dar a todos a chance de

cutucar seus narizes. Por isso, vão em frente, cutuquem à vontade. As luzes se acenderam e todo mundo riu. Todos, menos eu. Mandy estava à minha frente, e a única pessoa atrás de mim era Stan, que ainda estava

junto ao interruptor. Olhei ao redor, sem saber exatamente o que estava procurando. Um calafrio me percorreu, e uma sensação desagradável de medo se instalou em minhas entranhas.

Algo estava errado.

Todos os meus sentidos estavam em alerta vermelho para perigo. Não tenho certeza de como eu sabia que existia uma presença maligna na caverna, mas nunca estivera mais convencida de nada na minha vida. E não, não tinha nada a ver com o fato de ser dia das bruxas. Eu não acredito em bicho-papão nem em fantasmas. Bem, ao menos, não costumava acreditar.

Enquanto eu buscava freneticamente pela fonte do meu desconforto, um

morcego mergulhou na direção da minha cabeça. Eu me abaixei bem a tempo de evitar a colisão. Um chiado invadiu minha cabeça, quase estourando meus tímpanos. Apertei os olhos com força contra a dor. Senti bile subindo pela minha garganta e engoli em espasmos, tentando evitar o pior.

— Uau! Isso é raro de se ver. A maioria dos morcegos que encontramos na caverna não está ativa durante o dia. Vocês ganharam um belo presente de dia das bruxas! — Stan passou o facho de luz pelo local em busca de mais morcegos voadores.

Ah, sim, belo presente. Outro morcego mergulhou, errando minha cabeça por pouco. A líder de torcida berrou e se espremeu junto ao Atleta Gostosão, o zagueiro do time. Stan riu.

— Você deve estar usando algum perfume para atrair morcegos. É praticamente um ímã! — Puxa, garota! Aquele último quase pegou você. — Mandy olhou à nossa volta, pronta

para se abaixar de repente, se fosse necessário. Dois outros morcegos passaram entre mim e ela. Mandy gritou e saltou para trás. Eles

nos sobrevoaram, cercando, depois foram para o fundo da caverna. Os olhos de Mandy estavam arregalados.

— Nossa, esse passou perto! Perto até demais para o meu gosto. — Você não sabe da missa a metade — resmunguei. — O quê? — indagou ela.

— Nada.

— Bem, parece que a parte “o voo dos morcegos” da nossa excursão chegou ao fim. Vamos em frente. — Stan foi para a dianteira do grupo e entrou em um túnel curto. — Esta parte da caverna é chamada de Beco da Dor de Cabeça. Se você tem mais de um metro e meio de altura, logo vai entender o porquê.

Depois de mais alguns passos, ele parou de repente, recuou e levou a luz da lanterna até uma formação no teto.

— E eis aqui outro morcego. É bastante raro encontrar um deles tão no fundo da caverna. Stan permitiu que cada um olhasse para o morcego enquanto mantinha a luz no animal. A

formação era baixa, deixando o morcego poucos centímetros acima da cabeça deles. — Você não quer dar uma olhada? — perguntei a Mandy. Ela veio para trás de mim.

— Não... Eles me dão arrepios, mas vá em frente. Eu sei que você gosta deles. Enquanto eu estava praticamente cara a cara com o morcego, notei a leve penugem sobre

a cabeça dele. O bichinho parecia inofensivo, até mesmo bonitinho. Eu nunca havia tido a oportunidade de chegar tão perto de um morcego de verdade na natureza.

Subitamente, meus pés travaram no lugar, imobilizados contra a minha vontade. Uma cacofonia de guinchos agudos ecoou em minha cabeça. Uma energia maligna percorreu meu corpo, e me senti vacilar. O cheiro de amêndoas a que já havia me acostumado pareceu aumentar e ficar amargo, exalando o odor doentio do mal.

O morcego veio para a frente, usando suas asas para se aproximar de mim. Levantando a cabeça, ele concentrou a atenção em mim. Meu coração acelerou enquanto eu encarava aqueles olhos pequeninos. Olhos que continham inteligência demais para um morcego comum.

Eu quis correr, mas meus pés estavam firmemente grudados no chão. Quis gritar, mas minha voz estava entalada na garganta como um pedaço de pão seco.

O ar ao redor me pressionou até que eu estivesse ofegando em busca de oxigênio. A criatura abriu a boca, exibindo presas compridas e pontiagudas. Meus olhos se arregalaram tanto que pensei que iriam saltar do meu rosto.

Por dentro, eu estava gritando.

O Mal estava me encarando de frente.

Capítulo II

E então, veio a névoa

O morcego sorriu, revelando outros dentes afiados. Eu não estou louca: sei o que vi. O morcego *sorriu*. Foi a coisa mais assustadora que já

vi na vida; um sorriso cheio de intenções malignas. Stan desligou a lanterna, o que pareceu me libertar da força invisível que havia me

agarrado. Tropecei para a frente, tentando recobrar o equilíbrio. Consegui voltar a respirar, o que ajudou a me acalmar. Corri para juntar-me a Mandy.

— Você está esquisita. Está branca como um fantasma, de novo. Tudo bem com você? — A expressão dela era preocupada.

— Não sei. Eu me sinto muito estranha.

— Ah, meu Deus! Está com um daqueles seus ataques de claustrofobia? Quer que eu chame a sra. Krammer?

Mandy se voltou para chamar nossa professora, mas eu a segurei pela camiseta. — Não! Eu estou bem. Só um pouco tonta. Eu deveria ter tomado café antes de sair...

Mas vou ficar melhor depois do almoço, você vai ver. A última coisa que eu precisava era da sra. Kramer cuidando de mim como se eu fosse

uma inválida. E de jeito nenhum eu ia contar a Mandy sobre meu estranho encontro com o morcego. Como se ela fosse acreditar, se eu contasse.

— Tem certeza? Porque você não parece bem. — Ela colocou as mãos nos quadris e me encarou.

Eu suspirei.

— Sim, tenho certeza. Vamos em frente.

Dei uma olhada para trás, para o lugar onde o morcego estivera pendurado. Surpresa! Ele já não estava lá. Um calafrio percorreu minha coluna. O que aquilo queria dizer? Será que o morcego era algum portador do mal? Que fosse... Eu só queria sair da caverna, e ponto-final. Tinha algo muito assustador acontecendo, e eu não queria fazer parte daquilo.

Um pouco adiante, chegamos a uma área ampla. Outro grupo de turistas se aproximava, vindo do lado contrário.

— Queiram todos, por favor, se colocar à esquerda para o outro grupo passar — solicitou Stan.

Quando eles passaram, um odor familiar chamou minha atenção. Ergui o nariz e farejei o ar como um cachorro faria. Havia, nas imediações, um traço de amêndoa com toques de canela. Olhei ao redor, tentando identificar a fonte. Pelo canto dos olhos, pensei ter visto o bonitão, movendo-se junto com o outro grupo. Agarrei Mandy pelo pulso.

— Mandy, ele está no grupo que acabou de passar. O rapaz da loja, de quem eu falei. — Eu me virei para apontar, mas ele já não parecia estar junto ao grupo. — Bem, ele *estava* ali. Acho.

— Certo! Você realmente não está bem. Vamos pensar nisso um pouquinho. Se você o viu no prédio exatamente antes de entrarmos no bondinho, e ele não embarcou com a gente, como poderia estar no grupo que saiu agora? A visita dura uma hora e meia. Dããã! — Mandy riu e balançou a cabeça. — Você vem com a gente ou vai ficar aí mesmo?

Eu fiquei ali, pasma. Será que estava alucinando? Eu podia jurar que era ele, mas o que Mandy dissera fazia sentido. Como podia ser? Ele não poderia estar em dois lugares ao mesmo tempo. Ou poderia? Minha nossa, eu tinha enlouquecido de vez...

Na sala seguinte, a Sorveteria, havia mais do que um traço de amêndoas. Instintivamente, procurei por morcegos.

— Eu bem que queria um sanduíche de sorvete agora — comentou Mandy. Como ela conseguia pensar em comida quando morcegos saídos do inferno ficavam

brincando de “vamos ver quem assusta mais a vampira”? Stan contou a história da casquinha de sorvete e as crianças formando fila para pegar

uma. Depois, ele nos mostrou a rocha em formato de sanduíche de sorvete, parando para iluminar a parte de baixo da pedra.

— Mas que diabos...?

Pendurado ali, estava... isso mesmo, um morcego. — Nunca vi nada parecido. Muito raro, isso.

Stan parecia estar mais resmungando consigo mesmo do que com o

grupo. Ele moveu a lanterna, iluminando o resto da sala.

Mandy tirou algumas fotos.

Dois morcegos voaram ao mesmo tempo através da sala, bem sobre as nossas cabeças. Várias garotas se abaixaram, gritando. A líder de torcida agarrava com firmeza seu protetor enquanto movia os pés como se corresse, sem sair do lugar. Os morcegos voaram para o fundo da caverna e desapareceram.

— Vocês estão pegando um belo show hoje. Isso nunca acontece. Stan continuou a varrer o lugar com a luz da lanterna, procurando mais morcegos.

Aparentemente satisfeito e acreditando que já havíamos visto todos os morcegos que existiam naquela sala, ele desligou a lanterna e nos levou mais para dentro da caverna.

Depois de passar por outra área de teto baixo, entramos em uma imensa sala aberta. Eu gosto de chamá-la de Sala da Porcaria.

A névoa flutuava por ali feito uma nuvem, criando aparições estranhas. A umidade tornava o ar mais denso e a temperatura pareceu subir, embora eu soubesse que a caverna se mantinha a vinte e dois graus centígrados.

O odor opressivo de amêndoas me sufocou. Senti ânsia; meus olhos lacrimejaram, minha boca se encheu de um sabor metálico. Precisei de todas as minhas forças para não vomitar ali mesmo. O suor escorreu pelas minhas costas. Eu oscilei, tentando não cair de joelhos.

— Cheyenne, você está esquisita de novo. Está tudo bem? — indagou Mandy. Eu engoli em seco e fingi estar normal.

— Sim, só com um pouco de calor por causa da umidade. Ela ergueu a câmera, mas o *flash não disparou*. — Droga, acabou a bateria. Pode me emprestar sua câmera? Eu quero tirar uma foto

dessa névoa sinistra. — Ela pegou a câmera das minhas mãos. Podia muito bem usá-la; eu não havia tirado nenhuma foto ainda. — Credo, que coisa estranha! Dê uma olhada aqui.

Eu me inclinei e espiei a telinha. Era realmente sinistro: parecia com uma cena de filme de terror em que a névoa caminha entre os túmulos de um cemitério.

Um terror gelado penetrou minha alma, deixando-me vazia e sem fôlego. A intensidade do mal que emanava daquele lugar me deixou abalada

até os ossos. Eu só esperava que aquilo não fosse se tornar o *nosso túmulo*.

Minhas gengivas começaram a coçar. Deslizei a língua pelo interior da boca, tentando descobrir o que estava acontecendo. A superfície suave da minha língua encontrou uma ponta afiada no meu incisivo superior esquerdo.

Que raios? Levei o dedo até a boca e o pressionei na extremidade do dente esquisito. — Ai!

— O que foi? — perguntou Mandy.

Escondi meu dedo, fechando a mão.

— Nada. Mordi a língua.

— Nem vou perguntar nada...

Dei as costas para Mandy e abri a mão. Havia sangue manchando a ponta do dedo com o qual eu tocara meu dente. E mais sangue se espalhando pela palma.

A névoa se adensou e girou ao meu redor. Ela se pressionava contra meu corpo, concentrando-se na minha mão com sangue. Ecos altos como gritos explodiram contra meus tímpanos sensíveis. E então a caverna começou a respirar, como se fosse um ser vivo apenas... inspirando, expirando. Vários corações pulsaram em uníssono — muitos, demais para contar.

A caverna estava viva!

Dei uma espiada para conferir se mais alguém havia percebido. Nada. Mandy nem sequer estava ciente de toda a estranheza à sua volta. Meu dedo latejava, por isso o enfiei na boca para aliviar.

O barulho na minha cabeça diminuiu, assim como o pulsar rítmico. E minhas gengivas pararam de coçar, também. Que estranho... será que ninguém mais havia notado?

Olhei para meu dedo. Outra gota de sangue se formara na ponta. A névoa girou novamente, como se estivesse agitada. Os ecos voltaram, a pulsação

também, e a caverna começou a respirar... outra vez. O cheiro de amêndoas chegou a um nível nauseante. Minhas gengivas, além de coçar, agora também ardiam.

Pus o dedo de volta na boca.

Pronto! Tudo parou e a vida voltou ao normal.

Meu sangue! De algum modo, *aquilo* , fosse lá o que fosse, disparava os acontecimentos bizarros. O que aquela coisa queria de mim? Meu sangue? E por que eu? Olhei para o nosso grupo. Ninguém mais parecia estar incomodado ou se sentindo ameaçado. Não dava para entender.

Tudo aconteceu como se eu estivesse assistindo a um filme, como se fosse uma mosca na parede. Ali, mas sem fazer parte do desenrolar da cena. Meu corpo estava amortizado. Vi lábios se movendo, mas não conseguia ouvir nada, só o barulho dentro da minha cabeça.

Gradualmente, a voz de Stan foi chegando aos meus ouvidos, e pude compreender suas palavras.

— Alguém sabe o que são aqueles montinhos pretos ali? — Ele passou o facho de luz pela área em questão. — Vou dar uma dica. Há milhares de anos, existia uma colônia de morcegos ali em cima. — Stan ergueu a lanterna. — Mas o que...

Centenas de morcegos pendiam do teto.

— Eu preciso tirar uma foto disso. — Mandy deu um *zoom na câmera e disparou*. Confuso, Stan comentou:

— Eles não estavam ali algumas horas atrás. Nunca vi nada igual. — Ele levantou o capacete com a mão livre e coçou a cabeça. — Vocês estão vendo algo inédito há mais de mil anos. Isso é muito bizarro! Uma colônia de morcegos com asas deste tamanho costumava hibernar ali em cima. — Ele abriu os braços para ilustrar a amplitude das asas a que se referia. — E aquela substância preta ali se chama *guano* . Ou, em termos leigos, cocô de morcego.

— Eeeeeeeeca! — guinchou um coro de vozes femininas. Vários morcegos se soltaram do teto e sobrevoaram nossas cabeças, para em seguida desaparecer, causando outra onda de gritinhos das meninas. Era de se pensar que elas já tivessem se habituado, àquela altura. E isso porque elas nem estavam cientes do perigo que as rondava ali embaixo. Qual seria, exatamente, o motivo de tantos gritos? Nem eram elas que estavam sendo atormentadas!

Outro morcego voou baixo, perto o bastante para deslocar o ar à minha volta. Pelo jeito, eu era, de fato, o foco dos ataques. Para destacar isso, como se fosse necessário mais alguma coisa, outro morcego passou por mim,

despenteando meu cabelo.

Stan balançou a cabeça.

— Garota, você realmente é um ímã de morcegos. Todos se viraram para me encarar. A líder de torcida resmungou algo sobre “esquisita”.

Maravilha! Obrigada, Stan. Eu realmente queria toda essa atenção sobre mim. Claro. Eu sempre preferi permanecer mais ou menos anônima. Uma coisa era ser ignorada pelo

peçoal mais popular. Outra, totalmente diferente, era me tornar um alvo deles. — Não ligue para eles, Cheyenne. A vida deles seria vazia se não tivessem ninguém a

quem atazanar. Além do mais, elas só estão com ciúme porque todas as atenções, pelo menos uma vez, não estão concentradas nelas.

Para completar, Mandy juntou as mãos na frente do peito na pose clássica de uma líder de torcida e abriu o sorriso maníaco característico delas, uma piada nossa.

Eu desatei a rir.

A mocinha fungou, empinou o nariz e se espremeu ainda mais junto ao seu herói jogador de futebol. Por cima do ombro, ela me lançou um olhar de “eu tenho, vocês não têm!” para mim e Mandy. Como se alguma de nós fosse querer o sr. “Sou-bonito-demais-para-vocês”. Ainda por cima, ele era loiro... e branco-azedo. Eu prefiro morenos, com a pele bronzeada.

Suspirei. Como o bonitão da lojinha. Aquele que eu provavelmente nunca mais veria, a não ser nos meus sonhos. Suspirei de novo.

O grupo, seguindo o exemplo de Stan, moveu-se ainda mais para o interior da caverna. Íamos cada vez mais para baixo.

— À sua direita, estão vendo aquela fenda larga? Já foi inundada várias vezes. Na verdade, o lugar em que nos encontramos neste momento estava sob a água até o ano passado — disse Stan.

Uma das garotas apontou para uma descida íngreme à esquerda da trilha. — O que é que tem ali?

Stan foi até a mureta e iluminou a área no fundo da fenda. — Está vendo aquelas caixas de madeira que parecem caixões ali embaixo? Elas estão cheias de granito esmagado em pedrinhas. Alguém adivinha para o que

usamos isso? — Ele olhou em volta, mas ninguém respondeu. — A lama desta caverna é tão grudenta que literalmente arranca os sapatos dos pés da gente. Quando temos que trabalhar ali embaixo, espalhamos as pedrinhas sobre a lama para que possamos nos locomover.

Bom saber. Se algum dia eu me encontrasse ali embaixo, na lama, já saberia como agir. Os morcegos pareciam estar me dando um descanso. Já fazia quase cinco minutos desde

o último rasante. O peso do mal havia, de algum modo, aliviado sobre meus ombros, por isso relaxei.

Entramos na área do Teto de Merengue.

Stan apontou a lanterna para o teto.

— Foram ondas da época em que havia água fluindo livremente aqui embaixo que causaram essas formações com aspecto fofo. Elas me lembram a cobertura de uma torta... Eu sempre fico com vontade de comer torta de limão quando venho aqui.

Eu adorava a aparência do teto naquele local, por isso tomei minha câmera de volta e tirei algumas fotos.

— Agora estamos no Poço de Ossos Número Dois — declarou Stan. — Havia aqui uma abertura natural do tamanho de um campo de futebol. Quando ela ainda existia, animais caíam na caverna e não conseguiam sair dali. Em algum momento, ela acabou desabando e se fechando totalmente.

Ficamos ali, onde tigres dente-de-sabre e mamutes com presas de cinco metros já haviam, em épocas remotas, rondado na escuridão. Tentei imaginar como seria viver naquele tempo. Credo.

Em seguida, Stan nos levou para a Sala da Sacada do Castelo. Ele relatou o conto de fadas tonto que fora inventado para explicar aquela formação: um castelo, um príncipe e sua princesa, rei e rainha, um dragão e uma meia. Melhor não comentar. Tirei várias fotos. É, eu gostava daquela formação, mesmo boba.

— Chegamos à metade do passeio. Como podemos saber disso? — Stan olhou ao redor, esperando pela resposta. — Bem, é que chegamos ao umbigo da caverna.

Ele apontou orgulhosamente o facho da lanterna para um buraco no teto, por onde os primeiros exploradores da caverna haviam entrado.

Ninguém falou nada. Nenhuma risada. Nenhuma reação. Ele revirou os olhos.

— É, é, eu sei. Mas vocês podiam pelo menos *fingir* uma risadinha. Todos riram.

Depois de uma subida difícil, paramos em frente a uma parede de concreto coberta com pinturas.

— Foram homens das cavernas que pintaram isso aqui? — quis saber a líder de torcida. Mandy gargalhou.

— Até onde vai a tontice dela? Será que não enxerga que aquela parede é feita de concreto?

— De fato — resmunguei.

— Não, a parede é artificial. Foi criada para selar esta parte da caverna por motivos de segurança. Acho que era feia demais, então resolveram pintá-la com algumas figuras. Mas todos estes animais foram encontrados na caverna — respondeu Stan.

Ele falou ainda um pouco sobre cada animal: uma preguiça gigante que andava sobre os pés curvados para trás, uma criatura imensa, parecida com um tatu, chamada de gliptodonte, um esquilo adorável, um tigre dente-de-sabre, um dromedário e um mamute.

— Ah, eu tenho de tirar uma foto do esquilo, e uma da preguiça, e do mamute... — Mandy retomou minha câmera e logo os *flashes iluminavam a área*.

Ela correu para acompanhar o restante do grupo. — Que foi?

— Você e suas fotos.

— Ah, é? Talvez você deva conferir quantas *você já tirou*. — Só estou testando minha câmera nova. — Sorri. Ela sabia que eu tinha razão. — Que seja.

Acompanhamos Stan até a grande sala nos fundos da caverna. Estávamos próximo ao teto e olhei para baixo, para o poço profundo aberto sob nós.

— Toda aquela área ali embaixo continha água. Vários esqueletos de animais repousam naquela lama. Uma escavação foi organizada para retirar alguns dos ossos. Um esqueleto completo de um pequeno cavalo foi retirado

há alguns anos, e está agora em exposição na Universidade do Texas. Ocorreram outras tentativas de resgate, mas os ossos se esmigalhavam em pedacinhos, e por isso outras escavações foram interditadas — explicou

Stan.

Mandy, enquanto isso, tirou várias fotos antes de seguir em frente. Todos nos juntamos em torno de uma formação em que uma escada ia até um buraco bem

grande no teto da caverna.

Stan contornou a formação, a lanterna passando por toda a área. — Hoje de manhã havia um sapinho descansando por aqui. — A luz atingiu uma parte

perto da escada. — Ah, ali está ele!

Eu me abaixei, tentando enxergá-lo.

— Onde? — perguntei.

Mandy apontou.

— Bem ali. Está cega?

O cheiro de amêndoas me atingiu de novo, e os ecos recomeçaram nos meus ouvidos. *De novo, não!*

Senti o mal tremeluzir no ar ao meu redor, em vários tons de preto. Olhei em volta, procurando pelos onipresentes morcegos desagradáveis que pareciam ter alguma ligação comigo. E ali estavam eles, roçando o topo da minha cabeça. Mas dessa vez, não eram um ou dois. Eram seis ou oito, todos de uma vez.

Todos se afastaram de mim, deixando um amplo espaço para os morcegos me cercarem. Até Mandy me abandonou.

Os morcegos brincaram comigo por um tempo, depois se afastaram, desaparecendo na vastidão do espaço aberto. Meus colegas de classe encaravam, boquiabertos. Era possível ouvir um beijo da caverna se espatifar no chão. É, estava confirmado: eu era uma esquisitona. Sem dúvida, a notícia já estaria espalhada na escola no dia seguinte. Eu já podia até ouvir: “a garota-morcego de Round Rock High”.

O triste é que isso não estava muito longe da verdade. Já que todas as atenções estavam concentradas em mim, decidi fazer piada com a

situação. Adiantei-me e fiz uma reverência, completa, com as mãos movendo-se em um arco como tinha visto alguns atores fazendo no final de uma peça.

— Obrigada, obrigada. Estarei distribuindo autógrafos na loja de lembrancinhas. Risadas rasgaram o silêncio. A senhorita líder de torcida não gostou das atenções à

minha pessoa. Ela fechou a cara cheia de maquiagem e rosnou como um cachorro protegendo seu osso, depois me deu as costas como se eu não fosse digna do seu tempo.

Mandy correu para onde eu ainda estava.

— Ma-ra-vi-lha! Você cuidou dela direitinho! — Ela estava com um sorriso enorme. — Certo. E aliás, obrigada pelo apoio. — Eu apertei os lábios e a encarei. — Desculpe... Acho que entrei em pânico. Você sabe, eu tenho horror a morcegos. —

Ela forçou um tremor exagerado.

Puxa, acho que ela vai ficar horrorizada mesmo quando descobrir exatamente o que eu sou.

— Ei, Ímã de Morcegos, você está bem? — perguntou Stan, tentando transformar uma situação perturbadora em uma engraçada.

— Ah, sim, estou ótima.

— Muito bom. Vamos em frente, antes que seus amiguinhos voltem. — Ele saiu na direção oposta.

Mandy segurou meu braço e me arrastou com ela. O dia ficava cada vez melhor. Entramos em outra sala espaçosa, uma de que eu sempre gostei, cheia de várias

formações bonitas. Gostei ainda mais dela agora, já que ali a presença sufocante do mal e o cheiro enjoativo de amêndoas estavam em um nível suportável. Parecia que finalmente eu teria um descanso.

Stan voltou-se, ficando de frente para o grupo.

— Esta sala já foi chamada de Paisagem Lunar, porque era assim que se imaginava que seria a superfície da Lua. Quando foi revelado qual era a real aparência de lá, o nome foi mudado para Estação da Imaginação.

Cutuquei Mandy.

— Tire uma foto daquilo. — Apontei para o teto coberto de formações canudinho e ofeguei. Outro morcego cretino. Imaginei quanto tempo levaria até Stan perceber e mostrar o bicho para todo mundo.

— Ah, outro morcego — sussurrou Mandy.

— Não diga!

Pelo menos era um só, e não estava dando um rasante na minha cabeça. Não me senti especialmente ameaçada ou perseguida por ele.

— Alguém adivinha qual é o nome daquela formação? — Stan perguntou, apontando para uma pequena rocha iluminada que saía de outra, um pouco maior, e lembrava um dedo.

— É... é... o Dedo do ET! — soltou um dos rapazes do nosso grupo. — Sim, isso mesmo! E aquela ali? — Stan indicou minha formação favorita, Vovó em

uma Harley. Depois apontou para outra: — E aquela ali é o Grinch. Sabem, aquele que roubou o Natal?

Finalmente, Stan apontou para os canudinhos no teto. *Lá vamos nós.*

— Olhem só isso... Um dos seus amigos, Ímã de Morcegos? — ele indagou, com uma voz engraçadinha.

Todos se voltaram para mim outra vez. A líder de torcida abriu um sorrisinho zombeteiro. Para não lhe dar a satisfação, eu também sorri.

— Sim, aquele ali é o Ralph.

As risadas ecoaram na área ampla. A senhorita enjoada empinou o nariz. *É, toma essa! Acho.*

Deixei o resto do grupo seguir em frente e fui na retaguarda, confusa. Parecia que quanto mais eu me afastava da Sala da Porcaria, mais normal eu me sentia. A escuridão que invadira meu corpo diminuiu e foi substituída por um calor reconfortante. A frieza em meu coração se afastou aos poucos, e um peso enorme saiu dos meus ombros. Agora eu me sentia a salvo e protegida; uma sensação estranha, mas maravilhosa.

— Ah, eu adoro esta sala — comentou Mandy.

— Sim, eu também. É a minha favorita.

A única expressão para descrever a Floresta do Faz-de-Conta é “de tirar o fôlego”. Ela lembra uma floresta mágica, com árvores e lagos translúcidos.

Você ficava à espera de que, a qualquer momento, criaturinhas mágicas fossem surgir, saltitantes, da floresta.

Pacífica e calmante, a sala me encantou. Minhas pálpebras começaram a ficar pesadas e eu me senti incrivelmente sonolenta. Uma leve bruma flutuava sobre a água. Nada assustador como a Sala da Porcaria; em vez disso, era lindo, etéreo. Eu poderia ficar ali para sempre. Naquela sala, eu me sentia protegida de qualquer perigo à espreita; sentia essa proteção lá no fundo de mim.

Comecei a temer pela viagem de volta através da caverna. Eu não tinha certeza de quanto mais seria capaz de suportar dos seres malévolos que moravam ali. Sem contar aquele túnel comprido e apertado em que eu quase havia perdido o controle.

— Esta é a parte do passeio em que eu gosto de parar um pouco e apreciar o cenário. — Stan sentou-se na borda da barreira artificial.

O assento improvisado dele parecia tão convidativo que me juntei ao guia. Quando Mandy terminou de tirar milhares de fotos, sentou-se a meu lado.

Stan virou a cabeça para mim e sorriu.

— Um belo espetáculo hoje, hein, Ímã de Morcegos? — Se foi. Acho que não vou passar perfume da próxima vez. — Tentei fingir

indiferença, para que ele não pensasse que tinha sido algo importante. Stan riu.

— Desculpe se eu a deixei constrangida.

— Ah, nada demais — respondi, com falsa alegria. — Sim, mas foi esquisito como você atraiu todos aqueles morcegos — Mandy se sentiu obrigada a acrescentar.

Eu ergui uma sobrancelha e lancei meu olhar de reprovação para ela. — O que foi?

— E você ainda pergunta?

Mandy deu de ombros.

Alguns minutos depois, Stan se levantou e anunciou: — Se vocês quiserem parar e dar uma olhada em algo que perderam ou que gostariam de ver de novo é só me avisar. Temos bastante tempo até voltarmos para o

bonde. Como teríamos que deixar para trás o santuário daquela sala, eu queria voltar para cima

com tudo e sair dali o mais rápido possível. Sem me demorar em lugar nenhum, especialmente na Sala da Porcaria, onde a maioria dos morcegos doidos estava. Eu não queria um *replay*, muito obrigada.

Assim que saímos da Sala do Lago da Lua, um peso opressivo e gelado me envolveu, como uma serpente abrindo caminho no mato alto. A escuridão preencheu meus sentidos, me deixando desesperada e com frio. Era como se eu estivesse sendo tocada por dez das criaturas mais assustadoras de todos os tempos de uma vez só. Senti meu corpo estremecer, o que chamou a atenção de Mandy.

— Está com frio? Eu estou suando. É tão úmido aqui embaixo... E olhe o meu cabelo! — Ela ergueu uma mecha e fez uma careta. — Está todo arrepiado. Vou ter de passar no cabeleireiro de novo antes da festa hoje à noite. Ainda bem que não precisamos ir à academia hoje.

Ela não parecia estar à espera de uma resposta minha, por isso a ignorei e Mandy prosseguiu:

— Ah, com certeza tem chifres saindo da minha cabeça. Bom, pelo menos não passei muito tempo arrumando o cabelo hoje de manhã! Ei, você já decidiu que fantasia vai usar hoje? Você vai ser uma pirata ou uma vampira?

Com tudo o que acontecera nos últimos dois dias, eu não tinha nem parado para pensar no que vestiria para a festa de Halloween. Mas eu estava decidida que não seria uma fantasia de vampira.

— Não sei... provavelmente, uma pirata.

— Sério? Eu achei que você ficou linda na de vampira. A de pirata também ficou boa, mas com a outra você vai chamar a atenção dos meninos.

— Como se eu ligasse para isso.

— Pareceu ligar, quando o bonitão apareceu na loja de lembrancinhas.
— Ela lentamente abriu seu sorriso de sabichona.

— Muito engraçado, ah-ah-ah.

Senti meu sangue gelar e parei, esperando a sensação horrível desaparecer. Quando mais se aproximava a temida sala, pior eu ficava. Meu descanso terminara; o frio permaneceria por algum tempo comigo. Respirei

fundo e tentei me acalmar. Não dava para imaginar o que rondava a sala seguinte.

Finalmente compreendi o ditado “a ignorância é uma bênção” quando olhei de novo para Mandy. Ela não tinha ideia do perigo que nos aguardava onde acabáramos de entrar. Claro, alguns de meus colegas de classe olharam em volta procurando por morcegos malucos, preparando-se para se abaixar ou desviar da trajetória dos bichos, mas nenhum temia por sua vida. Era dolorosamente óbvio que nenhum mal sombrio incomodava suas almas. Por que eu? Por que escolheram logo a mim?

Porque eu sou uma deles.

Encolhi-me frente à percepção de que eu podia ser uma criatura similar àqueles pedaços voadores de maldade. Mas meus pais não são maus; *eu* não sou má. Ou sou? Não; o que eu senti irradiava malícia pura. Se eu também fosse assim, aquilo não me deixaria sentindo repulsa, como eu estava.

Fiapos de uma risada macabra chegaram aos meus sentidos. Não havia um só morcego voando na sala, mas eu nunca estivera mais ciente da presença deles. Ergui a cabeça de súbito, encarando as centenas de animais ainda pendurados no teto, zombando de mim em silêncio.

Mandy parou e esperou por mim.

— Sorte sua que os morcegos parecem estar dormindo. Mas eu daria qualquer coisa para ver todos eles soltarem uma carga de *guano* na cabeça de Val. — Ela riu e pareceu enviar um apelo silencioso para os morcegos.

Val é “a” líder de torcida. Aquela que ainda se agarra ao seu esportista burro feito uma porta. A que gosta de fazer da minha vida um inferno, por algum motivo desconhecido. Eu prefiro não chamá-la pelo nome porque isso representa a insignificância dessa pessoa na minha vida. Ela é só a líder de torcida.

Uma névoa sinistra cobriu a área sob os morcegos, escondendo parcialmente a grande formação de rochas que existia ali. Pareciam estar de tocaia.

Esperando por mim.

Quando passei ali, ela se transformou em borrões que lembravam criaturas humanoides, estendendo os braços para mim, chamando para que eu me entregasse a seu abraço maldoso. Encostei-me à parede oposta, mantendo

distância. Eu não tinha muita certeza do que a névoa poderia me fazer, mas já tinha assistido a filmes demais para me arriscar.

Mandy parou de repente, fazendo com que eu desse uma trombada. Ela se virou e foi, como que em transe, até chegar à borda de onde estavam as opressivas entidades brumosas.

Meus olhos se arregalaram e minha voz ficou presa na garganta. Eu quis gritar um aviso, mas um terror puro me paralisou enquanto eu via minha melhor amiga se aproximar das criaturas horrendas. Minhas gengivas coçaram, alertando-me de que minhas presas logo se estenderiam. O sangue retumbava em meus ouvidos enquanto meu coração disparava. Mandy caminhava na direção do perigo e não tinha nenhuma noção disso.

Ela estava mais perto agora, quase ao alcance da bruma. — Pare! — minha voz saiu, ecoando pela caverna. A névoa movediça parou, assentando-se em uma calma apavorante. — Você quer que a gente fique um pouco mais? — indagou Stan, lançando-me um olhar estranho.

Por sorte, a maioria do nosso grupo tinha se adiantado e não prestara atenção à minha pequena explosão.

— Não. Quero dizer, sim. Eu só queria tirar uma foto da formação rochosa com a névoa ao redor dela. — Tudo bem, não foi uma das minhas melhores desculpas.

Eu me aproximei de Mandy e tirei a tal foto.

Ela balançou a cabeça, piscando.

— Eu devo estar pegando a sua dor de cabeça, porque não me lembro, de jeito nenhum, de ter andado até aqui.

A expressão confusa no rosto dela teria sido risível em qualquer outra situação. — Claro... e depois, a esquisita sou eu!

Segurando-a pelo braço, arrastei-a para longe antes que a névoa resolvesse aprontar de novo.

As luzes na caverna piscaram, lançando sombras assustadoras em todas as direções. Stan olhou em volta, a testa franzida. As luzes tornaram a piscar. O grupo, que estivera seguindo em frente, parou de súbito, esperando para ver o que aconteceria.

Um mau presságio me deixou gelada até os ossos. Mais uma piscada e as luzes se apagaram, deixando a sala na escuridão.

Gritos e um arfar coletivo ecoaram na imensa abertura. Um facho de luz surgiu.

— Todos, fiquem parados. Vou tentar o próximo interruptor. O facho de luz moveu-se à frente enquanto Stan caminhou na direção do outro interruptor.

Embora a lanterna oferecesse um pouco de luz para quem estava à frente, deixava a nós, da retaguarda, na escuridão.

Prendi a respiração, à espera de um ataque a qualquer momento. Estendi a mão e alcancei a camisa de Mandy. Segurei firme, certificando-me de que nada a levasse dali.

— O que você está fazendo? — Mandy cochichou. — Ah, não quero me perder de você no escuro. — Certo...

Do fundo do meu ser, um terror gelado se espalhou, enquanto a adrenalina inundava minhas veias. Meu coração disparou e meus pulmões lutaram em busca de ar. O cheiro de amêndoas incomodava minhas narinas, contraía meu estômago. Cada músculo ficou tenso, e minhas pernas ameaçaram se dobrar. Minha boca parecia um deserto, sem nenhuma umidade. Automaticamente, minha língua tentou umedecer meus lábios. Presas afiadas haviam se estendido sem que eu percebesse, arranhando a pele macia.

Um calor doentio surgiu atrás de mim, invadindo meu corpo trêmulo. Fiquei parada, o medo impedindo meus movimentos. Meu cabelo foi rudemente puxado para o lado, e um corpo rijo tocou minhas costas. Senti algo úmido e quente deslizar pelo meu pescoço.

— Humm... Adoro o cheiro do medo — sussurrou uma voz em meu ouvido, enquanto o hálito úmido atingia minha pele.

Estremeci e segurei Mandy com mais força.

— Ei, Cheyenne, tudo bem aí? Você não falou nada. E está respirando engraçado. Imediatamente, a criatura me soltou. O frio substituiu o calor às minhas costas. Passei a

mão no pescoço, e meus dedos voltaram molhados. Esfreguei-os, testando a substância. Não parecia sangue... era mais como saliva. Cuspe!

Absolutamente nojento!

As luzes voltaram e eu soltei a camisa de Mandy. — Estou bem. Acho que eu estava à beira de um ataque de pânico, mas nada demais. — Nada demais, é? — Mandy balançou a cabeça e suspirou. — Sabe, você precisa

mesmo cuidar dessa coisa de claustrofobia. — Ela me deu outra olhada e voltou-se para o grupo. — Vamos lá. Stan está esperando por nós.

Ela não precisava dizer duas vezes.

Um riso profundo me seguiu, reverberando em meu peito muito tempo depois de deixarmos a maldita sala.

Por sorte, mais nada aconteceu na saída da caverna. Quando chegamos à área cercada próxima ao bonde, eu já me sentia quase normal de novo. A energia pesada que me envolvia se dissipou, liberando-me de sua opressão macabra.

Stan soltou a corrente e todos nos empilhamos no bondinho. Suspirei, aliviada. Eu nunca tinha ficado tão feliz em sair de um lugar na minha vida. O bondinho chacoalhou e começou a subida.

— Você vai voltar — uma voz cavernosa gemeu, e apenas eu parecia ser capaz de ouvi-la.

— Não, se eu puder evitar — murmurei.

Capítulo III

Dançando de rosto colado com Drácula

Quando cheguei em casa, notei que os carros de mamãe e papai já estavam ali. Eu nem imaginava por que eles já tinham voltado. Quando fui encaixar a chave na fechadura, a porta se abriu. Pelo visto, estavam à minha espera.

— Olá, querida! Como foi o seu dia? Aconteceu algo... interessante? Mamãe aguardou minha resposta com ansiedade. Papai estava logo atrás dela, com a

mesma expressão ansiosa no rosto.

Isso explicava por que eles tinham voltado tão cedo: estavam preocupados. Eu não sabia por onde começar, nem o que dizer.

— Bem, foi um dia bem incomum, para se dizer o mínimo — comecei. — Algumas coisas estranhas e assustadoras aconteceram comigo enquanto eu estava na caverna.

Minha mãe arregalou os olhos.

— Como o quê, por exemplo?

— Sim, filha, conte-nos. Precisamos saber de tudo. Pode ser muito importante — completou papai.

Depois de começar, eu não conseguia mais parar de falar. — Havia morcegos em todo canto. Era como se eles fossem do mal, ou coisa assim. E

por algum motivo, eu era o alvo deles. Fui atacada várias e várias vezes. Ninguém mais foi incomodado. E eu ficava tendo uma sensação horrível de medo. Eu ouvi vozes e risadas horríveis que mais ninguém podia ouvir. E havia um estranho cheiro de amêndoas que só eu podia sentir. Nas duas vezes em que as luzes se apagaram, alguma coisa ou alguém me tocou...

— Cheyenne, mais devagar! — interrompeu meu pai. — Como assim, alguém tocou você?

— Da primeira vez que as luzes se apagaram, puxaram meu cabelo para o lado e alguma coisa roçou no meu pescoço. Da segunda vez, pareceu que alguém me lambeu. Lamberam meu pescoço. — Eu ergui a mão para tocar o

lugar atingido. Um arrepio percorreu meu corpo, me fazendo estremecer.

Mamãe e papai trocaram um olhar que me deixou mais do que levemente preocupada. — Cheyenne, isso é muito importante. Precisamos que nos conte tudo, desde o começo.

Vamos nos sentar, para que você possa se acalmar e juntar todos os fatos. Papai foi na frente, levando-nos para a sala de estar. Agradecida, eu me afundei no conhecido conforto do sofá. Papai se sentou a meu lado, e

mamãe se sentou na poltrona à nossa frente. Eu respirei fundo e contei a eles tudo o que havia acontecido. Pela expressão dos dois, o que eu havia acabado de dizer os perturbara profundamente.

— Mãe, pai, qual é o problema? — Olhei de um para o outro. — Vocês estão me assustando.

— Desculpe-me, não quero assustá-la. É a última coisa que eu desejo. Mas parece que precisamos nos reunir com o resto do *clică* hoje à noite — informou papai.

— Não posso, eu tenho uma festa para ir! Mandy está me esperando — argumentei. Papai olhou para mamãe.

— Bem, eu provavelmente não vou conseguir entrar em contato com alguns deles até mais ou menos meia-noite. Esta é uma noite deveras... ocupada para nós.

Franzi a testa. O que ele queria dizer com aquilo? Eu não queria tanto assim saber, por isso fiquei de boca fechada.

— Seu pai tem razão, Cheyenne. Precisamos nos encontrar com o *clică* para discutir o que houve. Quero que esteja em casa em seu horário de sempre. Nem um minuto depois das onze. Entendido? — Ela pressionou os lábios, esperando minha concordância.

— Sim, mamãe, entendido. Mas vocês se incomodariam em me dizer qual é o problema? Papai suspirou.

— Pensei que estivesse óbvio para você. Você foi interpelada duas vezes na caverna, e mais ninguém foi incomodado. Isso, para mim, significa que você foi vista. Digo, seu sangue vampiro foi detectado. Você recebeu um alerta, e nós precisamos conversar sobre o que isso significa. Estamos preocupados com a sua segurança.

Um alerta? Isso não parecia nada bom. Senti um arrepio tornar a subir

pela minha coluna. — E você precisa se certificar de nunca ficar sozinha hoje à noite. Estou falando a sério,

Cheyenne. Você *não pode* ficar sozinha. Não queremos correr nenhum risco com sua segurança — completou mamãe, com uma ênfase desnecessária.

Como se eu fosse ficar sozinha. Eles tinham me deixado apavorada. E de qualquer modo, contra o que eles estavam tentando me proteger? Pensei se sair naquela noite seria mesmo uma boa ideia, mas Mandy queria muito ir. Afinal, um dos superesportistas a convidara especificamente, e ela podia levar uma amiga.

— Certo, mamãe, já entendi. Mandy vem me buscar. Nós vamos juntas e vai ter muita gente na festa. Missão cumprida.

Eu sabia que estava sendo mimada, mas de vez em quando eles me tratavam como criança mesmo.

Eu senti algo cair em minha boca e tirei o objeto. — O que é isso? — indagou papai.

— Uma das presilhas do meu aparelho caiu. Acho que os fios também estão todos tortos. Mamãe me olhou com uma expressão estranha.

— Como isso aconteceu?

— Acho que aparelhos ortodônticos não foram feitos para resistir a extensões de presas. — Suas presas desceram? — os dois perguntaram em uníssono. — Sim, quando eu pressenti o perigo. Não pude evitar; aconteceu. Eu até cortei meu

dedo nelas quando fui conferir o motivo da coceira e da ardência na gengiva — relatei. Papai estendeu a mão e colocou a mão no meu ombro, incapaz de disfarçar a

preocupação.

— Tem mais alguma coisa que você tenha se esquecido de dizer, Cheyenne? Preciso que você se concentre. Pode ser mais importante do que você pensa.

Como o quê? Tudo o que ocorrera parecia tão irreal quanto era. — Bem, quando eu espetei meu dedo e ele começou a sangrar, algo estranho aconteceu.

Mas não sei se foi minha imaginação, porque ninguém mais pareceu notar. — Estranho, como? — incentivou mamãe.

— A caverna pareceu ganhar vida e começou a respirar de verdade. Foi a coisa mais assustadora que eu já vi. — Estremeci só de me lembrar.

— Ganhar vida? — papai quis confirmar.

Encolhi os ombros, insegura.

— Foi a sensação que eu tive. Não sei de outro jeito para descrever aquilo. Quando pus o dedo de volta na boca, parou. E quando eu tirei e o sangue reapareceu, a caverna começou a respirar... de novo.

Papai cerrou o maxilar, a expressão do rosto demonstrando todo o seu desconforto. — Entendo.

— O que isso significa, papai?

— Não tenho certeza, mas suspeito qual será a sua habilidade especial. Mas não quero deixar ninguém agitado antes de ter a chance de conversar com os anciões do *clicã* hoje à noite. Até que saibamos com certeza, não se preocupe. Vamos descobrir, e tudo ficará bem. Sua mãe e eu... e o *clicã* vamos cuidar para que fique.

Ele não queria que eu ficasse ansiosa por causa da minha habilidade? E nem que eu me preocupasse? Claro... que não ia acontecer. Eu já estava cheia de medo; a empolgação em descobrir qual seria minha habilidade tinha ido pela janela. Meu dia ficava melhor a cada instante. Eu queria fazer mais algumas perguntas para papai e mamãe, mas não estava com coragem para ouvir as respostas.

Papai se levantou e olhou para mamãe, que olhou para mim e o seguiu para fora da sala. Sem dúvida, iriam conversar sobre mim em particular.

Subi as escadas até meu quarto. Eu ainda tinha dever de casa para fazer antes de me aprontar para a festa. A fantasia de vampira, definitivamente, estava descartada. De jeito nenhum eu a vestiria, a despeito de como eu havia ficado bem nela, segundo Mandy.

Eu me daria por feliz se nunca mais ouvisse a palavra “vampiro” de novo. Mandy buzinou pontualmente às sete horas. Eu descia as escadas correndo, mas com

cuidado para que minha espada não batesse contra a parede. — Mamãe, papai, estou saindo!

— Onze horas, não se esqueça — lembrou mamãe. — Por favor, tenha cuidado. E se precisar de alguma coisa, nos chame.

— Sim, sim — resmunguei.

Enfieí meu chapéu de pirata na cabeça e dei uma conferida no resultado no espelho da entrada: tudo certo. Respirei fundo e saí para encontrar Mandy.

Ela me cumprimentou, eu a olhei dos pés à cabeça e abri um sorriso. Mandy estava com a fantasia de gênio da lâmpada que havia comprado no ano anterior

mas ficara com vergonha demais para usar. Pelo jeito, isso tinha sido superado. — O que foi?

— Você sabe o que foi.

— Mudei de ideia, e daí? Achei que esta fantasia funcionava melhor. Eu ri.

— Funciona melhor para quê? Ou devo dizer para *quem* ? Ela girou os olhos, e eu insisti.

— Admita, você está gostando do Brad!

— E se eu estiver? — Ela empinou o queixo em desafio. Ah, então ela gostava mesmo dele! Interessante... — Eu me lembro vagamente de uma garota ter me dito que nunca ia gostar de um

esportista boboca. — Eu tinha de provocar um pouquinho. — E a Angie, aquela líder de torcida que estava babando nele no ano passado?

— Ei, não posso fazer nada se ela não tomou a iniciativa, ou ele não lhe deu atenção. Ele está livre. A não ser, claro, que você goste dele. — Mandy inclinou a cabeça e sorriu.

— De jeito nenhum. Por mim, seu caminho está livre. A única vez que me interessei por um rapaz foi por um que provavelmente eu nunca mais

iria ver. Eu nem sequer sabia o nome dele. Suspirei e me afundei no banco. — Qual é o seu problema? — perguntou Mandy. — Nada. Eu só estava pensando no bonitão lá da caverna. Ela sorriu, divertida.

— Stan? É, ele é legal.

— Você sabe de quem eu estou falando, palhaça. — Ei, nunca se sabe. Talvez você o veja de novo. Não acredita em destino? Destino? Não ter nenhum poder de decidir o que ou quem você é? Eu acreditava em

destino, sim. Não gostava muito dele, mas não tinha escolha também. — Sim, claro — falei, baixinho.

Viramos a esquina da rua onde Brad morava. Havia carros estacionados dos dois lados da rua, próximo à casa dele.

— Droga! Nunca vamos encontrar um lugar para estacionar. Droga... Eu não esperava que a escola inteira estivesse aqui.

— O que você esperava, que Brad fosse dar uma festinha particular só para você? — Eu tinha de provocar mais um pouquinho.

— Ah-ah-ah.

Acabamos deixando o carro uma rua depois e andamos um quarteirão até a casa de Brad. A temperatura havia caído e uma leve neblina flutuava à luz da lua. Era levemente assustador, mas ao mesmo tempo, muito bonito.

Mandy abraçou sua cintura nua.

— Nossa, está ficando frio...

— Não ajuda muito o fato de você estar seminua. Ela me olhou com uma carranca.

Bem, a fantasia dela realmente não cobria muito. Mas toda adolescente sabe: é melhor congelar do que estragar o visual cobrindo uma fantasia. Eu estava contente por ter escolhido a de pirata: assim, ao menos minhas pernas e braços estavam cobertos. O clima do Texas era sempre muito estranho. Em um dia você está usando short, no dia seguinte está frio e chovendo. Loucura.

Bati na porta, os nós dos dedos doendo por causa do frio. Brad em pessoa atendeu, usando um vestido que expunha boa parte de suas pernas musculosas. Nunca pensei que ia achar bonito um homem de vestido, mas caramba!

O rosto de Brad se iluminou quando ele viu Mandy. Aquilo estava cada vez mais interessante.

— Olá! Podem entrar. Belas fantasias, aliás.

Duvido de que ele tenha visto a minha, porque Brad parecia só ter olhos para Mandy. Abrimos caminho entre a casa lotada, reparando nas fantasias de todo mundo e na decoração de dia das bruxas.

— Vocês querem uma bebida ou alguma outra coisa? — ofereceu Brad. Mandy o encarou como se tivesse crescido um par de chifres na testa do

rapaz. — Ah... claro.

Ele se afastou sem se dar o trabalho de me perguntar se eu queria algo. Uma mesa estava posta com salgadinhos e bebidas. Havia gelo seco no caldeirão preto

que continha o ponche, o que gerava uma névoa fantasmagórica e pesada, que lentamente serpenteava e se espalhava pela mesa. Nachos vermelhos e amarelos, minibolos de abóbora, aranhas de marshmallow, copos de pudim de chocolate com minhocas de gelatina, bolinhos em forma de dedos ou chapéus de bruxa, sanduíches de crânios e outros quitutes deliciosos e assustadores decoravam o resto da mesa. Alguém tinha realmente caprichado.

Ao fundo ouvia-se *Monster Mash*, e algumas garotas dançavam. Do outro lado da sala, a porta se escancarou e Val e sua turma entraram. E que entrada triunfal ela fez: caminhou pelo meio do grupo que dançava, separando-o como se fosse Moisés abrindo o Mar Vermelho.

E ora vejam, ela estava com uma fantasia de pirata. A versão pornô, claro. O vestidinho preto mal chegava ao topo das coxas. Aposto que ela não iria se abaixar muito... ou, quem sabe, iria sim, de propósito. Os braços estavam cobertos por mangas pretas transparentes, e fitas vermelhas decoravam os antebraços e pulsos. O bustiê preto de couro empurrava os seios para cima, ameaçando derramá-los para fora ao menor movimento.

Olhei para meus seios inexistentes e fiz uma careta. Com ou sem bustiê, os meus não se derramariam de lugar nenhum.

Um chapéu preto molenga, com acabamento em renda, e uma faixa vermelha na cintura completavam a fantasia dela. Ah, sim, sem esquecer as botas de salto agulha que chegavam ao meio das coxas, que notei enquanto ela passava no meio dos outros convidados e vinha em nossa direção.

Mandy estava preocupada demais com Brad para notar a aproximação de Val. Brad se virou, entregando a bebida a Mandy.

— Aqui está.

— Obrigada — ela disse enquanto aceitava a oferta, desajeitada. Eu nunca tinha visto Mandy tão envergonhada. Era bonitinho de assistir; um tanto

perturbador, mas muito fofo.

Val parou diante de Mandy e de mim, com as mãos nos quadris. Primeiro ela olhou Mandy de cima a baixo, examinando cada detalhe da fantasia. Depois fez o mesmo comigo. Exceto que, comigo, ela se demorou um pouco mais na fantasia e curvou os lábios, enojada.

— Quem convidou vocês duas? — ela rosnou.

Brad se adiantou.

— Eu. — Ele ergueu as sobrancelhas em desafio. Val empinou o nariz.

— Que seja.

Fazendo um gesto de desprezo como se nos dispensasse, ela se afastou seguida por suas lacaías.

Mandy olhou para mim.

— Qual é o problema dessa garota?

— Ela dormiu com o bumbum descoberto — afirmou Brad, com expressão séria. Nós desatamos a rir. Brad era um cara legal.

Depois de tomar várias cervejas sem álcool antes de sair de casa e mais dois copos de ponche na festa, eu precisava esvaziar minha bexiga com urgência.

— Onde é o banheiro?

Brad apontou para o final do corredor.

— É a primeira porta à esquerda.

— Obrigada. — Voltei-me para Mandy. — Volto já. — E eu estarei aqui. — Ela virou o corpo um pouquinho, para que Brad não pudesse ver, e disse quase sem voz: — Ah, meu Deus!

Eu ri e balancei a cabeça. Mandy estava mesmo a fim de Brad. Eu só esperava que ele não partisse seu coração como o último panaca.

Quando entrei no corredor, senti um cheiro entontecedor de canela com amêndoas e mais alguma coisa, uma fragrância muito masculina. Bom, pensei, pelo menos aqui não preciso me preocupar com morcegos. Ri sozinha.

O banheiro estava tão bem decorado quanto o restante da casa. Teias de aranha pendiam de cada canto do teto, contribuindo para o clima da festa. Vários fantasmas pendurados ao nível dos olhos faziam sons sinistros quando

alguém passava. Uma abóbora falante cobria a tampa do vaso sanitário, e havia sabonetinhos em formato de abóboras e morcegos na pia. Uma cortina de chuveiro com o tema e toalhas combinando completavam a decoração. Alguém naquela família devia adorar o dia das bruxas!

Depois de arrumar minha fantasia e conferir se minha maquiagem ainda estava em ordem, abri a porta... e dei de cara com o Drácula. Bem, um rapaz fantasiado de Drácula. Ele estendeu as mãos e segurou meus ombros, impedindo que eu caísse de costas no banheiro. Sua capa preta e vermelha de cetim me cercou, roçando minha pele com sua suavidade. Ele cheirava a canela, amêndoas e masculinidade. Meu pulso disparou. Um

campo elétrico nos envolvia, estalando, como se a nos puxar mais para perto um do outro. — Olá, Faísca. Então, nos encontramos outra vez. — Ele deu um sorriso sensual. Eu praticamente derreti enquanto olhava para aqueles maravilhosos olhos azuis.

Surpresa, não consegui nem dizer um simples “olá”. — Adorei a fantasia. — Ele me examinou dos pés à cabeça. — Caiu bem em você. A voz dele era como mel, doce e deliciosa. Ele estendeu a mão e ergueu meu queixo com

um dedo.

— Guarde uma dança para mim, está bem?

Minha pele se aqueceu no lugar em que ele tocou, e meu estômago se contraiu. Girando a capa com um movimento exagerado, ele arqueou as sobrancelhas e se afastou,

me deixando boquiaberta.

Rapidamente encontrei Mandy.

— Ele está aqui, Mandy! Ele está aqui!

Ela franziu a testa.

— Ele, quem?

— O bonitão da caverna! Ele é o Drácula. Digo, ele está vestido de Drácula. — Está falando a sério? Ele está aqui? Onde? Eu tenho de ver esse sujeito! Apontei na direção para onde ele tinha ido.

— Ele está por ali, em algum lugar. Pediu-me para guardar uma dança para ele. E me chamou de Faísca de novo. Ele se lembrou de mim!

— Sim, ele é novo por aqui. Acabou de se mudar para uma casa aqui perto, do outro lado da rua — comentou Brad.

— Ele vai para a nossa escola? — perguntei.

— Sim, começa amanhã.

Troquei um olhar com Mandy. Eu mal podia acreditar na minha sorte. — Venha comigo. Quero que o veja antes que ele vá embora. — Puxei Mandy pelo

braço. — Vamos!

— Eu volto em um minuto — ela avisou Brad.

— Sem problema. — Brad acenou em despedida, como se Mandy estivesse partindo em uma longa viagem.

Quando finalmente chegamos ao outro lado da sala e vimos o Drácula, Val já o havia reclamado para si. Ela ria e jogava seus cachos loiros, dando um belo espetáculo. E minha nossa, os seios dela estavam praticamente expostos. Ela podia muito bem tê-los servido em uma bandeja. Ele não podia estar acreditando no showzinho dela. Aquilo estava me dando enjoo só de ver. Ela era tão transparente... e tão ridícula!

— Deus do céu! Você tinha razão, Cheyenne. Ele é absolutamente maravilhoso. E por que aquela idiota está praticamente pendurada nele? — Mandy deu um meio-sorriso. — Val não pode deixar ninguém em paz, não é? Pensei que ela estivesse toda apaixonadinha por aquele jogador, o não-sei-quem.

— Ela estava se jogando para cima dele na caverna, mas isso não quer dizer nada. Val descarta os rapazes como nós descartamos lixo. Ela geralmente consegue o que quer, mas dessa vez vai ter uma surpresa. O Drácula ela não vai conseguir. Não, se eu puder evitar.

Estreitei meus olhos sobre Val, desejando que seu cabelo caísse em chumaços ou que ela soltasse um pum bem alto. Qualquer coisa que a colocasse em seu devido lugar.

— Uau! Alguém está encenqueira essa noite. — Mandy deu risada. — Bom, eu o vi primeiro. E é isso!

Aquela era uma luta que eu tinha toda a intenção de vencer. Mandy sorriu e inclinou a cabeça de lado.

— Entendo. Acho que gosto desse seu lado. Não sabia que você podia ser assim, ainda mais por causa de um menino.

Como se lesse minha mente, o Drácula fixou seu olhar em mim e sorriu. Val seguiu a direção do olhar dele e quase rosnou quando viu em quem ele tinha concentrado a atenção. Ela estava praticamente espumando pela boca.

Ele se levantou, sem desviar os olhos de mim, e estendeu o braço. — Creio que você me deve uma dança... e estão tocando nossa música. Eu respirei fundo e fiquei ali, congelada no lugar. Devagar, ergui minha mão trêmula. Ele

a tomou delicadamente, mas com firmeza. Meu corpo se aqueceu ao contato. Havia uma energia saltando entre nós, nos ligando com um tipo de eletricidade.

Ele me levou até a área livre de móveis que funcionava como pista de dança. Seus olhos reluziam com uma emoção desconhecida para mim, deixando-me nervosa e excitada. Ele me puxou para seus braços e eu fiquei tensa, permitindo que meu corpo se ajustasse à sua presença. Inspirei seu cheiro, memorizando cada detalhe.

Meu coração batia em um ritmo louco dentro do peito. Eu nunca tinha sentido algo tão maravilhoso e tão assustador ao mesmo tempo. Uma energia quente e calmante nos envolvia, e todo mundo à nossa volta resumiu-se a pano de fundo. Estávamos ali, apenas Drácula e eu.

A letra da música, a nossa música, penetrou na minha consciência. *Você preenche o vazio escuro em minha alma*

Iluminando meu mundo e me completando

O sangue canta em minhas veias quando você está por perto Elevando-me, afastando todo o meu medo

Diga que vai ser para sempre minha

Eu quero torná-la minha

Seja minha para sempre

Até o fim dos tempos...

Eu relaxei e encostei o rosto no peito dele. A vibração de sua voz roçava meu rosto enquanto ele cantava junto com a música. Eu estava no paraíso.

— Faísca?

— Sim? — Ergui a cabeça e encarei aqueles olhos azuis cristalinos. — Estou muito feliz que tenha vindo até a festa. Poupeu meu trabalho de ter que achá-la. Eu não pude evitar minha expressão confusa.

— E por que você queria me encontrar? Você nem sabe o meu nome! — Cheyenne Wilde. E se você não percebeu por que eu queria encontrá-la, devo estar

fazendo alguma coisa errada. — Ele riu e me puxou mais para perto. — E eu pensando que estava sendo charmoso... Acho que vou ter de me esforçar um pouco mais.

Minha nossa! Se ele se esforçasse, eu iria explodir em chamas. Continuamos a acompanhar o ritmo da canção, perdidos em nosso mundinho. E então algo me ocorreu.

— Como você sabe o meu nome? — perguntei.

Ele deu uma piscadela.

— Jamais revelarei.

— Será que pode pelo menos me dizer qual é o seu nome? Digo, já temos até uma música, e tudo... Eu deveria saber no mínimo isso.

— Acho que não. — Ele abriu um sorriso descarado. Eu estava começando a ficar mais à vontade perto dele. — E por que não?

— Bem, se eu contar tudo agora, não haverá mais nenhum mistério. Você vai se entediar e nunca mais vai querer me ver. — Ele suspirou, encolheu os ombros e fez uma expressão falsamente triste.

Eu ri e o empurrei de leve.

— Seu bobo.

Era tão estranho! Parecia que eu o conhecia havia anos, e eu nem sabia o nome dele. A música acabou e começou outra, mais agitada, por isso ele me levou para fora da pista de dança, sua mão quente tocando minhas costas.

Os olhares de ódio que recebi quando passei em frente ao “Fã-Clube da Val” teriam me queimado viva, se eu já não estivesse ardendo de dentro para fora. Mandy estava encostada na parede onde havia uma faixa de “Feliz Dia das Bruxas”, e Brad estava a seu lado. Ela sorriu e piscou quando passamos a caminho da mesa de gostosuras.

— Quer pegar algo para comer e se sentar na varanda dos fundos? —

Drácula convidou. — Claro. — Como se eu fosse dizer “não”!

Pegamos um pratinho de papel decorado com morcegos e abóboras, colocamos alguns quitutes ali e fomos para a varanda. A lua cheia brilhava, enchendo o quintal com sua luz etérea. O ar estava fresco, mas não tão frio como quando chegamos. O calor vindo da proximidade dele me aquecia. Nós nos sentamos no balanço da varanda, apreciando o clima. Nenhuma palavra era necessária. O conforto de nossa companhia enchia o silêncio. Era como se nos comunicássemos em uma frequência diferente do resto do mundo.

Depois de um tempo, ele estendeu a mão e, com o dedo, acompanhou os contornos da minha mão. Os pelos do meu braço se arrepiaram e meu estômago se contraiu. Devagar, virei a cabeça e o fitei nos olhos. As sobrancelhas e os cílios escuros destacavam ainda mais o azul de seus olhos. O aroma de amêndoas e canela misturado com uma colônia picante inundou meus sentidos, me fazendo respirar mais fundo.

Ele era perfeito em todos os sentidos. Campainhas de alerta deviam estar soando em minha cabeça, mas era como se ele tivesse me colocado em transe, um transe do qual eu não tinha vontade nenhuma de sair. Ele podia ser o demônio em carne e osso, mas não me importava. Não naquele momento. Não dessa vez.

Sua voz profunda e rica quebrou o silêncio.

— Então, Faísca, qual é a sua história?

Eu engoli em seco, depois baixei os olhos para onde ele desenhava círculos na minha mão.

— O quê?

— Conte-me sobre você. Quero saber tudo.

Pega desprevenida, quase entrei em pânico. Será que ele sabia algo sobre mim, sobre eu ser vampira? Não podia ser. Ele não tinha como saber isso. A menos que fosse parte da presença maligna na caverna.

Meu coração saltou ao pensar nisso. Ergui a cabeça e o encarei, buscando algum sinal da presença do mal. Não que eu soubesse pelo que procurar. Meu olhar deslizou pelo rosto dele. Havia, sim, um cheiro suave de amêndoas nele. E o rapaz era bom demais para ser verdade, perfeito demais. E por que ele havia escolhido a mim, quando os garotos da escola nunca haviam me notado?

— Não tenho nada para contar — consegui dizer, por fim. O rosto dele expressou incredulidade.

— Acho difícil acreditar nisso. Uma garota linda como você, sem nada para contar? Nããã... Acho que não.

Baixei de novo os olhos e me afastei um pouco dele. Garota linda? Certo, havia mesmo algo de errado aqui. Eu tenho olhos e cabelos castanhos, um rosto comum, músculos maiores do que uma garota costuma ter e seios achatados. É, uma rainha da beleza, era óbvio. Era por isso que tinha tantos garotos correndo atrás de mim.

Não que eu me importasse com isso.

— Ora, Faísca, você é tímida? Tsc, tsc, tsc. Você é linda, sabe? — Ele segurou minha mão e me fez olhar para ele. — Você é dez vezes melhor do que aquele bando de loiras falsas lá dentro. É a pura verdade.

— Mas você bem que parecia estar gostando da atenção das loiras falsas — observei, com um pouco mais de raiva do que pretendia. Droga. Ia parecer que eu estava com ciúmes.

— Você ficou com ciúmes? — Um sorriso se abriu no rosto dele. Ele podia ler minha mente? Espere, vampiros podiam ler mentes? Mas que pergunta

estúpida. Eu sou uma vampira e não consigo. Dããã! Eu estava perdendo o controle mesmo. — Como eu poderia ficar com ciúmes? Eu nem conheço você. Nem mesmo sei o seu

nome.

— Eu gostei de saber que você tem ciúmes, Faísca. Quer dizer que você gosta de mi-im... — ele cantarolou.

Eu comecei a rir. Ele era real demais para fazer parte de qualquer maldade que tivesse acontecido na caverna. Eu devia parar de deixar minha imaginação correr solta.

A porta dos fundos se abriu e Mandy saiu para a varanda. — Cheyenne, já são dez e quarenta e cinco. Temos de ir. — Ah, meu Deus! Sério? — Olhei para o meu relógio. — Droga! Eu tenho de ir para

casa.

Levantei-me de um salto e corri para a porta. Assim que percebi que não

havia me despedido do Drácula, parei e enfiei a cabeça pela porta entreaberta.

— Tchau... seja lá qual for o seu nome.

— Talvez eu lhe conte da próxima vez que a vir. — Ele piscou. — Porque *vai haver uma* próxima vez.

Eu disparei de volta pela porta, agarrei minha bolsa e encontrei Mandy na porta da frente.

— Está pronta? — Ela olhou para os fundos da casa, como se esperasse que o Drácula fosse se juntar a nós.

— Sim, estou. — Incapaz de resistir, também olhei para lá, torcendo para que ele surgisse. — Obrigada por me avisar. Acho que perdi a noção do tempo.

— Entendo. Se não fosse Brad mencionar as horas, eu também não teria prestado atenção. E a propósito: parabéns, amiga! O Drácula é lindo mesmo. Você não estava exagerando.

Mandy balançou a mão na frente do rosto, como se tivesse tocado algo muito quente. Eu suspirei e concordei com a cabeça.

— E que negócio é esse entre você e Brad? Pensei que você não suportasse jogadores de futebol.

Ela sorriu e não respondeu.

— Bom, ele parece um cara legal. E é uma graça, tenho de admitir. Mas um jogador de futebol? — Eu ri e cutuquei o ombro dela.

Quando caminhávamos de volta para o carro, continuamos a conversar sobre os dois rapazes que tinham virado nossas vidas perfeitas de cabeça para baixo de um só golpe. Na verdade, minha vida já estava de ponta-cabeça; o Drácula foi apenas um acréscimo à minha confusão. O frio em meu estômago era uma prova disso.

A lua iluminava a rua, facilitando a visão no escuro. O que era bom, pois, por alguma razão, as luzes todas tinham se apagado. Na frente da nossa casa havia uma luz que nunca se acendia porque o sensor ficava coberto por uma árvore enorme. Olhei para o topo do poste mais próximo; nenhuma árvore por perto. Estranho.

O vento frio ficou mais forte e fez meu chapéu sair voando. Eu o persegui enquanto ele rolava pela rua, meio de lado. A risada de Mandy foi

desaparecendo enquanto eu continuava em minha perseguição. Logo a distância entre nós duas tinha aumentado de modo desconfortável.

O cheiro de amêndoas atingiu minhas narinas. Parei, consciente do significado daquilo. O alerta dos meus pais voltou à minha mente: “nunca fique sozinha”. Minhas gengivas começaram a coçar enlouquecidamente.

Uma nuvem cobriu a lua e escureceu a vizinhança, jogando tudo nas sombras. Apenas uma varanda permaneceu iluminada, mas longe demais para fazer qualquer diferença. Se não fosse pela minha visão aprimorada, eu não estaria enxergando nada. E mesmo com ela, já não conseguia ver Mandy.

Eu estava sozinha.

O pânico me invadiu quando meu cabelo foi afastado e algo molhado e exigente tocou no meu pescoço. Eu girei, atacando o mal invisível que espreitava no escuro. Um riso grave vibrou em meus ouvidos. Meu coração se confrangeu. A intenção maliciosa era forte demais para ser digerida de uma vez só. Um hálito quente e fétido se espalhou pelo meu rosto.

Estremeci. A ameaça era real.

— Ei, Cheyenne, cadê você? — gritou Mandy.

Ah, Deus, eu não queria colocar Mandy em perigo. — Fique aí. Espere até que a nuvem se afaste. Eu pisei em um buraco e quase torci o

tornozelo. Mal consigo enxergar por aqui — gritei de volta. — Tudo bem. Mas está meio assustador aqui. Juro para você, eu fico sentindo alguma coisa me tocando, roçando em mim.

Meu coração disparou.

Não, Mandy não!

— É a mim que você quer, seu desgraçado maldito — falei em voz baixa, tentando manter a atenção daquilo em mim. — Deixe-a em paz.

Mais risadas. Aquilo me atormentava.

— O que você quer? — Minha voz se ergueu, alarmada. — Hum... você — respondeu a voz asquerosa. — O doce odor do seu sangue me deixa louco. E o ritmo do seu pulso me provoca.

Não demonstre medo. Não demonstre medo.

O medo faz certos animais atacar, mas eu não tinha a menor ideia se

essas palavras de alerta seriam úteis contra uma criatura sobrenatural. Bem, mal não faria tentar. Além do mais, eu li em algum lugar que alguns pervertidos pensam no medo como um afrodisíaco.

Lutei por coragem, tentando sufocar a adrenalina que corria em minhas veias. — Bem, você vai continuar esperando, porque eu não vou me entregar a ninguém do seu tipo.

Ele deu uma gargalhada feroz.

— O medo me excita, mas eu gosto do seu lado esquentadinho. Será um prazer domá-la. O desgraçado lera a minha mente. A irritação sobrepujou meu medo. Se ele quisesse me

ferir, já o teria feito. Ele queria brincar comigo. — Não sou um cavalo, caso não tenha notado.

— Vou gostar muito de executar o que planejei para você, mocinha desafiadora. E eu quero, sim, machucá-la. Mas você tem razão, quero brincar com minha presa antes de... matá-la.

— Com quem você está falando? — Mandy interrompeu nossa conversa, fazendo com que eu me atentasse ao perigo da situação.

— Estava só xingando a mim mesma. Tropecei em alguma coisa na rua. De súbito, ele me abraçou por trás, e todo o ar fugiu dos meus pulmões. O aperto em minha cintura ficou mais forte, tornando difícil inspirar ou falar. — Não se engane. Eu posso e irei possuí-la. É só uma questão de *quando* — falou a

entidade em meu ouvido.

Tão rápido quanto me pegara, ele me soltou. O ar encheu meus pulmões doloridos. Ofeguei, com a mão no peito. Minhas pernas cederam e eu caí no chão áspero, machucando os joelhos e ralando as mãos. Ergui a cabeça depressa, procurando por aquele sádico.

Mas já não sentia mais o mal sufocante. Ele havia desaparecido. A luz começou a surgir ao meu redor. Olhei para cima e vi as nuvens escuras se dissipar

, permitindo que a lua ressurgisse.

Os passos de Mandy soaram no asfalto, alertando-me de sua

aproximação. Passei a língua sobre meus incisivos e me encolhi. Respirei fundo várias vezes, tentando me acalmar e torcendo para que as presas recuassem antes que Mandy chegasse.

Mais cedo ou mais tarde, eu teria de contar a ela. Mas não agora. Não antes que eu mesma soubesse direito o que estava acontecendo comigo e com tudo o mais. Minha vida estava se escoando pelo ralo a uma velocidade estonteante.

— Ei, tudo bem aí? — Mandy quis saber assim que me alcançou. — Sim, eu só arranhei as mãos quando caí. — Eu fingi estar olhando o estado de minhas

mãos, arranjando tempo para poder voltar ao normal. — Isso foi assustador, como ficou escuro de repente. E devia ter algum inseto que ficava pousando em cima de mim. — Ela balançou a cabeça com uma careta. — Odeio insetos. — Eu sei, eu sei. É duro acreditar que você dá saltos em uma trave de dez centímetros,

mas tem medo de um insetinho. — Eu ri, tentando aliviar o clima. — Aqueles eram enormes! Além disso, insetos picam a gente. É... principalmente os “insetos” a que ela se referia. Quando chegamos ao carro, Mandy desligou o alarme e nos sentamos nos bancos da

frente. Meus ombros relaxaram de tanto alívio. Eu costumava pensar que era viciada em adrenalina, mas estou reavaliando essa coisa de tomar sustos por diversão.

Capítulo IV

Caçadora de quê?

Estacionamos na frente da minha casa exatamente às onze horas. Eu me despedi de Mandy e corri para dentro.

Como já era de se imaginar, mamãe e papai aguardavam meu retorno com ansiedade. Ambos já estavam vestindo suas capas azul-cobalto translúcidas do *cl i cã*. Os cristais e o acabamento dourado brilhavam sob a luz da entrada. Mamãe me estendeu a mão, onde se encontrava o robe feito especialmente para mim. Eu o vesti. A maciez do tecido sedoso

deslizou contra minha pele; era diferente de qualquer material que eu já havia tocado. Mamãe se virou e foi na direção do escritório de papai. Enquanto a seguia, observei o

símbolo de nosso *clicã* no bordado intrincado nas costas do robe dela. Ele parecia emanar uma luz de seu interior. Pisquei para conferir se meus olhos não estavam me enganando, pregando uma peça na minha mente. Sorri para mim mesma. Àquela altura, tudo era possível.

Papai abriu a porta do escritório e nós entramos. O aposento tinha sido alterado, ficando parecido com aquele no qual eu passara pela minha indução na noite anterior. Velas azuis e brancas de vários tamanhos reluziam sobre todas as superfícies disponíveis, lançando sombras pela área parcamente iluminada. A fragrância pungente e almiscarada de *patchouli* acrescentava calor e atmosfera à sala. Oito dos anciões *c l i c ã* estavam presentes, obviamente esperando pela minha chegada. Coloquei as mãos com as palmas juntas à minha frente, toquei minha testa e fiz uma reverência como havia sido instruída a fazer no cumprimento aos anciões. Recebi uma reverência em resposta.

Todos os presentes colocaram seus capuzes, deixando os rostos escondidos. Fiz o mesmo, sem querer dar a impressão de não conhecer o ritual. Papai foi até sua estante de livros que ia até o teto, moveu alguns itens e mexeu em alguma coisa nos fundos. Fiquei confusa, pensando que raio de coisa ele estava fazendo. Foi quando soou um clique e a estante deslizou para a esquerda, revelando uma saleta escondida.

Arfei e olhei para mamãe sem entender. Ela apenas sorriu. Certo, então ainda havia alguns segredos para descobrir. Fiquei boquiaberta quando percebi a beleza ornamentada sala. Os painéis de madeira que forravam as paredes ostentavam o símbolo de nosso *clică* em um entalhe grande integrado a outros menores, que formavam uma espécie de renda ao redor. O símbolo ficava bem no centro deles, um pouco acima da mesa que se encontrava na frente da sala, de modo a ficar exatamente acima da cabeça de quem parasse ali, como em um altar. Nele, vinhas azuladas se curvavam até formar um coração com um “P” negro integrado ao desenho. Uma suave iluminação azulada criava uma radiação que banhava a sala em uma aura calmante. Mamãe deu um passo à frente e acendeu as velas.

Uma corrente de ar gelado passou por mim. O cheiro de amêndoas atingiu minhas narinas, e eu gelei.

Não. Não na minha casa.

Roxie latiu do lado de fora da porta, arranhando a superfície da madeira com suas unhas afiadas.

Os cabelos de minha nuca se arrepiaram e olhei ao redor. Ninguém mais pareceu notar o vil intruso. Será que eu estava imaginando aquilo? Outra rajada de ar me cercou e depois sumiu. Levantei o nariz, tentando localizar o cheiro de amêndoas. Os latidos pararam.

O visitante desagradável havia partido.

Como ele conseguira entrar ali, para começo de conversa? Vampiros e outras entidades não precisavam ser convidados para entrar em uma casa? Não, claro que não. A maioria das lendas que eu crescera ouvindo eram só bobagem. Por que essa seria diferente? Não que eu acreditasse em lendas, mas por outro lado, também nunca tinha acreditado em vampiros...

Amarande, o mais velho do *clică*, levantou os braços, e a sala ficou em silêncio. — Estamos reunidos aqui esta noite para explorar alguns fatos recentes que aconteceram

com nossa jovem Cheyenne. Podemos estar testemunhando um evento ao qual tive a honra de fazer parte apenas uma vez em minha longa vida. Esta pode ser uma imensa bênção para nosso *clică*, guiando-nos para um novo século.

Todos os olhares se fixaram em mim. Engoli em seco. Meu estômago

grudou nas costas com aquela sensação que se tem em uma descida na montanha-russa. Mordi minha bochecha por dentro: fosse lá o que fosse revelado ali, eu achava que não iria gostar. Não era preciso ser um cientista de ponta para perceber isso.

— Cheyenne, venha até mim, criança.

Amarande gesticulou para que eu me adiantasse. Apesar das pernas trêmulas, obedeci. Ele ergueu a mão enrugada e deslizou um dedo por meu rosto, depois levantou meu queixo para que eu o encarasse.

— Seus pais me informaram do que aconteceu na caverna. Agora precisamos que você nos conte tudo o que aconteceu. E também é importante que saibamos como você se sentiu enquanto tudo acontecia, especialmente suas reações físicas. Você compreende?

— Sim.

Depois de relatar toda a experiência, e acrescentar o que acontecera depois da festa, todos tinham em seus rostos a mesma expressão que meus pais exibiram quando lhes contei da primeira vez. Pelo visto, era algo que ia além de “muito importante”. Ninguém disse uma só palavra, apenas me deixaram falar até que eu não tivesse mais nada a narrar. Quando acabei, segurei uma mão com a outra e esperei que alguém comentasse alguma coisa. Qualquer coisa. Eu já estava começando a ficar apavorada de verdade; era como se eu estivesse exposta em um circo.

Finalmente, Amarande falou, mas não o que eu esperava ouvir. — Tire o seu robe, por favor.

Mamãe e papai anuíram, encorajando-me a fazer o que ele estava dizendo. Soltei o fecho no pescoço e despi a peça.

— Vire-se — ele pediu, e o resto do grupo me circundou. Eu me virei e fiquei de frente para a porta fechada. Amarande levantou minha camisa,

depois puxou para baixo a cintura da minha calça quase até o quadril. Ah, meu Deus! Que raio de coisa ele estava fazendo? A sala se encheu de ofegos de surpresa. Eu virei a cabeça, tentando ver qual era a causa de tudo aquilo. E por que mamãe e papai estavam ali mudos, de olhos arregalados?

— Ela exhibe a marca — vários anciões confirmaram em uníssono, e, tom de empolgação. Senti o sangue fugir do meu rosto.

— Que marca? Por favor, me digam. Vocês estão me assustando. — Eu

estava arfando, a respiração entrando e saindo em movimentos bruscos e curtos.

Amarande agarrou meus ombros.

— Cheyenne Wilde, você é nossa primeira *Vânător* em mais de quinhentos anos. — Ahn... O que é uma *Vânător*?

Minha voz tremia. Eu não queria saber, mas percebi que não tinha muita escolha. Levantei a cintura da minha calça.

Amarande sorriu, mostrando os dentes espantosamente preservados. — É a mais rara e mais cobiçada habilidade que uma fêmea pode desejar. Olhei para minha mãe e meu pai. A julgar pela expressão de sofrimento deles, essa opinião não era generalizada.

O que não era um bom presságio para mim.

— Ótimo, mas o que isso significa para mim? — Eu tomei fôlego e me preparei para a notícia.

— Você, minha querida, é uma caçadora. — Amarande agia como se eu devesse ficar deliciada com a novidade.

— Uma caçadora de quê?

Eu também não queria a resposta para isso, mas a pergunta me escapou antes que eu pudesse impedir. Respirei fundo outra vez.

— De todas as coisas malévolas. — Os olhos dele tinham ficado mais claros, de um azul cristalino, que lembravam os do rapaz que tinha me deixado tão abalada.

Fechei a cara, tentando processar toda aquela informação. — Como assim? Você diz, como a *Buffy, a Caça-Vampiros*? Ele só podia estar brincando comigo. Aquilo tudo estava ficando bobo demais. Até para mim.

— Bem, eu não diria isso, porque... bem... A Buffy não é de verdade. — Ele me encarou, solene. — Você é.

Ah, meu Deus! Ele estava falando a sério. Eu devia ser algum tipo de caçadora do mal? Ou de maldades? Que fosse. A coisa toda soava horrível. E eu tinha as qualificações para o serviço? De verdade? Veja bem, se você me pedir para dar um salto mortal sobre uma trava de dez centímetros, eu sou perfeita para isso. Ou voar ao sair das paralelas fazendo um duplo *twist de*

costas. Mas uma caçadora? De quê? Do mal?

Minha mente girava, tentando seguir em várias direções ao mesmo tempo. Eu não conseguia nem começar a compreender o que isso significaria para a minha vida. Será que eu teria de andar por aí carregando uma estaca, para enfiá-la no coração de alguma criatura malévola? O conceito como um todo estava tão distante da realidade que ser uma vampira até me parecia normal em comparação. Balancei a cabeça, tentando clarear os pensamentos. Talvez eu acordasse daquele sonho e tudo estaria de volta ao que era antes do meu aniversário. Eu devolveria minha carteira de habilitação com um sorriso no rosto para conseguir voltar.

— Cheyenne? — Ouvi mamãe me chamar, mas a imagem dela estava borrada. — Você está bem?

Pisquei várias vezes para clarear minha visão.

— Não, eu não estou bem. Eu só queria voltar a ser eu mesma. Do jeito que eu era antes de toda essa esquisitice.

Minha garganta ardia com as lágrimas que eu tentava conter. Eu desejava, do fundo do coração, sair correndo para me esconder do mundo em meu quarto. Fugir daquelas pessoas que queriam que eu fosse algo que eu não queria ser.

Alguém havia se incomodado em perguntar o que *eu queria*? Fechei as mãos em punhos e apertei os dentes. Havia uma represa ameaçando estourar e

soltar o líquido que fazia meus olhos queimar.

— Eu sei, querida. É difícil aceitar isso tudo de uma vez só, mas tudo vai dar certo. Nós vamos cuidar para que dê. — Mamãe me puxou para junto de si e me abraçou.

No mesmo instante, voltei alguns anos no tempo, quando minha mãe podia aliviar minhas dores com um beijinho. Mas dessa vez, isso não resolveria meus problemas. Nada poderia resolver. Lágrimas quentes rolaram pelo meu rosto. Eu queria ir dormir e nunca mais acordar. Antes que eu percebesse, estava soluçando. Mamãe afagou meu cabelo enquanto eu finalmente me soltava.

Depois do que me pareceram horas, eu me acalmei o suficiente para que os soluços fossem ficando cada vez mais espaçados entre si. Foi quando

percebi o silêncio na sala.

Mamãe me soltou e eu ergui a cabeça de seu ombro para olhar em volta. Tudo vazio, exceto por mamãe, papai e eu. O que explicava o estranho silêncio.

— Para onde eles foram? — Solucei de novo e tentei enxugar o nariz, que escorria. — Eles resolveram que você precisava de um pouco de privacidade e tempo para lidar

com as notícias. Sua reação não foi exatamente a que os anciões estavam esperando. Acho que eles não têm muito contato com os adolescentes de hoje em dia. — Papai sorriu e me entregou um lenço de papel tirado de sua mesa.

Era típico de papai tentar aliviar a tensão. Ele odeia nos ver chateadas. A preocupação e a compaixão em seus olhos quase me fizeram começar a chorar de novo.

— Por que não vai se deitar? Você teve um dia muito estressante. Tudo vai parecer melhor de manhã. Conversaremos de novo quando você não estiver tão cansada e chateada. — Papai me deu um abraço apertado. — Amo você, princesa.

Eu contive um soluço. Fazia muito tempo que ele não me chamava assim. Em seguida, foi a vez de mamãe me abraçar.

— Boa noite, querida.

— Boa noite — resmunguei, saindo da sala.

Quando dei por mim, estava de frente para a minha cama. Eu não fazia ideia de como chegara até ali. Não me lembrava de ter subido as escadas, feito a curva e caminhado pelo corredor, nem de ter aberto a porta. Sem me dar o trabalho de vestir o pijama nem de tirar os sapatos, me joguei na cama. Eu não ligava. Só queria não pensar em nada, por pelo menos um curto período de tempo. Fechei os olhos e me forcei a adormecer.

Visões do meu bonitão de olhos azuis substituíram o terror da última hora, ninando-me e me enviando um lindo sonho... até os morcegos aparecerem.

Capítulo V

Um pesadelo, um recado e um machucado na trave Eu estava cercada por centenas de morcegos, cada um deles fazendo voos rasantes e

mirando minha cabeça. Um após o outro, todos me atacavam. Ergui os braços, tentando proteger meu rosto, e o tempo todo eles riam de mim e me provocavam. Uma campainha ressoava em meu quarto e cobria meus ouvidos, mas ela ficava cada vez mais alta... mais alta... até que pensei que iria enlouquecer.

Eu já não podia mais suportar aquilo. Comecei a gritar e berrar, mas eles continuavam vindo, e a campainha não parava. Algo agarrou meus braços e me chacoalhou. Eu ataquei o inimigo, tentando me soltar e gritando o mais alto que conseguia, na esperança de que alguém viesse ao meu resgate.

— Pare! Socorro! Faça eles parar! — Fui chacoalhada mais uma vez, e a campainha não cessava.

— Cheyenne! Acorde, minha filha. Você está tendo um pesadelo. — Mamãe, é você? Ajude-me...

A coisa que me segurava ainda não tinha me soltado. Eu chutei e tentei dar socos, mas não adiantou nada.

Fui sacudida mais uma vez, com força.

— Cheyenne! Sou eu, sua mãe. Acorde, querida. Está tudo bem, eu estou aqui. Está tudo bem.

Era mamãe? Eu relaxei, e o aperto em meus ombros relaxou também. Lentamente, abri os olhos.

— Mamãe! — Joguei os braços ao redor dela, abraçando-a apertado para ter certeza de que ela era de verdade, e não algo saído da minha imaginação. — Foi horrível, mamãe. Aquele monte de morcegos ficava me atacando... voando ao redor da minha cabeça... e rindo de mim. Era tudo um jogo para eles. E eles pareciam estar se divertindo.

Respirei fundo algumas vezes, tentando me acalmar. Meu coração estava disparado, e a campainha ainda soava em meu quarto. Por que ela não havia parado?

Mamãe se inclinou e desligou meu despertador. Ah, sim, claro... o despertador. — Foi apenas um sonho, nada mais — mamãe me tranquilizou. Eu balancei a cabeça.

— Aí é que está, mamãe, não foi só um sonho. Eu acho que eles estavam me avisando. Os olhos dela se arregalaram.

— Avisando? Que tipo de aviso?

— Eu... não sei. Mas sinto que não era só um pesadelo. De alguma forma, a coisa se infiltrou nos meus sonhos, manipulando-os.

— De que *coisa* você está falando?

Eu suspirei e levantei as mãos, deixando-as cair sobre a cama de novo. — É o que eu não sei. Acho que era a mesma coisa que senti ontem à noite, quando os

anciões estavam aqui. Era tão assustador que acho que até a Roxy percebeu. Foi por isso que ela começou a latir.

— Cheyenne! Por que você não nos contou quando aconteceu? Eu suspirei.

— Não sei, mamãe. Eu nem tinha certeza de que era real. Pensei que talvez fosse minha imaginação, e não queria que todos pensassem que eu estava louca.

A expressão no rosto de mamãe se suavizou.

— Nunca mais pense que não pode nos contar algo. Estamos aqui para ajudar você. E sempre vamos acreditar em você. Você nunca mentiu nem inventou nada para chamar a atenção.

— Eu sei... mas estou confusa. É tudo muito louco. — Eu entendo. Também passei por isso. Assim como seu pai. Não é fácil, mas precisamos saber dessas coisas.

Ela começou a se levantar, mas eu a segurei.

— Mamãe, você disse que iria me mostrar onde fica... o sangue. — Ah, sim, desculpe-me. Com tudo o que aconteceu, acabei me esquecendo. Está no armário dos remédios, lá no fundo, em uma caixa branca. Mas provavelmente você ainda não vai precisar dele por algum tempo.

— Ah...

Eu já tinha visto aquela caixa, mas nunca pensei em conferir o que ela continha. — Mais alguma coisa?

— Não, acho que não.

Mamãe afagou minha perna e ficou de pé.

— É melhor se aprontar, ou vai se atrasar para a escola. — Sim, sim, a escola. E eu tenho prova de Álgebra hoje. Nem preciso dizer que não estudei nada ontem à noite.

— Tenho certeza de que você vai se sair bem. — Ela sorriu e foi até a porta. — É melhor correr, o tempo está passando. Bom dia para você, e boa sorte na prova, embora eu saiba que você não vai precisar.

Com uma piscadela, ela saiu e fechou a porta.

Com um grunhido, arrastei-me para fora da cama. Eu daria tudo para ficar em casa; a última coisa que queria era ir para a escola. Talvez, se eu tivesse matado aula na véspera como mamãe tinha sugerido, tudo aquilo não estivesse acontecendo agora.

Bem... Acho que o jeito é engolir e seguir em frente. Sem energia para me preocupar com minha aparência, amarrei meu cabelo em um rabo

de cavalo, sem pentear mesmo. Vesti uma calça jeans e uma camiseta com *glitter*, peguei minha bolsa e minha mochila e descii correndo para tomar café. Meu estômago estava roncando, avisando que queria comida, e rápido.

Mamãe e papai já tinham saído quando descii. Um silêncio meio perturbador envolvia a casa. Não se ouvia nenhum som, só o pulsar do meu coração.

A cozinha parecia vazia demais, sem o calor habitual. Estremeci e esfreguei os braços. Eu, hein... Eu ainda não tinha superado o horrível pesadelo. Só esperava que a realidade do dia de hoje terminasse sendo melhor do que o meu sonho. Será que havia algum jeito de escapar do mundo sombrio em que eu fora jogada? Parecia que eu não conseguia fugir nem enquanto dormia.

Quando peguei uma tigela no armário, senti um arrepio subir pela minha coluna. Olhei para trás, mas não havia nada. Examinei o resto do cômodo, chegando a conferir se não havia nenhum morcego pendurado no teto. Minhas mãos tremiam, o que fez com que eu derrubasse a tigela no balcão de

granito. O barulho do impacto quebrou o silêncio e deixou meus nervos em frangalhos. Apoiei as mãos no balcão frio e baixei a cabeça, tentando me

controlar. Aquele “aviso” me deixara realmente assustada. A sensação estranha se intensificou. Meu sangue gelou nas veias e eu me coloquei em uma pose defensiva. Meus músculos se contraíram, prontos para fugir ou brigar se necessário. Eu não iria me entregar sem lutar.

Algo frio e úmido tocou meu punho fechado. Eu gritei e ergui os braços, derrubando a tigela no chão. Tornei a gritar. A tigela de plástico quicou duas vezes antes de parar, de cabeça para baixo.

Roxie latiu e recuou, as patas escorregando no piso por causa das unhas compridas demais.

— Ah, garota, desculpe! Eu não queria assustá-la. — Estendi a mão e afaguei-lhe as costas, depois cocei atrás das orelhas da cachorra. — Você acaba de me deixar dez anos mais velha depois desse susto.

Pensando bem, eu tinha alguns anos de sobra.

Quando minha pulsação voltou ao normal, o ronco do meu estômago também retornou com força total.

— Certo, certo, já estou preparando algo para comer... Depois de chegar à despensa onde estava o cereal, parei, olhando para o armário onde

guardávamos os remédios. A curiosidade venceu, e antes que eu percebesse já estava com a mão no puxador. Abri e olhei para o fundo: ali estava a caixa branca. Aquela à qual eu nunca dera atenção. Agora, ela gritava para que eu a abrisse. Mas eu não podia; não queria dar de cara com bolsas de sangue, especialmente àquela hora da manhã. Fechei a porta de novo e suspirei. Isso podia esperar por outra hora... ou outro dia.

Voltei-me para a despensa e peguei uma caixa de cereal. Servi uma tigela grande, sabor chocolate, e me sentei. Em minutos eu tinha devorado a tigela toda. O estranho é que eu continuava com fome, então coloquei duas fatias de pão na torradeira. Quando ficaram prontas, passei manteiga de amendoim nas duas e as comi também. Ainda com fome, tomei dois copos de suco de laranja e peguei uma barrinha de cereal sabor *cookie* de chocolate, enfiando-a na bolsa.

Já atrasada para sair, subi correndo outra vez para escovar os dentes. Sabe como é, pão preso no aparelho não é lá muito atraente; na verdade, é

nojento. Quase me assustei com meu reflexo: meu cabelo estava cheio de grumos, já que eu não me preocupara em penteá-lo, e minha camiseta estava toda amassada. E ainda por cima, eu estava mais pálida do que o normal. Por que seria? Definitivamente, não era meu melhor visual. Eu teria de me manter discreta... Não que isso fosse muito difícil. Eu quase sempre me misturava ao pano de fundo e passava despercebida.

Virei de costas para o espelho e puxei minha calça para baixo do lado direito. Ofeguei ao ver a marca da minha condição de *Vânător*. Era de uma cor marrom-rosada, e o formato era bem parecido com o coração feito de vinhas, como o símbolo nas costas dos robes de nosso *clică* e na parede atrás da mesa no escritório do meu pai. Puxei o jeans para cima. Não havia nada que eu pudesse fazer a respeito daquilo.

Eu, de fato, carregava a marca.

Corri para fora e pulei no carro. Eu tinha exatos quinze minutos para chegar até a escola, estacionar e entrar na primeira aula, álgebra. O dia já tinha começado mal. Se o resto dele fosse vagamente parecido com os últimos dois dias, eu faria melhor se ficasse em casa, escondida embaixo das cobertas.

Quando cheguei à escola, todas as boas vagas já estavam ocupadas. Tive de correr até a primeira aula. Cheguei à sala bem quando o sinal tocou. Soltando um suspiro profundo, desabei no meu lugar. Pelo menos, não tinha me atrasado.

Assim que recebi minha prova, percebi que precisaria de uma calculadora para poder resolver alguns dos problemas. Droga! Eu a havia retirado da mochila para fazer meu dever no dia anterior antes da festa, e me esquecera de colocar de volta.

Levantei-me e fui até a mesa da srta. Sampson.

Ela ergueu a cabeça.

— Sim? Posso ajudá-la?

— Eu esqueci minha calculadora em casa.

Ela me deu um olhar de “e eu com isso?”.

— E o que você quer que eu faça?

Respirei fundo.

— Bem, eu pensei que talvez a senhora tivesse uma para me emprestar.
— Acho que não, srta. Wilde. É de sua responsabilidade trazer o material necessário

para as aulas. — Ela baixou a cabeça para seja lá o que for que estivesse lendo e me dispensou sem dizer mais nada.

Várias risadinhas abafadas soaram atrás de mim. Que bom que alegrei o dia de alguém. Voltei para minha carteira e afundei em meu assento. Aquilo não ia prestar. Sem uma

calculadora científica, eu estava ferrada. Dei uma olhada nos problemas e fiz aqueles que não precisavam de calculadora, deixando os mais difíceis para o final. Depois de olhar para o relógio, percebi que só tinha mais dez minutos para resolver quinze problemas difíceis, por isso trabalhei o mais rápido que pude.

Faltavam só onze. Dez. Nove. Oito. Sete. O sinal tocou, me dando um susto que quase me derrubou da cadeira.

— Lápis nas carteiras. Por favor, entreguem suas provas enquanto vão saindo — instruiu a srta. Sampson.

Bem, lá se foi o meu “A”.

Entreguei minha prova e saí para o corredor, arrastando os pés. A aula seguinte era de Biologia. Ao menos, eu encontraria Mandy. Ela sempre me animava.

Como meu armário ficava no caminho da classe de Biologia, resolvi deixar ali alguns livros. Enquanto girava a combinação da tranca, ouvi a risada da última pessoa que eu queria ver naquele dia: Val. Deus do céu, que droga de dia. Continuei de costas, torcendo para ser ignorada.

— Ora, ora, se não é a aberração da natureza, o ímã de morcegos em pessoa. Você trouxe alguns dos seus amiguinhos?

Val riu alto, atraindo o máximo possível de atenção. Suas comparsas se juntaram a ela. Sem me incomodar em reconhecer a presença dela, permaneci de costas. Eu não estava

num estado de espírito propício para isso. Mais cedo ou mais tarde, ela seguiria em frente. Eu não estava ligando se precisasse chegar atrasada para a aula de Biologia. Embora na verdade não importasse, porque ela estaria lá também. Eu tinha certeza de que ela tinha grandes planos para mim.

— Ímã de morcegos, por que você não deixa seus amiguinhos no seu armário? Val e sua turma desataram a rir. Parecia que alguém tinha contado a piada do ano. Elas não valiam meu esforço nem meu tempo, por isso não respondi. Eram tão cretinas!

Seus risos foram diminuindo, então tranquei meu armário e saí. Eu tinha um minuto antes que o sinal tocasse, por isso corri para a sala.

Quando entrei, não encontrei Mandy, por isso me sentei no primeiro lugar que vi disponível e me encolhi ali.

— Bom dia, Faísca — disse uma voz muito familiar. Ah, Deus! Perdi meu fôlego. Eu tinha me esquecido de que o novato bonitão estaria na

escola hoje. E com certeza não tinha imaginado que ele estaria em uma das minhas classes. Lentamente, volvei-me para encará-lo, e o restinho de ar que havia em meus pulmões fugiu. Ele era tão... eu nem sei. Tudo nele era o retrato da perfeição: o cabelo, as roupas, os lindos olhos azuis. Sem dúvida, eu estava de boca aberta. O que é que havia de errado comigo?

— Dia difícil? — ele indagou com um sorriso.

Eu nem imagino o que ele estava pensando. Minha cara estava péssima, sem contar o resto, ainda pior.

O sinal tocou, dando início à aula e fim à nossa conversa. Como a sra. Krammer sempre fazia chamada, eu pensei que ela fosse ao menos

apresentar o novato, para que eu pudesse chamá-lo de outra coisa que não Drácula, novato ou bonitão. Não deu certo. E ele não parecia disposto a me dizer seu nome. Por que tanto mistério, afinal?

Eu podia senti-lo me observando durante a aula toda, e quando me volvei para conferir, ele nem tentou disfarçar. Provavelmente estava pensando por que eu estava tão diferente da noite anterior. Tão pior.

Eu deveria ter ficado em casa.

A sra. Krammer parou de falar, foi até a carteira de Val, estendeu a mão e ordenou: — Entregue isso.

Val olhou para mim e sorriu, com uma cara muito convencida em seu rosto emplastado de maquiagem. Ela entregou um pedacinho de papel dobrado para a professora.

— Obrigada. Você conhece as regras: nenhum bilhetinho, a não ser que

planeje dividi-lo com a classe.

Ela abriu o papel.

Val tornou a olhar para mim. Ela não parecia nem um pouco preocupada que a professora lesse seu bilhete. Droga! Pela expressão deliciada, o bilhete tinha a ver comigo.

A sra. Krammer leu em voz alta:

— Dá para acreditar no que ela está vestindo? Por que tantas dobras? Será que ela dormiu com aquela roupa? Sei lá... Acho que ela nem penteou o cabelo! Deve ser porque passa o tempo todo com seus amigos morcegos... rsrs. Não é? — A professora franziu a testa e olhou para Val com uma cara fechada. Amassando o bilhete, jogou-o no lixo. — É melhor que eu não veja isso acontecer de novo, meninas, ou vou mandá-las para a detenção. O grupinho de Val desatou a rir. Todos olharam para mim, apontando. Quem mais estava

associado a morcegos? Eu queria escorregar para debaixo da mesa e me esconder ali. Não ousei olhar para o novato, que provavelmente nunca mais falaria comigo.

Assim que o sinal tocou, corri para fora da sala, entrei no banheiro, me enfiei na única cabine com porta e tranquei-a. As lágrimas escaparam dos meus olhos e rolaram pelo meu rosto. Eu não precisava disso, logo hoje.

A porta se abriu e alguém entrou. Droga, nem sozinha eu podia ficar. — Cheyenne? Você está aí? — perguntou Mandy. Enxuguei os olhos e engoli o nó em minha garganta. — Sim, estou aqui.

— Eu pensei ter visto você entrar. Meu carro não deu partida e o ônibus já tinha passado, por isso tive de ligar para meu pai, pedir para ele voltar para casa e consertar o carro. Que dia! O que eu perdi em Biologia?

Ela estava reclamando do dia *dela*? Mais lágrimas escaparam de meus olhos. — O que é que há? — Mandy bateu na porta da cabine. — Está chorando? — Eu só tive um dia muito, muito ruim. Esqueci de levar a calculadora para a aula de

Álgebra, então não consegui terminar todos os problemas a tempo, e Val e Kimee estavam trocando bilhetinhos na aula de Biologia, e aí a sra. Krammer leu um em voz alta... e... era sobre mim...

— Ah, aquela vadia! O que o bilhete dizia?

Eu assoei o nariz e tentei conter as lágrimas.

— Ela zombou das minhas roupas e do meu cabelo. Eu me atrasei porque não dormi direito e não tive tempo de arrumar o cabelo, passar maquiagem e passar minha roupa. — Solucei. — E... e... — Comecei a chorar de novo. — O novato está na nossa classe de Biologia. Aquele de quem eu gostei bastante, lá na festa. Ele me viu feia e desarrumada e ouviu o bilhete e tudo mais. Ele nunca mais vai querer falar comigo de novo.

Mandy bateu na porta.

— Você vai ficar aí o dia todo?

— Talvez. Pelo menos, assim ninguém vai me ver. — Assoei o nariz outra vez. — Ah, o que é isso... Você não pode estar tão ruim assim. Eu abri a porta e saí.

Mandy arregalou os olhos e riu.

— Caramba! Você está péssima mesmo...

— Obrigada — falei, sarcástica.

— Mas nada que um pouco de maquiagem e uma escova não resolvam. — Mandy enfiou a mão na bolsa e pegou uma escova.

— Talvez você tenha razão. — Olhei para o espelho. — Ou talvez não. Mandy riu.

— Você vai ficar bem. Eu só preciso usar minha mágica em você. — Você quer dizer um milagre.

Depois de aplicar um pouco de maquiagem e arrumar meu cabelo, eu parecia e me sentia um pouco melhor. Com sorte, conseguiria atravessar o restante do dia sem encontrar o rapaz sem nome que eu não tirava da cabeça. Depois do vexame na sala de aula, eu nunca mais aguentaria olhar para ele. Se ele estivesse em outra das minhas classes, eu iria simplesmente morrer de vergonha.

Consegui chegar ao fim do dia mais ou menos em paz. Graças aos céus, não tive de lidar com Val e suas comparsas outra vez. Uma já fora mais que suficiente. Acho que eu nunca vou ser capaz de entender por que alguém pode achar tão divertido magoar outra pessoa.

Como Mandy e eu fazíamos ginástica, que substituía educação física, nós saíamos da escola uma hora mais cedo que os outros. Nosso técnico

assinava um formulário confirmando que fazíamos determinado número de horas a cada semestre. Sair mais cedo era, definitivamente, um dos pontos positivos. Para mim, a escola nunca foi uma experiência divertida. Eu não me encaixava em nenhum grupo, e isso era um problemão, ao menos na minha escola.

Mandy esperava por mim junto ao meu armário. — Olá! Como foi o resto do seu dia? Você parece melhor. — Pela expressão dela,

Mandy estava torcendo pela minha resposta afirmativa. Eu abri a combinação do meu armário e enfiei os livros de que não iria precisar lá dentro.

— Bem, eu consegui evitar Val e... você sabe quem. Ela sorriu.

— Não, quem?

— Ah, deixe para lá! Vamos embora.

Seguimos pelo corredor e saímos para o estacionamento. — Minha casa ou a sua? — perguntei, olhando para trás. — Tanto faz. A minha, acho.

— Certo, encontro você lá.

Nós geralmente íamos para a academia juntas, já que morávamos perto uma da outra e a academia ficava na cidade vizinha.

Enquanto ia para meu carro, pensei ter visto de relance um rapaz muito parecido com meu paquera anônimo. Encolhi-me só de pensar.

Ah, céus, é ele mesmo!

Comecei a andar mais rápido. De jeito nenhum eu poderia encará-lo agora. — Ei, Faísca! Espere! — ele gritou.

Droga! Meu coração disparou e eu acelerei o passo ainda mais. Fingindo não ouvir, fui direto para o meu carro, sem olhar para trás. Desativei o alarme e entrei. Em questão de segundos, eu já estava arrancando do estacionamento como o diabo fugindo da cruz.

Cheguei quase ao mesmo tempo que Mandy, dei ré e estacionei na calçada em frente à casa dela. Era a vez de ela dirigir, por isso me sentei no banco do passageiro.

— O que aconteceu? Você está meio alterada.

Suspirei.

— Eu quase atropeliei o novato.

— Você diz, de verdade?

— Não, dããã! Quando eu estava indo para o carro, eu o vi. Tentei me apressar para que ele não me visse. Mas ele me viu e me chamou.

— E o que aconteceu? — indagou ela, a voz cheia de empolgação. — Nada! Eu fingi que não escutei e saí de lá correndo. — Sua covarde! Não acredito que você fez isso. Ele queria falar com você, e você

fugiu?!

— Depois do que aconteceu na aula hoje, claro que fugi! — Tenho certeza de que não foi tão ruim assim. Eu bati as mãos nas coxas, indignada.

— Ah, é? A sala toda riu de mim!

— Mas ele estava rindo?

— Eu não olhei para ele. — Parei, baixando a voz. — Não consegui. — Eu acho que ele gosta de você, Cheyenne. Duvido de que ele fosse deixar o que um

grupo de garotas fúteis e maldosas diz de você afetar a opinião dele. E se ele deixar, então é um cretino e você merece coisa melhor. E pronto.

Eu sempre podia contar com Mandy para colocar as coisas na devida perspectiva. Quando chegamos à academia, vestimos nossos *collants* e nos deitamos nos colchonetes

enquanto esperávamos o restante do pessoal chegar. Eu sempre me sentia a salvo na academia. Nunca precisava me preocupar em me encaixar ou ser alguém que não era.

— Estou tão cansada... — Deitei-me de costas e abri os braços. — Por quê? Você chegou em casa às onze. E não ficou no Facebook nem no MySpace,

porque eu olhei.

— Não, mas não consegui dormir. — Eu não queria nem pensar no sonho. Nosso treinador, Larry, gritou, do outro lado da academia: — Certo, meninas, está na hora de começar!

Todas nos levantamos depressa. Mandy liderou o aquecimento. Nosso primeiro equipamento seria a trave. Não era o meu favorito para iniciar. Nós

tínhamos nossa coreografia padrão, e tínhamos de completar três delas em seguida, sem cair, ou dez. Desnecessário dizer que três sem cair era o resultado preferido.

Mandy e eu nos aproximamos de nossa trave favorita. — Você primeiro — falei.

Mandy terminou apenas com um pequeno desequilíbrio. Eu respirei fundo e subi. Um desequilíbrio grande, mas não caí. Até aí, tudo bem. Talvez hoje não fosse ser um dia totalmente ruim, afinal.

Mandy foi outra vez: perfeita, nem um escorregão. Eu fiz uma perfeita também. Estávamos embaladas.

— Vai lá, Mandy! Você consegue, só mais uma! — encorajei. Ela subiu e fez seu primeiro *flip-flop* sem problemas. No avião, escorregou e teve um desequilíbrio forte, agitando os braços como um pássaro gigante. Mas não caiu. O resto da coreografia foi executado com perfeição.

— Aí! Terminou, sortuda!

— Certo, Cheyenne, sua vez agora!

Assim que subi na trave, senti um cheiro conhecido: canela, algo picante e um traço de amêndoas. Olhei ao redor, sem saber o que ou quem eu esperava encontrar depois de tudo que havia acontecido recentemente. Até onde eu podia perceber, não existia nenhuma ameaça ali. Balancei a cabeça para me livrar da sensação e prossegui.

— Vamos, Cheyenne, você consegue!

Concentrei-me no meu salto seguinte, quase sem ouvir Mandy. Outra lufada daquele cheiro passou por mim, e por um momento, perdi a concentração, o que causou um desequilíbrio pequeno. Respirei fundo e tentei manter o foco no exercício.

— Deixe para lá, você está indo bem — Mandy me animou. Eu sabia que, se fosse cair, provavelmente seria nessa parte da coreografia. Inspirei, enviando a mim mesma pensamentos positivos. Salto de costas, grupada, abertura. Tudo perfeito. Relaxei, acreditando que dali para a frente tudo ficava mais fácil. Algumas poses, minha série de saltos e o desmonte. Sem problemas.

Ao fazer minha última pose antes de me preparar para os saltos, tive um

relance de algo que me distraiu o suficiente para que eu entrasse nos saltos de mau jeito. Fiz meu primeiro, um dos meus pés escorregou e eu caí montada na trave. Dali, fui para o chão; caí de costas, olhando para as luzes do teto, sem ar. Por um instante, não consegui respirar.

Mandy foi para perto de mim, os olhos cheios da comiseração que apenas outra ginasta poderia compreender de verdade.

— Você está bem? — Ela estendeu a mão para me ajudar a ficar de pé. Eu dispensei a mão. De jeito nenhum eu aguentaria me sentar. Era como se alguém

tivesse usado meu peito de trampolim. E a parte de dentro da minha coxa ardia e latejava. Larry olhou por cima da trave.

— Parece que isso aí doeu mesmo.

Ah, você acha?

Ele deu a volta no aparelho.

— Você acha que vai sobreviver?

Eu assenti. Assim que tive ar suficiente para isso, me sentei. Um hematoma enorme já começara a se formar na minha coxa. Aquilo iria doer por alguns dias ainda.

Quando me levantei, lembrei-me da razão pela qual havia caído. Virei-me na direção da área onde às vezes os pais assistiam aos seus filhos. Meu olhar foi diretamente para a fonte da minha distração.

Meu coração disparou e eu fiquei tonta, nauseada. *Isso não pode estar acontecendo.*

Capítulo VI

Encontros de grau assustador

O que *ele* estava fazendo ali? Minha humilhação total na aula de Biologia não fora suficiente? Será que ele fazia parte do esquema de Val desde o começo? Como eu podia acreditar que alguém como ele estivesse sinceramente interessado em alguém como eu?

Nossos olhares se cruzaram, conectando-se de uma maneira que me fez sentir nua e vulnerável. Um calor se espalhou pelo meu corpo, me queimando de dentro para fora. Todo o controle que eu possuía se evaporou.

— O que ele está fazendo aqui? — Mandy cochichou no meu ouvido. — Hum?

— O garoto por quem você está caidinha, aquele que você está encarando de boca aberta. O que é que ele faz aqui?

Eu me desembaracei do olhar dele e dei-lhe as costas. — Val deve tê-lo mandado para cá — rosnei.

O rosto de Mandy demonstrava sua incompreensão. — Val? E o que ela tem a ver com isso?

— Eu tenho a sensação de que é tudo uma armação. Você não acha estranho que ele tenha se interessado por mim tão depressa? Ele estava com Val na festa. E agora está aqui. Como se estivesse me seguindo. — Olhei para trás, para o local onde ele continuava me encarando com uma expressão de confusão no rosto bonito até demais.

— Não sei não, Cheyenne. Acho que não era fingimento dele. Mas é meio estranho ele estar aqui... a menos que tenha nos seguido, ou algo do tipo. — Mandy olhou para a arquibancada. — Ele parece chateado.

E parecia mesmo. Mas havia muitas informações conflitantes. Sem mencionar algo ou alguém brincando comigo. E aquele garoto parecia sempre estar no mesmo lugar quando as coisas estranhas aconteciam.

— Certo, meninas, de volta para a trave — ordenou Larry. — E Cheyenne, é bom limpar o sangue da sua perna.

Só então eu reparei que o sangue escorria do lugar em que a pele da

minha coxa havia ralado na trave. Droga! Para chegar ao banheiro, eu tinha de passar pela arquibancada... e por ele.

Sem outra opção, contornei os aparelhos e passei pela área do público em disparada. Mantive minha cabeça voltada diretamente para a frente e cheguei até o banheiro sem nenhum confronto indesejado. Sabendo que meu treinador esperava por mim, peguei uma toalha de papel e a umedeci, saindo apressada de volta.

E topei de frente com a pessoa que estava tentando evitar. — Olá, Faísca. Por que você parece estar sempre esbarrando em mim? E sempre na saída do banheiro? — Os lábios dele se ergueram em um sorriso sensual que me deixou de pernas bambas.

A proximidade daquele rapaz me perturbava de várias maneiras, e eu ficava emudecida como uma pateta.

— Isso não é felicidade em me ver. O que aconteceu? — Os olhos azuis prendiam os meus.

— Você está me seguindo?

— Eu nem sabia que você frequentava esta academia, nem mesmo que você era ginasta. Minha irmã caçula tem aulas aqui, e eu a trouxe. — Ele piscou e abriu um sorriso. — Convencida.

Senti o sangue subir para meu rosto e pescoço. Será que não havia algum buraco onde eu pudesse me esconder?

Larry esticou o pescoço me procurando e nos viu. — Cheyenne, vamos lá! Você tem trabalho a fazer. — Ele gesticulou para a academia e

deu um olhar de censura para meu paquera anônimo. — Agora! — Eu preciso ir. — Virei-me para seguir Larry antes que pudesse arranjar mais problemas.

— Faísca — ele chamou, enquanto eu me afastava. Eu me virei para ele.

— O quê?

— Ryan. Meu nome é Ryan.

Então ele tinha um nome.

— Tchau... Ryan — murmurei.

Larry esperava por mim logo na entrada da academia. — Quem é aquele

rapaz? E que negócio é esse de Faísca? — inquiriu ele com seu jeitão

de pai substituto, a expressão cheia de censura. — Ninguém, e não é nada.

Ele olhou para mim por cima dos óculos.

— Sei.

Como se eu fosse contar a ele sobre Ryan! Ele nunca me deixaria em paz; seria suicídio da minha parte. A última atleta que cometera o erro de contar a Larry sobre seu namorado ainda se arrependia disso. E se havia algo de que eu não precisava era de mais arrependimentos.

Resisti ao impulso de olhar para trás para conferir se Ryan ainda estava na academia, mas eu sabia que ele estava por perto. A estranha conexão que partilhávamos zumbia dentro de mim como pequenos choques de estática. Sem contar as ocasionais lufadas daquele cheiro dele, inconfundível, passando por mim.

Foi quando um súbito vazio me abalou, expulsando o ar de meus pulmões. Senti que ele havia partido. Quando passamos para as paralelas, não pude evitar olhar.

Ele tinha mesmo ido embora.

Aliviada e desapontada ao mesmo tempo, imaginei como um sujeito que eu mal conhecia podia ter tal efeito sobre mim. Não fazia sentido. Eu não tinha tempo para garotos e toda aquela bobagem relacionada a eles. Recusava-me a mudar de estilo e me tornar uma daquelas garotas cheias de risinhos, jogadas de cabelo e loucas por meninos. Argh! Mais complicações era algo desnecessário em minha vida já complicada.

— Coloquem seus acessórios, meninas. Vamos lá, temos muito trabalho pela frente — avisou Larry.

Eu fechei meu armário e fiz uma careta.

— Droga, esqueci minhas munhequeiras! Minha mãe colocou para lavar ontem e eu deixei em cima da secadora...

— Aqui. — Mandy me jogou um par. — Vai ficar me devendo. — Eu sei, eu sei...

As paralelas foram um desafio. Ou eu caía durante as acrobacias, ou não conseguia me segurar nas passagens. Ninguém mais estava com o mesmo

problema, então não era culpa de barras escorregadias ou coisa assim. Era minha concentração que estava prejudicada.

Desde que Ryan partira, o vazio inicial havia sido substituído por uma sensação ruim que contraía meu estômago. Enquanto minha coreografia padrão prosseguia, eu ficava cada vez mais desconfortável. Minha nuca se arrepiou e um calafrio percorreu minha espinha.

Algo, ou alguma coisa, me observava.

Quem era, ou o quê, eu não tinha ideia. Não consegui me concentrar em minha tarefa; toda a minha atenção estava voltada para a ameaça que rondava.

— Tendo um dia ruim, Cheyenne? — Mandy balançou a cabeça, incrédula. — Eu não vejo você assim sem foco há um bom tempo. Aquele menino está deixando você maluca.

— Acho que se pode dizer que eu estava distraída. Olhei ao redor, e Mandy riu.

— Ele já foi embora, faz uma meia hora.

— Eu não estava procurando por ele. E ele tem nome: Ryan. — Sem eu querer, minha voz suavizou-se ao dizer o nome dele.

— Se você não estava procurando por *Ryan*, então por quem era? — Ninguém.

— Senhoritas, se tiverem terminado sua conversa, acham que podem voltar para as paralelas? — Larry estava apoiando o queixo na mão, o que nunca era um bom sinal.

Como era minha vez, estiquei os braços e girei na barra mais baixa. No meio de uma volta, minhas empunhaduras se soltaram e eu escorreguei para fora da barra.

Voltando-me para Mandy, falei:

— Vá em frente. Eu preciso de mais magnésio.

Fui até o balde, soltei minhas empunhaduras e esfreguei magnésio nelas. Quando joguei o resto de volta, percebi que havia palavras traçadas no pó branco.

VOCÊ É MINHA

Ah, meu Deus! Aquilo era para mim?

De repente, o cheiro enjoativo de amêndoas me cercou, e eu olhei para trás. Como que em câmera lenta, vi Mandy se esticar para passar à barra superior. Assim que

as mãos dela se fecharam em torno da barra, esta se quebrou, partindo os cabos que a sustentavam e desabando com todo o equipamento por cima dela.

Incapaz de fazer qualquer coisa por causa da rapidez com que tudo aconteceu, eu fiquei ali, em choque, com uma risada sinistra ecoando à minha volta.

Mandy gritou quando uma parte da barra atingiu sua cabeça e outra esmagou sua coxa. Senti a adrenalina me invadir. Corri até minha amiga e me ajoelhei ao lado dela. Larry e

algumas das meninas ajudaram a retirar o equipamento de cima dela. — Mandy, você está bem? — Os olhos dela estavam fechados, a respiração estava fraca.

— Abra os olhos — pedi.

Sem resposta.

Larry se ajoelhou do outro lado de Mandy. Eu prendi o fôlego ao vê-lo checando os sinais vitais dela. As pálpebras de Mandy piscaram e se abriram. Ela começou a se levantar, mas Larry a impediu.

— Não se mova — ele ordenou. — Precisamos nos certificar de que você está bem. — Estou bem.

— Eu decido isso. — Larry terminou de conferir os sinais vitais de Mandy, verificou se suas pupilas não estavam dilatadas e se havia alguma fratura ou distensão. — Acho que por hoje chega para você. Vou chamar sua mãe para vir buscá-la.

— Eu posso levá-la. Nós viemos juntas. Além do mais, meu carro está na casa dela, mesmo — interrompi.

Larry parou e me olhou por um instante.

— Certo, mas é melhor que amanhã você venha preparada para trabalhar. Não gostei do que vi hoje. A próxima temporada não vai ser como a do ano passado; você vai ter de se esforçar de verdade.

Suspirei.

Tudo bem.

Depois de vestir minha calça de moletom e minha blusa por cima do *collant*, deslizei os braços para dentro das mangas e tirei a parte de cima do *collant*, enrolando-o na cintura e tornando a vestir a blusa. *Collants são desconfortáveis demais. Ajudei Mandy a se levantar* e juntamos nossas coisas para partir.

— Não entendo. Esses cabos eram novinhos, e as barras estavam ótimas ainda ontem — comentou Larry, examinando a confusão de barras e cabos espalhados pelo chão.

Isso é porque não foi um acidente.

Ao sairmos da academia, o riso sinistro nos seguiu, lembrando-me do perigo à espreita e de como ele poderia ter ferido Mandy seriamente ou mesmo acabado com a sua vida. Aquele “acidente” fora planejado para mim, não para ela.

As apostas estavam subindo, e eu tinha de fazer alguma coisa. O quê, eu ainda não sabia. Eu não deveria ser uma caçadora do... mal? A entidade que me seguia por aí era, definitivamente, malévola. Eu nem precisava de minhas habilidades especiais para perceber isso, embora ninguém mais parecesse notar além de mim.

Por que eu não sabia o que fazer? Talvez os anciões estivessem enganados e eu não fosse uma *Vânător de verdade*. *Eu nem mesmo conseguia proteger minha melhor amiga!*

Eu já não podia mais fingir que nada havia mudado. Nada de enterrar minha cabeça na areia, torcendo para que minha nova vida não colidisse com a antiga. Meu destino fora selado havia muito tempo, gostasse eu disso ou não.

Minhas duas maiores preocupações eram tirar boas notas, para conseguir entrar em uma boa faculdade, e dar o melhor de mim na academia, para chegar ao campeonato nacional e talvez conseguir uma bolsa de estudos. Agora eu tinha de lidar com assuntos de vida ou morte. Isso colocava as coisas em perspectiva; mas era uma perspectiva com a qual eu não deveria ter de lidar até ser muito mais velha. Lá se ia a ideia de aproveitar minha juventude. A vida para mim nunca mais seria a mesma, e essa era uma realidade que eu tinha de aceitar.

— Dê-me suas chaves. — Estendi a mão para Mandy. — Eu estou bem, posso dirigir.

— Não, eu dirijo. Você tem um belo galo na cabeça. Ela revirou os olhos e entregou as chaves.

— Você é tão chata...

— Eu sei, e é por isso que você me ama.

Depois de ajudar Mandy a entrar no carro e guardar suas coisas, dei a volta para o lado do motorista. E então, uma presença sufocante me envolveu. Antes que eu pudesse reagir, fui derrubada ao chão, com o rosto forçado contra o asfalto.

— Eu disse que podia ter você quando eu quisesse. Pena que sua amiguinha atrapalhou — a voz masculina rosnou.

Ele enfiou o polegar embaixo do *collant*, puxou minha calça para baixo e desnudou a parte de cima do meu traseiro. Com a adrenalina agora pulsando em minhas veias, lutei freneticamente para me soltar. As intenções desconhecidas do meu agressor me deixaram em pânico.

Entre minhas costas e o lado direito do meu quadril, dois objetos afiados mergulharam em minha carne, irradiando dor por toda a área. E então algo quente e úmido deslizou sobre minha pele.

De repente a entidade desapareceu, deixando-me trêmula e apavorada. — Cheyenne, o que você está fazendo? — A voz abafada de Mandy veio de dentro do

carro, jogando-me de volta à realidade.

Eu me levantei, ajeitei minhas roupas e, com a mão ainda tremendo, abri a porta. — Eu deixei as chaves cair aqui embaixo e não estava conseguindo achá-las —

respondi, tentando ocultar a fraqueza em minha voz. — E ainda acha que é melhor *você dirigir? Você nem consegue segurar as chaves!* Ou proteger uma amiga. Ou ser a “caçadora” que eu deveria ser. — Que nada... — resmunguei.

Fiz uma careta sem querer ao me sentar ao volante. A área acima da minha nádega direita ainda estava dolorida.

— Que cara é essa? Nem foi em você que as barras caíram... Deixe-me adivinhar: você está tão compadecida que compartilha a minha dor?

— Ah-ah-ah. Eu ainda estou dolorida de ter montado na trave, obrigada

por se lembrar. Liguei o rádio, esperando que isso terminasse com a conversa por algum tempo. Depois

de tudo o que acontecera, eu precisava pensar.

Uma coisa me incomodava bastante, além do óbvio. Ryan estava sempre aparecendo nos lugares onde as coisas estranhas aconteciam. Seria uma coincidência, ou ele tinha mais relação com os fatos do que eu queria acreditar?

Sempre que eu estava junto dele, sentia uma ligação poderosa, inexplicável, mas não de perigo. Não era nada parecido com as sensações horrorosas que eu tivera quando estava sendo atacada. Se essa coisa realmente tinha tanto poder quanto dizia, será que conseguia ligar e desligar emoções, confundindo minha habilidade de perceber o que era ou não do mal?

E se ele não tinha nada a ver com o mal que me cercava, qual seria a conexão dele com Val? Era óbvio que Ryan a conhecia e às suas comparsas. Eu sempre tinha ouvido, e acreditava, que se algo parece bom demais para ser verdade, provavelmente não é. Mas eu queria muito acreditar que Ryan era real e tão bom quanto parecia ser.

— Como está sua cabeça? — indaguei.

— Doendo. E o galo está latejando.

— Posso imaginar.

Minha cabeça latejava também, mas por outro motivo. Assim que chegamos à casa de Mandy, eu fui embora. Mal podia esperar para chegar em casa e deixar aquele dia horrível para trás. Um longo banho de imersão seria perfeito para isso.

Estacionei na garagem lotada. Droga... meu momento diva teria de esperar. A casa inteira estava mergulhada no silêncio, o que me deixou ressabiada. Onde estaria

todo mundo? Larguei minha mochila e a sacola da academia no pé da escada. Ouvi vozes abafadas vindo do escritório de papai. Encostei-me atrás da porta fechada e coleí o ouvido a ela. A porta se escancarou e eu entrei aos tropeços na sala.

— Você chegou cedo — comentou papai, estranhando o fato. Dois dos anciões do *clică*, Amarande e uma mulher que eu nunca tinha visto estavam

do

outro lado da sala, me observando.

— Mandy sofreu um acidente e eu a levei para casa. Mamãe surgiu ao lado de papai.

— Ela está bem?

— Sim, ela vai ficar bem. As paralelas despencaram em cima dela. — Eu arregalei os olhos de leve, sinalizando para meus pais, em silêncio, de que havia mais a ser dito e tentando, ao mesmo tempo, não despertar as suspeitas dos anciões. — Ela acabou com um galo na cabeça e vai ficar com alguns hematomas, mas está bem.

Mamãe fechou a cara, mas não disse nada. Papai nem reparou no meu gesto. Sem saber em quem confiar, decidi sentir meus arredores para me certificar de que o que

estava me seguindo não havia me acompanhado até ali. Nem minha casa estava fora de alcance. A casa da gente deveria ser um refúgio, um lugar reconfortante e familiar, não um lugar onde o perigo pode se infiltrar quando quiser. Mas depois do último encontro com o *clică*, eu sabia que não era bem assim. Como a criatura se gabara, ele podia me alcançar em qualquer lugar, a qualquer momento.

Estremeci e respirei fundo. A lembrança daquela coisa nojenta lambendo minha pele passou pela minha mente. Eu queria me lavar e apagar aquele toque do meu corpo, me esfregando até sangrar, não ficar ali imaginando o que os anciões estavam preparando para mim. Aquela reunião não poderia resultar em nada de bom.

Amarande e a mulher se aproximaram. Eu o saudei formalmente e demonstrei o mesmo respeito com a desconhecida. Eles responderam com uma reverência. Por que não podíamos simplesmente dar um aperto de mãos? Eu me sentia ridícula fazendo reverências como se fosse parte da realeza.

— Boa noite, Cheyenne. Acredito que tudo esteja bem com você, não?
— Amarande inclinou a cabeça de lado, aguardando minha resposta. Assenti.
— Bom. — Ele fez um gesto indicando a outra convidada e a apresentou. — Esta é Nicoleta. Ela está aqui para ajudá-la. Mais especificamente, para ser sua mentora.

— Mentora? — indaguei, querendo confirmação de que havia ouvido

corretamente. — Sim. Nicoleta orientou nossa última *Vânător*, e vai ser de grande ajuda para você.

Ouçã e aprenda; ela sabe do que está falando. Os ensinamentos dela podem ser a diferença entre uma vida curta ou longa para você — informou Amarande, sem nenhuma inflexão na voz.

Como ele podia dizer tal coisa como se fosse uma informação como outra qualquer? Era da minha vida que ele estava falando!

Eu engasguei sozinha e comecei a tossir. Papai deu um tapinha nas minhas costas, o que não ajudou em nada. Eu me afastei e levantei a mão, sem saber se aguentaria outro tapinha daqueles. Às vezes meu pai não tinha noção da própria força.

Nicoleta se voltou para Amarande e lhe deu um olhar cheio de censura. — Um pouco de delicadeza, por favor.

Por um instante, o rosto dele foi tomado pela confusão. Depois de olhar para mim, ele abriu a boca, mas desistiu e tornou a fechá-la. Bom, muito bom. Naquele ponto, eu não precisava de outro discurso sensível.

— Cheyenne, sente-se aqui, querida. — Nicoleta me pegou pelo braço e me levou até o sofá na parede oposta àquela em que todos estavam. — Você deve perdoar Amarande. Ele fala de modo muito franco, sem pensar no efeito que suas palavras podem ter sobre os outros.

O leve sotaque na voz dela acalmou meu pânico incipiente. Ela afagou meu joelho e voltou-se para os outros. — Se vocês não se importam, eu gostaria de conversar com Cheyenne a sós. — A

autoridade na voz dela não lhes deu outra opção. Assim que a porta se fechou, ela se concentrou em mim. Seus longos cabelos loiros

caíam para a frente, envolvendo os ombros em cachos dourados e fazendo um belo contraste com o suéter preto de lã angorá. Ela era linda e tinha uma classe natural. Eu me senti incrivelmente desleixada ao lado dela em meu moletom e chinelos. Tentei imaginar qual seria a idade verdadeira dela. Pela aparência, estava chegando aos quarenta, mas as

profundezas de seus olhos azul-turquesa contavam histórias de uma vida longa e repleta de experiências. O som que sua calça jeans fez quando ela cruzou as pernas me despertou de meus pensamentos. Pisquei, torcendo para que, fosse lá o que ela tivesse dito, não fosse necessária uma resposta.

Ela sorriu.

— Eu sei que você está com medo. Era de se esperar. Você é muito jovem para adquirir tais habilidades. — Ela parou, como se observasse minhas reações. — Posso ver sua marca?

— Marca? Ah... *aquela marca*.

Por que todo mundo achava essa marca tão importante? Está ali. E pelo jeito, é para a vida toda. O que mais havia nela para despertar curiosidade?

— Eu não quero deixá-la com vergonha, mas preciso ver a clareza do desenho. Ela indica para mim o nível dos seus poderes, o quão perto você está de alcançar seu pleno *status de Vânător*.

Fiquei chocada.

— Você pode dizer isso só de olhar para a minha marca? — Sim. Ela vai continuar a se formar, tornando-se cada vez mais detalhada e clara. Que coisa esquisita. Ainda bem que a tatuagem ficava mais para a direita, não exatamente sobre o final das minhas costas e em cima do meu bumbum. Que coisa mais clichê... Mas eu nunca mais poderia usar biquíni. Para ser sincera, eu provavelmente nunca vestiria um de qualquer maneira. Não se acabasse ficando tão sensível ao sol quanto meus pais.

Nicoleta olhou para mim cheia de expectativa, batucando com os dedos nas pernas. Opa... Esqueci que ela havia pedido para ver a marca.

Eu me virei devagar, ergui a blusa e puxei a calça e o *collant* para baixo. Ela ofegou e tocou minha pele. Eu me encolhi ao toque gelado de seus dedos na área ainda um tanto dolorida. Virei a cabeça, tentando ver o que a deixara tão espantada. Ela estava boquiaberta e continuava a cutucar a área. Eu me encolhi outra vez quando ela chegou a outro ponto dolorido.

— Cheyenne, como você conseguiu essas picadas? Eu olhei para aqueles olhos sérios e parei. Sem saber o que fazer, acabei contando a ela tudo o que acontecera na academia e no estacionamento, exceto pela parte de Ryan aparecendo antes de toda a loucura ocorrer. Por que eu não contei, não sei dizer.

— O que, exatamente, ele disse?

— Ele falou que podia ter a mim quando quisesse... e então ele baixou minha calça e algo afiado entrou na minha pele. — Estremeci.

— Você foi marcada. É o jeito dele de dizer que você pertence a ele. — O quê? Como se ele fosse meu dono, ou algo assim? Aquilo agora era estranho demais para mim. Ninguém pode ser dono de outra pessoa. — Na mente dele, sim. — Ela mordeu o lábio inferior e aproximou-se um pouco mais.

Um colar prateado com um pingente preto e cristalino em forma de gota que estivera escondido em seu decote caiu para a frente, permitindo-me dar uma olhada nele. Nicoleta rapidamente o guardou de volta nas dobras do suéter. — Você é propriedade dele, para que ele faça o que bem desejar.

— Quem, ou o que, é *ele*, afinal? E por que ele acha que é certo sair por aí mordendo pessoas que nem conhece?

— Eu... não tenho muita certeza. Mas com base na informação que você nos deu, fazemos uma ideia.

E pela expressão dela, não era uma boa notícia. Endireitei minhas costas e me preparei para o pior.

— Nós acreditamos que alguns membros do *clică Liliac* estejam por esta área. — O *clică* o quê?

— *Liliac*. Eles se separaram do nosso *clică* vários séculos atrás. Mas mantiveram os costumes antigos e se voltaram para as trevas. Não evoluíram nem se adaptaram como nós. — Ela baixou a voz e seus olhos perderam o foco, como se ela estivesse em transe. Em seu rosto passou uma expressão de desagrado. — O mal apodreceu suas almas.

Nicoleta piscou como se estivesse acordando de um sonho, transformando-se novamente na mulher calma e controlada a quem eu fora apresentada.

— Eles se transformam em morcegos ou outras criaturas aladas. Geralmente isolados e escondidos, eles vivem em cavernas ou lugares do tipo e se alimentam de gado ou humanos locais, a menos que algo os tire de seu habitat natural.

— Algo como o quê?

— Algo como você.

— Espere aí, mamãe e papai não disseram nada sobre vampiros serem capazes de se transformar em morcegos. E por que eu seria um atrativo para eles?

Nicoleta sorriu e balançou a cabeça.

— Nosso *clică* , *Panteră* , não se transforma em morcegos. É um clichê, mas os *Liliacs* acham divertido perpetuar os mitos sobre os vampiros. Nós nos transformávamos em panteras; alguns de nós ainda conseguem fazê-lo. O *clică Liliac* manteve-se separado dos outros para preservar seus costumes antigos, mais ou menos como os Amish fizeram. Eles não evoluíram do mesmo modo que nós; seus hábitos são primitivos. O problema é que o *clică deles está morrendo aos poucos*.

— Certo, e o que isso tudo tem a ver comigo?

— Você é ao mesmo tempo a salvação e a sentença de morte deles. — Não entendo...

Nicoleta estendeu a mão e tocou meu joelho, me interrompendo. — Claro que não. É por isso que estou aqui. Se essa criatura que vem seguindo você é

d o *clică Liliac* , você corre um sério perigo. — Ela apertou meu joelho de leve, e eu não soube se era um gesto de conforto ou ênfase. — Não estou contando isso tudo para assustá-la, e sim para ajudá-la a compreender, para que esteja preparada para se proteger.

Claro. Até o momento eu havia feito um belo trabalho protegendo a mim mesma, sem falar de Mandy. Tenho certeza de que ficar alerta, como se eu já não soubesse sobre o perigo que me rondava, faria uma imensa diferença.

Eu queria chorar de raiva, frustração e medo. Eu queria minha vida de volta. Queria estar anestesiada para o que acontecia ao meu redor. Que minhas únicas preocupações fossem tirar boas notas e chegar ao campeonato nacional, para que pudesse entrar em uma boa faculdade e prosseguir na ginástica. Era nisso que eu devia estar me concentrando, não em algum cretino que se transformava em morcego e pensava ser meu dono. Fechei as mãos em punhos com tanta força que senti as unhas se enfiando nas palmas, acolhendo a dor como uma distração bem-vinda.

— Você tem a habilidade de sustentar o *clică deles ou forçar sua extinção*. Sabe, você é portadora de um gene de que eles precisam desesperadamente para continuar a sobreviver. A cada quinhentos anos, mais ou menos, nasce uma *Vânător* que possui esse gene específico. E esta, meu bem, é você.

Ela sorria como se a novidade devesse me deixar emocionada. Meu coração disparou e meu estômago deu um nó. — Então, o que você está dizendo? Que eles querem que eu procrie como uma cadela? Nicoleta riu.

— Não, Cheyenne. É o seu sangue que eles querem. Assim que você tiver atingido seu potencial pleno, estará perfeita para ser colhida. Seu sangue é uma joia rara. Mas...

— Mas o quê? — perguntei.

— Quando você atingir todo o seu potencial, também será um imenso perigo para eles. Você é como o baiacu: uma iguaria rara, mas letal se trabalhada da forma errada.

Ela havia me comparado com um peixe? Será que aquilo podia ficar ainda pior...? Deixa para lá.

— O que eu posso fazer a eles que me torna tão letal? Você não me ouviu dizer que fui atacada várias vezes e não pude fazer nada a respeito? Não pude nem ao menos proteger minha melhor amiga.

— Você ainda não atingiu todos os seus poderes. Isso faz uma enorme diferença. Por que acha que eles ainda não a levaram? E não se engane, ele vão tentar levá-la embora antes que você tenha a chance de atacá-los. — Ela apertou os lábios, numa expressão rígida de aviso. — Enquanto isso, eles vão tentar atraí-la até eles, tentarão torná-la uma deles de sua livre e espontânea vontade. Este é o segredo. Se conseguirem isso, serão capazes de controlá-la e utilizar você para o benefício deles.

Eu me endireitei na cadeira.

— Mas como? O que você quer dizer?

— Para que eles possam aproveitar todo o seu poder, você deverá ir até eles por sua própria vontade. Eles vão tentar persuadi-la a juntar-se a eles. Se isso não funcionar, então eles vão, sim, levá-la à força.

Bem, eles não tinham nada que eu quisesse, então não havia nenhuma chance de eu ir até eles por conta própria. De jeito nenhum. Nada que eles pudessem dizer ou fazer me convenceria.

— E por que eles querem a mim, para começo de conversa? Meu tal poder? — Eles são malévolos, Cheyenne. Mas acho que não preciso lhe dizer isso. Acredito que

você seja mais do que capaz de perceber isso sozinha. É isso que a torna

tão perigosa para eles. Os *Liliacs* sobreviveram por terem se mantido reclusos, fora do nosso radar. Passamos séculos tentando destruir este clică . Nossa última *Vânător* quase conseguiu, até que... — A voz de Nicoleta foi sumindo, enquanto ela baixava a cabeça.

Eu me recusei a perguntar o que havia acontecido. Iria descobrir, mais cedo ou mais tarde. Eu preferia que fosse mais tarde, mas não achava provável. Sem dúvida, era algo saído diretamente de um filme de terror. E logo eu seria a estrela do *remake* , tivesse ou não assinado o contrato.

Nicoleta levantou a cabeça e olhou para mim, os olhos brilhando com as lágrimas contidas.

— Ela era como uma filha para mim. Ainda sinto sua falta. — Ela segurou o suéter acima do coração.

— Eu lamento muito.

O que mais eu poderia dizer? Nunca fui muito boa em situações desconfortáveis. E a morte nunca fora um assunto fácil. Mas algo me dizia que eu teria muito mais contato com esse assunto agora.

A tristeza que contraía as feições de Nicoleta desapareceu, substituída pelo comportamento amigável, embora profissional.

— Essa história é para um outro momento. — Ela ficou de pé e andou pela sala. — O fundamental é que você é muito valiosa para os *Liliacs* . Nada irá impedi-los de tentar possuí-la. Você é que não pode permitir que isso aconteça. Por enquanto, você está a salvo.

— A salvo? Eu não acho que ter as paralelas quase desabando sobre mim e ter meu rosto esfregado no asfalto enquanto meu traseiro é mordido seja estar a salvo.

Se isso era o que ela considerava estar protegida, eu não queria saber como era estar em perigo.

— Isso tudo foram apenas avisos, um modo de testar você. Para ver se você era de verdade. Agora que você está com a marca deles, sabemos que eles têm noção do que, exatamente, você é. A captura deixou de ser uma opção. Seu sangue seria utilizado para gerar mais indivíduos da espécie deles, e não podemos permitir que isso aconteça. Minha

missão é ser sua mentora e ajudá-la a compreender as consequências de ser uma *Vânător* . — E se eu não quiser ser uma *Vânător* ? — disparei,

minha paciência já no fim. Nicoleta se sentou a meu lado, muito séria.

— Aí é que está: você não tem escolha. Ao nascer, você foi escolhida para carregar o gene que a torna aquilo que você é. Não pode mudar isso, do mesmo jeito que uma pessoa não pode alterar sua ascendência. O que está feito, está feito. E por causa da sua situação precária, não pode se esconder de suas obrigações. Isso colocaria você, sua família, seus amigos e seu *clică em perigo*.

Cerrei os dentes até sentir o maxilar doer. A injustiça da situação me matava. A última parte da minha vida anterior tinha acabado de ser arrancada de mim em um único golpe. Fechei os olhos com força; meu único desejo era fugir, fosse para outro lugar ou para outra época. Queria acordar e ver tudo de volta ao normal.

A imagem de Ryan se infiltrou em meu mundo sombrio. Abri os olhos e ele desapareceu. Tornei a fechá-los, querendo ver de novo seus lindos olhos azuis e me perder só por mais um instante; nada. Quando abri os olhos de novo, dei de frente com Nicoleta, que parecia bem confusa.

— O que acaba de acontecer? — ela questionou. Imaginei que ela me acharia maluca se eu contasse o que tinha visto, por isso balancei a cabeça.

— Nada.

— Cheyenne, é muito importante que você não tenha segredos comigo. Preciso saber tudo o que acontece, para que possa orientá-la da melhor maneira. Existe algo que eu preciso saber. Você já sentiu sede de sangue?

Eu franzi a testa, sem entender.

— Seus pais não explicaram a sede de sangue?

Ela balançou a cabeça como se fosse ter uma conversa séria com meus pais mais tarde sobre aquela falha na minha educação.

Eu encolhi os ombros.

— Acho que não. Eles mencionaram *fissura* por sangue, mas não falaram nada sobre a sede. Qual a diferença?

— A fissura é a reação do seu corpo ao passar um período longo demais sem o suplemento de sangue. Alguns vampiros enlouquecem e ferem ou matam humanos em reação a uma necessidade profunda, animal, que deve ser

atendida de imediato. A sede é o modo de o seu corpo avisar que precisa de suplementos. É como quando você sente fome, a necessidade de se alimentar. O nosso corpo requer mais do que apenas comida, como você já sabe. Quando você sente fome e se alimenta, tudo fica em ordem. É quando você ignora suas necessidades que se mete em problemas.

— O que é esse suplemento, exatamente? Mamãe e papai me disseram que iam me mostrar onde eles guardam, e mamãe me mostrou hoje de manhã, mas eles não falaram muito sobre isso. Muitas coisas estranhas aconteceram de lá para cá. E eles não me contaram o que é a sede, apenas que eu saberia quando meu corpo precisasse.

A ideia de beber sangue me dava engulhos. Como eu iria lidar com essa parte? Tinha nojo só de pensar.

— Acho que seus pais têm muito que conversar com você. E pela sua expressão, creio que você não está muito empolgada com esse detalhe.

— Não, beber o sangue de alguém não me dá água na boca. Para ser sincera, me dá vontade de vomitar, isso sim.

Nicoleta riu.

— E quem disse que você vai ter de *beber sangue*? Pensei naquilo por um instante antes de responder. Meus pais não tinham me contado os

detalhes sobre como eu iria ingerir o sangue necessário para o meu corpo. Apenas mencionaram que vampiros não precisavam mais morder humanos e beber diretamente deles. E que eles suplementavam sua dieta.

Mordi o lábio, sem jeito.

— Ninguém. Eu presumi que seria assim, então nem me dei o trabalho de perguntar. — Meu coração acelerou quando uma coisa horrível me passou pela cabeça. — Eu não vou ter de tomar injeções, vou?

Eu odiava injeções quase tanto quanto detestava lugares fechados. Enfiar uma agulha no meu corpo não seria o ideal para mim. Da última vez que tomei as vacinas exigidas pela escola, quase desmaiei.

Ela riu de novo. Bem, pelo menos eu estava alegrando a vida de alguém. A minha, com certeza, não estava tão divertida no momento.

— Não, não. A maioria de nós toma suplementos na forma de comprimidos, como se fosse uma vitamina. Devo admitir que não é, nem de longe, tão satisfatório quanto tomar de um ser humano, mas funciona. E

impede que os humanos fiquem curiosos quanto aos nossos hábitos alimentares.

Arregalei os olhos.

— Você já bebeu sangue de um humano? Tipo, usando suas presas? — Estou viva há muito tempo.

Percebi, pela expressão inamistosa de seu rosto, que ela não iria estender sua resposta. Provavelmente, era melhor assim. Não que isso fosse influenciar minha opinião a respeito da minha mentora. *Claro que não.*

— Então, tudo o que tenho de fazer é engolir algumas pílulas de manhã junto com minha vitamina C, e pronto? — perguntei, esperançosa.

— Na maior parte das vezes, sim. Se você for ferida com gravidade e perder muito sangue, ou se contrair alguma doença séria, os comprimidos não serão suficientes.

— Eu pensei que nós nos curássemos muito rápido e não ficássemos doentes... Comecei a perceber que eu não sabia nem metade do que deveria saber sobre esse

negócio de ser vampira. Mamãe e papai tinham feito parecer que era simples, nada muito especial. Eu mal podia esperar para ter uma conversinha com eles. Odeio quando me tratam como criança e não me contam tudo o que preciso saber. Eles agem como se eu fosse jovem demais para entender ou lidar com as coisas. Por outro lado, pensando em minhas reações mais recentes, acho que eu não podia culpá-los por isso. Eu não tinha recebido bem as novidades. E eles só estavam tentando me proteger ao ir aos poucos e não enfiar um monte de informações pela minha goela abaixo, tudo de uma vez.

— E isso é verdade, quase sempre. Entretanto, nem mesmo o nosso corpo podem se regenerar bastante rápido se perdermos muito sangue. Claro, nós nos curamos a uma velocidade chocante em comparação aos humanos, mas ainda precisamos de tempo para reparar os danos por completo. Algumas vezes, não temos tempo suficiente para parar o sangramento.

Ela fez uma pausa e mordeu o lábio, suas unhas perfeitamente manicuradas e pintadas de vermelho tamborilando em silêncio na perna.

— E há algumas doenças às quais não somos imunes e que são quase sempre fatais se contraídas: AIDS, hepatite C, malária, sarampo, doença de

Lyme, sífilis e tuberculose.

Fui repassando a lista de doenças em minha mente. Para algumas delas, eu já tinha sido imunizada. As outras, eu não tinha muito com que me

preocupar. Eu não planejava ir para a África tão cedo, nem para algum bosque cheio de carrapatos. Não tinha passado por nenhuma transfusão de sangue nem compartilhado agulhas infectadas. E o outro modo de pegar AIDS... Bem, eu também não precisava me preocupar com isso; o que eliminava sífilis da lista ao mesmo tempo.

— Você não estava pensando que vampiros vivem para sempre, não é? Existe, sim, a possibilidade de morrermos, se os ferimentos forem graves o bastante para isso. Não se engane. Adolescentes já têm a tendência a acreditar que são invencíveis. — Nicoleta me fitou nos olhos. — Essa crença pode acabar com a sua vida bem rápido. Você compreende

o que estou lhe dizendo?

Eu assenti, e ela me soltou.

— Bom. O que vou lhe dizer não é uma novidade bem-vinda, mas é imperativo que você ouça. — Ela fez uma pausa, deixando que o sentido de suas palavras penetrasse em minha mente. — *Vânătores* têm uma expectativa de vida muito menor devido à natureza perigosa de sua existência. É por isso que você deve trabalhar junto comigo, não contra mim. Você também é importante para nosso *clică*. Esperamos um longo tempo por você.

Fiquei remexendo na minha calça, sem querer fazer contato visual com Nicoleta. Eu precisava de um minuto para pensar. Ou para parar de pensar, não sei. Toda aquela situação estava me deixando apavorada.

Ergui as mãos, com as palmas para a frente.

— Então, como é que eu vou aprender a me proteger ou usar esses poderes que supostamente vou ter?

— Muito do que você precisa saber será instintivo. No momento certo, você vai sentir o que deve fazer. Eu vou ajudar a preencher as lacunas e guiá-la, com base na minha experiência.

— E essa coisa de caçar, como é? Eu saio por aí com uma arma para perseguir esse mal do qual estou sempre ouvindo falar?

Ela respirou fundo e soltou o ar devagar.

— Acho que você já sabe que não é isso que vai acontecer. Isto aqui não é *Buffy*, ou *Sobrenatural*. Isto é de verdade, e muito sério. E eu espero que você encare as coisas assim, com seriedade.

Fiquei boquiaberta com a mudança de comportamento. — Vou encontrá-la todo dia depois da academia por uma hora durante as próximas semanas. Você precisa me manter informada de tudo que acontecer. *Qualquer coisa*. — Ela remexeu na bolsa e me entregou um cartão. — O número do meu celular está na frente. Use-o.

Nicoleta se levantou e foi até a porta. Depois de abri-la, virou-se para mim e disse, num tom mais suave:

— Tudo vai dar certo. Nós só precisamos trabalhar juntas. E foi embora. Mas eu fiquei, tentando digerir todas aquelas informações. Agora meus pais esperavam que eu relatasse tintim por tintim o que havíamos conversado, mas eu estava cansada demais para fazer isso. Um banho de imersão bem quente me parecia melhor do que nunca.

Saí do escritório em silêncio, peguei minha mochila e subi as escadas, torcendo para que meus pais não me interpelassem. Mas a voz de mamãe me fez parar.

— Eu não gosto da ideia de uma estranha tomar a frente. Nós somos os pais dela. Podemos ensinar a ela tudo o que ela precisa saber.

— É aí que você se engana. Nós podemos ensinar a ela tudo o que ela precisa saber sobre ser uma vampira, mas sabemos muito pouco sobre suas habilidades especiais e o que se espera dela. Só podemos apoiá-la e ajudá-la enquanto se adapta. Além disso, não é uma opção nossa, e você sabe disso. Não temos escolha — argumentou papai.

— Mas eu não gosto nada disso...

— Eu também não, mas devemos pensar no que é melhor para Cheyenne. — A voz de papai ficou mais intensa. — Não temos os recursos para ensiná-la, e isso colocaria a ela e a o *clicã* em perigo. Tudo o que podemos fazer é estar disponíveis e ajudá-la a passar por tudo isso.

As vozes foram sumindo enquanto eles iam para a sala de estar. Ótimo! Agora meus pais estavam discutindo por causa de mim e daquela estúpida nova

habilidade. Eu odiava deixá-los preocupados daquela maneira e não

poder fazer nada a respeito. Não é que eles não quisessem me ajudar; eles simplesmente não podiam. Eu tinha de confiar na orientação de estranhos.

Continuei a subir as escadas sem olhar para trás. Após deixar minhas coisas no quarto, peguei meu pijama favorito, uma camiseta com um

coelhinho e calça fofa combinando. Assim que entrei no banheiro, liguei a água quente e joguei um pouco de espuma de banho na água. A fragrância deliciosa de baunilha logo encheu o banheiro. Acendi duas velas perfumadas e as coloquei na borda da banheira. Eu tinha colocado a maioria das minhas músicas no meu iPod, mas não queria arriscar que ele caísse na banheira. Meu aparelho de som estava à esquerda, e eu apertei *Play* sem ver qual CD estava lá dentro. A voz rouca do vocalista do Hinder rolou pelo ar. Perfeito.

Meus problemas não já não eram tão ruins, vistos de dentro daquele espaço confortável em que eu me sentia a salvo de olhares curiosos e de gente me dizendo como viver a minha vida.

Tirei a roupa e entrei devagar na água quente. A área esfolada na minha coxa, onde eu havia machucado na trave, ardeu quando tocada pela água. Frente a tudo que acontecera, eu havia me esquecido totalmente do incidente. Quando apoiei as costas na banheira, outra pontada de dor me lembrou das picadas acima da minha marca.

Curiosa, tornei a me levantar. Tirei a espuma das pernas e saí da banheira. O vapor já havia embaçado o espelho, por isso enxuguei um círculo com a mão. Girei o tronco e virei de costas, tentando olhar no espelho, e ofeguei.

Ah, meu Deus! A marca estava desenhada agora em um azul profundo, com um delicado contorno. E as duas feridas feias e inchadas sobre ela formavam um contraste junto à minha pele levemente bronzeada. Esfreguei o dedo sobre a área: o denteado profundo formava algo como a letra “C” invertida.

Que nojo! E aquilo era a marca *dele*, fosse lá o que isso significasse. Franzi o cenho e suspirei. Eu me recusava a pertencer a alguém.

O espelho voltou a ficar embaçado com o vapor, borrando meu reflexo perturbador. Voltei a entrar na água morna e deixei minha mente vagar para pensamentos mais agradáveis, deixando que a música me levasse para outro lugar. Com cuidado para não atingir o lugar dolorido em meu quadril, me inclinei, a espuma sedosa cobrindo meu corpo. Expirando profundamente,

fechei os olhos. A escuridão me envolveu, pacífica e solitária.

Olhos azuis cristalinos se materializaram à minha frente. Mesmo com toda a confusão, meus pensamentos continuavam a voltar para Ryan. Ele, sim, tinha poder sobre mim; não aquela criatura *Liliac que clamava ter me marcado como sua*.

O cheiro de baunilha se intensificou, fazendo com que eu engasgasse. Talvez fosse a minha sensibilidade aguçada surgindo. Abri os olhos e me sentei. Abaixei-me para assoprar e apagar as velas, mas elas se apagaram sozinhas. Mamãe raramente ligava o aquecedor, então não podia ser um vento vindo de lá. E até onde eu sabia, não tínhamos correntes de ar.

Roxie enfiou o focinho sob a porta e ganiu. Esquisito. — O que foi, Roxie?

Ela latiu e cavoucou sob a porta. Seu comportamento estranho me deixou confusa. Ela latiu de novo e arranhou a porta como tinha feito no dia anterior, quando os anciões tinham se reunido no escritório de papai.

— Qual é o problema, hein, lindinha?

Ela latiu ainda mais alto e continuou arranhando a porta, fazendo com que ela chacoalhasse contra o batente. Senti um calafrio percorrer meu corpo.

O vapor subia da água, girando. Senti um peso no peito, dificuldade para respirar. Meu coração disparou, enviando uma onda de adrenalina pelas minhas veias.

Ele estava ali, na minha casa, no meu banheiro! Cobri os seios com os braços, me encolhendo até esconder meu corpo atrás das pernas.

O vapor se moveu na direção do espelho, se alongando até chegar ao formato de um dedo. Palavras começaram a se formar no espelho embaçado, cada letra desenhada com cuidado para ficar legível. Prendi o fôlego, esperando pela mensagem.

Você me pertence!

Gritei e saí da banheira, espalhando água e espuma para todos os lados. Arranquei uma toalha do suporte e me cobri às pressas.

Os latidos de Roxie agora eram frenéticos.

Mamãe e papai bateram na porta.

— Cheyenne? O que foi, filha? Abra a porta!

Minhas mãos tremiam quando tentei girar a chave. Eu não conseguia nem mesmo executar essa tarefa simples. Empurrando e puxando ao mesmo tempo, lutei contra mim mesma. O pânico destruía minha coordenação.

— Mamãe, papai, socorro! Não consigo abrir a porta! — O desespero fez com que minha voz saísse mais aguda.

— Acalme-se e se concentre em girar a chave — instruiu papai, com sua voz mais tranquilizadora.

Eu respirei fundo para me acalmar. Finalmente, consegui girar a chave e escancarei a porta, caindo nos braços de meu pai.

— O que aconteceu, Cheyenne? — Os olhos de mamãe estavam cheios de preocupação. Roxie andou pelo banheiro, com o focinho para cima, farejando e ganindo. Após

examinar o recinto, sentou-se a meu lado e lambeu meu rosto. — Ele estava aqui. Ele escreveu no espelho. Disse que eu pertencço a ele. Olhem! —

Apontei para dentro. — Olhem para o espelho! Papai me deixou e entrou no banheiro, com mamãe logo atrás. De maneira alguma eu voltaria ali agora.

— Estão vendo? — questionei.

Papai virou-se para mim.

— Não há nada ali.

— O quê? Estava logo ali no espelho. Estava lá! Entrei no banheiro de má vontade, com Roxie a meu lado, e olhei para o meu reflexo. O

espelho já não estava embaçado.

E a mensagem havia sumido.

Capítulo VII

Uma grande revelação

— Buu! — berrou Mandy, fazendo-me pular de susto. — Adivinhe só? Tranquei a porta do meu armário e olhei para ela, fingindo irritação. — Desisto. O que foi?

— Brad conhece um rapaz que trabalha na Inner Space. Ele tem uma chave para o portão da garagem dos bondes, na caverna!

O rosto dela irradiava empolgação.

Aquilo não podia dar em nada de bom.

— E...?

— Bem, esse rapaz convidou Brad e alguns amigos para ir até a caverna amanhã à noite. — Mandy mal podia se conter. — E ele me convidou.

— Não acho que seja uma boa ideia.

Na verdade, era uma ideia péssima. Visões de criaturas humanoides tentando agarrar Mandy passaram pela minha cabeça.

— Por quê? Parece bem divertido.

Coloquei minha mochila sobre o ombro esquerdo. — Para começar, não se deve ir à caverna à noite. E se você for pega? Seus pais vão matar você.

Caminhamos pelo corredor até a porta que levava ao estacionamento. Mandy bufou, frustrada.

— O rapaz não teria uma chave se não tivesse permissão para entrar lá. — Ele pode ter a chave, e pode até ter permissão para entrar, mas duvido de que tenha

autorização para levar um monte de gente para a caverna depois do fechamento — tentei argumentar.

Eu não podia deixá-la ir para lá, sabendo dos riscos que correria. E não podia contar tudo e explicar por que ela não deveria ir. Mas conhecendo Mandy, ela iria assim mesmo, não importando o que eu dissesse. Depois que tomava uma decisão, Mandy podia se mostrar bastante teimosa. E ela estava

seriamente interessada em Brad. De jeito nenhum ela perderia uma oportunidade de estar com ele.

— Então creio que você não vai querer ir com a gente, não é? — ela desafiou. Eu parei.

— Como?

— Bem, eu estava planejando convidar você para ir conosco, até você começar sua lição de moral. Brad disse que você também podia vir. Mas acho que você não está interessada, não é?

Ela recomeçou a andar, deixando-me a pensar no que faria. Se eu fosse junto, talvez pudesse cuidar dela. Nicoleta disse que eu não estava em perigo... ainda. E isso me daria a chance de dar uma olhada na caverna e ver se algo tinha mudado, sem uma porção de gente junto comigo.

— Eu vou, sim! — gritei para Mandy, correndo para alcançá-la. Ela parou e voltou-se para mim.

— É mesmo? De repente, está tudo bem se eu for para a caverna à noite? — É que eu não queria que você fosse sozinha.

Era uma desculpa esfarrapada, mas não me veio mais nada à mente naquele momento. — Eu vou com Brad, lembra-se? — Ela revirou os olhos. — Sim, mas você não o conhece tão bem, nem às outras pessoas que vão estar por lá.

Vai ser mais seguro se formos juntas. — Aquilo já fazia um pouco mais de sentido. — Nós o conhecemos desde a quarta série. *Hello-ou* ? — Você sabe o que eu quero dizer. Você não o conhece nesse sentido. — Está bem.

Sáímos e fomos para nossos carros, que estavam em lados opostos do estacionamento. — Encontro você na sua casa — falei.

— Vejo você lá.

Inspira. Expira.

Equilibrada sobre a trave, expirei uma última vez antes de tentar conectar um *flip-flop* para a frente e um giro de quadril, seguidos de um avião. Era minha última chance de provar que eu conseguia. Se não desse certo agora, eu retiraria a combinação da minha coreografia. Como eu adorava esses movimentos, queria a todo custo mantê-los. Talvez eles fossem fazer a diferença a meu favor.

Eu sabia que conseguia executá-los, mas estava com problemas para me concentrar. Com tudo o que estava acontecendo comigo, era cada vez mais difícil manter a mente focada na tarefa à minha frente. E foco é importantíssimo nesse esporte. O talento só pode nos levar até certo ponto.

Inspirei e parti. Quando entrei no *flip-flop*, senti uma energia me envolver, como se estivesse cercada por um balão eletrificado, suspenso no ar. Credo...

Quando voltei a mim, meu corpo já estava retornando para a trave. Lutei para me concentrar antes que caísse de cabeça no aparelho. Meus pés chegaram lá, mas eu me desequilibrei e balancei de um lado para o outro. Como faria um macaco, agarrei-me à trave com os dedos dos pés e consegui salvar a aterrissagem, mas por pouco.

— Minha nossa, essa foi por um triz! Certo, admito, você consegue — disse Larry. — E Cheyenne, gostei de como você lutou. É isso que eu quero ver.

Ele não tinha noção do que eu tinha lutado, ou contra quem eu tinha lutado. Dali para a frente, minha vida seria uma batalha após a outra. Esses pensamentos negativos penetraram minha mente e me deixaram anestesiada para a conquista que eu acabara de realizar. Eu deveria estar saltitante; em vez disso, meu futuro sombrio obscureceu o único ponto positivo do meu dia. Da semana, na verdade.

Minha vida estava uma droga. Eu me sentia como um alvo fácil; não estava segura em lugar nenhum. Era como um ratinho na gaiola, aguardando seu destino. Meu humor foi de mau a pior, fazendo com que eu me esquecesse de vez da alegria na trave, até que um leve choque percorreu minha coluna.

Imediatamente me virei, procurando pela causa. Ryan. Claro.

Sem pensar, fui até ele e exigi:

— O que você está fazendo aqui? Sua irmã está tendo aula de novo? — Minha voz destilava desprezo, e eu não me importava nem um pouco.

Ele ignorou minha rudeza e sorriu.

— Não, ela esqueceu a blusa aqui. — Ele levantou a peça de roupa como prova. — Além disso, era uma boa desculpa para ver você. Estou com a impressão de que você tem me evitado.

— É mesmo? E o que lhe deu essa impressão?

— Olhe, eu gostaria muito de levar você para jantar ou algo assim. Que tal se depois que você acabar aqui nós formos comer comida mexicana? Talvez no Chuy's? — Seu rosto tinha uma expressão esperançosa.

— Não posso. Eu já tenho... planos.

Suspirei. Outra “aula” com Nicoleta. E eu adoro o Chuy's! — Certo... Que tal sábado à noite, então?

Pelo canto do olho, peguei Mandy passando por ali, o que me lembrou da nossa aventura na caverna no sábado.

— Não, vou estar ocupada.

A esperança abandonou o semblante dele, fazendo com que eu me sentisse uma cretina por ser tão grossa.

— Talvez outro dia. E talvez você me conte o que está incomodando você. Ele se virou sem esperar pela minha resposta e saiu da academia. Pois é, agora eu era oficialmente uma imbecil.

Quando cheguei em casa, Nicoleta já estava lá. Sua Mercedes esporte preta estava na *minha vaga*. Até o carro dela exalava classe.

Deixei minhas coisas perto da escada e fui direto para o escritório de papai. Eu conhecia o esquema: outro dia, outra... lição. Eu mal podia esperar para descobrir o que esperava por mim naquele dia. Iúpi!

Quando passei pela porta, mamãe e papai se levantaram em silêncio do sofá e passaram por mim, saindo para nos dar privacidade. Sem dúvida, tínhamos muito a discutir.

— Boa noite, Cheyenne. — Nicoleta indicou o lugar a seu lado, me convidando a sentar. — Você está bem?

— Isso depende da sua definição de “bem”. — Eu abri um sorriso desanimado e me sentei.

— Seus pais me contaram o que aconteceu no banheiro ontem à noite... e sobre a presença que você sentiu durante a reunião com os anciões.

Estremeci, incapaz de conter minha repulsa.

— Sim.

— Posso imaginar como deve ter sido assustador para você. Nicoleta

esticou o braço e colocou a mão sobre o meu joelho em um gesto reconfortante. — Ele esteve na *minha* casa. No *meu* banheiro. Ele não apenas violou minha

privacidade, mas também minha sensação de segurança. E eu sei que ele também estava aqui. — O sangue pulsava com força nas minhas veias e minha respiração estava acelerada. — Como é que ele pode aparecer onde quiser e eu não conseguir fazer nada a respeito?

— Você *pode fazer algo a respeito. Está dentro dos seus poderes, mas é você quem deve* descobrir o que pode fazer.

— Hein?

— Eu não posso dizer a você.

— Você me diz que eu tenho o poder, mas não pode me dizer do que se trata? Isso não faz nenhum sentido!

Que droga! Eu teria de começar a responder charadas agora? Nicoleta suspirou.

— O que eu quero dizer é que você possui a chave, mas eu não sei qual é. Pense nisso como uma senha para entrar no MySpace. Você é a única que deve conhecê-la. Se todo mundo soubesse qual é, ela não seria segura.

Ela sabia da existência do MySpace? Interessante. Olhei para o teto e pensei por um instante.

— Então, eu tenho uma senha secreta que só eu sei qual é, mas terei de descobri-la? — Exatamente.

— Eu não posso inventar uma?

— Não, não pode.

Balancei a cabeça, incrédula.

— Eu vou precisar ler o dicionário até que algo aconteça? Como diabos eu vou saber quando encontrar a palavra certa?

Ela sorriu.

— Não, Cheyenne, você não vai precisar de um dicionário. Não vai servir para nada. É mais como uma frase, não uma só palavra. E você não vai ter dúvida nenhuma quando a combinação correta aparecer.

— Aparecer? Ela vai surgir do nada, digamos, em... um espelho

embaçado? — Eu não resisti, tinha de falar isso.

Nicoleta descansou contra o encosto do sofá.

— Não. O que estou querendo dizer é que você vai descobri-la do nada, sozinha, e não vai fazer ideia do motivo pelo qual disse o que disse. A frase simplesmente vai aparecer na sua mente.

— Certo.

Claro, por que não? Digo, eu sou uma vampira, afinal, sem mencionar uma *Vânător*. Por que eu não podia também ter senhas surgindo espontaneamente na minha cabeça? Faz todo o sentido para mim.

— Sei que parece um pouco inacreditável agora, mas logo vai ser uma segunda pele para você. Nós todos temos de nos ajustar ao que somos e ao nosso lugar no mundo.

Nicoleta deu tapinhas carinhosos no meu joelho com suas unhas impecáveis e brilhantes como rubis.

— Aliás... — Eu me inclinei na direção dela e apoiei as mãos nas pernas. — Por que nos contam tudo logo no nosso aniversário de dezesseis anos? Por que não podemos saber tudo isso desde o início? Acho cruel permitir às crianças que elas acreditem ser humanas quando não são nada disso.

— Você acha cruel? — Nicoleta estreitou os olhos. — Cruel é ver uma família inteira ser assassinada porque uma criança inocente, sem nenhuma noção de certo e errado, deixou escapar que pertence a um *clică* de vampiros. Antes que você perceba, uma caça às bruxas está armada.

Arregalei os olhos, boquiaberta. Que horror! Mas isso nunca aconteceria nos dias de hoje...

— Não se engane pensando que isso não aconteceria nos dias de hoje. As pessoas temem o que não conhecem. É melhor proteger a inocência dos mais jovens e integrá-los à sociedade, permitindo que acreditem que são como todos os outros, até terem idade suficiente para compreender as consequências caso revelem a verdade a um humano, ou a qualquer outra raça.

Outra raça, além de humanos e vampiros? Eu não tinha a menor vontade de saber. — Então pare de sentir pena de si mesma e aceite o que não pode mudar. — As mãos

dela se fecharam em punhos.

Uau! Aquela declaração me atingiu como um balde de água fria. — Todos temos nossa cruz a carregar. — Sua voz tinha um tom triste. Senti vergonha e baixei a cabeça. Algo me dizia que Nicoleta tinha suas próprias histórias tristes para contar.

Quando o silêncio se prolongou, ergui a cabeça para fitá-la. Ela estava com os olhos fixos em mim. E parecia ter ficado daquele jeito o tempo todo.

— Acho que está na hora de lhe contar uma coisa. — Ela me encarou como se estivesse tentando enxergar minha alma, e continuou a me observar até a pausa ficar quase insuportável. Tentei desviar meu corpo do dela. — Eu conheci sua tataravó.

Inconscientemente, voltei meu corpo para o dela outra vez — O quê?

— Sim, eu fui a mentora dela. — Ela olhava para mim como se tentasse me enviar uma mensagem por telepatia.

— Você foi mentora dela? — Mordi meu lábio. — Espere... minha tataravó foi uma *Vânător* como eu?

Ela acenou lentamente com a cabeça.

— Acho que o correto seria dizer que você é uma *Vânător* como sua tataravó. — Mas pensei que ela tivesse morrido de velhice! Nicoleta desviou os olhos, incapaz de me encarar. Eu podia adivinhar o que isso significava.

Vânătores têm uma expectativa de vida mais curta. Ela era como uma filha para mim.

Meus olhos se arregalaram. Minha nossa! Minha tataravó deve ter sido a última, aquela que quase eliminou os *Liliacs*, aquela de quem Nicoleta se recordava quase como uma filha. Olhei para ela; uma lágrima solitária escorria por seu rosto.

— Ela arriscou tudo para salvar nosso *clică* e perdeu a vida no processo. Achei que você devia saber a verdade. — Ela estendeu a mão e levantou meu queixo com o indicador. — Há muito dela em você.

Nicoleta pousou a mão no colo.

— Eu nunca ouvi muito sobre ela.

— Nem poderia. Ela morreu muito antes de você nascer. — Seu olhar voltou a ficar turvado pelas lágrimas. — Eu a amava, mas não pude mantê-la a salvo...

Culpa e remorso anuviaram sua expressão. Meu coração se encheu de compaixão por ela. Esse devia ser um dos fardos que ela fora forçada a carregar. Eu não tinha nada a dizer para reconfortá-la, por isso me mantive em silêncio.

Nicoleta colocou as mãos atrás do pescoço e abriu o gancho de seu colar, retirando-o; amontoando a corrente dourada em sua mão, estendeu-a para mim e disse:

— Isto pertencia à sua tataravó. Foi arrancado do pescoço dela e jogado no chão, ao lado de seu corpo. Desde então, eu o tenho usado, esperando pelo dia em que pudesse passá-lo para a próxima *Vânător*, que pudesse... vingar... a morte dela.

Bem, eu podia ter passado sem saber dos detalhes. Aceitei o colar com o pingente em forma de lágrima e o coloquei no pescoço. Guardei-o por dentro da blusa como tinha visto Nicoleta fazer. O metal morno contornando a pedra negra e translúcida repousava sobre minha pele. Uma sensação de formigamento vinha do pingente. Inconscientemente, coloquei a mão sobre ele.

— Qual é o problema, Cheyenne? — Nicoleta franziu o cenho. — Ele parece formigar ou coisa assim.

Ela sorriu.

— Isso significa que ele pertence a você. Você pode sentir o poder. Isso é bom. Toquei o pingente outra vez.

— E um pouco estranho, também. Nunca tive um colar que desse a impressão de estar... vivo.

Nicoleta apertou os lábios em uma linha fina e me olhou, séria. — Ele pode salvar sua vida algum dia.

Não que eu quisesse falar sobre isso, mas minha tataravó não estava usando o colar quando morreu? Tentei expulsar esse pensamento da minha mente já tão superlotada.

— Eu sei o que está pensando, que ela estava com o colar quando morreu. Não estava; ele tinha sido arrancado do corpo dela com selvageria.

— Nicoleta engoliu em seco. — Você nunca deve se separar dele. Daqui por diante, ele faz parte de você. Não o tire nem mesmo durante o banho. Acho que você entende o porquê depois da noite de ontem.

Ainda bem que o pingente era bonito, já que eu teria de usá-lo pelo resto da minha vida. Um acessório para todas as ocasiões!

— Mais uma coisa, antes de eu ir embora: preciso ver sua marca. Tenho de conferir se ela está diferente.

Ela se inclinou para a frente no sofá.

Por que não? Eu me levantei e percebi que não tinha tirado a parte de cima do *collant* como normalmente faço quando saio da academia, porque me aperta. Puxando os braços para dentro da camiseta, tirei as alças do *collant* dos ombros e recoloquei os braços nas mangas da camiseta. Nicoleta assistiu, divertida, enquanto eu completava a manobra. Fiquei de costas e afastei o lado direito da parte de baixo do *collant*.

Nicoleta tocou minha marca com os dedos.

— Uau! Cheyenne, nunca vi nada assim! Você está muito, muito próxima do seu poder total. Sua tataravó levou anos para chegar a esse ponto.

Como eu não me sentia diferente em nada, esse negócio de “próxima do seu poder total” não significava grande coisa para mim. Olhei para trás, tentando ver se a marca estava muito diferente, mas só consegui ver um borrão de cores.

— Você já sentiu sede de sangue?

— Não, mas estou o tempo todo com fome e nunca me sinto satisfeita. — Ah, está bem perto, agora. — Ela remexeu na bolsa e tirou um vidro de amostra de

vitaminas. — Guarde isso na sua bolsa e junto de você o tempo todo. Você está mudando tão depressa que tenho a impressão de que a sede vai atingi-la com muita força. Provavelmente vai precisar de duas na primeira vez, e uma por dia logo em seguida ou quando for necessário.

— Deixe-me adivinhar... Meu corpo vai me avisar do que ele precisa. Nicoleta estreitou os olhos.

— Sim, na verdade, ele vai sim, espertinha. Você entendeu a seriedade da situação, certo?

— Sim.

— Bom. Só para ficar muito bem explicado: a sede de sangue é uma necessidade diferente de tudo o que você já sentiu na vida. É forte e imediata. E se você não tomar conta disso logo no começo, seria arriscado para você e todos à sua volta. — Ela me ofereceu os comprimidos, e eu aceitei. — O suplemento é muito semelhante às vitaminas de verdade. Eles possuem uma cobertura especial para isso. Assim, se humanos entrarem em contato com eles, não vão saber a diferença. E não faz mal a eles, se por acaso ingerirem. Provavelmente vão ter uma indisposição estomacal e vomitar, nada de muito grave.

— E qual é o gosto disso? — Eu abri o pote e cheirei, franzindo o nariz.
— Cheira a vitamina.

Nicoleta riu, e seu semblante se alegrou.

— Você não tem ideia de como é parecida com sua tataravó. — Ela balançou a cabeça, rindo outra vez. — Os suplementos quase não têm gosto, se você tomá-los com água.

Ela se levantou.

— Certo, já chega por hoje. Se você tiver qualquer problema hoje à noite, ou a qualquer momento, na verdade, pode me ligar. Você ainda tem meu cartão com o número do meu celular, não é?

Eu assenti.

— Bom. Vejo você amanhã, então.

Fiquei de pé e a acompanhei até a porta. Mamãe e papai acenaram para ela em despedida. Depois de pegar minhas coisas, que havia deixado no pé da escada, subi correndo para meu quarto para ter um pouco de privacidade. Meus pais nem tentaram me deter.

Capítulo VIII

Fissura por sangue e prisão por drogas

O despertador tocava insistentemente. Desliguei-o; ando com a impressão de que as manhãs estão chegando rápido demais. E eu odeio esse despertador.

Roxie pulou na cama e se deitou em cima de mim, lambendo minha orelha até ver que eu iria me levantar. Com ela por perto, eu nem precisava do despertador.

— Certo, certo... Estou saindo da cama.

Ela latiu em resposta.

Meu estômago exigiu alimento, roncando alto. Vesti a calça do pijama, que havia despido durante a noite, e desci, com Roxie à minha frente. Comida era minha prioridade número um.

Depois de duas tigelas de cereais, dois copos de suco de laranja, dois bolinhos de morango e uma maçã, eu ainda estava tão faminta como no instante em que chegara à cozinha. Se eu continuasse comendo daquele jeito, teria de sair de casa rolando.

Será que vampiros engordavam se comessem demais? Meus pais eram magros e em forma. Todos os outros vampiros que eu conhecera eram magros também. Ah! Finalmente, um lado bom! Peguei mais dois bolinhos e os devorei.

Passei tempo demais comendo, por isso tinha de me apressar, ou me atrasaria para o colégio. Meu estômago, aquele buraco sem fundo, ainda estava roncando, mas meu tempo estava acabando. Sem querer repetir minha aparência menos que perfeita do outro dia, corri para cima para me fazer apresentável.

Em frente ao espelho do banheiro, escovando meu cabelo, a melodia da música — a “nossa” música — que Ryan e eu tínhamos dançado não saía da minha cabeça. Por algum motivo, um dos versos da letra ficava se repetindo sem parar, como um disco arranhado:

Você preenche o vazio escuro em minha alma

Você preenche o vazio escuro em minha alma

Você preenche o vazio escuro em minha alma

Parei de escovar o cabelo e fitei meu reflexo.

— Você preenche o vazio escuro em minha alma... preenche o vazio escuro em minha alma... o vazio escuro em minha alma...

Um calor se irradiou de minha marca e o pingente em meu pescoço vibrou. — Preencha o vazio escuro em minha alma — falei em voz alta. Minha marca se aqueceu ainda mais, quase a ponto de ficar desconfortável. Virei de

costas, abaixei a cintura da calça e me entortei para tentar olhar no espelho o que estava acontecendo.

Ah, meu Deus! Minha marca estava brilhando! Parecia coisa de filme de ficção científica. O pingente estava quase dançando no meu pescoço, tal a força com que vibrava.

O que significava isso?

Minha senha! Eu havia descoberto a frase especial de que Nicoleta me falara. — Preencha o vazio escuro em minha alma. — Eu tinha de tentar mais uma vez, só para

ter certeza.

Obtive uma reação ainda mais forte. O calor ao redor da marca agora havia se transformado em uma sensação de formigamento, como se um elástico estivesse me atingindo várias vezes.

— Certo, certo, não vou repetir mais.

Dei risada, contente por ter resolvido a charada com tanta facilidade. Fiz uma dancinha em frente ao espelho para comemorar, empolgada por estar tão diferente naquela manhã.

O tempo voava, por isso tive de sair. Corri até a cozinha e peguei uma barra de cereais para ajudar a sossegar meu estômago.

— Tchau, Rox! Vejo você mais tarde. Seja boazinha! — gritei, antes de sair e fechar a porta.

Cheguei à aula de Álgebra em cima da hora. A srta. Sampson devolveu nossas provas já com as notas. Eu consegui um “B”. Nada mau. Daria para aumentar aquela nota depois.

Com exceção do meu estômago insaciável, minha primeira aula não teve nenhum incidente. Meu dia estava indo na direção certa. Pensei em bater na madeira; eu não queria chamar o azar, especialmente com Val rondando como uma cobra, pronta para dar o bote.

Quando cheguei à sala de Biologia, Mandy já havia guardado nosso lugar. — Olá! Cheguei primeiro.

Coloquei minhas coisas na mesa.

— Você está empolgada com o laboratório?

— Ah, sim, hoje é dia de laboratório de exame de saaaaaaangue. — Ela arrastou a palavra para um efeito mais assustador.

— Sim... é muita emoção.

Com certeza o laboratório seria bastante interessante. Ryan entrou e nossos olhares se cruzaram. Eu preendi a respiração, esperando para ver o

que ele faria. Ele se aproximou da nossa mesa, sem interromper o contato visual comigo. Meu pulso deu um salto e meu rosto corou pela atenção declarada.

— Olá, Faísca, Mandy. Posso me sentar com vocês? Ele olhou para Mandy, depois para mim, esperando nossa permissão para colocar suas coisas na nossa mesa e juntar-se a nós.

— Claro — respondeu Mandy.

Minha língua congelou e eu fiquei sem fala, o que acontece muito quando estou perto dele. Indiquei o lugar vazio, convidando-o a se sentar.

E claro, assim que Val chegou à sala, deu um jeito de arranjar um lugar o mais próximo possível de Ryan, então ela e seu bando alegre ficaram na mesa ao lado da nossa. Sim, um belo grupinho feliz.

A proximidade constante de Ryan confundia meus sentidos. Meu corpo zumbia quando ele estava a menos de três metros de mim. Sua presença me afetava a tal ponto que eu me sentia elétrica, mas quando ele tocou em mim acidentalmente de propósito pensei que morreria pelo contato. Ondas de energia fluíram pelas minhas veias, atingindo cada nervo em meu corpo. Pura tortura, mas de um modo agradável. Eu me derreti toda, algo que havia jurado que jamais aconteceria comigo. Era repulsivo de se ver, para dizer a verdade.

Ah, Deus, e o modo como seus olhos azuis se juntavam aos meus em uma conversa silenciosa cada vez que eu desviava o olhar dos livros fazia meu estômago gelar como se eu estivesse devorando sorvete.

Cada um de nós recebeu uma lanceta esterilizada para perfurar a ponta do dedo e um cartão com quatro círculos onde deveríamos colocar as gotas de sangue.

Peguei a lanceta afiada.

— Como esse negócio funciona?

— Você encosta no seu dedo e aperta o botão ali do lado, aí a parte afiada é disparada e espeta o dedo — explicou Mandy, com um sorriso no rosto.

Ela gostava de me provocar por causa do meu medo de agulhas, até demais para o meu gosto. Mostrei a língua para ela e peguei a gaze com álcool da mesa, rasgando-a de uma vez só. De jeito nenhum eu permitiria que ela levasse a melhor sobre mim. Aquilo não podia ser tão difícil assim. Ou melhor, não podia doer tanto assim. Coloquei a lanceta sobre meu dedo, mas não consegui ir até o fim. Saber que a ponta afiada iria entrar na minha pele me deixava ansiosa demais.

Mandy riu. Olhei para cima e vi Ryan e ela olhando para mim, esperando que eu fosse a primeira.

— O que foi? — perguntei.

— Nada, não. — Mandy tornou a rir.

Ryan estendeu a mão e pegou minha lanceta.

— Aqui, deixe que eu faça isso. A ansiedade é pior do que a espetada em si. Ele pegou meu dedo em sua mão e com gentileza passou a gaze com álcool em meu dedo.

Os choques que eu sentia perto dele alcançaram outro nível. Meu coração saltou, faíscas voaram em minhas veias. Esqueci totalmente o motivo pelo qual ele segurava meu dedo até que uma dor aguda atingiu a ponta do meu indicador.

— Ai! — Tentei tirar o dedo, mas ele não o soltou. — Permita-me.

Ele massageou meu dedo até que uma gota de sangue se formou na ponta, depois deixou que ela caísse no primeiro círculo do cartão. Ryan

repetiu o processo até encher os outros três círculos, respirando fundo a cada gota que caía, quase como se estivesse apreciando o cheiro de *cookies* de chocolate assando. Achei aquilo meio estranho. Ele secou o sangue restante com a gaze e levou meu dedo até seus lábios, dando um beijo no pequeno machucado.

— Pronto, acabou. Não foi tão ruim assim, não é? Ainda abalada pelo seu toque mágico, eu mal compreendi o que ele havia dito. — Não... acho que não.

Mandy tinha um sorriso brega colado no rosto quando olhei para ela. Val se aproximou de nossa mesa e estendeu sua mão com a lanceta para Ryan. — Ryan, eu não consigo espetar meu dedo. Você pode fazer isso para mim, pooor

favooor? — Ela lambeu os lábios, deixando claro para ele que queria muito mais que ajuda. Revirei os olhos com tanta veemência que quase vi estrelas. Mas que falsa! Mandy devia

ser da mesma opinião que eu, porque colocou as mãos no quadril e lançou um olhar feio para ela.

A sra. Krammer veio em nosso socorro.

— Classe, acho que cada um deve se espetar sozinho. Não é muito difícil. Eu prefiro que não haja ninguém ajudando um ao outro. Estamos lidando com sangue aqui; por favor, obedeçam às precauções citadas no regulamento que eu passei. — Ela se virou para Val. — Volte ao seu lugar.

Val bufou, olhou para mim com ódio e voltou, desfilando, para seu lugar. Mas não sem antes bater as pestanas para Ryan e lhe dar um sorriso sedutor.

Palerma!

Todos à nossa volta começaram a se espetar. Eu devia ser a única a ter acabado, graças a Ryan. O odor metálico e adocicado de sangue encheu a classe. Minhas narinas se dilataram, e minha respiração ficou pesada enquanto meu coração disparava.

Ryan espetou seu dedo e eu assisti, hipnotizada, enquanto ele o espremia até sair uma gota de sangue. O lindo fluido, de um rico carmesim, com um cheiro tão atraente quanto a cor, quase me fez cair de joelhos. Meu estômago roncou e minha boca se encheu de água. Era demais... uma pletora de odores.

Fiquei tonta e senti que oscilava de um lado para o outro, incapaz de manter o equilíbrio. Eu podia ouvir Mandy e Ryan falando, mas suas vozes soavam como se estivessem submersas: confusas e abafadas. Olhei ao redor, e era como se todas as cores se desbotassem; todas, menos o vermelho. Tudo que era vermelho saltava aos olhos, parecendo pulsar e me atrair.

Ofeguei, tentando me controlar. Meu corpo se cobriu de uma fina camada de suor. *Aquilo só podia ser a sede de sangue.*

E eu estava perigosamente perto de fazer algo que não teria conserto. Minhas gengivas coçavam e ardiam.

Ah, meu Deus!

Minhas presas começaram a se estender. Agarrei minha bolsa e praticamente corri para fora da sala, sem me importar com o fato de que não tinha autorização para sair.

Alguém me seguiu até o corredor, mas eu não olhei para trás. Eu tinha de escapar, encontrar algum lugar reservado onde pudesse tomar os suplementos que Nicoleta me entregara... antes que fosse tarde demais.

Já não ouvia mais passos atrás de mim, então parei no bebedouro mais próximo. Olhei em volta para me certificar de que ninguém me observava. Depois de vasculhar minha bolsa atrás das pílulas, tomei um gole de água, coloquei duas na boca e engoli.

Eu tremia tanto que mal podia parar de pé, então deslizei pela parede ao lado do bebedouro até me sentar no chão. Passos ecoaram vindo da direção oposta, alertando-me de que havia mais alguém no corredor. Respirando algumas vezes para retomar meu controle, rezei para que minhas presas não descessem de vez e para que minha sede de sangue diminuísse. A perda de controle me apavorava, e eu não queria passar por aquilo de novo.

Depois de alguns minutos, comecei a me sentir melhor. Meu batimento cardíaco voltou ao normal e eu voltei a discernir cores. Levantei-me, ainda trêmula, e voltei à sala de biologia.

Mandy e Ryan me aguardavam na porta.

— Você está bem? — indagou Mandy.

— É, você estava superpálida quando saiu. — Os olhos de Ryan transpareciam sua preocupação.

— Não sei, foi estranho... Acho que o sangue me deixou enjoada. Tive

náuseas e pensei que ia vomitar, por isso corri para o banheiro — tentei me justificar.

— Droga! Não diga que você também tem fobia de sangue? — retrucou Mandy. — Isso seria irônico — comentei com um risinho. — Irônico? — repetiu ela, confusa.

— Desculpe, piada interna.

— Se é o que você diz...

Ryan arqueou uma sobrancelha.

— Fobia de sangue *também* ? Você tem outras?

— Ah, sim, ela é claustrofóbica.

— Obrigada, Mandy — respondi.

— Não há do que se envergonhar. Todo mundo tem fobia de alguma coisa. Ryan passou o braço pelos meus ombros e apertou de leve. Se ele não parasse de me tocar, eu ia entrar em combustão espontânea ou cair dura no

chão. Ele me consumia e eu não sabia como lidar com esse fato. Pelo canto do olho, percebi um movimento. Val passou por nós com um sorriso falso no

rosto, roçando em Ryan em seu caminho. Sem dúvida havia apreciado meu espetáculo e até o fim do dia teria espalhado para a escola inteira. Eu já podia até ouvir: “Cheyenne, a garota-morcego, quase desmaiou quando viu sangue... blá, blá, blá...”

O sinal tocou e os alunos correram para suas próximas aulas. Mandy e eu passamos pelos armários para deixar nosso material de Biologia antes de irmos para a sala de Francês. Ao menos, nem Ryan nem Val estariam lá, então eu poderia relaxar um pouco.

— Ryan parece estar bem a fim de você. E você parece estar bem a fim dele. — Mandy sorriu.

— É, e você devia ver os olhares abobalhados que troca com Brad. É repugnante — acrescentei, tentando desviar a atenção dela.

Minhas reações a Ryan já eram o suficiente para me deixar perturbada. — Ei, você não tem consulta marcada no ortodontista hoje? — indagou Mandy. Bela mudança de assunto.

— Sim, tenho de recolocar o aparelho. Pode ser que me atrase para a

academia. — Às vezes eles demoram mesmo, principalmente quando você tem de fazer alguma

coisa além de trocar a borrachinha.

Chegamos à sala bem a tempo do segundo sinal. Encontramos dois lugares juntos e nos sentamos. Por sorte, nesse dia trabalharíamos mais na gramática do que na conversação. Eu não estava com vontade nenhuma de falar, sem mencionar que a minha pronúncia de Francês é péssima.

No meio da aula, o nosso diretor, sr. Gonzales, entrou na sala. — Cheyenne Wilde, preciso falar com você. Traga todas as suas coisas, por favor. Olhei para Mandy, com os olhos arregalados de surpresa. Mandy deu de ombros, sem

saber o que responder à minha pergunta silenciosa. Fiquei de pé e saí da sala com o diretor. — Qual é o problema? Aconteceu alguma coisa com os meus pais? Eu não conseguia imaginar nenhuma razão para ser chamada à diretoria, em especial uma

que fizesse o sr. Gonzales ir pessoalmente me buscar. Ele me encarou com o cenho franzido.

— Não, não é nada disso.

Pelo jeito, eu estava com problemas, mas de que tipo, eu não tinha a menor pista. Quando entramos no escritório dele, Val estava saindo. Ela parecia muito satisfeita, a

ponto de me lançar um sorriso falso quando passou por mim. A bruxa tinha tudo a ver com a minha situação.

— Sente-se, srta. Wilde.

Eu obedeci.

— Fomos informados de que você pode estar de posse de drogas ilegais. Nós levamos esse tipo de acusação muito a sério. A segurança do *campus* já foi alertada, e em breve irão revistar seu armário.

— O quê?! Eu nunca usei drogas em toda a minha vida! Quem disse que eu possuía drogas? Val?

Senti meu rosto e meu pescoço ficando quentes, e fechei minhas mãos com força. Ah, ela iria me pagar por isso! Devia ser ela atrás de mim quando tomei meus

suplementos. Droga!

— O nome da pessoa não vem ao caso. Preciso que você esvazie sua bolsa na mesa. Surpresa com o pedido, protestei.

— O senhor não pode me pedir para fazer isso. E a minha privacidade?
— Você tem algo a esconder, srta. Wilde? — O rosto dele não deixava nenhuma dúvida

de que ele já sabia a resposta.

— Não, não tenho, mas isso não é correto — declarei. — O que não é correto são crianças trazendo drogas para a minha escola. Esvazie sua bolsa, por favor.

Abri a boca para protestar, mas tornei a fechá-la. Dar murros em ponta de faca me parecia sem sentido. Peguei minha bolsa e joguei o conteúdo em uma grande pilha, bem em frente ao sr. Gonzales.

Ele examinou tudo que estava ali, conferindo cuidadosamente cada item. Quando ele segurou o pote de vitaminas, prendi a respiração. Nicoleta me dissera que ninguém notaria a diferença, mas ainda assim fiquei nervosa quando ele abriu o vidrinho e tirou algumas pílulas em sua mão. Devolvendo as pílulas ao pote, ele passou para o item seguinte. Soltei o fôlego; o pior já havia passado. Satisfeito, ele indicou que eu colocasse tudo de volta na bolsa.

— Agora, a mochila — ele exigiu.

Nervosa, tirei tudo e empilhei na frente dele de novo. Quando ele terminou, recoloquei tudo de volta.

Um dos seguranças do colégio bateu na porta e entrou. — Não encontramos nada. O armário dela está limpo. — Bom. Obrigado, Ben.

— Srta. Wilde, está liberada. Desculpe pela inconveniência, mas temos de tratar toda denúncia como séria. Tenho certeza de que compreende.

O que eu compreendia é que Val estava prestes a apanhar muito. Ela tinha ido longe demais dessa vez. Eu fechava e abria minhas mãos quando saía do escritório para o corredor. Não ficaria surpresa se soubesse que havia fumaça saindo das minhas orelhas. Eu estava completamente transtornada e furiosa.

Mandy esperava do lado de fora do escritório do diretor. Seus olhos se iluminaram quando me viu, mas sua animação logo se dissipou quando

reparou como eu estava brava.

— O que está acontecendo? Eu vi dois seguranças vasculhando seu armário. — É... A bandida da Val denunciou ao diretor que eu tinha drogas comigo. — Meu rosto

se contorceu de ódio.

— Mas que...

— Eu sei. Vou arrancar a cabeça dela daqueles ombrinhos ridículos — interrompi. — Por que ela diria algo assim? Quero dizer, por que drogas? — Não sei. Acho que ela me viu tomar um Ibuprofen quando saí da aula de Biologia. — Ah, meu Deus! Que garota insuportável! Ela está com tanto ciúme porque Ryan

prefere você que não sabe mais o que fazer.

— Ela vai pagar por isso. — Apertei os dentes. Estava aberta a temporada de caça às bruxas!

Capítulo IX

O Mal tem um nome

— Minha nossa, você tirou! Uau, olhe só para você! Está linda! — exclamou Mandy. Eu já devia saber que ela não levaria muito tempo para reparar. Deslizei a língua sobre

os dentes, ainda espantada como a superfície lisa me parecia estranha. Depois de ter metal grudado nos meus dentes por mais de dois anos, eu iria levar algum tempo para me acostumar.

— O que está havendo? — uma de nossas colegas de time perguntou. — É, o que foi? — Várias outras se juntaram à primeira. Eu abri um sorriso enorme para elas.

— Você tirou! — gritaram todas juntas.

— Mas que bagunça é essa aqui? — questionou Larry ao entrar na academia. — Cheyenne tirou o aparelho dos dentes — explicou Mandy. Ele parou na minha frente.

— Bem, vamos ver.

Eu sorri de novo.

Larry inclinou a cabeça para a esquerda, depois para a direita, e de volta para a esquerda.

— Não... continua com cara de macaco.

— Ei, seu grosso! — Eu lhe dei um soco no braço e ele sorriu. Eu conhecia aquela expressão.

— Não! Nem pense nisso! — ameacei.

Ele riu, me segurou pela cintura e correu, jogando-me na vala. Todo mundo estava rindo quando eu me arrastei para fora de lá, com pedaços de espuma

grudados no meu *collant aveludado e, sem dúvida, no meu cabelo também*. — Certo, meninas, de volta ao trabalho — ordenou ele. Ah, eu devolveria aquele insulto... Sem dúvida! Nossa, foi uma sessão fantástica! Larry disse que eu deveria engarrafar o que havia

servido como motivação e vender. Acredite, ninguém iria querer o que tinha me ajudado. Eu foquei cada milímetro de fúria em meu corpo nos exercícios. A armadilha de Val ainda estava me incomodando.

Sentindo-me muito satisfeita comigo mesma depois da minha sessão incrível a despeito de tudo o mais, resolvi tomar um *frappuccino* de baunilha na Starbucks antes de ir para casa. Nicoleta podia esperar alguns minutos, não lhe faria mal. Imaginei-a esperando, tamborilando com as unhas perfeitas na perna, o que me fez rir sozinha.

Quando entrei no local, o *drive-thru* estava com uma fila que dava a volta no estacionamento.

— Droga!

Mas olhando pela janela, notei que havia poucas pessoas lá dentro. Nicoleta podia esperar um pouquinho mais. Entrei no estacionamento. A longa fila bloqueava boa parte das vagas.

— Mas que coisa!

Acabei estacionando em uma lanchonete vizinha, na vaga mais próxima da Starbucks. Assim que eu saí do carro, minha nuca se arrepiou.

— Que foi, agora? Não dá para me dar uma folga? Olhei para cima, para o poste entre os dois prédios, e notei dois morcegos circulando

por ali em busca de insetos. Era uma cena que eu testemunhara diversas vezes, já que estava próxima à ponte sob a qual morcegos se escondiam em algumas épocas do ano. Nada com que me alarmar.

Mesmo assim, continuei alerta enquanto ia para a entrada da cafeteria. Eu me sentia como se um animal selvagem estivesse me seguindo, esperando pelo melhor momento para sair da tocaia e me atacar. Meu pescoço formigava, e uma sensação aguda se concentrava entre minhas escápulas. Olhei ao redor, as chaves posicionadas estrategicamente entre os dedos para que eu pudesse furar o olho do agressor, se necessário.

Dois homens saíram de uma caminhonete batendo as portas e me assustando. Franzi o cenho e me censurei por ser tão molenga. Havia gente para todos os lados que se olhasse, e era uma Starbucks, afinal de contas. Quando foi que eu me tornara tão paranoica? Ah, sim, desde que descobrira que era uma vampira e estava sendo caçada. Bobinha, como eu podia esquecer?

Por causa de todo o movimento no *drive-thru* , o interior também estava lotado. De fora não parecia estar, mas agora eu me recusava a sair sem meu café. Eu merecia! Olhei em volta para os poucos clientes que haviam se ajeitado nas cadeiras almofadadas, digitando em seus *notebooks* . Tudo parecia normal, mas eu não conseguia me livrar da sensação desagradável. Quando a atendente com cabelo roxo e *piercing* no nariz chamou meu nome, agarrei meu copo e fui direto para o meu carro. Apesar de saber que estava sendo ridícula, eu queria sair dali o quanto antes e ir para o conforto da minha casa, mesmo que isso significasse outra sessão com Nicoleta.

Enquanto eu remexia minhas chaves para abrir a porta, um cheiro forte de amêndoa me assaltou. Cheirei o líquido em minhas mãos: baunilha, não amêndoas. Droga!

— Boa noite, Cheyenne — uma voz sombria e conhecida me saudou. Gritei e minha bebida alçou voo. O copo atingiu o asfalto com um estalo, e o líquido

gelado e cremoso explodiu na direção das minhas roupas, rosto e cabelo. Congelada no lugar, ensopada com *frappuccino* de baunilha , doce e grudento, esperei

por algum tipo de ataque. Mas dessa vez ele não me jogou no chão nem me atormentou de qualquer outra forma. Nada. Será que eu tinha imaginado aquela voz?

Busquei algum som ou indicação de que havia mais alguém ali. De novo, nada. Forçando a engolir o nó em minha garganta, virei-me devagar.

Meu queixo caiu até o joelho. Um homem absolutamente lindo, com cabelo escuro na altura dos ombros e olhos azuis e cristalinos como os de Ryan, estava à minha frente. Ele aparentava cerca de vinte anos, não tão jovem quanto Ryan. Mesmo assim, eram muito parecidos.

Ele sorriu, mostrando belos dentes brancos e não se incomodando em esconder as presas. Como alguém tão bonito podia ser tão mau?

— Puxa, você fez uma bela bagunça aqui! — Ele passou o dedo pelo meu rosto e lambeu o *frappuccino* com movimentos lentos. — Nada mau, mas eu sei de uma coisa ainda mais doce.

Ele veio ainda mais para perto, invadindo meu espaço, seu corpo a centímetros de distância do meu. Ele não me assustou, e não parecia querer

me ferir. Mas o modo como fitava meus olhos me deixou desconfortável.

Recuei; ele me seguiu. Fui um pouco mais para trás; ele tornou a acompanhar. Quando percebi, meu traseiro bateu contra meu carro. Eu estava presa, encurralada como um animal. — Permita que eu me apresente formalmente. — Ele fez uma reverência, como se eu

pertencesse à realeza, depois se endireitou. — Meu nome é Constantine. Constantine? Esse nome não significava demônio ou algo assim? Que fosse. O nome dele

não importava. Ele havia me seguido e me atacado diversas vezes. Isso era tudo que eu precisava saber.

— O que você quer? — exigi.

— Pensei que já estava na hora de nos conhecermos — disse ele, baixinho. — Bem, eu creio que já nos conhecemos o suficiente, muito obrigada. E não quero ter

nada a ver com você. Agora, saia da minha frente ou eu vou gritar. — Fiz cara de brava para ele ver que eu falava a sério.

— Acho que não. Eu posso desaparecer tão rápido que você ficaria aqui sozinha, o que iria parecer maluquice. Vá em frente, grite — ele desafiou.

Droga, ele tinha razão.

— Já nos conhecemos agora. Deixe-me ir embora. Meus pais vão ficar preocupados. — Meu palpite é que seus pais não sabem desse seu pequeno passeio. Estou certo? —

Constantine tornou a sorrir, as presas reluzindo. — Por que você está me importunando? — Coloquei as mãos nos quadris. — Tsc, tsc, tsc. Você sabe por quê. — Os olhos dele brilharam, cheios de malícia e de

mais algum sentimento que não consegui identificar. — Não. Diga-me. — Eu sabia o que ele queria, mas queria ouvi-lo dizer. — É bastante simples, na verdade. Você tem uma coisa que eu quero. — Seu olhar

prende o meu, imobilizando-me no lugar em que eu estava. Espantada com o poder dele sobre mim, não consegui responder. Seu olhar deliberado

causou uma sensação estranha no meu estômago, não igual à que Ryan provocava, mas semelhante o suficiente para me perturbar.

— Tenho de partir. Está na hora de... jantar. — Ele lambeu os lábios. —

O que será hoje: loira ou morena? Ah, talvez uma ruiva!

Fiquei de boca aberta, olhando para ele com o que só podia descrever como total horror. Ele nem tentou disfarçar o que queria dizer.

— Não fique tão chocada, Cheyenne. É como nossa espécie se comporta. — Ele segurou meu queixo entre o polegar e o indicador, inclinando minha cabeça para trás. — É uma pena que você tenha sofrido essa lavagem cerebral. Mas tudo bem... eu vou lhe mostrar os erros de seus hábitos.

Ele se abaixou e pressionou os lábios contra os meus com gentileza. Pequenos choques fluíram pelo meu corpo, de novo parecidos com os que Ryan me

oferecia, embora mais fracos. Empurrando-o para longe, estreitei os olhos e falei: — Você é um animal!

Ele riu.

— Ah, Cheyenne, todos nós somos. Você ainda não percebeu isso? Aliás, você já era bonita com aqueles ferrinhos na boca. Sem eles, está estonteante.

Ele olhou ao redor e se transformou em um morcego bem diante dos meus olhos. Em um estacionamento, com um monte de gente em volta.

— Ele não fez isso — resmunguei comigo mesma. Fiquei ali, boquiaberta, por um bom tempo antes de recobrar meu bom-senso. Várias

pessoas olharam na minha direção, provavelmente perguntando-se o que eu estava fazendo ali sozinha, olhando para o espaço.

— De fato, estou ficando louca.

Entrei no carro, toda grudenta, e saí de lá o mais rápido que consegui. No caminho para casa, foi inevitável pensar na mudança do comportamento de

Constantine. Ele ainda fedia a arrogância e maldade, mas algo havia mudado ali. Ele não havia me atacado nem tentado me fazer mal. Quase não me tocara, na verdade, exceto pelo... beijo. E isso era o que mais me incomodava. Não tinha sido frio, nojento ou assustador; em vez disso, fora quente, gentil e até bom.

Ah, meu Deus! O que é que eu estava pensando? Quando entrei na

garagem, notei que o carro de Nicoleta não estava lá. Estranho.

Ela nunca se atrasava; pelo contrário, era irritantemente pontual. Pensei se havia acontecido alguma coisa.

Exceto pelo som da tevê vindo da sala, a casa estava silenciosa. Mamãe e papai provavelmente estavam assistindo a *Moonlight*, uma série de vampiros que ambos adoravam. Agora eu via o humor nisso.

— Cheyenne, é você? — papai chamou da sala. Fui direto até onde eles estavam, sem nem largar minhas coisas. — Sim, sou eu.

Papai olhou para mim.

— Nicoleta ligou e avisou que não vem hoje à noite. Ela tinha alguns... — ele trocou um olhar com mamãe — ...problemas para resolver.

— Ah...

— Mas ela disse para você ligar, caso precise de alguma coisa. Ou se tiver algum problema que queira contar. — Ele me olhou de cima a baixo, como se notasse meu estado pela primeira vez. — O que aconteceu com você? O que é esse negócio?

Ele fez uma careta de nojo.

— É, querida, o que houve? — perguntou mamãe. Eu olhei para minha camiseta.

— Ah, isso? Eu passei na Starbucks e comprei um *frappuccino*. Quando estava saindo, o copo escorregou da minha mão e caiu no chão. E por acaso, eu estava no caminho.

— Entendo — comentou papai.

— É melhor você ir se trocar. Aposto que está grudenta — acrescentou mamãe. Grudenta era pouco. Eu me sentia uma maçã do amor. — Cheyenne, está tudo bem? Você precisa de ajuda com alguma coisa? — ofereceu

papai, os olhos compassivos.

Eu sabia que não havia muito que eles pudessem fazer. A menos que pudessem me tornar humana de novo, ou pelo menos me fazer voltar ao tempo em que eu achava que era humana.

— Não, obrigada.

Eu teria de começar a lidar sozinha com as coisas. Além do mais, não

queria deixá-los mais preocupados do que o necessário.

— Certo. Mas se precisar, estamos aqui. — Mamãe sorriu. Como os comerciais tinham acabado e a série estava voltando, meus pais retornaram à tevê. Saí da sala em silêncio e fui para o meu quarto. Bem, eles nem notaram que eu havia tirado o aparelho. Acho que estão preocupados demais com problemas vampirescos para reparar em algo tão banal. Assim que caí na cama, meu celular tocou.

— Alô.

— Olá, Faísca! É Ryan.

Meu coração disparou no mesmo instante. Como se eu não soubesse quem era! Acho que eu teria sabido mesmo que ele não dissesse uma palavra sequer. Engoli em seco; em minha boca, a saliva parecia ter se transformado em algodão.

— Alô? Você está aí?

— Sim, estou — consegui dizer.

— Quer sair para tomar café ou algo assim?

Eu podia ser sincera e dizer que não queria café, mas eu queria, sim, ver Ryan. E como eu não tinha uma sessão com Nicoleta e era sexta à noite, não havia motivos para não sair por uma hora mais ou menos. Tempo suficiente até minha hora de estar em casa, onze da noite.

— E que tal uma sobremesa no Chili's?

— Certo, ótimo! Em quinze minutos passo para buscar você. Olhando para o espelho em frente à cama, entrei em pânico. — Não! Quero dizer, estou toda suada da ginástica. Pode me dar um pouquinho mais de tempo para eu tomar um banho?

— Claro, sem problema. Que tal às nove e quinze? — Hum... Está bem, pode ser.

— Ótimo, vejo você daqui a pouco.

Tomei a ducha mais rápida da minha vida, sequei e arrumei meu cabelo e passei maquiagem, tudo em vinte e cinco minutos. Aquilo era um novo recorde. Desci as escadas correndo e dobrei a esquina para a sala. *Moonlight* já devia ter acabado, porque mamãe e papai já não estavam hipnotizados pela

televisão. Ambos olharam para mim.

— Aonde você vai? — indagou papai.

— Até o Chili's, com Ryan.

— Ryan?

— Um rapaz novo na escola. Ele é bem legal. Deve estar chegando a qualquer minuto, então é melhor eu ir.

— Com licença, mocinha. Você não vai a lugar nenhum até conhecermos esse rapaz. Cuidado nunca é demais hoje em dia, ainda mais considerando tudo o que tem acontecido com você. E ele é um garoto — censurou papai.

— Ah, papai, o que é isso? Que embaraçoso! Ele vai pensar que eu sou uma tonta! — E quem foi que disse que você podia namorar? — perguntou mamãe. — Eu tenho dezesseis anos, e além disso, não estou namorando. Nós só vamos até o

Chili's comer um doce. Nada de mais.

Pelas expressões de meus pais, minha tentativa de argumentação não os impressionou. — Dezesseis anos ou não, nós gostaríamos de conhecê-lo antes de permitir que ele saia

por aí com nossa filha.

Papai me lançou seu olhar mais sério, com uma das sobrancelhas arqueada e os lábios apertados.

— Certo, tudo bem.

Virei-me para sair, resmungando. Deus, pais podiam ser a coisa mais chata do mundo. — Cheyenne! — chamou papai.

Eu retornei para a sala.

— Sim?

— Sorria para mim.

Será que ele finalmente tinha notado? Eu mostrei os dentes, não exatamente em um sorriso.

— Fico feliz em ver que todo o dinheiro que investimos deu tão bom resultado. Você está linda. — Ele deu uma piscadela.

Mamãe cobriu a boca com a mão.

— Ah, minha menininha está tão crescida! Primeiro ela tira o aparelho, depois vai encontrar o namoradinho ...

Eu revirei os olhos.

— Ele não é meu namorado!

Capítulo X

De ponta-cabeça

— Onde ele pode estar? — resmunguei, enquanto andava de um lado para o outro na calçada.

Ele já deveria ter chegado. A menos que tivesse mudado de ideia e achado algo melhor com que passar o tempo. Mordi o lado de dentro da minha boca, já ferido pelas mordidas anteriores. Não, ele não faria isso. Não sem ligar antes. Pelo menos, era do que eu tentava me convencer. Inclinei-me para olhar pela janela do lado da porta da frente.

Ding-dong!

Dei um pulo, sobressaltada, e quase tropecei em Roxie. O toque da campainha quase me fez ter um infarto.

Ah, meu Deus, ele está aqui!

Meu estômago se contraiu. Engoli em seco e abri a porta devagar. Mesmo sabendo que seria Ryan do outro lado da porta, eu ainda não estava preparada para a sua presença e para a minha reação.

Roxie latiu, depois ganiu. Pelo jeito, ele também exercia um efeito sobre ela. Ryan sorriu, mostrando os dentes brancos e perfeitos. — Olá, Faísca. Está pronta?

Eu fiquei, ali olhando para ele, meu coração disparado no peito. Passando as mãos em frente ao meu rosto, ele disse: — Olá-á...? Está pronta?

Balancei a cabeça para sair daquele transe em que eu tinha entrado sem perceber. — Bem... sim, estou, mas você vai ter de conhecer meus pais antes. Ele enfiou as mãos nos bolsos da calça jeans e baixou a cabeça. — Claro, sem problema.

— Pode entrar. — Eu abri a porta um pouco mais e gesticulei, reforçando o convite. Ele foi até a sala de estar sem dizer nada. Roxie se colocou entre nós e ganiu, olhando

para Ryan como se o estivesse analisando. Estranho. Então ela começou a fazer uns sons esquisitos, pequenos latidos. Franzi o nariz. Qual era o problema com ela? Aquele comportamento estranho me deixou confusa.

Olhei para Roxie e dela para Ryan.

— Desculpe, ela geralmente não é assim.

Ryan fez um gesto para eu não me preocupar.

— Ah, eu não ligo. Ela deve estar sentindo o cheiro do meu cachorro em mim. — Ah, é. Tudo bem.

Quando entramos na sala, mamãe e papai estavam sentados na beirada do sofá. Era dolorosamente óbvio que eles estavam nos esperando.

— Mamãe, papai, este é Ryan. Ryan, estes são meus pais. — Prazer em conhecê-los. — Ryan adiantou-se e apertou a mão dos dois. — O prazer é nosso — eles responderam em uníssono. Roxie sentou-se perto de Ryan e latiu para ele.

— Roxie, não! — repreendi.

Papai baixou a voz e ordenou:

— Roxie, deitada. — Ele apontou para um lugar à sua frente e estalou os dedos. Ela rapidamente obedeceu, ajeitando-se no local indicado, mas manteve os olhos firmes

em Ryan. Por que ela estava agindo daquela maneira tão esquisita? — Ela só está protegendo Cheyenne. — Papai riu, mas eu sabia que sua declaração não

terminaria ali. — Acho que ela está tão preocupada quanto eu com a proximidade de Cheyenne com outro homem.

Ele olhou para Ryan, reafirmando que aquilo era a sério. Eu sabia!

— Papai!

Ah, meu Deus do céu! Eu quase morri ali mesmo. Os pais da gente são tão embaraçosos às vezes... Quase achei que fosse encontrá-lo limpando sua arma só para fazer uma cena para Ryan. Pelo menos, não chegou a esse ponto.

Ryan sorriu.

— Bem, é compreensível. Eu tenho uma irmã mais nova, e tenho pena do pobre-coitado que pensar em chamá-la para sair quando ela tiver idade para isso.

A resposta de Ryan fora perfeita, mas durante a análise que meu pai fez

dele, notei algo estranho surgir nos olhos do meu pai. Não era desaprovação, mas havia algo ali, isso eu sabia. E também flagrei papai mandando uma mensagem silenciosa para mamãe, do jeito que eles sempre faziam quando não podiam falar alguma coisa mas queriam chamar a atenção do outro.

— Então, vocês planejam ir até o Chili's? — O olhar de papai permaneceu firme em Ryan.

— Sim, senhor — respondeu Ryan.

— Você já mostrou para ele seu novo sorriso? — quis saber mamãe, me envergonhando completamente.

— Esse é o jeito de minha mãe dizer que eu tirei meu aparelho hoje. — Tirou? — Ryan virou-se para mim.

— Tirei, sim — comentei, tentando não chamar atenção para a minha boca. — Sorria para mim, Faísca. — Ele abriu um sorriso exagerado. Ah, meu Deus! Ele me chamou de Faísca na frente dos meus pais! Seria possível aquilo

ficar ainda mais constrangedor?

Pela expressão em seu rosto, Ryan estava esperando a minha exibição. Eu dei um pequeno sorriso.

Ele respirou fundo, o jeito brincalhão sumindo. — Uau...

Desconfortável? Imagine! Decidi fazer uma saída apressada antes que ficasse ainda mais vermelha.

— Bem, está pronto para ir?

— Claro — respondeu Ryan, ainda me fitando diretamente nos olhos. — Divirtam-se, vocês dois. E Cheyenne, quero você em casa às onze — lembrou papai. — Eu sei, papai.

— Tchau. — Ryan acenou em despedida. — Foi um prazer conhecer vocês. Quando ele foi saindo, Roxie recomeçou a latir. — Roxie, quieta! — ouvi papai falar.

Os latidos se transformaram em um choramingo quando ele chegou à porta da frente. Segui Ryan para fora e parei ao ver o carro dele. Ah, céus! Ele tinha um Mustang preto!

Eu não podia acreditar.

— É esse o seu carro?

— É... você gostou? — Ryan sorria.

— Está brincando? Era exatamente o carro que eu queria, mas meus pais não me deixaram comprar.

Ele foi até o lado do passageiro e abriu a porta para mim. Nota dez para a educação! Ryan estava me impressionando cada vez mais. Meu pai sempre abre a porta do carro para minha mãe. Ele diz que é um sinal de respeito. Rapazes da minha idade não agem assim.

Deslizei para o assento e ele fechou a porta. Estava excitada ao pensar em finalmente ficar a sós com ele.

Ryan sentou-se ao volante e girou a chave. O carro vibrou com o ronco do motor. Ele engatou a marcha e saiu, minha pulsação acelerando junto com o Mustang.

— Faísca, você está estonteante. — Ele mordeu o lábio inferior, olhando para a frente. Estonteante? Era a mesma palavra que Constantine tinha usado. Eu não sabia se ficava

toda boba por Ryan ter me elogiado assim ou assustada porque Constantine dissera o mesmo.

— E então, como foi na ginástica hoje? Fez alguma coisa legal? — ele indagou, quebrando o silêncio desconfortável.

— Acho que sim.

Na verdade, eu tinha me saído otimamente bem, mas não ia me gabar para ele. — Acha? Você tem muito talento, sabe? Não precisa ser modesta. Se você tem, pode se

gabar! — Ele riu.

Senti meu rosto esquentar. Graças aos céus pela maquiagem, senão eu estaria a própria monstra vermelha.

Ryan estendeu a mão e pegou a minha, pousando-a sobre sua coxa. Centelhas voaram do contato entre nossas mãos.

Ah, meu Deus! Tantos pensamentos me passaram pela cabeça que eu não sabia por onde começar. Ele estava segurando minha mão como se eu fosse sua namorada ou coisa assim. Será que estávamos namorando? Será que ele iria me chamar de namorada, de verdade? Ele planejava exclusividade... ou iria sair com outras garotas, como a Val?

— O que é que está se passando nessa sua cabeça? Você está com uma cara muito séria. — Um canto de seus lábios se curvou naquele meio-sorriso lindo. Ele apertou minha mão.

Eu mordi o lábio.

— Nada...

— Se é o que você diz...

Ele levou minha mão até a boca e a beijou, eliminando qualquer pensamento coerente da minha cabeça.

Quando chegamos ao Chili's, Ryan segurou a porta para mim, permitindo que eu entrasse sem o risco de ela bater no meu rosto.

Ele gesticulou, fazendo um arco com o braço.

— Depois de você, *milady*.

— Ora, muito agradecida, *sir*.

Outro ponto a favor dele. Ryan agia de modo muito diferente dos rapazes que eu conhecia; ele tinha educação mesmo e passava a sensação de ser uma pessoa boa, honrada. Enquanto seguíamos a recepcionista até nossa mesa, ele pousou a mão na minha cintura, causando arrepios nas minhas costas. Um gesto possessivo, como se eu pertencesse a ele. Um pensamento interessante... “pertencer” a Ryan me soava bem.

Sentei-me à mesa. Ele não se moveu para sentar do outro lado; em vez disso, ficou de pé a meu lado. Ah! Ele planejava se sentar *do meu* lado. Ah, que tonta! Eu perdi a dica. Senti meu rosto ficar vermelho quando ergui os olhos para ele. Afastei-me um pouco mais para o lado e ele se sentou. Ryan então diminuiu a distância entre nós, pressionando sua coxa contra a minha. O calor dele penetrou na minha calça jeans, aquecendo meu corpo todo. Era muito estranho ter alguém sentado junto a mim em uma mesa, quando o outro lado continuava vazio... era muito íntimo.

Ainda abalada pela estranheza da situação, eu não sabia o que dizer. Uma garçonete loira, com seios enormes, apareceu e quebrou o silêncio desconfortável. — Olá, eu sou Katy. — Ela olhou para Ryan e fez uma pausa, encarando-o como se ele

tivesse se transformado em um pirulito gigante. Ela estava praticamente babando, e sua voz estava mais rouca quando ela murmurou: — Eu vou cuidar de vocês.

Katy manteve seu olhar fixo em Ryan; o “vocês” era só modo de falar, pois eu já não contava para ela.

— Nós vamos querer apenas sobremesa — informou Ryan. — Claro. Já querem pedir ou preferem esperar? — Ela colocou a caneta sobre o bloco, sem desviar os olhos de Ryan.

Ele se voltou para mim, sem prestar a menor atenção na loira peituda e assanhada. — Você já sabe o que quer?

— Eu quero o bolo de lava de chocolate.

Quase pedi *milk-shake* de chocolate. Eu adorava as gotinhas de chocolate que eles colocavam por cima da mistura de sorvete. Mas chocolate quente e cremoso combinaria melhor comigo naquele dia.

Ela marcou meu pedido e abaixou-se, propiciando uma bela visão de seu decote. — E para você?

— Eu vou querer *milk-shake de chocolate... com gotinhas extras*. Ah, meu Deus! Ele pediu o *milk-shake* ! Às vezes, eu poderia jurar que tínhamos algum

tipo de conexão. E ele também gostava das gotinhas! — Eu já volto com o seu pedido — avisou Katy, abrindo um sorriso imenso para Ryan. Em momentos assim, eu agradeço por ainda poder comer e apreciar comida humana,

normal. Como alguém pode viver sem chocolate? Estremeci ao pensar em ser capaz apenas de beber sangue. As pílulas eram perfeitas para mim, muito obrigada.

— Está com frio? — indagou Ryan.

Franzi a testa. Aquilo não fazia sentido; eu estava praticamente queimando por causa da proximidade dele.

— Como?

— Você teve um calafrio.

Droga, ele tinha notado...

— Ah, isso! Acontece de vez em quando. É como se eu sentisse algo subindo pelas minhas costas. Não estou com frio, sério.

Certo, a explicação soou estúpida, mas o que eu podia dizer? Que eu

estava pensando em ter de beber sangue? Isso teria caído muito bem. Então me lembrei de uma coisa: se Ryan terminasse sendo meu “namorado”, como eu ia manter em segredo o fato de ser uma vampira? Eu já tinha problemas suficientes escondendo isso de Mandy.

— Entendo. Faísca, você parece nervosa. Qual é o problema? — O quê? Nervosa? — Eu ri. — Não estou, não. Nem um pouco. Por que eu estaria nervosa?

As palavras saíram da minha boca em uma torrente, como se eu fosse uma boneca falante ligada no turbo. É, isso com certeza o convenceria de que eu estava calma. Ele devia estar pensando que eu era a maior panaca do planeta.

Ryan riu.

— Se você diz...

A garçonete voltou e colocou um copo de água na frente de Ryan, depois estrategicamente posicionou os seios na frente do rosto dele, exagerando o esforço necessário para se inclinar e servir o meu. Ryan recuou para dar mais espaço a ela. Será que ele não notara a intenção dela, ou não estava ligando a mínima? De qualquer forma, aquilo me deixou feliz. Mais um ponto a favor dele.

— Suas sobremesas chegarão em breve — ela avisou em um tom brusco, bufando, frustrada, e saindo em seguida.

Acho que ela não gostou da reação de Ryan. Ou da falta de reação dele. Sozinhos outra vez, peguei meu copo de água, desejando adiar qualquer outro comentário

no assunto nervosismo. Bati o copo no lábio e derrubei o líquido gelado na frente das minhas roupas. Ofeguei, surpresa, segurando o copo longe do meu corpo.

— Isto está gelado!

Droga, era a segunda vez que eu derrubava algo gelado em mim naquela noite! Bem, pelo menos dessa vez não era nada grudento.

— Aqui, deixe-me ajudar. — Ryan pegou seu guardanapo e começou a secar o excesso de água do meu peito. Quando ele percebeu como estava próximo dos meus seios, corou. — Desculpe-me.

Eu coloquei o copo de volta na mesa.

— Tudo bem. Um guardanapo não vai fazer tanta diferença, mesmo. Vou até o toalete e usar umas toalhas de papel.

— Está bem. — Ele se levantou e me deixou passar. Corri para o banheiro e comecei a secar um pouco do líquido. Claro, a única vez em que preciso de um daqueles secadores de mãos, não encontro nenhum. Minha camiseta turquesa estava mais escura onde a água tinha caído, e a mancha no meu jeans dava a impressão de que eu tinha feito xixi nas calças. Muito, muito atraente. Enquanto Ryan estava juntando pontos alucinadamente, eu continuava a perder os meus, entrando já no campo dos negativos. Só podia torcer para que ele não estivesse anotando.

Quando eu voltei, tínhamos uma convidada indesejável sentada juntinho a Ryan. Bem, talvez ele não pensasse nela como tão indesejável assim, com base no modo como ria do que ela estava dizendo, mas eu com certeza era dessa opinião. Por que ele não podia ignorá-la do mesmo jeito que fizera com a garçonete saidinha?

Nenhum dos dois pareceu reparar na minha chegada. Mordi o lábio, estreitando os olhos. Senti um calor subir do meu pescoço para o rosto. Qual era o problema ali? Quando eu achava que Ryan gostava de mim de verdade, ele agia como se Val também fosse importante para ele.

Clareei a garganta para chamar a atenção deles. Ambos viraram-se para mim de repente, fingindo surpresa ao me ver.

Val abriu um sorriso ferino.

— Nossa, Cheyenne, você andou mergulhando na pia? — Ah-ah-ah.

A bruxa não iria se mover. Ela estava realmente testando a minha paciência depois do que fizera na escola mais cedo. Olhei para Ryan com minha expressão “mas que raios?”. Ele deu de ombros. Como ela se atrevia a sentar aquele traseiro enorme no meu lugar? Ryan havia convidado a mim para sair, não ela. Eu fiquei de pé, esperando que ela percebesse minha dica. Claro que ela percebeu; não era burra. Mas mesmo assim, não se mexeu. Era assim que ela queria jogar, então? Certo.

— Bip-bip. Você está sentada no *meu* lugar.

Eu tive de enfatizar o “meu”. Não que isso a tenha incomodado, de jeito nenhum. Ela virou a cabeça, olhando para o lugar vazio do outro lado da

mesa como se eu devesse me sentar ali. Ah, não, não mesmo!

— Acho que não vou para lá, não. E quem foi mesmo que convidou você? — pressionei. De novo aquele sorriso falso, o que sempre me dava vontade de bater nela. — Ora, Ryan me convidou.

A julgar pela expressão de surpresa de Ryan, ele não tinha convidado ninguém; mas também não negou, o que me deixou furiosa.

Ela suspirou e revirou os olhos.

— Ah, que seja.

Val deslizou para fora da mesa, de modo a destacar seu bumbum para o deleite visual de Ryan no processo de se levantar.

— Tchau, Ryan...

Decidida a não me mover, fiz pé firme. Ela que descobrisse como passar por mim; eu não cederia um milímetro. Ela quase bufou de ódio ao dar um jeito de se espremer para sair. Ainda furiosa, joguei-me no assento.

— Uau, isso foi intenso — comentou Ryan.

— É, e aliás, obrigada pela ajuda.

— O quê?

— Esqueça.

A garçonete chegou com nossas sobremesas. Peguei meu garfo e provei um pedaço do meu bolo de chocolate quentinho. Humm... Estava para lá de bom. Nada como chocolate para melhorar o humor de alguém. Eu devia estar com aquela cara pateta de felicidade, porque quando olhei para Ryan, ele estava sorrindo como um bobo.

— Que foi? — perguntei, mesmo já sabendo qual seria a resposta. — Tudo o que posso dizer é graças aos céus pelo chocolate. Há menos de um minuto,

você estava a ponto de arrancar minha cabeça. — Ele cutucou meu ombro e deu uma piscadela.

Eu tive de rir.

— Sim, você estava prestes a perder... a cabeça, digo. Com menos tensão e um humor bem mais animado, nos divertimos muito ao nos conhecermos melhor. Aprendi muitas coisas interessantes sobre a

família dele. Ryan parecia ser muito apegado a eles. Eu gostei disso; para mim, falava muito sobre seu caráter. Não se vê isso com frequência hoje em dia. E ele adorava a irmã caçula. Era visível em seu rosto quando ele falava dela. Achei muito meigo.

E a melhor parte: Val não nos incomodou mais pelo resto da noite. A vida era boa. Eu não tenho ideia de para onde ela rastejou, e também não me importava, desde que nos deixasse em paz.

O tempo estava voando, por isso tirei meu celular para conferir o horário. — Droga, já são dez e quarenta e cinco. Preciso ir embora. — Eu imaginei que estava ficando tarde — disse Ryan. — Não fique chateada, você não

é a única com horário para chegar. Eu tenho de estar em casa à meia-noite. Eu não queria que nosso passeio terminasse, mas meus pais me esperavam em casa no

horário combinado. E com tudo o que vinha acontecendo, eles estavam mais rígidos do que nunca.

No caminho de volta, continuamos a conversar, rindo e nos divertindo. Mas quanto mais nos aproximávamos, maior ia ficando o silêncio. Ficou óbvio que ambos estávamos com a cabeça cheia. Será que ele estava pensando no mesmo que eu? O caminho até a porta? Beijar ou não beijar? Aquilo era mesmo um encontro? Agora éramos namorados? Eu não

tinha ideia de qual era o nosso relacionamento. Isto é, se é que nós tínhamos um relacionamento.

Depois de encostar o carro, Ryan desceu e se apressou a ir para o meu lado. Ele abriu a porta e, com um floreio, inclinou-se e fez um arco com a mão, convidando-me a descer também.

— *Milady* .

Eu ri; ele podia ser um tonto quando se resolvia a isso. Fiquei pensando se ele assistia a filmes históricos ou se era fã de história, porque tudo indicava sua apreciação do papel de honrado cavaleiro. Quase como se fosse sua segunda natureza.

Ele pegou minha mão, me ajudou a sair do carro, e continuou segurando minha mão o caminho todo até a porta da frente. A ansiedade quanto ao que aconteceria em seguida deixou meu coração palpitando. Será que ele

conseguia escutar? Podia sentir minha pulsação disparada através das nossas mãos unidas? Meu estômago estava tão agitado que eu temi pelo bolo de chocolate que havia devorado.

Quando chegamos à varanda, ele se virou e ficou de frente para mim, segurando minhas duas mãos na sua.

Ah, meu Deus, lá vamos nós...

Eu mal conseguia respirar. O que eu devia fazer? Digo, eu nunca tinha beijado um garoto antes. Pelo menos, não *aquele* tipo de beijo. Eu já tinha visto na tevê, claro, e também já tinha ouvido meninas falando a respeito na escola. Mas eu mesma nunca tinha tido a experiência. E se eu fizesse alguma coisa errada e ele pensasse que eu era uma palerma?

Vi os lábios de Ryan se mover e sabia que ele havia dito alguma coisa, mas o som da minha pulsação abafou as palavras dele. Ouvi algo a respeito de ter se divertido, acho. Minhas mãos estavam suadas e eu continuava sem entender o que ele estava falando. Estava começando a ficar tonta.

Ryan baixou a cabeça, chegando a centímetros do meu rosto. Seu hálito morno se espalhou na minha face. Ele cheirava a chocolate; imaginei se também teria sabor de chocolate.

— Faísca? — indagou ele, arrancando-me de meus devaneios. Engoli em seco e arregalei os olhos.

— Hum?

Ele soltou uma das minhas mãos e afastou o cacho que havia caído sobre meu rosto. Eu respirei fundo e segurei a respiração. Será que Ryan ia me beijar agora? Ah, droga, meus lábios estavam ásperos por causa do frio, e eu tinha me esquecido de passar meu *gloss* de cereja. Seria como beijar um porco-espinho. Ótimo, eu ficaria conhecida como a palerma do beijo de porco-espinho. Passei a língua sobre o lábio inferior para conferir. Não estava tão ruim.

Ryan ofegou. Ergui os olhos para encará-lo e quase ofeguei também. Seus incríveis olhos azuis cristalinos tinham escurecido e ficado mais profundos. Talvez fosse a iluminação da varanda, sei lá. O fato é que perceber isso enviou ondas de calor pelo meu ventre, algo que eu nunca tinha vivenciado.

Ele se aproximou um pouco mais e eu contive um gritinho. O cheiro de

chocolate e canela misturados me lembrou do bolo que minha avó costumava fazer só para mim. Fechei os olhos, antecipando a pressão dos lábios dele sobre os meus.

E então as luzes da varanda piscaram, acendendo e apagando três vezes. Assustada, gritei e joguei os braços para cima, atingindo Ryan no queixo com tudo e fazendo a cabeça dele ir para trás e voltar.

— Oh, Ryan, me desculpe!

Segurei o rosto dele em minhas mãos, buscando ver se meu ataque súbito havia causado algum hematoma imediato.

Ele tirou minhas mãos do rosto, segurando-as com firmeza diante de si. — Tudo bem, não se preocupe. Você mal... me arranhou. Arranhei, coisa nenhuma! Eu sabia que o tinha atingido com força. Não podia acreditar no que havia feito.

— As luzes são o sinal dos meus pais de que está na hora de eu entrar. Sutil, não é? Ah, céus! O que significava que meus pais provavelmente tinham espiado pelo olho

mágico ou pela janela ao lado da porta. Mas que vergonha! Será que eles tinham visto Ryan prestes a me beijar? Bem, pelo menos era o que eu achava que ele tinha intenção de fazer.

Ele riu.

— Bem, ao menos seus pais se preocupam com você. Muitos nem ligam. — É, acho que sim.

Qual era a idade dele, afinal? Aquele jeito maduro de pensar parecia pertencer a alguém muito mais velho. Talvez a família dele o tivesse criado à moda antiga. Isso explicaria toda a gentileza e cavalheirismo.

— Bem, é melhor você entrar ou a vizinhança vai ganhar outro show de luzes. — Ele piscou, deixando claro que estava me provocando.

— Nem brinque. Como se já não tivesse sido embaraçoso o bastante da primeira vez. Ryan ergueu minhas mãos até os lábios e beijou cada dedo. Inevitavelmente, pensei em

como seria ter aqueles lábios junto aos meus. Graças aos meus pais, eu não descobriria isso naquela noite.

— Boa noite, Cheyenne. Durma bem. — Seu olhar deslizou pelo meu

corpo muito rapidamente, fazendo meu rosto arder. — Vou sonhar com você hoje à noite.

Engoli em seco.

— Eu também vou sonhar.

Ryan sorriu, depois se virou e foi para seu carro. Eu também vou sonhar? Ah, meu Deus! Eu falei mesmo isso? Mas que brega! Além do

mais, eu não iria sonhar com nada, porque com certeza não conseguiria pregar o olho. Não depois de tudo o que acontecera naquele dia.

Enquanto eu via Ryan se afastar, meu celular tocou. Era Ryan. Eu já havia escolhido um *ringtone especial para ele, com a nossa música: Be My Forever*, de Dark Knight.

— Alô — atendi.

— Já estou com saudades.

— Você acabou de sair!

— Diga que vai sair comigo amanhã à noite. É sábado, sabe? — A voz dele vibrava em meu ouvido, profunda e sedosa.

— Ah, eu... — Droga! Quase me esqueci do passeio na caverna com Mandy. — Não posso, já tenho planos.

Do outro lado, só o silêncio.

— Desculpe, eu gostaria de...

— Tudo bem, Faísca — ele me interrompeu antes que eu fizesse papel de boba. — Domingo, então? Acho que não aguento um fim de semana inteiro sem ver você.

Minha nossa, ele estava apelando. Mas será que era sincero? Eu sentia que sim. — Vou ter de dar uma olhada se posso. — Eu não tinha ideia do que minha vida me

reservava de um dia para o outro.

— E que tal se eu ligar para você amanhã?

— Claro.

— Boa noite, Faísca. Não se esqueça de sonhar comigo. Ele desligou antes que eu pudesse responder. O que foi bom, já que eu só estava falando bobagens. Suspirei e guardei meu celular na bolsa cor-de-rosa que meus

avós haviam me enviado de presente de aniversário.

— E então, como foi o encontro? — indagou papai, me dando um susto. Eu levei a mão ao peito, ofegante.

— Foi ótimo. Mas será que dá para ir com calma no show de luzes? Aquilo foi embaraçoso demais — desabafei. Minha voz estava cheia de irritação, mas ele tinha me assustado mesmo.

O olhar que ele me lançou era uma censura silenciosa à minha grosseria. Forcei-me a não revirar os olhos. Eu não precisava de uma conversa prolongada com

papai naquele momento.

— Vou me deitar.

— Boa noite, então. — Ele comprimiu os lábios. Subi as escadas correndo, mas parei na metade e resmunguei: — E não foi um encontro.

Capítulo XI

Encontro romântico na caverna

Ouvi a buzina do carro de Mandy, um sinal de que havia chegado a hora para nosso passeio de volta à caverna.

— Tchau, mamãe, papai! Mandy chegou, estou saindo. — Tome cuidado e certifique-se de nunca ficar sozinha. Estou falando a sério! — gritou

mamãe, da sala. — Se precisar de nós, é só ligar. Seu celular está carregado? — Está — resmunguei, já fechando a porta.

— Olá, está pronta? — Mandy sorria, empolgada, enquanto eu me sentava no banco do passageiro.

— Sim, estou. Só espero que não dê nenhum problema. Mandy franziu o cenho.

— Ah, não! Você não vai só para reclamar, não é? Se for, avise agora, porque eu nem levo você!

— Ah-ah-ah. Onde é que vamos encontrar todo mundo? — mudei de assunto. — Na caverna. Brad disse para dar a volta no prédio e deixar nosso carro lá, para não

sermos vistos da estrada. — Ela olhou para mim e sorriu, maliciosa. — Só para prevenir. — Hum-hum. E não estamos fazendo nada de errado, não é? — O que você fez depois da academia, ontem à noite? Não estava no MSN, nem

respondia aos meus torpedos — indagou Mandy, evitando responder à minha questão. Ótimo, eu podia fazer esse jogo.

— Eu estava tão eufórica depois da ginástica que decidi parar na Starbucks. O *drive-thru* estava lotado, por isso acabei entrando na loja. Peguei minha bebida e estava atravessando o estacionamento até o meu carro quando...

Ah, meu Deus! Era tão natural contar tudo para Mandy que eu quase falei de Constantine para ela. Como pude baixar minha guarda assim? Isso não era nada bom. Mais cedo ou mais tarde eu teria de explicar a ela tudo o

que acontecera, tudo em que eu me transformara.

— Eu tropecei e derrubei aquela coisa grudenta toda por cima de mim. Caiu no meu cabelo, na minha roupa, nos meus sapatos. Foi uma bagunça.

Mandy desatou a rir.

— Imagino... deve ter ficado lindo!

— E então, quando cheguei em casa, adivinhe quem me ligou? — Deixe-me ver... Ryan? — Ela ria como se soubesse um segredo. — Como você sabe?

— Quem você acha que deu o número do seu celular para ele? *Hello-ou?* — Ela fingiu espatifar um sorvete de casquinha na testa.

— Você deu meu telefone para ele? — perguntei, espantada. — Bem, Ryan pediu para Brad, e Brad me ligou, então, de modo indireto, sim, fui eu quem deu seu número para ele.

— Entendi.

— Ah, não finja que não queria que eu desse! Faça-me o favor! Bem, mas você vai me contar o que aconteceu ou não? — Ela tamborilava os dedos no meio do volante.

— Não sei... talvez não. — Sorri, sabendo que ela estava espumando para saber os detalhes.

— Você está pedindo para apanhar! Ande, despeje logo! Eu comecei a rir.

— Nós saímos.

— Ah, meu Deus! Vocês saíram? Para onde? O que aconteceu? Você se divertiu? Ele beijou você? Ah, ele beijou, não beijou? — Ela despejou tantas perguntas de uma vez que eu fiquei atordoada.

— Sim. Fomos ao Chili's. Comemos sobremesa. Sim. Quase. Não — respondi, em ordem.

— Hein? Quase? Como assim, *quase*? Desse jeito você me mata, Cheyenne! — Meus pais interromperam, mas acho que ele ia me beijar. — Sem chance! Ah, minha nossa, que vergonha! O que você fez? Acho que eu teria caído

durinha.

— Bem... A parte mais embaraçosa, na verdade, foi quando eu acertei Ryan no queixo, bem na hora em que ele estava se inclinando para me beijar. Ou, pelo menos, acho que era essa a intenção.

Mandy arregalou os olhos e eu assenti, confirmando o que tinha acabado de declarar. — Como foi que isso aconteceu? Eu juro, você não tem conserto, Cheyenne. — Ele estava se inclinando quando meus pais fizeram sua imitação de um show de luzes.

Sabe, aquela coisa de ficar acendendo e apagando as luzes da varanda? — Ah, não, eles não fizeram isso!

— Ah, sim, fizeram sim. Eu me assustei e joguei os braços para cima, e acertei queixo de Ryan.

Mandy ria tanto que lágrimas escorriam pelo seu rosto. Pensei que ela teria de encostar o carro para poder se recompor.

— Fico contente em ver que você acha graça na minha humilhação total. Ela enxugou as lágrimas.

— Vamos lá, Cheyenne, admita: é engraçado mesmo. Veja só, o pobrecoitado está pensando que vai ganhar um beijinho... — ela não aguentou e voltou a rir — ...e você dá um soco no queixo dele! Se ele tem planos de namorar você, é melhor os pais dele aumentarem a cobertura do plano de saúde do garoto. Você é um perigo ambulante.

— Ah-ah-ah. Muito engraçado.

— É, sim.

Quando entramos no estacionamento do Inner Space, Mandy ainda ria cada vez que olhava para mim. Eu torcia para que ela mantivesse aquele senso de humor dentro da caverna. Algo me dizia que iríamos precisar. Contornamos o lugar, indo para os fundos conforme nossas instruções. Quatro carros já estavam ali e várias pessoas se juntavam em grupos pelo local.

— Ei, aquele não é o carro da Val? — Mandy apontou para o Beetle verde-metálico. — O que aquela peste está fazendo aqui? E em quem ela está se pendurando?

Mandy apertou os olhos, tentando enxergar. Eu não precisei me esforçar para isso. — É Ryan.

Senti a raiva me invadir por inteiro. Mas que coragem! Minhas mãos

tremiam e eu apertava o maxilar com tanta força que meus dentes ameaçavam trincar. Minha respiração se acelerou e minha visão ficou borrada enquanto eu encarava os dois, tentando carbonizar Val com o olhar. Senti um calor estranho subir pela minha coluna, e meus ossos estalaram, parecendo mudar de lugar, como se os músculos estivessem se separando deles. Meu canino se estendeu sem nenhum aviso.

Respirei fundo e tentei me acalmar. A fúria estava me lançando em território inexplorado. Algo estava acontecendo comigo, algo que eu ainda não compreendia, mas sabia que era um tipo de transformação. Uma que eu não queria que fosse testemunhada por ninguém.

— Céus, é Ryan mesmo! Por que ele está deixando que ela se pendure assim? E ainda por cima, depois de ter saído com você ontem? — Mandy estendeu a mão e segurou meu braço.

O contato me trouxe de volta à realidade. Meus dentes se retraíram, e o calor e os estalos pararam de repente. Acho que ataques de fúria e vampiros não são uma boa combinação.

— Você vai deixar isso assim? — perguntou Mandy. — Claro. Pelo menos, agora não tenho mais dúvidas. É óbvio que ontem à noite não

significou nada para ele. Agora eu enxergo a verdade. A “verdade” era que minha fúria borbulhava, muito próxima da superfície, e se ela

chegasse a se mostrar, a coisa ficaria feia. Principalmente para uma certa líder de torcida. Talvez Ryan não percebesse que era *meu*, mas isso em breve iria mudar. *Uau, de onde é que veio isso?*

Brad correu até o carro e abriu a porta para Mandy. — Olá! Eu não sabia se você viria.

Mandy saiu e se encostou no carro.

— Eu disse que viria. O que foi? Achou que eu ia ficar com medo? — É, mais ou menos isso. — Brad riu.

Respirei fundo algumas vezes, certificando-me de que havia me acalmado o suficiente, e então abri a porta e desci.

— Olá, Cheyenne! — Brad me cumprimentou. — Vocês estão prontas? Acho que agora já estão todos aqui.

Dei uma olhada na direção de Val e Ryan, cerrei os dentes e assenti devagar. Val estava agora no topo da minha lista negra. Depois do que ela

havia feito comigo no dia anterior, denunciando que eu estava com drogas que nunca havia possuído, e paquerado Ryan na minha frente, eu estava a ponto de enlouquecer. Pelo visto, minha ameaça velada da véspera não tivera nenhum efeito. Ela estava brincando com fogo, e estava prestes a se queimar.

Eu teria de ser cuidadosa para não deixar minha fúria me vencer, já que não sabia que repercussões isso traria. No carro, quase acontecera algo que, fosse lá o que fosse, me apavorou o suficiente para eu saber que não podia ser normal. Eu tinha de ficar calma até o final da noite. Não era uma boa ideia me expor na frente de Val.

Nós nos juntamos ao restante do grupo, composto por Ryan, um rapaz que eu não conhecia, Val e três de suas comparsas: Kimee, Rachel e Whitney. Evitei a todo custo Ryan e sua namoradinha.

— Este é o meu amigo, Nick. Ele trabalha na caverna — disse Brad. Eu anuí para Nick. Ah, sim, o desconhecido.

— Olá, Nick — cumprimentou Mandy.

Nick nos levou para a entrada, indo à nossa frente e destrancando o portão de acesso. Nós não usamos o bondinho; em vez disso, caminhamos pela descida acentuada que levava à caverna. Nick tinha uma pilha de lanternas à nossa espera. Peguei uma para mim. Se algo acontecesse, eu queria estar no controle de pelo menos uma fonte de luz.

Ryan veio por trás de mim, afastou meu cabelo e sussurrou: — Olá! Vai ficar me ignorando mesmo?

Eu estremeci e me afastei dele, com arrepios percorrendo minha pele. Havia algo familiar e perturbador no jeito como meu cabelo era afastado do pescoço, lembrando o modo como Constantine havia me agredido nas últimas duas vezes. Virei-me para fitar Ryan, mas por mais que eu estivesse com raiva dele, não podia acreditar que ele tivesse algo a ver com os ataques.

— É melhor voltar para sua namorada antes que ela comece a gritar e xingar — consegui dizer.

— Namorada, a Val? Ela não é minha namorada. Ah, não? E quem é, então? Não eu, ao que tudo indica, tive vontade de responder. Mas

fiquei quieta.

Val escolheu o momento exato para aparecer, passando os braços ao redor de Ryan. Fiz um gesto, indicando-a com meu polegar.

— Então é melhor alguém avisá-la disso.

Dei a volta e me afastei, indo me juntar a Brad e Mandy. Val não ia levar a melhor sobre mim. Permitir que minhas emoções me sobrepujassem seria perigoso para mim e para o *clică*.

— Me avisar de quê? — choramingou Val.

Eu estava tão nervosa que havia me esquecido do perigo que ainda podia estar na caverna, até que um zumbido horrendo ricocheteou em meus ouvidos quando entramos na Sala de Apresentação.

Eu disse que você voltaria.

Movi a cabeça de súbito, olhando para todos ao meu redor. Ninguém mais parecia ter ouvido aquilo além de mim, exatamente como na excursão da escola.

Aqui vamos nós. Eu alimentara a esperança de que Constantine e seus estúpidos morcegos tivessem feito as malas e partido dali. Não tive essa sorte. Inconscientemente, segurei meu pingente com uma das mãos, respirei fundo e me preparei para os confrontos que certamente se seguiriam. A pedra vibrava em minha mão, assegurando-me de que tudo daria certo. O pensamento me reconfortou.

Humm, carne fresca... Adoro comida a domicílio! E eu estava mesmo ficando faminto... Estreitei os olhos e espiei ao redor.

— Não ouse tocar em nenhum deles — ameacei em um murmúrio. *E eu pensando que você apreciaria que uma tragédia atingisse a loira inútil agarrada*

ao rapaz por quem você obviamente está atraída. Tsc, tsc, tsc. Lembre-se... você me pertence.

— Lembre-se: eu sei o que você é.

— Sabe o que é quem? — perguntou Mandy.

E eu sei quem você é. A prova está bem acima da sua bela marquinha de Vânător, bem em cima da sua bela...

— Pare! — exigi por entre os dentes.

— Parar o quê? — Mandy quis saber, a mão no quadril. — Oi? Ah, nada. Estava só falando sozinha.

— Você está começando a me assustar. — Mandy balançou a cabeça. —

Ei, eu nunca disse que era normal. Além do mais, normal é... —
...superestimado — completou ela.

Mandy me conhecia muito bem. Eu mal podia acreditar que ela ainda não tivesse desconfiado do meu segredo. E eu chegara bem perto de contar o que havia me acontecido na Starbucks. Tinha de tomar mais cuidado, ou ela não seria a única a descobrir meu segredo.

É bom ter amigas tão próximas, não é?

Sem gostar nem um pouco do modo como Constantine enfatizou o “próximas”, olhei para a sala em que estávamos, mais uma vez. Seria aquilo uma ameaça ou um aviso? De qualquer forma, senti o medo apertar minha coluna como se fosse uma mão, escalando e se espalhando até chegar ao meu coração e, dali, irradiar uma dor aguda pelo meu peito.

— Como vocês já vieram aqui antes, aonde querem ir? — questionou Nick. — Eu quero ir àquele lugar onde tem um lago — disse Val, suas amiguinhas

concordando na mesma hora.

— Para mim, está ótimo. — Ele sorriu para Val, olhando-a de cima a baixo. — Por aqui. Ele indicou que o seguíssemos.

Nick nem se incomodou em descobrir aonde o restante de nós queria ir. Mais um sob o feitiço de Val, a Tal. O que é que ela tinha que fazia tantos garotos cair a seus pés? Sua personalidade era horrorosa. Mas acho que os meninos estavam dispostos a superar tais falhas quando elas se abrigavam em um corpo tão bonito.

Mandy olhou para mim e deu de ombros. Como a Sala do Lago da Lua era uma das minhas partes favoritas na caverna, deixei para lá e não falei nada. Passar pela Sala da Porcaria sem incidentes seria o desafio, não Val e seu jeito prepotente.

Ryan ficou para trás e esperou que eu o alcançasse. Quando Val olhou para trás e percebeu que ele não mais a seguia como um palerma apaixonado, deu meia-volta e veio direto para ele, agarrando seu braço e tentando arrastá-lo consigo.

— Vamos, Ryan — insistiu, fazendo questão de abrir algo entre um sorriso e um rosnado para mim.

Ryan olhou para mim como se pedisse desculpas. Bah! Se ele queria

permitir que ela o levasse por aí como um cachorro na coleira, que ficasse à vontade.

Meu sangue ferveu; eu estava prestes a entrar em erupção. A quem eu estava enganando? De jeito nenhum eu permitiria que Val mandasse e desmandasse em Ryan. Ela estava testando minha paciência.

Mandy me pegou pelo braço enquanto eu partia na direção dos cabelos de Val. — Opa! Aonde é que você vai? — Mandy quis saber. — Você viu o que ela fez? — Eu bufei.

— Sim, mas ela está contando com que você reaja exatamente desse jeito. Não ouse dar a ela essa satisfação. Ryan gosta de você, não dela. Dá para saber só pelo jeito como ele olha para você. *E não olha para ela. Além do mais, ele chamou você para sair ontem.* Ryan só está sendo educado, não quer fazer uma cena na frente de todo mundo. Então, relaxe. Deixe Val fazer os joguinhos dela.

Respirei fundo e me acalmei. Talvez Mandy tivesse razão. Afinal, não era ele quem estava avançando para cima dela. Val é que se pendurava nele. Mas Ryan não parecia se incomodar tanto assim. Na noite anterior, por exemplo, ele não dissera para ela sair quando eu tinha voltado do banheiro. Acho que foi isso o que mais me incomodou. Por que ele simplesmente não dizia a ela para dar o fora? Não era tão difícil assim, era? Por outro lado, talvez Ryan não tivesse coragem de ser tão agressivo.

Ouvi passos vindo na nossa direção. Brad parou e levantou as mãos, colocando-as à sua frente.

— Ei, o que é que vocês estão esperando? Querem ficar para trás, no escuro? Nick não quer deixar todas as luzes acesas. Ele está esperando para apagar esta área, então vamos em frente.

Mandy seguiu Brad, mas eu fiquei para trás para me recompor. Ainda estava furiosa e não queria me arriscar.

É só dizer, e a loira não vai mais incomodá-la. Estou com problemas para controlar os Liliacs mais assanhados, mesmo... Eles ficariam felizes em cuidar do seu probleminha. — Não! Deixe-nos em paz. — Corri para me juntar a Brad e Mandy, sem querer ficar no

escuro com aquela aberração sombria da natureza. *Você sabe que quer que algo ruim aconteça a ela. Você não é diferente de mim. A*

coisa só está escondida sob anos de repressão, mas está ali. Você pode senti-la repuxando em sua alma. Não negue, aceite. É altamente liberador.

— Eu não sou nada parecida com você — murmurei. Uma risada ameaçadora soou em torno de mim quando entrei no túnel apertado, com Mandy e Brad adiante.

De repente, minha visão ficou borrada e as paredes pareceram se espremer à minha volta. Ofeguei, buscando ar desesperadamente, enquanto meus pulmões se fechavam como se embalados a vácuo. O ar que me cercava tinha agora a textura de *marshmallow*.

Ah, meu Deus, agora não!

Gotas de transpiração cobriram meu corpo inteiro, me deixando grudenta. Meu estômago se contraiu, e eu engoli em espasmos, mas não restava nenhuma saliva na minha boca. Uma pontada de dor começou na base da minha coluna, fazendo meus músculos arder e se contorcer.

As luzes se apagaram.

A escuridão total cobriu cada centímetro do lugar. Mesmo meus sentidos aguçados não fizeram diferença nenhuma. Agarrei a lanterna em meu bolso de trás. Ela fez barulho ao cair no chão da caverna, rolando para longe dos meus dedos.

Sem conseguir respirar, eu não podia nem ao menos gritar por ajuda. Deslizei de lado, tentando encontrar a parede. As pontas dos meus dedos latejavam, e em vez de ouvir o roçar da minha mão na parede, ouvi o som de algo arranhando a superfície. Tirei minha mão da parede: minhas unhas tinham crescido e se tornado afiadas.

Não eram mais unhas... eram garras.

Uma pelagem leve surgiu, cobrindo minha pele. Meus caninos se alongaram do nada, cortando meu lábio inferior. Mas eles pareciam mais compridos que antes, e mais afiados também. Um rosnado veio do fundo do meu peito e explodiu dos meus lábios em um rugido animalesco.

— O que foi esse barulho? Cheyenne? Onde você está? — gritou Mandy. — Nick, acenda as luzes. Eu não estou encontrando Cheyenne. Ela não está atrás de nós. E o que foi esse barulho? Eu juro, se isso for uma brincadeira, vou bater em alguém. Não tem graça nenhuma.

Eu tinha de me controlar, e rápido, antes que Nick reacendesse as luzes.

Inspirando profundamente, concentrei-me em minha respiração.

Isso é bem divertido. Será que vão pegá-la de calças curtas, revelando a Cheyenne real? Ou conseguirá ela reverter a tempo para o estado humano? Ah, a ansiedade está me matando! É delicioso.

Ele riu e eu ouvi um som que podia ser o de duas mãos se esfregando uma na outra, a meu lado.

Recuei, esperando algum tipo de ataque.

As luzes se acenderam, deixando-me em plena vista, fitando diretamente o olhar horrorizado de Mandy.

Eu virei e me agachei. Já não havia pelos indevidos sobre minha pele, e as garras tinham desaparecido. Meus lábios não doíam pela pressão das presas. Talvez Mandy não tivesse visto nada. Mas aquele olhar...

Assustada demais para me virar e encarar minha amiga para descobrir o que ela havia visto, fiquei encolhida no chão como uma criança apavorada.

— Ah, céus! Ela teve um ataque. Alguém me ajude! Ela é claustrofóbica. Ouvi passos se aproximando de mim.

— Cheyenne, você está bem? — Mandy se abaixou a meu lado e pousou as mãos em meus ombros.

Ryan surgiu sem nenhum aviso, agachando-se do lado oposto de Mandy. — Posso ajudar em alguma coisa?

Sua voz estava cheia de preocupação. Ele deslizava a mão para cima e para baixo em minhas costas, em um gesto reconfortante.

Mais passos soaram.

— O que houve? — indagou Nick.

— Você apagou as luzes, e ela é claustrofóbica, seu cretino! — começou Mandy. Ergui a mão para impedi-la de continuar.

— Eu estou bem. Só fiquei tonta quando estava andando por aqui, antes mesmo de as luzes se apagarem. Não foi nada.

Ryan e Mandy me ajudaram. E claro, Val e suas comparsas me encararam com sorrisos sarcásticos. Bom saber que todas elas se preocupavam tanto com meu bem-estar.

Val voltou-se para Kimee.

— Meio irônico que uma garota-morcego não consiga ficar em espaços fechados, especialmente em uma caverna, não?

Todas riram daquele jeito bobo e insuportável que garotas adolescentes fazem e que eu sempre odiei, tomando todo o cuidado do mundo de jamais imitar.

Mandy estreitou os olhos para Val.

— Você consegue ser insuportável, Val.

Val empinou o nariz e não respondeu.

— Eu levo você para casa — declarou Mandy em um tom que eu sabia ser irredutível. — Eu posso levá-la — ofereceu-se Ryan.

Sem saber se eu conseguiria lidar com Ryan naquele momento, torci para que Mandy se mantivesse firme e se recusasse.

Ela balançou a cabeça.

— Tudo bem, eu a levo.

— Deixe Mandy levá-la, Ryan. Nós podemos ir para outro lugar depois — sugeriu Val. Ela olhou para Ryan, sorriu e depois se voltou para mim, olhando-me com desprezo.

Se aquela experiência esquisita não tivesse me deixado tremendo tanto, eu teria arrancado aquela expressão da cara dela a tapa.

— Vamos embora. — Mandy passou o braço pelo meu e me puxou na direção da entrada da caverna.

Olhei para trás. Ryan ainda estava olhando para mim, mas não tentou nos seguir. E ali estava o problema: ele nem se empenhou em me levar para casa. Não que eu tivesse aceitado a ajuda dele de qualquer maneira, mas teria sido legal se ele insistisse mais, principalmente na frente da Val. Acho que a oferta dela de irem para outro lugar depois foi

mais atraente para ele do que estar comigo.

Senti meu coração afundando no peito.

— Eu ligo para você mais tarde — Brad avisou Mandy. — Tomara que você melhore, Cheyenne.

Tchau, Cheyenne. Aguardo ansioso a sua próxima visita. Fingi que não tinha escutado Constantine.

Assim que chegamos ao carro de Mandy, me arrastei para o banco do passageiro e afundei no assento. Entre a estranha mudança no meu corpo, o ataque de claustrofobia e a falta de atenção de Ryan, o passeio até a caverna tinha sido um desastre.

Que irônico... O que eu mais temera acabou sendo a menor das minhas preocupações. Sim, Constantine havia me provocado, mas não fizera mais nada. Talvez eu devesse ter permitido que sua turma malévola se divertisse com Val.

Chocada por meus próprios pensamentos, fiquei ali, parada. Será que o crescimento dos meus poderes teria algo a ver com minha súbita agressividade? Eu nunca havia sido tão violenta, nem em pensamento. Certo, talvez uma ou duas vezes, mas nada parecido com aquilo.

— Você está melhor? Digo, do ataque?

— Sim, acho que sim. — Apoiei a cabeça na janela e suspirei. — Certo, qual é o problema? Por favor, não me diga que você está deixando Val afetá-la.

Eu não respondi. Eu *tinha permitido que ela me afetasse. Mas como evitar?* — Está com vontade de ir a algum lugar? Ou quer voltar para casa? Ergui a cabeça.

— Eu ainda não quero voltar. Estou com fome.

— Que tal passar no Chuy's?

Como esse era meu restaurante favorito de comida *tex-mex*, Mandy sabia que eu não recusaria.

— Claro.

Como sempre, o restaurante tinha uma grande fila de espera, mas eu não me importei. Demos sorte e conseguimos uma mesa na área do bar. Mandy pegou batatinhas e molho da metade traseira de um Cadillac que servia de decoração de parede. Pedimos bebidas, mas quando fui pagar, percebi que tinha deixado minha bolsa no carro.

— Pode me emprestar as chaves? Tenho de ir buscar minha bolsa no carro. Eu devia estar mesmo muito mal para esquecer algo assim. Lá dentro havia vários

objetos de valor, sem mencionar a própria bolsa, de que eu gostava

muito. Mandy procurou na sua bolsa e deslizou as chaves pela mesa. — Obrigada. Eu já volto.

Assim que saí de lá, todos os meus sentidos gritaram em alerta. Olhei ao redor, tentando identificar a fonte de ameaça. Tudo parecia normal, mas minha nuca arrepiada contestava aquele veredito. No humor em que eu estava, torcia para que alguém surgisse me desafiando.

Não precisei esperar muito.

— Olá, querida. Você saiu da caverna tão de repente que pensei em dar uma olhada e saber como você estava.

Ah, claro... À noite, em um estacionamento, e sozinha. Por que Constantine não iria aparecer? Era uma ocasião perfeita para o *modus operandi dele*.

— O que você quer, agora?

Não senti nenhum medo ou raiva. Ele não tinha a intenção de me ferir, então não lhe dei atenção. Nem sequer tentei fazer contato visual com ele. Senti uma vibração percorrer meu corpo de leve, o que indicava que ele havia assumido sua forma humanoide.

— Eu já lhe disse. Só queria me certificar de que você estava bem. Fiquei preocupado. — Ele me abraçou pela cintura e puxou-me para junto de seu corpo. — Você acha tão difícil acreditar nisso?

Saí do abraço com um safanão e falei por entre os dentes: — Sim, na verdade, eu acho. Caia fora. Não estou com humor para você e seus

joguinhos. Diga o que quer e desapareça daqui. Ele deve ter ficado espantado com minha reação, pois não tinha uma resposta

engraçadinha na ponta da língua. Fui andando para o carro de Mandy, dando-lhe as costas. Quando minha curiosidade me venceu, fazendo com que eu virasse para saber o motivo de tanto silêncio, ele havia sumido.

Bem, pelo menos uma coisa tinha dado certo naquele dia menos que perfeito. Peguei minha bolsa e voltei para o restaurante, meus passos um pouco mais leves.

Assim que entrei, meu humor levemente melhor foi para o espaço. Em frente à recepcionista, estavam Val, Kimee, Whitney... e Ryan.

Pisquei diversas vezes. Eu devia estar alucinando. A vida não podia ser

tão cruel assim. Eu já estava vendo tudo vermelho à minha frente, quando percebi que aquela visão devia ser real. Meus ossos começaram a estalar e mudar, minhas presas se expandiram, e pelos pretos cobriram meus braços.

Ah, meu Deus!

Corri para o banheiro, garantindo que ninguém me visse, fosse Ryan ou qualquer outra pessoa.

Por favor, por favor, que tenha uma cabine com uma porta e um trinco! Graças aos céus, o banheiro estava vazio. Corri para a cabine reservada para deficientes

físicos e tranquei a porta. Respirei fundo, lutando contra a transformação que tomava lugar em meu corpo.

Não. Não. Não. Não!

Contei até dez enquanto olhava para a mensagem “Susan esteve aqui” escrita com batom vermelho na porta. Um... dois... três... quatro. A pelagem parou de surgir. Cinco... seis... sete... oito. Meus ossos pararam de estalar. Nove... dez. Minhas gengivas deixaram de coçar e arder. Soltei o ar bem devagar.

— Cheyenne? Eu vi você correr para cá. — Mandy fez uma pausa. — E também vi Ryan. E lá vamos nós com mais um discurso em que Mandy diz que é Val quem não presta, não

Ryan.

— Você quer ir embora? — ela indagou.

Sem discurso?

— Sim. Você se importa?

De jeito nenhum eu poderia confiar em minhas reações no ponto em que me encontrava. A raiva estava quase à tona, mas pelo menos eu não estava chorando.

— Não. E não posso culpá-la. Quais as chances de eles aparecerem no mesmo lugar que a gente?

É, havia alguma coisa errada naquela situação toda. Primeiro, Constantine aparecia e sumia do nada. Minutos mais tarde, surgia Ryan? Devia haver alguma conexão. Para mim, era difícil crer que cada vez que eu encontrava Constantine, Ryan estava logo ali, um pouco antes ou um pouco

depois. Bem, exceto na Starbucks.

Não, isso não era verdade. Ryan havia me ligado assim que cheguei em casa depois do incidente na cafeteria. Coincidências demais.

— Você já pode sair. — Mandy bateu na porta. — Dê-me um minuto.

Eu precisava ter certeza de que meu corpo havia parado de se transformar e retornara ao normal. Sem garras: confere. Sem pelos nos braços: confere. Pressionei a ponta do dedo contra os caninos. Sem presas: confere. Virei-me de um lado para o outro. Corpo funcionando direito: confere.

— Tem algo errado? Algo que queira me contar? — Mandy estava curiosa e em busca de informações, mas sua voz tinha um tom sério, como se ela soubesse mais do que queria admitir.

— Não.

— Pois eu acho que sim. Tem algo acontecendo com você desde o Halloween. Algo mudou. Você está diferente.

— Não sei o que você quer dizer.

Ela nunca desistiria. O que ela sabia, exatamente? — Ah, eu acho que sabe, sim. Mas se não está pronta para conversar a respeito, tudo

bem. Eu posso esperar. — Ela bateu na porta outra vez. — Você vai sair, ou vai ficar por aí mesmo?

Respirei fundo e destranquei a porta.

— Já estava na hora. O que estava fazendo aí dentro? — Tentando me acalmar.

— E está calma agora?

Ela me olhou de cima a baixo. Tive a impressão de que ela estava me analisando por algum motivo específico, o que me fez sentir como se estivesse nua. Definitivamente, ela sabia de alguma coisa. Será que, na caverna, ela tinha visto mais do que eu pensava? Estremeci ao pensar na possibilidade.

— Está com frio?

— Não, só tive um calafrio.

— Certo...

Passei por ela, dirigindo-me à porta. Os passos de Mandy soaram atrás de mim. Na saída, peguei nosso pager na mesa e joguei-o para Ryan e suas concubinas.

— Pensei que talvez fosse gostar de ficar com isso. Você parece que quer tudo o que é meu... — falei para Val, sem me incomodar em olhar para Ryan.

— Uau, isso foi grosseiro — disse Mandy, enquanto saíamos do restaurante. — Tenho certeza de que Ryan foi arrastado para vir com elas.

— E que tal parar de dar desculpas por ele? Nós não estamos namorando, nem nada parecido. Se ele quer ficar com Val, não é da minha conta.

— Certo, tudo bem. Só uma coisinha: ele não gosta de Val. Eu não sei por que ele está com ela, mas disso eu sei.

Eu lhe lancei um olhar de descrença total.

— Certo, certo. — Ela ergueu as mãos em sinal de rendição. Meu celular tocou antes de chegarmos ao carro; era o toque de Ryan. Mandy franziu a testa.

— Você não vai atender?

— Não.

Capítulo XII

Kryptonita para vampiros

Andei de um lado para o outro no meu quarto, esperando por Nicoleta. Como ela insistira em saber cada detalhe, eu havia ligado para ela na noite anterior para contar sobre as coisas esquisitas que estavam acontecendo com meu corpo. Decidi não contar a ela sobre a visita à caverna, já que eu não tinha nada que ter ido lá, para começo de conversa. Mas percebi que devia relatar sobre Constantine aparecendo fisicamente para mim na Starbucks para se apresentar. Devia ser uma informação importante. Meus pais provavelmente não me deixariam ir mais a lugar nenhum, então eu estava um tanto temerosa de contar sobre isso.

A campainha tocou e eu desci as escadas correndo para atender. Abri a porta e arfei; esperava ver Nicoleta, e em vez disso, tive um choque.

Era Ryan, com as mãos nos bolsos, balançando para a frente e para trás, com um sorriso tímido no rosto.

Quando consegui me controlar minimamente, perguntei: — O que você está fazendo aqui?

Ele inspirou, os dentes cerrados.

— Você não atende às minhas ligações.

— E você esperava que eu atendesse por quê?

— Porque você não me deu chance de dizer nada ontem à noite, só fugiu sem nenhuma explicação. — Ele empinou o queixo, me desafiando a contradizê-lo.

— Bem, você parecia estar bastante *ocupado*, então não quis atrapalhar. — Aceitei o desafio, aumentando a aposta.

— Você ficou com ciúmes.

Ele se apoiou contra a parede, cruzando os braços sobre o peito, os músculos dos braços esticando o tecido da camiseta.

Fiquei boquiaberta. Eu tinha sido vencida.

— Não vai tentar negar? — Os lábios dele se curvaram em um sorriso convencido. — Com ciúmes? De Val? Ah-ah! Não mesmo. Mas também não

tenho vontade nenhuma

de sair com um mulherengo.

— *Mulherengo?*

— É isso aí, alguém que sai com várias garotas sem se envolver emocionalmente com nenhuma.

Ele se afastou da parede, descruzou os braços e me observou. Meu rosto ardeu com aquele escrutínio.

— Está me dizendo que você *quer um envolvimento emocional, Faísca?* Meu queixo caiu de novo. Ainda bem que os insetos ainda não tinham chegado com força

total, ou eu estaria comendo alguns no café da manhã. Um carro parou diante da casa, atraindo minha atenção. Ah, céus! Nicoleta... Eu tinha me esquecido dela. Droga! Tinha de pensar rápido. Eu não

queria que ela se encontrasse com Ryan.

— Eu preciso entrar.

Ele olhou para Nicoleta, que se aproximava com determinação, e de volta para mim. — Não, sério mesmo. Preciso entrar.

O pânico me invadiu. Ele tinha de ir embora, e rápido. Mordi o lábio. — Concorda em sair comigo depois, para podermos conversar sobre esse envolvimento

emocional?

— Tudo bem, pode ser.

Ele percebeu minha urgência, sem dúvida, mas eu concordaria com quase qualquer coisa para que ele saísse antes que Nicoleta chegasse à varanda.

— Ótimo. Apanho você às seis. — Ele se virou para sair exatamente quando Nicoleta chegou. Droga! — Olá.

Por favor, siga em frente. Não pare. Apenas vá, por favor. Ele seguiu seu caminho sem dizer mais nada. Meus ombros se curvaram de tanto alívio, e

eu suspirei.

Nicoleta cerrou as sobrancelhas e olhou para mim, depois para ele. Ela

ergueu o nariz no ar, como Roxie faz quando sente um cheiro desconhecido. Que diabos...?

— Quem era aquele?

— Um colega da escola — falei, sem querer informar nada além do essencial e torcendo para ela mudar de assunto.

— Há quanto tempo você o conhece? — Ela pousou uma das mãos no quadril. — Ele é novo por aqui.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— O que ele queria?

— Nada.

— Não parecia ser nada. — Agora ela estava com as duas mãos nos quadris. Não era um bom sinal.

— Nós comemos sobremesa juntos no Chili's, na sexta-feira. Ele queria saber se eu queria sair hoje à noite. — E já chegava de interrogatório, credo. — Ele é um garoto simpático.

Por que senti a necessidade de dizer aquilo, eu não fazia ideia. — Entendo. — Ela gesticulou para a porta. — Podemos? Ela estava deixando o assunto para lá? Ah, meu Deus! Não, provavelmente, iria falar

sobre aquilo outra vez. Mas ao menos por enquanto eu conseguira um descanso. Fomos até o escritório de papai e fechamos a porta, como havia se tornado nosso hábito.

Meus pais estavam nos deixando em paz. Eu me sentei no sofá, dobrando uma das pernas embaixo do corpo.

Nicoleta se sentou e ergueu os óculos de sol sobre a cabeça, como se fossem uma tiara. — Diga tudo o que aconteceu desde a última vez que conversamos. Preciso saber de

todos os detalhes.

Eu contei sobre o incidente da Starbucks primeiro. A postura dela enrijeceu e sua perna balançou um pouco mais depressa. Aquilo pareceu perturbá-la, mas mesmo assim ela esperou com paciência que eu terminasse meu relato.

— Era o que eu temia. Ele é o novo príncipe do *clică Liliac*. Corre um rumor de que ele matou o próprio pai para obter essa posição. Ele é muito

perigoso.

Príncipe? Assassino do próprio pai? Eu havia sentido o mal em Constantine desde o começo, mas nas duas últimas vezes que nos encontramos também percebi que ele não tinha intenção de me ferir. E em nosso último confronto, eu só havia sentido irritação, não medo. Ele parecia gostar de me provocar.

— Você precisa estar alerta o tempo todo, Cheyenne. Não se deixe levar pelo charme dele. É difícil resistir à sua atração sombria. Não cometa esse erro — avisou ela, o dedo apontado para mim enfatizando seu argumento.

Charme? Ele me dava repulsa, me irritava. Nada com que me preocupar nessa área. Olhei para cima, pensando. Mesmo assim, toda vez que ele havia me tocado, eu tinha sentido pequenos choques, parecidos com os que eu sentia quando Ryan me tocava. E seu beijo não tinha sido repugnante; pelo contrário, foi até bom.

Ah, meu Deus! O que é que eu estava pensando? Balancei a cabeça, chocada com a direção que meus pensamentos haviam tomado.

— O que foi? — perguntou ela, preocupada. — Do que você se lembrou? — Só algo que Constantine disse, sobre encontrar seu jantar e que ele me ajudaria a

perceber como podia ser satisfatório beber de um humano. E que eu era domesticada demais. Ele é asqueroso. — Fiz uma careta, tentando distraí-la de meus verdadeiros pensamentos.

— Sim, o *clică* dele se refestela nos hábitos antigos. Como eu já havia lhe dito, eles consideram os humanos como gado, colocado sobre a Terra apenas para servir às suas necessidades. Não estão nem um pouco preocupados em coexistir com eles, e só se mantêm discretos porque são poucos no momento. — Nicoleta descruzou as pernas e se aproximou de mim. — E é aqui que você se encaixa. Eles precisam do seu sangue, e nada os impedirá de consegui-lo. Assim que tiverem uma quantidade respeitável de membros, eles tentarão acabar com o nosso *clică* para que possam fazer o que quiserem, sem repercussões. Não pense que você está a salvo.

— Eu sei, já entendi.

Por que os adultos acham que adolescentes são idiotas? *Hello-ou?!* Somos capazes de usar a cabeça, muito obrigada por perguntar.

Ela estreitou os olhos, confirmando que eu havia compreendido. — Certo, conte-me o resto.

Expliquei o que tinha começado a acontecer com meu corpo: garras, pelos, ossos estalando, músculos se contorcendo, dor.

O rosto de Nicoleta empalideceu.

— Ah, Deus do céu!

Meu pulso acelerou. A expressão dela me deixou apavorada. — O que foi? O que há de errado comigo? Eu vou morrer? — Meus olhos se encheram de lágrimas. — Eu não quero mais fazer isso! Eu só quero ser normal... um ser humano normal. Eu...

— Não, não, não! Você não entendeu. Isso é incrível! Você é uma metamorfa, se transforma em pantera. Só os mais fortes e mais antigos do nosso *clică* têm esse poder. Você é, de fato, muito especial. Nenhuma *Vânător* jamais foi capaz de se transformar. Os anciões vão ficar muito felizes com essa novidade.

Nicoleta sorriu e me deu tapinhas nas costas, obviamente emocionada com aquela reviravolta.

Eu ainda não apreciava a ideia de me tornar um animal, mas pelo menos não estava morrendo.

— Aliás, o que causou a transformação?

— Como assim? — Eu não podia contar a ela que tinha ido à caverna, menos ainda falar sobre Ryan com Nicoleta.

— Como você nem compreendia a transformação, não pode ter feito de propósito. Algo deve tê-la forçado: medo, raiva, ou uma explosão de adrenalina.

— Acho que pode-se dizer que eu estava com muita raiva. — Torci para que ela deixasse por isso mesmo, sem perguntar mais nada. Eu queria muito mesmo deixar Ryan de fora disso. — Ah, e quando eu tive uma crise de claustrofobia.

— Mais de uma vez? Como você controlou a transformação? Alguém viu? Eu achava que Mandy talvez tivesse visto, mas ela não falara nada a respeito, então não

fazia sentido contar a Nicoleta sobre isso.

— Não, ninguém viu. Eu me acalmei em um lugar mais afastado. Pude sentir quando começou, e eu sabia que não queria que ninguém visse.

— Muito bem. Seus instintos surgiram. Agora, é mais importante que nunca que você se mantenha calma, a menos que tenha um bom motivo para permitir que a transformação ocorra. Não se coloque em situações vulneráveis. *Prevenção* é a palavra-chave. Compreendeu?

Eu assenti.

— Evite lugares que você sabe que podem provocar outro incidente. Evite gente que a deixe nervosa. Eu sei que é difícil, mas você pode perceber as consequências de uma transformação diante de humanos.

Bem, pelo menos eu tinha uma lista curta de pessoas a evitar. Infelizmente, eram justo essas que não desgrudavam de mim.

— Se você notar que está com problemas, seu pingente pode ajudá-la, dando a força de que você precisa.

— Minha nossa! Esqueci de contar que descobri a senha! — Conseguiu? Fantástico! Cheyenne, você está se desenvolvendo tão rápido que dá até

medo. Começo a pensar que você será a mais poderosa da nossa espécie. Eu nem queria fazer parte dessa espécie, quanto mais ser a mais poderosa! Eu só queria

ser eu mesma, não o que todo mundo esperava que eu fosse. Mas não tinha escolha. Os olhos dela luziam de entusiasmo.

— Este é um dia muito excitante para nós e nosso *clică*. Sim, *muito excitante*. *Eu me afundei no sofá. Tentando mudar de assunto, perguntei:* — O que você estava dizendo sobre o pingente? — Ah, sim. Quando você sentir que está perdendo o controle, confie no seu pingente

para lhe dar forças. E agora que você sabe como acessar este poder, ele será inestimável para você. E mais uma vez, friso que você não deve, nunca, se separar de seu pingente.

Colocando a mão por dentro da minha camisa, puxei o pingente para fora, permitindo que ele ficasse em plena vista sobre meu peito.

— Muito bem.

— Como, exatamente, eu faço isto funcionar?

Eu sabia que, quando dissera as palavras, a senha, o pingente havia

vibrado e se aquecido. Mas como isso poderia me ajudar? Essa parte eu não entendia.

— Deixe-me ver... Como explicar de modo claro? — Nicoleta mordeu o lábio inferior, pensativa.

— Já sei! Lembra-se como o Super-homem é afetado pela kriptonita? — Ela ergueu a mão para interromper minha resposta sarcástica. — Eu sei, eu sei, parece bobo. Mas me acompanhe. Temos uma certa pedra que nos afeta de um modo positivo, que nos centra, e de onde retiramos poder. Ela é chamada de ímã.

Eu me lembrava vagamente de ímãs; nós os havíamos estudado no primeiro ano do colégio. Eles tinham propriedades magnéticas e eram utilizados em bússolas. Mas o que é que tinham a ver comigo?

— Não é um ímã qualquer, mas um que vem de uma fonte localizada apenas na Romênia, nossa terra natal. Ele dá proteção, absorve o mal e atrai poder. O quartzo cristalino que envolve o ímã ajuda a equilibrar emoções turbulentas. — Ela trançou os dedos diante do corpo. — As duas pedras trabalham juntas, em harmonia, agindo como um talismã para seu dono. A pedra escolhe seu dono.

— Mas como? — Eu não sabia por que isso me surpreendera, considerando-se tudo o mais que fora forçada a aceitar.

— Ela reconhece a constituição genética de seu dono legítimo. Até que isso aconteça, o pingente permanece adormecido. Ninguém mais é capaz de tirar vantagem dos poderes dele. Ele reconheceu você e a aceitou. — Ela estendeu a mão e tocou o pingente. — Eu o usei por muitos anos, e ele nunca veio à vida para mim. Você o colocou e ele reagiu no mesmo instante.

Eu encolhi os ombros.

— Ainda não entendo como ele pode me ajudar. — Bem, se me der um minuto, estou chegando lá. — Ela parou, dando-me tempo para responder.

— Desculpe-me.

— Se você estiver com problemas, concentre-se no pingente e foque toda a sua energia na pedra. Ela vai amplificar seus esforços e seu poder. Ou, se não conseguir controlar a transformação, permita que a pedra a reequilibre. Vai precisar de alguma prática, além de confiança, para que perceba o valor

dela. Você deve aprender a trabalhar com seu pingente, entende?

— Acho que sim.

Ela mordeu o lábio.

— Tem mais uma coisa que preciso lhe contar.

Ah, isso não soava promissor.

— Quando o dono morre, parte do espírito dele ou dela passa para o pingente. Meu rosto se contorceu em uma expressão de nojo. — Quer dizer que estou usando gente morta em volta do meu pescoço? Eca, isso é asqueroso!

— Eu não diria exatamente isso. É mais como se a *energia deles ficasse para trás*. — Espere aí, quer dizer que a energia da minha tataravó está comigo agora? Eu apertei o objeto em forma de lágrima na minha mão. O pingente vibrou e se aqueceu

na mesma hora, respondendo à minha pergunta. Meu corpo quase teve um espasmo e eu soltei o pingente, mal conseguindo conter o grito que ficara preso na garganta.

— Estou vendo que recebeu sua resposta. — Nicoleta riu, depois cobriu a boca, tentando disfarçar sua alegria. — Através de cada dono, o poder do pingente vai crescendo. E só você tem controle sobre ele. Ninguém mais tem a chave para este poder extraordinário.

Eu ficava admirada com o modo como cada revelação de minha nova existência ainda conseguia me chocar. Nada deveria me surpreender a essa altura, mas ainda acontecia. E como!

Nicoleta ficou de pé.

— Bem, creio que conversamos bastante por hoje. Não preciso nem dizer que você deve ficar prevenida o tempo todo e ter cuidados extras. Nada impedirá Constantine de conseguir o que deseja. Ele usará todo e qualquer método à sua disposição. E não espere para me passar informações importantes. Cheyenne, você precisa saber que, no ponto em que estamos, toda informação é considerada importante. Você deve pensar como uma *Vânător*, não como uma adolescente bobinha.

Mas eu queria ser uma adolescente bobinha! Entretanto, não tinha opção, pois fora lançada em um mundo que não havia escolhido. Uma

enorme responsabilidade me fora designada sem meu consentimento. Enquanto outras adolescentes sonhavam com o que poderiam se tornar, meu destino já havia sido definido. Mais uma vez senti raiva pela injustiça de tudo aquilo.

— Bem, se você não tem mais nenhuma pergunta, eu já vou indo. Ainda tenho de cuidar de algumas coisinhas antes de poder ir para casa descansar.

Nicoleta foi até a porta e a abriu, esperando para ver se eu tinha algo a acrescentar. Fiquei olhando para ela, sem dizer nada. Achei que ela ia entender. Ela deixou a porta aberta e eu acompanhei o som dos saltos de seus sapatos até ele

sumir.

Capítulo XIII

Um filme romântico e um beijo com sabor de pipoca Ah, eu odeio Álgebra! Não conseguia resolver o último problema do meu dever de casa.

Eu sabia qual era a resposta, mas como chegar até ela... nenhuma pista. E claro, todos os passos tinham de estar detalhados na resposta. Suspirei, frustrada, e baixei a cabeça sobre o livro.

A campainha tocou, e eu levantei a cabeça. Quem poderia ser? Não era Mandy, porque eu tinha acabado de falar com ela pelo MSN.

— Cheyenne! — chamou mamãe.

Olhei para o relógio... Faltavam cinco minutos para as seis. Ah, meu Deus! Eu tinha me esquecido completamente de Ryan. E eu realmente não estava preparada para lidar com ele. Era como se ele me virasse de ponta-cabeça, e eu não precisava disso agora. Além do mais, ele estava no topo da minha lista negra no momento, junto com Val.

— Cheyenne! Você tem visita! — gritou minha mãe, de novo. — Certo, eu já desço! — berrei de volta.

Olhei para o espelho. Tinha como eu ficar pior? Eu teria de inventar uma dor de cabeça ou algo assim. De maneira nenhuma conseguiria dar um jeito naquela bagunça. Tirei o prendedor do cabelo e o escovei rapidinho, depois amarrei em um rabo de cavalo. Teria de bastar. Passei um pouco de base no rosto, e estava pronta.

Quando acabei de descer as escadas, não havia mais ninguém à porta. Ouvi risos vindos da sala. Ah, droga! Meus pais estavam mantendo Ryan refém. Sabe-se lá que tipo de coisas embaraçosas já teriam contado para ele. Corri para lá, quase sem fôlego, apenas para ter o restinho que me sobrava de ar fugindo dos meus pulmões.

Ryan estava absolutamente maravilhoso. A camisa de seda estava para dentro de um jeans justo que ressaltava um belo traseiro, uma parte do corpo que havia ficado escondida sob suas camisetas compridas até aquele momento. Como diria Mandy, *tóinnn* ... Naquela noite, ele havia se vestido com cuidado. Para me impressionar? Ou tinha apenas continuado com a roupa com que fora à igreja? Era domingo, afinal. Não... aquilo não tinha

nada a ver com a igreja e tudo a ver comigo.

Roxie estava deitada aos pés de papai, choramingando baixinho. Pelo menos não estava latindo para Ryan, embora parecesse estressada apenas por vê-lo ali. Que estranho... Pensando bem, eu também estava estressada, embora por motivos diferentes.

Ryan voltou-se para mim assim que percebeu que eu havia entrado. Quase arfei, e tive de engolir o “Ah, meu Deus” que ia escapando; ele estava com os primeiros botões da camisa abertos, dando uma prévia dos músculos definidos em seu peitoral. Se a minha saliva não tivesse evaporado por completo, eu estaria babando feito um cão São Bernardo. E para piorar a situação, ele me deu aquele sorriso sensual, meio de lado, que dava uma sensação engraçada no meu estômago. Ryan era perfeito demais para mim. Ele precisava de alguém que fosse a Barbie para o seu Ken. E não seria eu.

Papai clareou a garganta, chamando minha atenção para o sofá onde estava sentado com mamãe. A expressão dele continha um traço de divertimento, fazendo com que eu ruborizasse. Eu tinha certeza de que estava com cara de idiota apaixonada. Algo que meus pais nunca haviam visto em mim, nem veriam outra vez. Que embaraçoso... Queria que um

buraco me engolisse. Eles nunca iriam me deixar esquecer. — Então, para onde vocês vão? — perguntou papai. Olhei para Ryan. Eu não podia responder porque não tinha a mais remota ideia, sem

mentonar que não sabia se já conseguia falar.

— Pensei em levá-la para ver um filme. Tem uma nova comédia romântica em cartaz no cinema Pflugerville que recebeu críticas muito boas — respondeu Ryan.

Comédia romântica? Sério? Nenhum garoto que eu conhecia estava disposto a assistir um filme de meninas. Nem se daria o trabalho de ler as críticas, para começo de conversa. A maioria simplesmente encontraria o filme mais violento em cartaz e nem perguntaria à garota o que ela queria assistir. Ryan definitivamente era um caso à parte.

Como ele havia se arrumado, eu não podia sair do jeito que estava. E não podia me negar a ir agora. Não que eu fosse recusar, de qualquer modo. Assim que olhei para ele, minha raiva desapareceu. Ele estava jogando sujo. Olhei para meus pais e pensei rápido. Se eu subisse agora para me trocar, Ryan ficaria ali com eles... um pensamento horrível. O que fazer? Minha

mente estava dividida. Trocava de roupa, ou aceitava e ia assim mesmo?

Talvez meus pais se comportassem e não pegassem no pé dele. Claro, e Val iria se arrastar de volta para o buraco de onde saíra e deixaria Ryan em paz.

Fantasia, fantasia.

— Está pronta para ir? — quis saber Ryan. — O filme começa em vinte minutos. Ah, droga, acho que a decisão tinha saído das minhas mãos. — Claro. Só preciso subir para pegar minha bolsa. Voltei-me para meus pais, implorando com os olhos para que eles se comportassem. Papai me respondeu com uma piscadela. Não era um bom sinal. Corri para cima e olhei no espelho. Credo! Certo, um minutinho não faria mal nenhum.

Larguei minha bolsa no banco da penteadeira e tirei a camisa. Depois de vasculhar o armário, decidi colocar uma camiseta rosa com renda na barra e uma camisa branca por cima. Rapidamente, arrumei meu cabelo. E eu precisava muito de lápis nos olhos, um pouco de sombra e *blush*. Quando terminei a maquiagem apressada, chequei novamente o espelho: nada mau. Apanhei a bolsa e corri de volta.

— Certo, estou pronta — falei, ofegante pela pressa. Ryan riu.

— Que foi? — Olhei para baixo para me certificar de que não tinha escapado um seio na correria.

— Seu pai acabou de apostar comigo que você iria trocar de roupa enquanto estivesse lá em cima. — Ele abriu aquele sorriso devastador. — Acho que ele ganhou.

Eu lancei um olhar venenoso para papai e revirei os olhos. — Tchau.

Pais podem ser tão embaraçosos... Logo estarão mostrando para Ryan fotos minhas de quando eu era bebê. Pelada. Ou pior, vídeos meus fazendo ginástica aos três anos.

— Divirtam-se, crianças — gritou mamãe enquanto saíamos. Depois que entramos no Mustang de Ryan, ele se virou para mim. — Aliás, você está linda.

Virei-me para ele rapidamente, boquiaberta como um peixe em busca de ar. Sem esperar aquele elogio, meu rosto corou. Antes que eu pudesse me recuperar e dar uma resposta decente, ele tomou minha mão na sua e tirou o pouco de ar que ainda restava em meus pulmões.

— Estive o dia todo ansioso para ver você — falou, a voz profunda e sensual. — Você esteve na minha casa hoje cedo, lembra-se? Ele esfregou o polegar sobre a minha mão.

— Certo, deixe-me dizer de outra forma. Estive o dia todo ansioso para ficar *sozinho* com você.

Eu soltei o ar e olhei diretamente para a frente. Meu coração estava tão acelerado que parecia tropeçar em busca de um ritmo normal. Meu estômago estava se revirando, o nervosismo espalhado pelo meu corpo todo. O jeito como ele dissera “sozinho” tinha sido íntimo como uma carícia... como o modo com que ele afagava minha mão com seus dedos fortes.

Ele pousou minha mão sobre seu colo, com a palma para cima, enquanto desenhava círculos na pele sensível. Uma sensação de formigamento percorreu meu corpo todo, junto com os usuais choques, fazendo com que um arrepio subisse por minha espinha.

— Cócegas? — Os lábios dele se curvaram de leve em um sorriso. — Hum-hum.

— Enquanto você é minha refém, há algo sobre o que acho que precisamos conversar. Fui despertada para a realidade pelo uso da palavra “refém” e pela consciência da

minha situação. Retirei minha mão da de Ryan. Tinha a impressão de que não gostaria do que ia ouvir, a julgar pela seriedade na voz dele.

— É sobre Val — ele continuou, a expressão impassível. Ah, Deus! É agora que ele vai me informar que pretende sair com nós duas? Ou que gosta mais dela? Ou que foi tudo uma brincadeira à minha custa? Mordi o lábio inferior, esperando pelo golpe.

— Eu tenho de ser gentil com ela. Sabe, o pai dela é muito influente. Ele é banqueiro, e meu pai depende dele para aprovar os empréstimos que precisa fazer. Ele queria que eu saísse com ela, mas eu não podia fazer isso, especialmente depois de conhecer você.

O calor e a sinceridade reluziam no fundo daqueles olhos azuis cristalinos. — Eu entendo. — Os olhos dele transpareciam sinceridade, mas eu não conseguia evitar

a sombra da dúvida em meu peito.

Ele estendeu a mão e encaixou-a em meu queixo, virando meu rosto

para encará-lo. — Entende? Eu estou com a sensação de que você não acredita em mim. — Eu não sei em que acreditar. É difícil assistir enquanto você permite que ela se

pendure em você daquele jeito. É como se você estivesse gostando. Ah, céus! Eu não acredito que falei o que estava pensando. Ryan sorriu, o humor alcançando seus olhos.

— Você está com ciúme! — Ele transformou aquilo em uma provocação, fazendo uma musiquinha sem sentido com as palavras. — Faísca está com ciúme... c-i-ú-m-e. Isso soletra o quê? Ciúme!

Incapaz de manter minha indignação com aquela acusação, que por sinal era verdadeira, infelizmente, eu desatei a rir.

— Você é um palhaço, juro que é.

— Sim, sim, eu admito. Mas ser normal é altamente... — Superestimado — completei por ele.

Ele franziu o cenho.

— Como é que você sabe o que eu ia dizer?

— É uma das nossas frases favoritas, minha e de Mandy. Quando chegamos ao cinema, Ryan deu a volta no carro para abrir a porta do passageiro

para mim. Ah, então suas boas maneiras não eram coisa de primeiro encontro. Fomos até a bilheteria, e ele tirou a carteira para pagar.

Eu peguei algum dinheiro na minha bolsa e o estendi para ele. — Aqui, tome.

— Não. — Ele balançou a cabeça. — Enquanto você estiver comigo, não vai pagar por nada. — Ele piscou para mim.

— Ah...

Eu havia tido mesmo a impressão de que ele não me deixaria pagar, mas não quis presumir que seria assim.

Ryan me guiou através das portas até a lojinha de conveniência. — O que você vai querer? — Ele estava olhando para os doces na vitrine. — Skittles. — Enrolei um cacho de cabelo entre os dedos. — E o que mais?

— Nada, só Skittles.

— Tudo bem, mas também vamos levar um balde enorme de pipoca e um copo grande de refrigerante para dividir. Juro que não tenho sapinho; pelo menos, não tenho uma crise há muito tempo — garantiu ele, erguendo e baixando as sobrancelhas comicamente.

Eu ri.

Quando chegamos à sala de exibição, a maioria dos assentos já tinha sido ocupada. — Estou vendo dois lugares lá em cima. Você se importa? — perguntou Ryan. — Não, eu sempre me sento lá em cima. A gente não precisa se preocupar com

criancinhas chutando a nossa cadeira ou pipoca caindo na nossa cabeça. — Nisso, você tem razão, Faísca. Para o topo, então. Nós nos sentamos bem quando começavam a exhibir os *trailers*. Ryan levantou o braço

que dividia nossas poltronas, de modo que já não havia nenhuma barreira entre nós. Eu havia me esquecido que só as cadeiras da última fileira tinham essa opção. Quando ele cruzou a distância entre nós, eu fiquei muito consciente desse detalhe.

— Pronto... Agora é bem mais fácil dividir a pipoca — comentou ele. Nós tínhamos pipoca? Ah, sim. A energia fluía entre nós dois, disparando minha

pulsação. Cada terminação nervosa estava hipersensível. O cheiro de canela de Ryan misturado ao odor amanteigado da pipoca estava dando um curto-circuito nos meus sentidos.

Assim que o filme começou, uma pipoca aterrissou no meu peito. Como eu não tinha muito recheio em meu decote, ela rapidamente escorregou para o meu colo. Fitei Ryan: ele parecia concentrado no filme. Dali a pouco, outra pipoca me atingiu. Olhei ao redor para ver quem mais tinha pipoca. Mas que raios?

Quando tornei a olhar para Ryan, notei que um canto de sua boca estava erguido, como se ele estivesse tentando conter o riso. Fingi não notar, mas baixei o olhar, para poder enxergar quando ele pegasse outro punhado de pipoca.

Assim que ele o fez eu virei de frente para ele, fazendo com que o projétil me acertasse no nariz.

— No flagra!

Ambos rimos, e várias pessoas pediram silêncio. Ryan se inclinou para mim e sussurrou:

— Você deveria mesmo aprender a se controlar em público. Eu peguei um punhado de pipoca e joguei nele.

— Que tal isso como prova de controle, hein?

— Olhe só! Faísca, eu acho que gosto desse seu lado mais esquentadinho! Esquentadinho? Enrijeci, lembrando como Constantine havia usado essa mesma

expressão. Seria outra coincidência? Ryan nunca havia me passado as mesmas vibrações sinistras que Constantine emitia. Mas cada vez surgiam mais similaridades.

Ah, não, eu estava sendo ridícula. Ryan não tinha nada de mau em seu ser. Eu seria capaz de sentir e perceber se houvesse, com certeza.

Virei-me para olhar para ele no mesmo instante em que ele decidiu fazer o mesmo. Nossos rostos ficaram a centímetros de distância, nossos lábios a milímetros. Eu inspirei rapidamente. Antes que pudesse expirar, ele pressionou os lábios nos meus, disparando sensações inéditas pelo meu corpo. Ele entreabriu os lábios de leve e eu o imitei, permitindo que o beijo se aprofundasse.

Um calor me percorreu, assentando-se em meu ventre. Ele tinha gosto de pipoca e refrigerante, uma combinação de doce e salgado que me deixou arrepiada. Não era tão assustador como eu havia imaginado, e era muito mais incrível do eu sonhara.

Ele interrompeu o beijo, envolvendo meus ombros com um braço e me puxando para si. Eu não resisti. Todas as minhas preocupações com Ryan desapareceram enquanto eu me aninhava em seu abraço.

No meio do filme, tive de ir ao banheiro. O refrigerante já estava causando efeito. — Volto já. — Levantei-me e abri caminho até o corredor. Entrei no toalete, meus passos ecoando no vazio. Uma sensação de desconforto me

envolveu. Eu odiava ter de fazer isso no meio de um filme, porque os toaletes geralmente estavam desertos, o que não é bom quando você assiste a muitos filmes de terror. Mesmo sem ninguém no local, eu ainda assim me abaixei para olhar por baixo das portas. Quando fiquei satisfeita, abri uma das

cabines e entrei.

Assim que tranquei a porta, senti o cheiro de amêndoas permear o banheiro e fiquei tensa.

Só pode ser brincadeira.

Sem querer ser pega com as calças arriadas, literalmente, apressei-me a ajustá-las de volta, me esquecendo do motivo que havia me levado até ali. Isso teria de esperar.

Destranquei a porta da cabine e coloquei a cabeça para fora. Apoiado na parede ao lado do secador de mãos estava Constantine. Não que eu estivesse surpresa.

Seu olhar deslizou pelo meu corpo e parou em meu rosto. — Apreciando o filme?

— Na verdade, estou, sim. Pode cortar a conversa fiada. O que você quer desta vez? Eu não sentia que ele quisesse me fazer mal, mas ele queria alguma coisa. — Como todas as outras vezes, eu quero *você*. É bem simples. — Ele lambeu os lábios.

— Posso lhe mostrar um estilo de vida tão liberador que você nunca vai sentir falta do antigo.

— Bem, acho que isso seria um problema. Eu quero o antigo de volta. Não gosto muito do novo estilo que tive de aceitar.

Uma expressão estranha passou pelo rosto dele. Eu deveria ter ficado calada. Nicoleta me avisou para ter cuidado. Ela dissera que Constantine faria de tudo para me atrair para ele de minha livre e espontânea vontade. Qualquer coisa que eu dissesse poderia ser usada para esse fim. Mas como eu era estúpida!

Assim como havia surgido, ele sumiu. Do nada. Um hálito quente passou pela minha nuca. Pulei e virei a cabeça para os dois lados, o rabo de cavalo atingindo meu rosto. Como ele se movia tão rápido? Eu nem tivera tempo de reagir. Girei, dando de cara com o mal incorporado e sorridente. Ele tremulou e desapareceu de novo. Eu fiquei me virando de um lado para o outro, tentando encontrá-lo, esperando que ele ressurgisse a qualquer momento e me desse um susto. A porta se abriu e uma mulher grávida com uma barriga imensa entrou. Eu dei um gritinho, o que fez com que ela gritasse em resposta.

— Desculpe-me, é que eu fico assustada se estou sozinha em um banheiro público — expliquei.

— Tudo bem. Acredite, eu também não estaria aqui, mas ultimamente minha bexiga está do tamanho de uma ervilha.

Ela entrou em uma das cabines e eu saí apressada do banheiro, uma risada grave me seguindo.

Estendi a mão para a porta do cinema. Alguém agarrou meus ombros. Eu girei, pronta para confrontar Constantine mais uma vez.

Meus olhos se arregalaram e senti meu rosto empalidecer. — Ei, Faísca! Fiquei preocupado com você. Demorou tanto lá dentro que achei melhor conferir se estava tudo bem.

Minha mente, mais uma vez, se encheu de suspeitas. Como ele conseguia sempre aparecer mais ou menos ao mesmo tempo que Constantine? Eu não tinha demorado tanto assim, então, por que ele sentira a necessidade de vir me procurar? Sou capaz de ir ao banheiro sozinha.

— Por que você está me olhando desse jeito? Parece que viu um fantasma. — Ele se inclinou e me beijou, fazendo aquela sensação de eletricidade passar entre nós.

Não, ele não possuía nadinha do mal que Constantine irradiava. Tudo não passava de uma coincidência após a outra. Coisas muito mais estranhas aconteciam todo dia. Ao menos, era do que eu tentava me convencer.

Quando o filme acabou, decidimos ir até o Chipotle e comer um burrito no jantar. Dessa vez, gostei do fato de o restaurante estar barulhento. Não sentia muita vontade de conversar. Preferia passar meu tempo olhando para a perfeição encarnada no rapaz à minha frente.

Mas aquela dúvida continuava voltando de tempos em tempos. Meu coração não queria acreditar, mas minha mente seguia empurrando a questão para a minha consciência. Meu corpo concordava com meu coração e queria que minha mente saísse voando.

— Você está muito quieta desde que saímos do cinema — declarou Ryan. — Ah, estou meio cansada. E está muito barulhento aqui. Mal consigo ouvir minha

própria voz.

Ryan lambeu o molho do canto de sua boca, levando minha atenção para seus lábios. Eu segui cada movimento de sua língua. Depois de experimentar como um beijo podia ser maravilhoso, eu imaginava como seria um beijo de língua.

Meu rosto ardeu só de pensar. Eu já tinha visto na tevê e conversado com Mandy a respeito, mas nunca havia tentado. Nunquinha.

Em breve, Ryan me levaria para casa. Será que ele me daria um beijo de boa-noite? Meu estômago se contraiu de antecipação. Se ele não me beijasse, acho que eu morreria. Como eu poderia esperar pela próxima vez, se ele não me beijasse? Haveria uma próxima vez? E meu hálito, como estaria? Ah, meu Deus! O molho de milho tinha alho e cebola. Por que eu não tinha me lembrado disso e pedido outra coisa? Talvez eu tivesse algum chiclete na bolsa.

— Você não vai comer? — questionou Ryan.

— Hum? — Olhei para meu burrito, abandonado pela metade. — Ah, sim. Eu só tenho de abrir espaço no meu estômago... *Alguém me deu muita pipoca para comer. Sem contar os Skittles.*

Ryan olhou para onde estava sua embalagem vazia de burrito. — É, eu também.

Ambos demos risada.

Obviamente, ele não tinha problema nenhum com seu apetite. E, ainda bem, o meu havia voltado ao normal depois que começara a tomar meus suplementos. A fome interminável já estava me cansando.

A caminho de casa, Ryan segurou minha mão, afagando gentilmente a pele delicada entre o polegar e o indicador. Quanto mais nos aproximávamos da minha casa, mais nervosa eu ficava. Eu queria que ele me beijasse de novo. Era a única coisa em que eu conseguia pensar. Será que era assim que Mandy se sentia com Brad? Teria ela o beijado e não me

contara? Não, de jeito nenhum ela manteria isso em segredo. Raios, *eu* mal podia esperar para contar a ela o que estava acontecendo!

Vasculhei minha bolsa atrás de algo que pudesse mascarar o odor sobrepujante do alho que, sem dúvida, estava em minha boca. Por sorte, eu ainda tinha aquele chiclete. Um único.

— Quer metade? — ofereci.

— Não, pode ficar à vontade.

Coloquei o chiclete na boca. Quando chegamos à minha casa, aproveitei a oportunidade conferir meu hálito enquanto ele contornava o carro para abrir minha porta. Ah, que droga! Alho mentolado. Pior a emenda que o soneto... Revirei os olhos.

Ele me ajudou a descer.

— Eu me diverti muito esta noite. Estou feliz que tenha decidido sair comigo. — Sim, eu também — respondi.

Quando passamos pela calçada, Ryan deslizou o braço ao redor da minha cintura. O calor que ardia em meu ventre se intensificou.

A porta estava cada vez mais próxima... mais próxima... Droga! O que eu devia fazer com o chiclete na minha boca? E se ele me beijasse e o

chiclete acabasse indo para a boca dele? Que nojo! Fingi tossir, e quando ergui a mão para cobrir a boca, expeli o chiclete ali. Em um movimento fluido, lancei-o aos arbustos. Sorri, orgulhosa da minha sutileza.

Quando chegamos à varanda, Ryan me girou, colocando-me de frente para ele. Antes que eu percebesse sua intenção, sua boca cobriu a minha em um beijo profundo, embriagador. Meus olhos giraram. Ele me puxou mais para perto, nossos corpos se encaixando como um quebra-cabeça. Um quebra-cabeça quente e delicioso. O coração de Ryan martelava contra o meu peito, em um ritmo comparável ao do meu. As mãos dele subiram e desceram pelas minhas costas, arrepiando meus braços. Todos os meus sentidos saltaram, energizados, meu corpo entrando em um curto-circuito.

Foi quando o calor e os estalos começaram.

A princípio, não distingui aquilo de todas as outras sensações. Depois a dor subindo do final da minha coluna me encharcou de realidade, como um banho de água fria.

Eu estava me transformando na frente de Ryan.

Eu tinha de me afastar dele, antes que fosse tarde demais. Interrompi o beijo e recuei. — Eu preciso ir.

Sem fazer contato visual, dei-lhe as costas e corri pela porta, sem nem ao menos dizer tchau.

Assim que fechei a porta, pelos cobriram meus braços e garras surgiram

no lugar das minhas unhas. Ah, céus! Mais um segundo, e Ryan teria testemunhado meu probleminha.

Corri para minha cama e me joguei ali, com lágrimas escorrendo pelo rosto. Eu nunca conseguiria ter uma vida normal. Nunca. Como eu podia ter algum tipo de relacionamento sem que a outra pessoa acabasse descobrindo que tipo de criatura eu era? O que Ryan pensaria se soubesse que estava saindo com uma aberração da natureza que não apenas sugava sangue, mas também se transformava em pantera? Se eu estivesse no lugar dele, correria para o mais longe que pudesse, sem nunca olhar para trás.

Eu queria fugir, mas a criatura de quem eu queria escapar era eu mesma.

Capítulo XIV

Santa transformação!

Segundas-feiras eram sempre uma porcaria. Mas alguma coisa naquela segunda-feira em especial a tornava uma porcaria maior ainda.

Incerta quanto ao que dispararia minha próxima transformação, fiquei em estado constante de paranoia. Não sentia disposição para conversar com ninguém. Ah, nada como um pouco de autopiedade para começar a semana! Imaginei o que o dia me reservava.

Não precisei esperar muito para descobrir.

No caminho para minha primeira aula, o fundo da minha mochila rasgou e minhas coisas se espalharam pelo corredor. Ninguém se dispôs a me ajudar a recolher tudo. Agora eu não tinha opção, além de correr até meu armário nos intervalos de cada aula.

Quando corria para chegar à classe de Inglês depois de enfiar o restante das coisas no armário, algum cretino trombou em mim, fazendo com que os objetos que eu carregava caíssem no chão. De novo.

— Muito obrigada, ouviu? — gritei para a figura que seguia seu caminho. Ele respondeu me fazendo um sinal obsceno sem olhar para trás. O sinal tocou, estridente, acabando com meus nervos. — Ótimo, agora estou atrasada também — resmunguei sozinha. Abaixei-me para recolher meus itens espalhados, juntando a bagunça o mais rápido que podia.

— Opa! Belo traseiro, Ímã de Morcegos! — falou um dos jogadores de futebol que ia passando.

— Seu tonto.

Estava pegando minha última pasta quando o cheiro de amêndoas atingiu meu rosto. — Sim, é belíssimo. E posso dizer com conhecimento de causa. Eu me volvei devagar, fitando Constantine a tempo de vê-lo passar a língua pelo lábio

inferior. Meu rosto pegou fogo. Será que todos os esquisitões tinham resolvido me atormentar naquele dia? A aparição dele era a cereja no topo de

um dia que mal havia começado, mas prometia ser cheio de eventos desagradáveis.

Eu me endireitei e segurei meus livros contra o peito. — Você não pode vir aqui. Suma, vá perturbar outra pessoa. Eu tenho de ir para a aula. — Você está muito tensa, *Vânător*. Sabe, se você se juntasse a mim, nunca ficaria

estressada de novo. E eu me certificaria de que todos os seus desejos fossem satisfeitos. Você jamais passaria vontade de nada. — Ele deu um passo à frente, diminuindo a distância entre nós. O calor de seu corpo envolveu o meu. — Pense só. Toda a liberdade...

— Estou pensando que você é um furúnculo no meu traseiro que não some nunca. — Eu tentei contorná-lo e passar por ele, que bloqueou minha passagem. Fui para a esquerda; ele me acompanhou. — Será que dá para dar licença? Eu tenho de chegar à aula. Agora, saia da minha frente.

Ele me deixou passar.

— Você sabe onde me encontrar. Estarei esperando por você. Quando me virei para dar uma resposta atravessada, ele havia sumido. Que conveniente. A srta. Sanders estava de costas para a classe quando cheguei à porta, então entrei de

fininho e me sentei sem que ela visse.

— Bom dia, srta. Wilde. Fico feliz que tenha vindo — disse ela. Afundei em meu lugar. Ela tinha olhos na nuca? Deixe para lá. Eu não queria saber.

Talvez tivesse, mesmo.

Não levou muito tempo para eu me desligar do que ela estava dizendo e começar a pensar em Ryan.

Eu me sentia uma palerma pelo modo como agira com ele depois do beijo que trocamos na varanda, antes que minha fera interior resolvesse fazer uma aparição surpresa. Pelo visto, eu podia acrescentar paixão à minha lista de sentimentos a evitar. Ryan havia me ligado e mandado vários torpedos, mas eu me recusara a responder. Como não conseguia me forçar a lidar com ele ainda, eu o estava evitando a todo custo. Nem sequer tinha respondido às mensagens de Mandy na noite anterior. Mas tudo isso estava prestes a acabar, já que eu veria ambos na minha próxima aula. E Val também. Não podia me esquecer dela. Meu dia não estaria completo sem uma dose de Val.

Corri para meu armário antes da aula de história para deixar o material

de inglês e pegar o que ia precisar em seguida. Quando fechei a porta, ali estava Ryan, esperando que eu o visse. Arfei, já sem fôlego pela correria.

— Faísca! — exclamou ele, obviamente analisando minhas reações. Eu baixei os olhos, incapaz de manter contato visual com o rapaz que incendiava meu

mundo.

— Olá.

Ele estendeu a mão e tocou meu cotovelo, fazendo centelhas voar para todos os lados. — Olhe, eu sinto muito por ontem à noite. Eu não queria ter sido tão ousado. Prometo

que não vai acontecer de novo.

Olhei para ele; a expressão de seu semblante era de pura sinceridade. — Não até que você esteja pronta — ele acrescentou. Ah, meu Deus! Ele estava assumindo a culpa pelo meu comportamento esdrúxulo.

Fascinada, nem tentei corrigir seu engano. Além do mais, o que eu podia dizer? “Desculpe-me, Ryan, eu estava no meio do processo de me transformar em pantera, então tive de sair correndo para me esconder”? Acho que não. Mas, ao mesmo tempo, eu não podia permitir que Ryan continuasse se culpando por algo que não era responsabilidade dele.

— Tudo bem, não foi culpa sua. Eu...

O sinal tocou. Droga, atrasada de novo! Ryan pegou minha mão e me levou pelo corredor para nossa aula de História. Quando chegamos lá, estávamos rindo e sem fôlego. A sra. Johnson ainda não havia fechado a porta, então entramos, tentando não chamar muita atenção — uma tarefa nada fácil, considerando-se que não podíamos silenciar nossos tênis.

Conseguimos ir até o fundo da sala, onde encontramos dois lugares juntos, passando por uma Val enfurecida. Eu tinha a distinta sensação de que ela me faria pagar por isso em breve.

Quando me sentei, detectei um movimento com o canto dos olhos. Mandy acenou e sorriu, depois fez sinal de positivo. Ela não parecia muito chateada por eu não ter ligado ou entrado no MSN na noite anterior, depois que Ryan me deixou em casa.

Talvez ainda dê para salvar o dia de hoje, afinal. Depois de pensar isso, eu deveria ter batido na madeira. Cheguei atrasada para a aula

seguinte de novo, porque precisei passar antes no meu armário. Quando abri a porta para enfiar meu livro lá, um papel cuidadosamente dobrado caiu no chão, com meu nome escrito do lado de fora.

Abaixei-me e o peguei, guardando-o na minha bolsa. Eu o leria depois. De quem poderia ser? Ryan? Sorri para mim mesma. Quem mais me escreveria? Mandy, com certeza, não. Nós trocávamos torpedos ou mensagens, não bilhetes em papel. Isso era bobo! Mas um recado de Ryan era totalmente diferente. Eu saboreei a ideia de lê-lo durante o almoço.

Enquanto a aula se arrastava, a ansiedade de ler o bilhete crescia. Talvez eu pudesse tirá-lo da bolsa discretamente e ler rapidinho. Não... Com a minha sorte, eu seria pega no flagra e o recado seria lido na frente da classe toda. E sem dúvida conteria algo completamente embaraçoso.

O sinal tocou. Finalmente, hora do almoço! Corri para uma área mais reservada e tirei o papelzinho da bolsa.

Encontre-se comigo no armário de limpeza, perto da sala de biologia, às 13:15hs. Ryan

Por que no armário de limpeza? Privacidade? Para nos escondermos de Val? Conferi o horário no meu celular. Droga! Já era uma e doze. Eu tinha de correr. Praticamente disparei pelo corredor. Como ainda havia algumas aulas durante o horário do almoço, eu tinha de ser silenciosa. Passei pela sala de Biologia e fiquei em frente ao armário de limpeza.

Algo não me parecia certo. Eu não conseguia imaginar Ryan sugerindo um encontro assim. E os armários de limpeza não tinham de ficar trancados? A escola não podia mantê-los abertos para que os alunos entrassem quando tivessem vontade. Não fazia sentido.

Olhei para os dois lados do corredor. Não havia ninguém por ali. Eu não sentia o mal, e o cheiro de amêndoas não permeava o ar ao meu redor como nas ocasiões em que Constantine aparecia. Coloquei a mão na maçaneta e hesitei, deixando-a escorregar de volta para o lado do meu corpo.

Eu odiava lugares fechados, em especial os escuros. Por que eu estava ali, afinal? Eu nem podia ficar num lugar assim; teria uma crise de claustrofobia, com certeza. Outra vez estendi a mão e tentei abrir a maçaneta. Dessa vez ela cedeu sem nada que impedisse seu progresso. Abri a porta, permitindo que a luz entrasse no espaço pequeno e apinhado.

— Ryan? — sussurrei.

Dei um passinho para dentro da sala, só para ter certeza de que ele não estava se escondendo atrás de alguma pilha. Ele parecia se divertir me provocando.

Empurrada por trás, vooi para dentro da sala e caí de joelhos, evitando por pouco que minha cabeça batesse em uma prateleira recostada contra a parede. Antes que eu tivesse a chance de me recompor, a sala foi mergulhada na escuridão quando a porta se trancou atrás de mim. Risadas femininas soaram no corredor.

— Val!

Eu reconheceria aquela risada em qualquer lugar. Mas o que tinha dado nela para fazer algo assim?

A sala escura e entupida de coisas pulsava ao meu redor, forçando-me de volta a uma época que eu não queria reviver. Eu tinha de sair dali.

Meu peito se confrangeu, trancando meus pulmões. Lembranças de uma situação similar voltaram à minha mente. Eu me agachei. *Não, não, não*. Eu não queria me recordar daquilo. Nem agora, nem nunca. Fiquei de lado e encostei os joelhos no peito, balançando para a frente e para trás, mas as imagens continuavam surgindo.

Eu tinha quatro anos. Não queria tirar uma soneca, mas mamãe me forçou a ir dormir porque eu estava rabugenta. Eu tirei todas as minhas bonecas das caixas e comecei a brincar. Foi quando meu quarto ficou escuro e começou a trovejar. Eu apertei os olhos, tentando bloquear a lembrança. Outro trovão ribombou, e cobri os ouvidos para abafar o barulho horrendo. Eu queria correr para a minha mãe, mas ela ficaria zangada porque eu não estava dormindo. A trovoada aumentou, cada vez mais alta. Alguma coisa arranhou minha janela. Eu cobri a boca com as mãos para não gritar. Um relâmpago iluminou meu quarto, lançando sombras sinistras por todo lado. Eu precisava da minha mãe, mas estava aterrorizada demais para me mover. Eu tinha de me esconder das sombras, então me arrastei para a caixa onde guardava meus brinquedos e fechei a tampa. Mas lá dentro era ainda mais escuro, e apertado demais. Eu não conseguia respirar. Meu peito doía muito. Eu empurrei a tampa, mas ela estava presa. Eu gritei e gritei, sem parar. Mamãe não me ouviu.

Ela não me ouviu.

Fiquei presa dentro daquela caixa por tanto tempo... tanto tempo. As lágrimas escorriam pelo meu rosto, e meu peito se confrangeu ainda mais. Eu precisava sair daquele armário, e logo.

Agente firme. Engula o choro.

Enxuguei as lágrimas e me levantei sobre as mãos e os joelhos. Ofegante, apalpei ao meu redor no escuro. A luz que entrava por baixo da porta era suficiente apenas para me mostrar a direção. Mesmo meus sentidos aguçados não conseguiam lutar contra os borrões em minha visão. A adrenalina percorria minhas veias, disparando perigosamente minha pulsação. Meu coração doía, a pressão aumentando, até que pensei que iria explodir em mil pedaços. Eu não conseguia respirar, meus pulmões ardiam. Senti uma súbita tontura e oscilei de um lado para o outro. Pontos de luz dançaram em minha visão. Caí de lado, incapaz de me sentar novamente.

Foi quando meus músculos começaram a arder, como tinha acontecido na caverna da última vez em que eu tivera uma crise. Meus ossos estalaram e giraram. Eu gemi devido àquela dor estranha.

— Ah, Deus! Não!

Eu estava me transformando na escola! Tinha de fazer aquilo parar. Mas a dor aumentou, tornando mais difícil relaxar e me acalmar. Eu me deitei de costas, com os braços estendidos. Minhas garras arranharam o piso gelado de cimento. Meus pelos me fizeram arrepiar ao saírem de minha pele. Meu corpo começou a assumir outra forma, não humana. Minhas presas se enfiaram em meus lábios. Escorreu sangue do ferimento, perfumando o ar com um aroma doce e metálico.

Não! Eu preciso interromper isto!

A qualquer momento eu não conseguiria mais falar, minha voz seria reduzida ao rugido de uma fera.

Então pensei no que Nicoleta havia me dito. Respirei fundo e me concentrei no pingente. — Por favor, me ajude. Eu não consigo controlar a transformação. Ensine-me como fazer

isso, antes que seja tarde — implorei.

Meu colar se aqueceu e o pingente vibrou, emitindo um halo cor de laranja. No mesmo instante, fui cercada por uma sensação de paz. Meus pulmões voltaram a funcionar normalmente, permitindo que mais oxigênio

circulasse pelo meu corpo. Inspirei e expirei. Meu coração foi desacelerando aos poucos, diminuindo a constrição em meu peito. Continuei a buscar poder no pingente, e as contorções em meu corpo pararam.

Ouvi um som do outro lado da porta, que se abriu. A luz me cegou na mesma hora. Encolhi-me no canto, curvando-me, tentando ficar invisível e me esconder o máximo possível. Quem quer que tivesse aberto a porta tinha sido brindado com a visão de minha forma semitransformada. A porta tornou a se fechar, fazendo com que a escuridão

retornasse.

A luz se acendeu.

Continuei encolhida no meu canto, o corpo tremendo enquanto voltava ao normal aos poucos. Ouvi a respiração tranquila do desconhecido que estava ali comigo e aguardei que ele dissesse alguma coisa. Qualquer coisa. Com medo demais para tentar ver que havia testemunhado a horrível transformação, mantive minha cabeça enterrada entre os joelhos.

— Cheyenne, como pôde não me contar? — indagou Mandy. Levantei a cabeça e deparei com seu olhar questionador, mas não consegui encontrar palavras para responder.

— Será que não sabe ainda que pode me contar qualquer coisa? — Ela se ajoelhou a meu lado e disse baixinho: — Eu vi você se transformar na caverna.

Fiquei boquiaberta. Ela tinha visto? Ah, meu Deus! E não falou nada? Nem saiu correndo?

— É isso mesmo. Eu vi, mas resolvi esperar até que você estivesse pronta para me contar.

Ela não parecia estar assustada com o incidente, por isso relaxei. — Por que você ficou tão calma com tudo? Você viu o que acabou de acontecer? Ou está

precisando ir ao oftalmologista? Céus, Mandy, eu tinha pelos cobrindo meu corpo todo! O que há de errado com você? Não acha isso nem um pouco esquisito?

E por que eu sentia a necessidade de convencê-la da estranheza da situação? — Não, na verdade, nem um pouco. — Ela se sentou e cruzou as pernas. — Por que não? — Aquilo estava me deixando perturbada. Ela sorriu.

— Porque meu pai e meu irmão são metamorfos. Dããã! Arregalei os olhos.

— Metamorfos? Como assim?

— Eles mudam de forma, como você, só que para lobos. — Ela deu de ombros, como se aquilo fosse uma coisa normal.

Eu me aproximei dela, como se fosse contar um segredo. — Você quer dizer, lobisomens?

Nicoleta mencionara outras raças, mas eu nunca tinha parado para pensar nisso. Nunca, nem em meus sonhos mais loucos, eu imaginara que minha melhor amiga pudesse pertencer a uma raça não humana, como eu. Será que havia mais gente como eu morando por ali? Ou indo à mesma escola?

Ela revirou os olhos.

— Isso foi tão politicamente incorreto! O termo preferido por nós é *Luptã*. Eles se transformam em lobos do mesmo modo que você se transforma em um gato preto.

Foi a minha vez de revirar os olhos.

— *Hello-ou?! Aquilo se chama pantera!*

Ambas caímos na risada, diminuindo a tensão entre nós. — Você está bem agora?

— Sim. Aliás, como você sabia onde me encontrar? Mandy fechou as mãos em punho no colo.

— Você não vai querer saber.

— Diga.

— Aquela bruxa estava se gabando com suas comparsas. Elas agiam como se fosse a coisa mais engraçada do mundo. E eu não ligo para o que você disser: dessa vez, ela *vai* pagar por isso. Os atos dela poderiam ter sérias consequências para você. Ela sabe que você era claustrofóbica e deliberadamente planejou a vingança perfeita. Ela é uma pessoa odiosa.

Mandy cruzou os braços sobre o peito e franziu o cenho. — Como assim, vingança?

— Ah, por favor! Quando você e Ryan entraram juntos na aula de História, ela ficou verde de inveja. E nem tentou disfarçar. Ficou bastante

claro que vocês estão “juntos”. E depois da aula, eu vi Ryan conversando com ela. Eles pareciam... próximos demais, se é que você me entende. O que me irritou, por isso, meio sem querer, assim... fiquei ouvindo o que eles diziam. Mas veja só: ele falou para Val que queria ser apenas amigo dela, porque ele gostava mesmo era de você. E que vocês estavam saindo.

— Ah, meu Deus! Sério? Ele disse mesmo isso? Meu coração deu um salto, e meu estômago também. Ele tinha dito que nós estávamos

saindo! Ele devia gostar mesmo de mim, para enfrentar Val desse jeito quando seu pai esperava que ele fosse gentil com ela. Devia ter sido difícil.

— É. Ela ficou furiosa. O rosto dela ficou vermelho e ela saiu pisando duro. Tenho certeza de que foi quando ela resolveu descontar em você.

— Bem, acho que não posso culpá-la — resmunguei baixinho. Mandy franziu o nariz.

— Você está louca?

— Eu tenho Ryan, ela não. Eu fiquei muito brava quando pensei que estava acontecendo o inverso.

Ela balançou a cabeça e suspirou.

— Acho que a transformação deve ter mexido com a sua cabeça. Saímos do armário e fomos para o centro estudantil, onde a maioria dos alunos ficava.

Quando viramos a esquina para entrar, trombamos com Ryan. Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ele me puxou para seus braços, o perfume de almíscar e canela me envolvendo. Nós nos encaixávamos tão perfeitamente que era como se tivéssemos sido feitos um para o outro. Eu me aninhei melhor em seu abraço, absorvendo o conforto e a segurança que ele oferecia com tanto desprendimento.

— Eu ouvi falar do que Val fez. Sinto muito, é tudo culpa minha. Ele se afastou um pouco para poder me examinar. Depois de satisfeito com sua inspeção,

me abraçou de novo.

— Como você descobriu? — perguntei, a voz abafada pelo peito de Ryan. — Ouvi Val comentando a respeito. Na verdade, ela estava se gabando. Eu não tinha

ideia de como ela pode ser má. Sinto muito, muito mesmo. — Pode parar de pedir desculpas. Eu estou bem, de verdade. Mandy colocou as mãos nos quadris.

— Coisíssima nenhuma! Quando eu a encontrei, ainda trancada no armário, ela estava no meio de uma crise de pânico. Mal conseguia respirar.

Ryan me soltou de novo e me fitou nos olhos.

— É verdade?

— Sim, mas eu já estou bem. Deixe isso para lá. Mandy bufou.

— Está brincando? Primeiro ela acusou você de posse de drogas, depois a trancou em um armário pequeno sabendo que você tem claustrofobia. — Ela jogou a mãos para o alto. — Você pode até ser capaz de deixar para lá, mas eu não!

— Mandy tem razão — concordou Ryan. Ela não pode continuar fazendo essas coisas com você. E se ela acabar machucando você de verdade na próxima vez?

Os olhos dele transpareciam toda a sua preocupação. Meu coração se apertou. Se ele não gostava de mim, com certeza fingia muito bem. — Olá! — Mandy me cumprimentou ao juntar-se ao aquecimento. — Larry quase me matou hoje. Ele trabalhou nos flexores do meu quadril. E escreva o que digo, logo vai haver um hematoma enorme onde ele forçou.

— Olá — falei, lançando para ela meu olhar de eu-sei-o-que-você-fez. Eu torcia para ter doído; bem-feito para ela.

— Desculpe, mas Val fez por merecer.

Engraçado como ela sabia só com um olhar o que havia me irritado. — Eu fui tirada da sala *de novo para falar com o sr. Gonzales para confirmar o que você*

havia dito a ele. Você percebe como Val vai me infernizar ainda mais agora, graças a você? Apertei os lábios. Ainda estava irritada por Mandy ter visitado o diretor, e planejava

fazê-la sofrer um pouquinho.

— Não se ela quiser manter a cabeça sobre os ombros. Ouvi dizer que ela foi suspensa por dois dias — contou ela, com certo excesso de entusiasmo.

Droga! E se ela culpasse Ryan de alguma forma, e contasse ao pai dela? O pai de Ryan poderia sofrer as consequências.

— Meninas, vamos parar com a conversa. Não está na hora de fofocar! — berrou Larry, do outro lado da academia.

Considerando o dia horrível que eu havia tido na escola, a ginástica foi bem. Eu trabalhei minha saída das barras e, exceto por duas vezes, acertei tudo. A trave foi ótima! Acertei todos os meus saltos. Mas quando fomos para o solo, tive a sensação de que minha sorte iria mudar. Nas bordas, eu fiquei olhando para a área dos expectadores esperando divisar... bem, eu não tinha certeza o que esperava ver. E eu estava com o pescoço arrepiado.

Depois de uma tonelada de passadas, fizemos alguns exercícios de rotina. Eu precisava trabalhar para conseguir mais curvatura em meu salto duplo parafuso de frente para conseguir um dez perfeito. Alcançar dois décimos a mais na nota ajudaria bastante. Às vezes a vitória estava nos centésimos de diferença.

— Certo, meninas, vamos saltar — anunciou Larry. Eu fiz dois muito bons, quase alcançando a meia-volta a mais que precisava. Estava tão

empolgada que me esqueci da sensação desagradável, até que um mau presságio acabou com minha concentração durante um salto e eu quiquei para fora do colchonete, caindo de cabeça na valeta.

O jeito como eu caí me enfiou entre os blocos de espuma com as pernas retas para cima, chutando desesperadamente para tentar sair de lá. Ouvi risadas abafadas em torno de mim. Sem dúvida, todo o time estava em volta da valeta, assistindo às minhas tentativas mal-sucedidas de escapar dos blocos de espuma. Mãos fortes se fecharam em meus tornozelos e me puxaram para fora. “Idiota” nem começava a descrever o modo como eu me sentia. Larry ergueu os óculos e secou as lágrimas de seus olhos.

— Fico feliz que tenha sido divertido para alguém. Funguei. Ultimamente, esse papel sempre ficava comigo. Talvez eu devesse me tornar uma comediente.

— Mas Cheyenne, se você tivesse visto... — Mandy explodiu em risadas outra vez com o restante do time.

— Todas de volta, vamos saltar — Larry conseguiu dizer. Com apenas meu orgulho ferido, voltei para a fila do salto. Parei, gelada no lugar,

olhando para a área dos espectadores.

Constantine estava reclinado contra o teto, seu olhar concentrado em mim. Ele me cumprimentou com um gesto de cabeça.

Mas ele tinha muita coragem de vir até a *minha* academia, invadindo o *meu* santuário pela segunda vez!

Mandy me alcançou e cutucou meu ombro.

— Quem é aquele? Ele é lindo!

— Confie em mim, não é não. E ele não é ninguém que você precise conhecer — avisei. — Então, você o conhece?

— Não, na verdade, não conheço. Mas eu sei *o que ele é*. Mandy arregalou os olhos.

— Ele é um... vampiro?

Eu a agarrei pelos ombros.

— Shh! Deus do céu! Você não pode falar essas coisas em voz alta. E se alguém ouvir? Ela fez uma careta.

— Desculpe-me. Mas ele é lindo mesmo. E se parece com Ryan. Estreitei os olhos. Por que ela estava comparando Ryan com Constantine? — Bem, digamos que Constantine não é tão lindo por dentro. Você não deve se meter

com ele. Fique tão longe dele quanto for possível. — Olhei de novo para ele. — Disfarce por mim, sim? Eu já volto.

Sabendo que Constantine me seguiria, fui direto para os banheiros. Contornei a esquina para eles e parei, me apoiando na parede.

— Olá, Cheyenne. — Ele farejou o ar. — Seu cheiro está apetitoso hoje. O que era mais do que eu podia dizer sobre ele. Eu já odiava o cheiro de amêndoas. — E agora, Constantine? Estava entediado? Sentiu essa urgência de me atormentar? O

que foi?

Meu tom de voz demonstrava toda a minha irritação. Ele cobriu o peito com as duas mãos.

— Suas palavras me ferem.

Fitei Constantine com atenção. Ryan fizera o mesmo gesto e dissera

palavras muito semelhantes na festa de Halloween quando estava me provocando. Que esquisito...

— Você não pode continuar aparecendo do nada quando der vontade. Ele apoiou as mãos na parede, perto da minha cabeça, e aproximou o corpo do meu, seus

lábios a centímetros de distância.

— Ah, mas é aí que você se engana. Eu posso fazer o que quiser. — Ele sorriu. — Junte-se a mim, e também terá essa liberdade.

Empurrei o peito dele e passei sob seu braço.

— Você quer dizer a mesma liberdade de que você dispõe quando se esconde do meu *clică* ? Do mesmo jeito que vai se esconder de mim?

Os olhos dele se tornaram de um amarelo-dourado, estranhos, assinalando que talvez eu tivesse ido longe demais. Eu não podia fazer uma cena na academia. Nunca conseguiria explicar a situação.

— De uma forma ou de outra, você virá a mim. Eu preferiria que fosse por sua própria vontade, mas vou levá-la, seja como for. E isso é uma promessa. — Ele lambeu os lábios e desapareceu.

Soltei o fôlego e me apoiei na parede, tentando me recompor. Ainda bem que ninguém havia testemunhado nossa conversinha. Voltei para a academia e terminei meu último salto. Agora, teríamos apenas o condicionamento.

Mandy desabou a meu lado enquanto esperávamos que todas enchessem suas garrafas de água.

— Que horror! Vamos ter bola medicinal no condicionamento — choramingou Mandy. Gemi ao pensar nisso.

— Meus braços ainda estão doloridos das barras e todos os exercícios que fizemos na sexta.

— É, eu também.

Fomos separadas em pares, e Mandy e eu ficamos juntas, jogando a bola pesada de uma para a outra. Minha pele foi agitada por minúsculas vibrações, e o cheiro de canela perfumou o ar. Imediatamente olhei para a área reservada. Ryan estava no mesmo lugar em que Constantine havia ficado fazia apenas alguns instantes.

Algo pesado me atingiu em cheio no peito, me derrubando sentada. Os olhos de Mandy se arregalaram.

— Por que você não apanhou a bola? O que você estava fazendo? Está bem? Sem saber o que havia me atingido com mais força, se a bola ou a aparição de Ryan,

fiquei olhando para Mandy sem responder. Voltei-me para Ryan, que também estava me observando assustado.

— Sinto muito — disse ele.

Mandy seguiu meu olhar.

— Raios, garota, você recebeu a visita de dois bonitões! Minha nossa, você está com tudo!

Depois do condicionamento, colocamos os colchonetes no chão para podermos nos alongar. Fiquei de costas para Ryan enquanto abria espacato, uma das pernas elevada sobre o colchonete. Eu precisava de tempo para pensar, e ele me distraía demais. Estavam acontecendo coincidências demais para o meu gosto. Eu podia acreditar que Constantine estivesse seguindo Ryan, mas ele sempre surgia antes, o que me levava a concluir que talvez fosse Ryan que o estivesse seguindo. Mas isso não fazia sentido, então voltei a pensar em coincidências. Argh! Eu já não sabia em que acreditar.

Mandy se aproximou.

— Creio que foi o surgimento de Ryan que a surpreendeu, já que sua atenção estava... em outro lugar.

— E seu motivo para dizer isso seria...?

— Nada. Foi só uma observação.

Terminamos de nos alongar, juntei minhas coisas e saí da academia. Fui para o *lobby*, onde Ryan me aguardava com um sorriso imenso.

— Faísca, como vai? Eu fiquei preocupado.

Arqueei uma sobrancelha.

— E por isso pensou em dar uma olhada em como eu estava? Eu tive de sorrir ao imaginar que ele se importava o bastante comigo para vir até ali só para conferir se eu estava bem. Qualquer pensamento negativo que eu tivesse voou da minha cabeça.

Ele me deu uma piscadela, fazendo com que eu me derretesse toda — uma situação cada vez mais frequente para mim.

— Exatamente. E tenho de dizer, você me parece ótima! — Ele moveu as sobrancelhas, me provocando.

Senti o rosto queimar com aquele comentário, tomando consciência de que estava na frente dele vestindo meu *collant curto e justo*.

— Bobo! — falei, tentando disfarçar o desconforto. — E eu também queria ver se você queria jantar comigo, coisa rápida. Talvez no Panda Express.

Meu estômago roncou à menção de comida.

— Eu adoraria, mas tenho um monte de dever de casa, e meus pais estão me esperando em casa depois da ginástica.

Eu sabia que Nicoleta estaria me esperando e tinha algumas coisas a comentar com ela que não podiam esperar. Sem contar que, de fato, meus pais me esperavam em casa. Com toda aquela loucura de Constantine, eles tinham diminuído ainda mais minhas rédeas, ficando cada vez mais paranoicos. Não que eu pudesse culpá-los por isso.

— Tudo bem, eu convidei em cima da hora mesmo. Talvez num outro dia. Eu fiz minha melhor interpretação de olhar pidão canino. — Sinto muito.

— Não se preocupe. Eu acompanho você até a saída. Não quero que nada aconteça com você.

Ele não fazia ideia de como aquilo estava perto da verdade. — Certo, eu só vou me trocar.

Vesti a calça e a blusa de moletom. Depois de calçar meus chinelos, eu estava pronta. Mandy olhou para mim e sorriu.

— Divirta-se, vejo você amanhã.

Ainda bem que eu tinha ido com o meu carro, assim teria pelo menos alguns minutos a sós com Ryan. Ah, não! E se ele tentasse me beijar e eu comesse a me transformar? Ou se eu virasse uma pantera na frente dele? Apertei os dentes, frustrada por ter de me preocupar com coisas tão malucas como me transformar em um bicho feroz por causa de um beijo.

Assim que saí, Ryan pegou na minha mão. Senti faíscas percorrer meu braço e descer pelas minhas costas, deixando cada terminação nervosa em

frenesi. O que é que havia com aquele garoto que causava essas reações em mim? Eu precisava manter o controle, não podia permitir que a transformação sequer começasse. Não diante de Ryan, e com certeza não em frente à minha academia.

Alcançamos meu carro e ele me fez girar de modo que eu ficasse de costas para a porta do motorista. Eu preendi a respiração, imaginando o que ele teria em mente.

— Tem certeza de que está bem? — Ele me encarava, sério. Soltei o ar.

— Sim, perfeitamente bem. De verdade.

Ele deslizou o dedo pelo meu rosto, fazendo minha pele se arrepiar. Suas pálpebras baixaram de leve, deixando seu olhar ainda mais sensual.

— Fico contente. Não quero que nada de ruim aconteça com você, nunca. Você é muito especial... para mim — confessou com voz aveludada.

— É melhor eu ir. — Se eu olhasse para os olhos de Ryan por mais tempo, não poderia controlar minhas reações.

— Certo. — Ele segurou minhas mãos e as levou até os lábios, beijando uma e depois a outra.

Ah, Deus! Mesmo um gesto simples e meigo tinha um impacto gigantesco nos meus sentidos. Ele era perigoso demais para mim; eu nunca conseguiria esconder meus segredos de Ryan. E eu duvidava muito de que ele fosse ficar alegre ao descobrir que eu não era exatamente humana.

Ele me afastou do carro e me puxou contra seu peito rijo, enlaçando minha cintura. Inspirei seu cheiro de canela, imaginando se o paraíso seria assim. Ele se abaixou, beijou o topo da minha cabeça e me soltou. A perda de seu calor se espalhou não só no meu corpo, mas em minha alma, deixando-me vazia. Se eu pudesse penetrar em seu abraço e me esconder ali para sempre, não hesitaria nem um minuto. Mas algo maior que meus desejos fez com que eu me afastasse.

— Dirija com cuidado — recomendou Ryan, abrindo a porta para mim. Eu me sentei.

— Pode deixar.

— Boa noite, Faísca. Não se esqueça de sonhar comigo. — Ele piscou e fechou a porta antes que eu pudesse responder.

Eu tinha a sensação de que iria sonhar com ele não apenas naquela noite, mas em todas as seguintes.

Encostei junto à entrada de casa e avistei o carro de Nicoleta em minha vaga... de novo. Tive de dar ré e estacionar junto à calçada. Meu estômago se contraiu, sabendo que eu teria de contar a ela que Mandy sabia quem eu era... ou melhor, *o que* eu era. Eu não sabia que reação obteria dela. E eu estava com muito medo de relatar minha semitransformação na escola.

— Um pouco atrasada, não? — indagou Nicoleta assim que entrei no escritório de papai, olhando para seu relógio de pulso cravejado de diamantes.

Eu joguei minhas coisas no sofá e me sentei.

— Larry nos segurou até um pouco mais tarde.

— Conte-me o que está acontecendo. A julgar pela sua expressão, você tem algo a me dizer. E estou com a sensação de que não vou gostar.

Olhei para meu colo. Será que ela podia ler pensamentos? Ou eu é que sou muito transparente?

— Bom, aconteceu uma coisa na escola hoje. — Tornei a fitar o rosto dela, cujas sobrancelhas se arquearam de leve.

— E...?

— Uma garota resolveu pregar uma peça em mim e me trancou no armário da limpeza. Eu não me dou bem em espaços pequenos, em especial no escuro. Entrei em pânico. E... — Pausei, mordendo meu lábio, sem querer contar o resto.

— E você começou a se transformar — Nicoleta completou por mim. Fiquei boquiaberta. Ela *podia* ler pensamentos. Senão, como poderia saber o que eu

estava pensando? Assenti.

— Alguém testemunhou?

Mais uma vez, anuí.

Nicoleta exalou de um modo que me fez olhar para ela outra vez. Seu rosto estava impassível, o que só piorou as coisas.

— Quem? — ela exigiu.

Por que eu não mentira, dizendo que ninguém havia me visto? Mandy não iria contar a ninguém. Não com a família que tinha. Ela compreendia a gravidade da situação.

— Quem, Cheyenne? — Os lábios de Nicoleta estavam contraídos, formando uma linha fina.

Se algo acontecesse a Mandy por causa da minha língua de trapo, eu nunca iria me perdoar.

— Minha melhor amiga, Mandy, mas ela não vai contar a ninguém. Não mesmo. Ela nunca trairia minha confiança, de jeito nenhum. E... bem, tem outro detalhe. A família dela também não é normal. O pai e o irmão também são metamorfos. Por isso, ela sabe como é importante manter segredo — disparei a cem quilômetros por hora, retorcendo as mãos no colo.

— Nós sabemos sobre Mandy e a família dela. Há algum tempo, inclusive. Respirei fundo.

— Vocês sabem?

— Sim. Assumimos como nossa responsabilidade conhecer as várias espécies que vivem em nossa comunidade. Estamos em paz com os *Luptãs* há muitos séculos.

— Então, tudo bem se a Mandy souber? — perguntei, esperançosa. Nicoleta respirou fundo e expirou devagar.

— Eu não iria tão longe a ponto de dizer que está “tudo bem” ela saber, mas não acho que isso coloque nosso *clicã* ou nossa identidade em risco. Mas você precisa ser mais cuidadosa e controlar melhor suas emoções. O que teria acontecido se fosse outra pessoa que não Mandy a assistir à sua transformação?

— Eu sei. Mas o que eu podia fazer? — Ergui as mãos. — Eu não pedi para aquela bruxa me trancar em um armário, nem pedi para ser claustrofóbica. Se eu pudesse controlar isso, não acha que já o teria feito? É humilhante e embaraçoso, e eu não gosto nem um pouco.

Calei-me e olhei para Nicoleta. Talvez eu não tivesse nascido para ser uma pessoa fria e elegante como ela. Eu era uma adolescente, ora! Minhas emoções rugiam dentro de mim, prestes a explodir a qualquer momento. E sinto muito se isso não era bom o bastante para ela, mas ninguém me perguntou se eu queria assumir a responsabilidade de ser uma *Vânãtor* além

das mudanças que os hormônios estavam promovendo em mim.

— Você nasceu com poderes e, junto com eles, algumas obrigações, das quais não pode mais se esquivar. — Ela inclinou a cabeça e franziu os lábios. — Tentar encontrar seu lugar no mundo já é bastante difícil para pessoas da sua idade, mas ser marcada como *Vânător* torna tudo dez vezes pior. Compreendo isso. Entretanto, você deve olhar além dos seus medos e frustrações a aceitar o que você é.

— O *que* eu sou? Eu não quero ser visto como um *o que*, mas sim como *quem* eu sou. Por dentro. Sem ser definida pela minha posição. Eu não pedi para nascer com poder. — Cruzei os braços sobre o peito. Sentia a raiva subindo a níveis alarmantes, aquecendo minha pele.

— E também não pediu para ser menina. Nem pediu a cor de seus cabelos, dos olhos ou da pele. Nenhum de nós tem o privilégio de escolher o que vai ser quando nasce. A natureza cuida disso por nós.

Abri a boca para falar, mas ela me interrompeu. — Sim, mesmo nós, os monstros horrendos que você despreza. Nós somos aquilo que

somos. Não temos mais controle sobre isso do que qualquer outra espécie. Evoluímos e mudamos por necessidade. Sim, conseguimos fazer isso mais rápido do que a maioria, mas ainda assim é um processo. É o jeito da natureza de nos ajudar a evitar a extinção. E sim, nós temos nosso lugar no mundo como qualquer outra criatura, pequena ou grande. — Ela estalou os dedos. — Não podemos estalar os dedos e resolver ser outra pessoa. Aprendemos a viver com o que as cartas que recebemos. Isso é a vida.

— Então, eu devo aguentar firme, calar a boca e começar a gostar? Nicoleta me congelou no lugar com um olhar.

— Ninguém disse que você tem de gostar. Você acha que crianças que nasceram sem braços ou sem pernas *gostam* de ser assim? Mas é o que a natureza lhes deu, por isso elas não têm escolha a não ser aceitar e aprender a se adaptar. Você, por outro lado, recebeu um *dom*. E é você quem vai decidir o que fazer com ele. — Ela se levantou. — Diga-me Cheyenne, você vai se tornar digna do seu dom? Vai preferir deixá-lo escorrer pelo ralo e se afundar nesse monte de autopiedade?

Nicoleta saiu do escritório e da casa sem dizer mais nada. Incapaz de continuar com raiva, baixei a cabeça, envergonhada. Ela tinha falado a

verdade. E eu sabia disso.

Capítulo XV

Perseguida por morcegos psicopatas

Sem nenhuma esperança de que o dia de hoje fosse terminar melhor que o anterior, entrei hesitante no centro estudantil, dentro do prédio principal. O grupo alegre de coleguinhas da Val estava reunido ali e me olhou com ódio quando passei. A ausência de Val era óbvia e gritante.

— Peguei! — berrou Mandy, agarrando minha cintura por trás. Meu coração foi parar na garganta.

— Está tentando me matar de susto? — bufei, tentando voltar ao normal. — Você está assustadicha hoje. Por que anda tão sensível ultimamente? Olhei para o grupo que ainda me encarava.

Mandy deu de ombros.

— Ah, elas. Bom, elas só estão bravas porque Val recebeu suspensão de dois dias por causa do que fez com você. Tenho certeza de que elas estão apenas se sentindo sem rumo sem sua líder malévola. Elas não sabem quem vão torturar hoje. — Ela riu.

— Ótimo, bem o que eu precisava.

Por que Mandy tinha de dedurar Val para o diretor? Agora ela tinha tornado minha vida um inferno, sem contar que as consequências poderiam recair sobre o pai de Ryan. Eu nem queria pensar no que o pai dela acharia de sua filhinha perfeita ser suspensa da escola. Droga! Eu não precisava disso hoje, aliás, em dia nenhum. Ah, sim, meu dia cheirava a oportunidades de ouro para um final feliz. Nem brincando!

— Bem, ao menos você não vai ter de ver a Val hoje. As outras são inofensivas sem a bruxa-mor. O pior que podem fazer é olhar de cara feia.

— O que me preocupa é quando ela voltar. Eu já tenho problemas suficientes sem ter de me preocupar com Val. Ela já estava furiosa por Ryan ter admitido que gostava de mim e não dela.

— Ah, não se preocupe com isso. Eu cuido de você, sem problemas. E você sempre pode se transformar em uma pantera e devorá-la, certo? Claro que teria indigestão, mas... — Mandy desatou a rir.

Fiquei boquiaberta. Como ela podia brincar com uma coisa dessas? Será que tinha ficado imersa naquele mundo por tanto tempo que isso já não a chocava mais? Porque eu ainda ficava extremamente chocada.

— Ah, o que é isso? — Ela me deu um tapa nas costas. — Pare de levar as coisas tão a sério. É bem divertido, se você pensar bem. Acho que você só não teve tempo para se adaptar ainda.

Eu baixei minha voz para um sussurro.

— Eu só fiquei sabendo o que eu sou há menos de uma semana. No meu aniversário, para ser mais precisa. Não sei se vou me adaptar algum dia.

— Santa transformação, Batman, eu não sabia disso! Não é de se espantar que você esteja toda assustada e séria. Acho que eu também estaria. Eu tive quase a vida toda para me acostumar: desde que encontrei, por acaso, meu irmão praticamente uivando para a lua. Eu tinha quatro anos, então achei tudo bem bacana. Você sabe como eu gosto de cães.

Mandy sempre teve a habilidade de colocar as coisas em perspectiva. Eu ri ao pensar nela afagando o próprio irmão atrás da orelha como fazia com Roxie sempre que ela estava por perto.

— É, você gosta dos bichinhos — comentei. Pensando nisso, eu poderia entrar nessa categoria também. — Só não sei se poderei aceitar tudo com essa facilidade. E como é que você não me contou nenhum desses segredos?

De todas as vezes que fui até a casa de Mandy, inclusive passando a noite lá com frequência, como é que eu nunca havia visto nada de estranho? Como ela podia ter escondido de mim? Nós estávamos sempre grudadas desde a segunda série, quando ela caiu na minha classe depois de se mudar para Round Rock. Ela sempre me parecera normal. Certo, talvez “normal” não fosse o termo mais adequado, mas eu nunca pensei que existisse algo de extraordinário na família de Mandy.

— Bem, não é como se nós nos sentássemos para jantar em forma de lobo. Além do mais, *eu não consigo me transformar. Só meu pai e meu irmão conseguem. Eu puxei à minha mãe*. Eu ficava brava porque eu não conseguia e meu irmão, sim. Mas eu pude ver como isso o afetava e decidi que talvez fosse melhor assim.

— Acredite, não é tão divertido mesmo. Não sei o que vai disparar minha próxima transformação, pode ser de um segundo para o outro. Tenho

de ser cuidadosa o tempo todo. Não posso ficar nervosa, entrar em pânico, nem mesmo beijar Ryan...

— Como é? — interrompeu Mandy.

Senti um calor subindo pelo meu pescoço até o rosto. Olhei para baixo e puxei um fiozinho da calça jeans.

— Então... no sábado, quando ele me deixou em casa, ele me beijou. Mas não foi só um beijinho normal. — Olhei para ela. — Foi todo... eu não sei... quente, e intenso, e arrepiante. E...

— E o quê? — Mandy encorajou, impaciente para ouvir tudo. — E eu comecei a me transformar, bem na frente dele. Eu praticamente o empurrei para

longe e corri para dentro de casa.

— Ah, meu Deus!

— Exato. Achei que ia morrer de vergonha. E o pior é que ele achou que eu me assustei por causa do beijo, porque foi intenso demais. Eu não podia contar para ele a verdade, sabe? Digo, o que é que eu ia falar? Nossa, Ryan, eu tive de interromper a coisa mais excitante que já me aconteceu porque eu estava prestes a me transformar em um felino enorme?

Mandy riu, depois cobriu a boca, tentando retomar a expressão séria. — Mas que droga, não...? Mas Ryan é tão bonzinho... Você tem sorte. A maioria não

seria tão compreensiva. Raios, a maioria larga a gente como se fôssemos batata quente se a menina não for um pouco mais “liberal”...

— Acho que sim... Eu me sinto uma idiota completa. E agora não tenho ideia do que vai causar uma transformação. Essa é a parte assustadora. Tenho medo de chegar perto demais de...

Um braço envolveu minha cintura enquanto outro afastava meu cabelo para permitir que um beijo pousasse sobre meu pescoço. Ofeguei.

— Perto demais de quem? — questionou ele.

Levei a mão ao peito. Pela segunda vez no dia, alguém me dava um susto de fazer disparar o coração. O modo como ele me abraçou por trás e afastou meu cabelo me fez lembrar o primeiro encontro com Constantine, na caverna. Estremeci, um calafrio subindo pela minha coluna.

Ryan se moveu, vindo parar à minha frente, e levantou meu queixo com um dedo. — Desculpe se a assustei, Faísca.

Mandy riu.

— Você devia ter visto a cara dela! Acho que você acaba de dar a Cheyenne alguns cabelos brancos.

— Sinto muito, não era minha intenção — falou ele. Mal sabia ele que eu podia me dar ao luxo de tomar sustos desse tipo sem medo de

ganhar cabelos brancos... Eles demorariam séculos para surgir. — Que tal se eu levá-la até sua primeira aula? Sabe, para compensar pelos cabelos

brancos. É o mínimo que posso fazer. — Ele sorriu e fez uma reverência, depois ofereceu o braço como um legítimo cavalheiro. — *Milady* ...

Mandy revirou os olhos.

— Eu vejo vocês mais tarde. — E saiu na direção contrária à nossa. Passei meu braço pelo de Ryan. Em nosso caminho estava o grupinho “Odeio a

Cheyenne”. Os olhares de ódio me acompanharam como tochas acesas. — Qual é o problema com elas? — Ele indicou as companheiras de Val com o polegar. — Val está suspensa. Acho que elas não estão muito felizes com isso. — Pude notar. — Ryan inspirou por entre os dentes, produzindo um som sibilante. — Sinto muito por Mandy ter dedurado Val e arranjado essa confusão para ela. Espero

que o pai de Val não desconte no seu.

Ele franziu o cenho, confuso.

— Hein?

— Bem, sabe como é, porque seu pai pediu para você ser gentil com a Val porque o pai dela tem influência sobre o seu.

Ele ficou me olhando, ainda confuso, até que suas sobrancelhas se ergueram. — Ah, sim. Mandy fez a coisa certa. Tenho certeza de que tudo vai dar certo com meu

pai, não se preocupe. Além do mais, você é mais importante que tudo, então nem pense nisso.

Certo, algo não encaixava na reação de Ryan. Será que ele tinha mentido

sobre a ligação de seu pai com o de Val? Se era tão sério como ele havia me explicado na outra noite, por que agora ele agia como se já tivesse se esquecido do assunto? Eu quase morri de preocupação pensando nos problemas que podia ter causado à família dele!

A primeira campainha tocou quando chegamos à minha primeira aula. Como se um dique tivesse se rompido, o corredor foi inundado por alunos, todos esbarrando em mim. Eu me aproximei da parede, colando as costas contra ela na esperança de evitar mais abusos.

Ryan estava diante de mim, as mãos enfiadas nos bolsos. — Eu preciso ir. Daqui até a minha primeira aula tem uma boa distância. — Tudo bem — falei.

Ele se inclinou na minha direção, o olhar pousado sobre meus lábios. Tirou uma das mãos do bolso e correu um dedo pelo meu queixo.

Alguém esbarrou em Ryan, empurrando-o contra mim e fazendo com que eu ficasse espremida entre o corpo dele e a parede. Ryan não fez nenhuma tentativa de se distanciar. Cada terminação nervosa minha estava em alerta; era outro daqueles momentos cheios de estática e explosões. Ele usou a parede como apoio para se empurrar de volta à posição em que estava e sorriu, meu olhar caindo inexoravelmente em seus dentes brancos e perfeitos. “Perfeito”... a palavra que resumia Ryan com precisão.

— Até mais tarde, Faísca. Tenha um bom dia. — Ele piscou para mim e sumiu na multidão.

— Aproveite enquanto pode. Alguém como Ryan nunca vai ficar muito tempo com alguém como você. Ele está só de passagem — investiu Kimee, com uma expressão arrogante.

Ela passou por mim, dando um esbarrão no meu ombro enquanto se dirigia para a sala de aula.

Fantástico! Agora até as seguidoras de Val se achavam no direito de me mandar recadinhos. Mesmo quando ela não estava fisicamente presente, sua influência estava por ali, como um fantasma do Halloween passado. Até onde iria sua esfera de influência?

Coloquei minhas coisas sobre uma mesa na segunda fileira, perto de um dos jogadores de futebol. Antes que eu pudesse me sentar, ele colocou seu pé sobre a cadeira, barrando minha passagem.

— Está ocupado — falou.

Bem, acho que ali estava minha resposta. Val reinava suprema. Após suportar um dia todo de olhares maldosos e comentários grosseiros, pulei de alegria quando o sinal tocou, encerrando minha tortura. Eu não sabia quem havia sofrido mais, eu ou Val, que permanecia trancada na detenção.

Corri até meu armário, pegando o que precisava levar para casa e deixando todo o resto, depois fui direto para meu carro antes que encontrasse mais tentativas de me informar que minha posição no *status escolar estava abaixo da mosca do cocô do cavalo do bandido*.

Ansiosa para sair da escola, não notei que havia alguém recostado no carro ao lado do meu.

— Boa tarde, Cheyenne — cumprimentou Constantine. Dei um pulo e gritei, pega completamente de surpresa. Ele lambeu as pontas dos dedos, como se tivesse acabado de comer asas de frango ou algo assim.

— Este lugar chamado “escola” tem aperitivos muito saborosos. E uma bela variedade deles.

— Ah, não, você não fez isso.

— Relaxe! Estou só provocando você. Ao contrário dos humanos, eu posso controlar meus impulsos... quando quero.

— E você espera mesmo que eu acredite que você escolhe controlar seu apetite sádico? — Coloquei uma mão no quadril, desafiando-o a me contradizer.

Ele se afastou do carro e parou diante de mim, seu cheiro de amêndoas invadindo minhas narinas.

— Acontece que eu tive um farto jantar ontem à noite. Além disso, resolvi não causar mais nenhum problema para você hoje. Pelo que percebi, já teve dificuldades suficientes sem a minha interferência.

— Tenho de ir.

A expressão dele ficou sombria.

— Por que você luta tanto? Não é natural ir contra seus instintos. — Ele disfarçou a raiva que ardia nas profundezas de seus olhos. — Você sabe que anseia pela liberdade da ausência de responsabilidades. A liberdade é uma

dádiva digna de aceitação. Como eu já disse, é só dizer e a loira vai deixar de ser um espinho em sua vida.

Ele estendeu a mão e deslizou-a pelo meu rosto, como Ryan fizera. Eu estremeci e recuei.

— Posso lhe mostrar como viver de verdade. Quando se cansar de todas as regras e fardos que repousam sobre você, vai me implorar para que a liberte dessa vida.

Ele então se transformou no que pareceu ser um corvo e foi embora. Olhei ao redor para verificar se alguém tinha testemunhado aquela cena bizarra.

— Olá-á! — Mandy gritou de seu carro, parando junto a mim. — Você não estava perto dos armários, então eu fiquei esperando. Quando você não apareceu, eu saí. E você estava conversando com aquele rapaz que nos visitou na academia ontem, não é? O bonitão malvado? Para onde ele foi?

— Desculpe-me. Eu não aguentava esperar para sair de lá. E sim, o cretino estava esperando por mim perto do meu carro. Ele se transformou em um pássaro preto e voou — respondi, como se aquilo acontecesse todo dia.

— Ah, meu Deus! E o que ele queria? — Ela nem piscou frente à frase “ele virou um pássaro e saiu voando”.

— O de sempre. Ele quer que eu me junte a ele e domine o mundo, blá, blá, blá. — Hein?

Eu gesticulei, indicando para que ela deixasse o assunto de lado. — Deixe para lá. Eu conto tudo no caminho até a academia. Encontro você na sua casa. — Tudo bem. — Mandy foi embora.

Quando estacionei na casa de Mandy, ela estava na entrada esperando por mim, ansiosa para ouvir os detalhes. Entre as últimas coisas que eu queria estava resumir toda a experiência da última semana desde que eu descobrira pertencer à espécie sanguessuga. Mas acho que para Mandy era divertido ouvir.

Eu mal havia parado o carro quando ela abriu a porta e entrou em um pulo só. — Certo, pode contar.

Nada como entrar aos poucos em um assunto desconfortável. Bem, minha amiga nunca havia primado pela sutileza.

— Olá, Mandy! Bom ver você, também. — Inclinei a cabeça de leve. —

Como foi meu dia? Bem, foi péssimo, para falar a verdade. Mas obrigada por perguntar.

— Certo, certo, já entendi. — Ela empinou o queixo. — Mas não aguento de ansiedade, então pode me contar *agora* !

— E o que é que você quer tanto saber? — Eu tirei o carro da garagem. — Para começo de conversa, o que ele queria? — *Ele tem nome: Constantine.*

— Está falando a sério? É esse o nome dele, Constantine? Como o candidato do *American Idol* ?

Eu fiquei olhando para Mandy. Que diferença fazia qual o nome dele? — Por que ele estava no estacionamento esperando você? Ah, você é tão sortuda! Tem

dois bonitões correndo atrás de você!

Ela tinha ficado louca? Franzi a testa e balancei a cabeça, tentando clarear meus pensamentos. Às vezes, Mandy me deixava preocupada.

— Você chama de estar sendo seguida por um monstro à espera de usar meu sangue para criar mais membros de sua espécie de “sortuda”? — Suspirei e me afundei no assento. — Certo, só para dar uma ideia do que ele é capaz de fazer. Lembra-se do seu acidente na academia? Foi ele. Ele quem causou.

Mandy arregalou os olhos.

— Mas por que ele iria querer me machucar? O que é que eu tenho a ver com isso? — Ele não estava atrás de *você* . Ele queria a *mim* . Aquilo era um teste para ver até que

ponto meus poderes tinham se desenvolvido.

— Poderes? Você tem poderes? De verdade? Isso é tão legal! Eu não tenho nenhum. Nada. Zero. Meu irmão ficou com tudo. Que tipo de poderes? — ela perguntou, meio sem fôlego.

— Poderes que não sei como usar ou controlar. Desse tipo. Sim, é muito legal. Demais. — Notei que você não está muito empolgada com a coisa toda, não é? — Você acha? — Revirei os olhos e suspirei.

— Bem, tudo depende do ponto de vista. Pense em quantas coisas divertidas você vai ser capaz de fazer. Ah, nós podemos rir tanto, nos

vingando da Val... — Mandy riu. — Você pode transformá-la em um sapo. Uma rã grande e gorda! Já sei, uma anta! Digo, literalmente!

— Eu não sou uma maga com varinha de condão, nem uma bruxa com caldeirão cheio de caudas de lagartos e teias de aranha. Eu nem sei exatamente *o que* sou capaz de fazer. Ninguém me contou. Estou começando a achar que nem eles sabem direito. Eu só sei que os poderes que supostamente vou desenvolver são relacionados com caçar e destruir o mal. Ou

algo assim. Digo, que conversa é essa de mal, afinal? É tudo tão ridículo! — Ah... — Mandy desanimou. — É, isso não me parece muito divertido. O entusiasmo havia evaporado de sua voz, mas voltou de repente, redobrado. — Mas você pode se transformar em um gato gigante! — Pantera, muito obrigada.

Eu não sabia por que me incomodava tanto quando Mandy fazia esses comentários. Eu nem gostava da ideia de me transformar em pantera!

— Certo. — Ela tamborilou os dedos no descanso de braço. — Agora, conte-me o que Constantine queria.

— Eu já contei. Ele meteu na cabeça que eu tenho de me juntar ao seu *clică* e me tornar um deles. Constantine acha que pode me persuadir a ir até ele de minha livre e espontânea vontade. Nicoleta disse que ele tentaria dessa forma primeiro, e que se isso não funcionasse, ele tentaria me levar à força. Ele...

— Uau! — Mandy levantou a mão num sinal para eu parar. — Pare por aí mesmo. O que é *clică*? E quem diabos é Nicoleta? O que é isso?! De repente você tem toda uma vida de que eu não sei nada!

— Hum-hum. E você tem mantido uma vida secreta desde que eu a conheci — eu me senti impelida a dizer.

— Ah, é.

— Um *clică* é como um clã. Meu *clică* é chamado de *Panterăs*. O de Constantine é o *Liliacs*. Nicoleta é como se fosse minha mentora. Está feliz? Agora você já sabe de tudo.

Mandy cerrou as sobrancelhas.

— Mentora? Você precisa de uma mentora para ser vampira? Meu irmão não precisou disso para ser metamorfo. — Ela olhou para o lado. —

Pelo menos, acho que não.

— Bem, para ser uma vampira, não. Acho que é mais por ser uma *Vânător*. — Uma o quê?

— Uma caçadora do mal. Protetora do *clică*. Sabe como é, o de sempre — informei, sarcástica.

— Parece serviço pesado. Não sei se eu daria conta. — Muito obrigada, eu também não sei se aguento — resmunguei. — Mas não tenho

escolha. Pelo que entendi, meu nascimento foi um evento especial. Uma *Vânător* só nasce a cada quinhentos anos, aproximadamente. A última foi minha tataravó. Nós temos algumas habilidades especiais para caçar e nos livrar do mal que outros de nossa espécie não têm.

Ela bateu o indicador contra o queixo.

— Então, você é como a Buffy...

— Ah, não, nem comece. Não sou nenhuma Buffy. Mandy riu, fazendo um gesto de rendição.

— Tudo bem, tudo bem...

— Fico feliz que esteja achando minha situação tão engraçada. — Bem, de certo modo, ela é. Eu posso até ver você se esgueirando em algum canto

escuro com uma estaca de madeira nas mãos. — Ela imitou as facadas da cena no banheiro de *Psicose*, com fundo sonoro e tudo.

— Ah-ah-ah.

Ela bateu nas coxas com as duas mãos.

— Ah, meu Deus! Eu acabo de me lembrar de uma coisa. O que você faz para conseguir sangue? Você sai por aí seguindo as pessoas? Como escolhe quem vai ser o seu... ahn... jantar? — Ela cobriu o pescoço com uma das mãos. — Você não iria...

Franzi o rosto em uma careta de nojo.

— Está brincando? Isso é nojento! Nós tomamos umas pílulas parecidas com vitaminas que contêm os nutrientes de que precisamos. Não saímos por aí sugando sangue. Você assiste a filmes demais. E de qualquer forma, você seria a última pessoa que eu morderia. Deve ter gosto de... bem, você entendeu.

Mandy fungou, sabendo que eu provavelmente iria trocar do sabor do sangue dela. Depois indagou:

— Você toma pílulas?

Assenti.

— Sim. Elas parecem iguaizinhas às cápsulas de vitaminas. Têm até o mesmo cheiro. Val me viu tomar duas delas naquele dia no corredor, e foi por isso que ela disse que eu estava tomando drogas.

— Oh, céus!

— Pois é. Acho que se pode dizer que o exame de sangue foi um pouco mais do que eu podia lidar. Eu tive o que Nicoleta chama de “sede de sangue”.

— *Sede de sangue? Que nojo!*

— Eu quase perdi o controle ali, na frente de todo mundo. — E como é sentir sede de sangue?

— Assustador. — Estremeci.

Estacionamos na academia. Graças aos céus pelos pequenos favores: pelo menos por enquanto, nossa conversa estava encerrada.

Quando desci do carro, minha nuca se arrepiou. Todos os meus sentidos entraram em alerta, avisando-me de uma presença não humana. E malévola. O ar frio estava pesado com o cheiro de amêndoas. Constantine estava por perto. Olhei ao redor: nada.

Suas visitas estavam começando a me cansar. Eu não podia nem ir ao banheiro sem ele aparecer para me incomodar. A frequência com que tentava me levar para o lado negro dava sinal de seu desespero. Obviamente, ele tinha percebido que o momento em que eu tomaria posse total de meus poderes estava próximo. Eu só queria saber usar esses poderes que estavam colocando toda a nossa espécie em frenesi. Talvez assim eu pudesse acabar com suas visitas.

E quando foi que eu havia começado a pensar em termos de “nossa” espécie? Quando alcançamos as portas da academia, o cheiro de amêndoas estava quase me

sufocando. Eu não queria Mandy perto de Constantine, por isso parei. — Eu esqueci uma coisa no carro. Volto logo — avisei. — Certo. Você sabe

onde me encontrar.

Assim que Mandy saiu do meu campo de visão, virei-me para voltar para o carro, sabendo que o parasita infernal me seguiria. Quando cheguei ao carro, me apoiei na lateral de frente para a academia e cruzei os braços.

— E agora, o que foi? — perguntei para o vazio. Um riso grave soou em meus ouvidos, fazendo vibrar os sensíveis órgãos internos. — Por que você não diz logo o que tem a dizer? Eu tenho mais o que fazer. Você tem um minuto.

Nicoleta me censuraria severamente se soubesse que eu me permitia ficar sozinha com Constantine, e de propósito. Mas eu não sentia uma ameaça real. Além do mais, eu conseguia dar conta dele.

— Ah, quanta impaciência!

Virei a cabeça, e lá estava ele. Constantine se apoiava do lado oposto do meu carro, o rosto encaixado nas mãos, os cotovelos sobre a capota. Um sorriso parecido com o de uma hiena se espalhava por seu rosto.

— Sabe, você está começando a me irritar. Por que não vai incomodar alguém da sua espécie?

— Tsc, tsc, tsc. *Você é da minha espécie. Só não sabe disso ainda.* Revirei os olhos.

— O que é que você quer? — Eu nunca seria da espécie dele, nem em um milhão de anos.

Ele veio até o meu lado do carro e ficou diante de mim, seu olhar ardendo no meu. — Diga-me, pequena *Vânător*, por que você mandou sua amiga embora? Teme que ela

não possa resistir ao meu charme? E que talvez você tenha de me compartilhar? Eu mudei meu peso do pé esquerdo para o direito, desejando que ele parasse de me

olhar daquele jeito intenso e íntimo. Eu me sentia nua diante dele. Um calafrio percorreu minha espinha coluna.

— Sim, é isso mesmo. Você é irresistível, e eu estou com ciúmes demais. Ele emanava sensualidade e beleza, o que me afetava, sim. Existia uma atração entre nós,

mas de um jeito estranho. Por que ele tinha de ser tão lindo? E por que

continuava me encarando? Eu coloquei a mão no quadril.

— Se isso era tudo, eu preciso mesmo ir. Alguns de nós têm uma vida, sabe? Uma que não gira em torno de quanto podemos irritar outras pessoas.

Antes que eu pudesse adivinhar suas intenções, quanto mais reagir a elas, ele segurou meu rosto e cobriu meus lábios com os seus. Espantada, permiti que o beijo continuasse por alguns segundos antes de colocar as mãos entre nós dois e empurrá-lo.

— O que... o que você está fazendo?

— Eu sei que você é bastante inocente, mas será que eu preciso mesmo explicar tudo? Eu o encarei, estreitando os olhos.

— Você sabe exatamente do que estou falando. Eu tenho namorado, e mesmo que não tivesse, você não seria um candidato. Nunca mais toque em mim.

Eu não sabia o que me preocupava mais: que ele tivesse me beijado ou que eu não tivesse achado assim tão desagradável. Um movimento no estacionamento chamou minha atenção. Inclinei a cabeça, olhando além de Constantine para a porta da academia. Mandy estava ali, boquiaberta.

Ah, meu Deus! Será que ela tinha visto o beijo? As portas eram de vidro, afinal. Constantine seguiu a direção do meu olhar.

— Puxa vida! Acho que sua amiguinha deve ter visto você apreciando meu beijo. Tsc, tsc, tsc. Como será que você vai explicar isso? — Ele se voltou para mim. — Vocês duas são bastante próximas, não? Posso ver em seus olhos que gosta muito dela. Uma pena, de fato. Gostar tanto assim de alguém pode deixar você em uma posição vulnerável. Eles não lhe ensinaram isso, pequena *Vânător* ?

Cerrei os punhos, começando a enxergar em vermelho. — Não se atreva a tocá-la, falar com ela, nem sequer se aproxime dela! Ele riu e tornou a olhar para Mandy.

— Melhor ir cuidar da sua *amiga* . Ela parece um pouco perturbada. — Ele se virou e recostou-se no meu carro, gesticulando para que eu fosse em frente.

— Estou falando a sério. Fique longe dela. — Hesitei, sem saber se deveria deixar Constantine ali, sem saber de suas intenções, nem se ele planejava partir em algum momento. — Vá embora, e não apareça mais aqui.

— E privá-la da minha presença? Nãããã... Eu não aguentaria. Além do mais, eu sei que você me quer. Senti no seu beijo. Você só não admitiu para si mesma ainda. É uma questão de tempo. Você vai me procurar, vai implorar para que eu a aceite. Não vai poder resistir. S e u *clică* todo certinho reprimiu seus instintos naturais, seus desejos. Mais cedo ou mais

tarde você vai perceber seus enganos.

Virei-me e parti na direção de Mandy, torcendo para ser capaz de seguir resistindo ao safado malévolo. Eu sentia a atração de seu poder começando a me arrastar, e isso me apavorava. Olhei para trás. Bom! Ele já não estava mais junto do meu carro. Talvez, agora que tinha se divertido por hoje, pudesse partir para o próximo azarado de sua lista.

— Cheyenne! — chamou uma voz inesperada e familiar. Parei de súbito e girei devagar, sem querer confrontar a última pessoa que eu desejava

que tivesse testemunhado a cena horrorosa que acabara de se passar. Meu pulso disparou e meu coração queria fugir pela boca. Ah, Deus, quanto ele havia visto?

Havia fogo em seu olhar, nos contornos escuros dos olhos cristalinos, quando o encarei. — Olá! Você saiu da escola tão rápido que nem pude perguntar se você queria jantar

depois da academia. — Nenhum tom de acusação em sua voz, mas seus olhos me diziam que ele vira mais do que o suficiente.

Como eu poderia explicar Constantine? Dizendo que ele era um vampiro malévolo que queria me levar para o lado do mal? E que eu permitira que o tal vampiro me beijasse?

Foi então que um pensamento me ocorreu: Ryan tinha aparecido logo que Constantine sumira. Poderia Constantine se transformar em Ryan? Ou será que ambos eram uma só pessoa, esse tempo todo? Nicoleta me alertara de que Constantine não se deteria diante de nada para me possuir. Não, eu não podia acreditar. E não iria acreditar nisso. Ryan aquecia meu corpo inteiro apenas com um olhar, fazendo minhas entranhas revirar e despertando fagulhas entre nós. Seu toque era mais do que mágico. E ainda que eu estivesse atraída pelo repulsivo Constantine, ele ainda me deixava apavorada. Era uma diferença enorme.

— Faísca?

— Hum?

— Eu fiz uma pergunta. Parece que você está um pouco... distraída — comentou Ryan, a voz destituída de qualquer emoção.

O que ele queria dizer? E o que ele havia perguntado mesmo? Ah, sim, jantar. — Desculpe, eu estava repassando meu dever de casa mentalmente. — Deve ser uma pilha e tanto de dever.

— Sim, é sim. Sinto muito, hoje não posso. — Eu tinha minha sessão habitual com Nicoleta.

Ele estreitou os olhos de leve e logo disfarçou, mas não antes que eu percebesse. — Tudo bem, sem problema.

— Que tal amanhã à noite? Eu saio mais cedo da academia às quartas. — Feito. Está combinado. — Ele sorriu, mas o humor não alcançou seus olhos. O brilho

estava ausente de suas profundezas.

— Ótimo. Agora eu tenho mesmo de ir. Já estou atrasada, e ainda preciso me trocar. — Certo. Vejo você na escola amanhã, Faísca.

Corri para as portas de entrada, onde Mandy ainda estava. — O que diabos está acontecendo? — ela perguntou. — Por que aquele Constantine

beijou você? E de onde veio Ryan? Aliás, falando nisso, para onde o Constantine foi? Deixa para lá, eu posso imaginar para onde. — Mandy despejava as perguntas a uma velocidade que não dava tempo de responder.

— Eu também queria saber de onde o Ryan apareceu. Você acha que ele viu alguma coisa? Quero dizer, o beijo? — Mordi o lábio, torcendo para que Mandy me desse a resposta que eu queria ouvir.

— Não sei. Em um minuto eu estou vendo Constantine babar em você, aí ele desaparece e puff! Surge Ryan. Não acho que ele tenha visto; se tivesse, estaria bastante nervoso, creio eu. E ele não parecia chateado. — Mandy fez uma pausa. — Mas por que você deixou aquele sujeito lhe dar um beijo? Pensei que você tivesse dito que ele era perigoso e coisa e tal, e que você gostava mesmo era de Ryan.

— Eu não o *deixei me beijar. Ele me agarrou. Na verdade, ele é que me beijou.* — Como ela podia acreditar que eu havia tido algo a ver com o assunto? — E eu gosto mesmo, de verdade, de Ryan. Mas acho que ele viu. Ele estava estranho.

Meu estômago se contraiu só de imaginar o que havia passado pela cabeça dele. Meu instinto me dizia que ele vira cada detalhe sórdido da interação entre mim e aquele morcego sanguessuga psicopata.

— Bom, se ele viu, eu compreendo por que ele estaria chateado. Parecia que você estava gostando.

— Bem, mas eu não estava — redargui.

— Desculpe-me.

O sentimento de culpa por não ter odiado aquele beijo me dava náuseas. E se Ryan tivesse visto o ato nojento, eu queria morrer. Que humilhante, que repugnante! Senti um espasmo contrair meu estômago. Abri a porta da academia e corri até o banheiro. Cheguei no momento exato, a tempo de alcançar o vaso e vomitar.

— Você está bem? — indagou Mandy.

Eu me endireitei e respirei fundo.

— Sim, acho que é de nervoso. Sabe como eu fico antes de um encontro especial. É mais ou menos a mesma coisa.

— Eu não me preocuparia com Ryan. Ele parece idolatrar você. Duvido de que ele tenha visto algo. E da próxima vez, acabe com a raça desse Constantine se ele ameaçar fazer isso de novo. Vou dizer a Larry que você vai se atrasar um pouco.

— Obrigada. E Mandy?

— Sim?

— Fique longe de Constantine. Estou falando a sério. Nem olhe na direção dele. — Ahn... tudo bem.

— É sério — reforcei, tentando falar de um modo adulto e forte, querendo que ela compreendesse a importância do meu aviso.

Constantine havia me mandado uma mensagem muito clara. Ele não teria problema nenhum em se utilizar de Mandy, se necessário fosse, para atingir seu objetivo. E eu não podia permitir que isso acontecesse.

— Certo, entendi. — Os pés descalços dela ressoaram no piso de concreto e desapareceram no *lobby da academia*.

Vesti rapidamente meu *collant* e enxaguei a boca com água. Meu estômago havia sossegado, por isso me juntei ao aquecimento. Eu precisava

me preocupar com minhas habilidades e deixar as outras coisas do lado de fora da academia. Elas estariam esperando por mim mais tarde.

Tirando o rasgo que consegui na mão por fazer exercícios demais nas paralelas, a tarde foi boa, principalmente se considerarmos seu começo pedregoso. Constantine não tornara a aparecer, e Ryan também não.

— Pronta para ir? — convidou Mandy.

Sua testa tinha gotinhas de suor, assim como o lábio superior, devido ao treinamento pliométrico que Larry tinha colocado como condicionamento. Ele o chamara de “montanha”. Eu batizei de inferno.

Na volta para casa, Mandy continuou perguntando sobre Constantine. Aquilo estava me assustando. Por que ela estava tão interessada nele? Eu só esperava que ela tivesse discernimento para se manter longe dele. Acho que a pose de *bad boy* tinha um certo apelo para ela. Quero dizer, ela tinha um rapaz bonzinho, perfeito, praticamente aos seus pés.

Entrei na garagem de Mandy.

— Vejo você amanhã.

— Sim, estarei lá. Entre no MSN mais tarde.

— Tudo bem.

Ela foi até a varanda e entrou em casa. Eu dei ré e fui para casa. Jantar e um belo banho quente me pareciam uma ideia maravilhosa. Droga! Eu teria de esperar até Nicoleta ir embora. E depois disso eu ainda tinha um monte de dever de casa. Não seria hoje que eu iria relaxar.

Senti um calafrio de apreensão percorrer minha pele, que se arrepiou à sua passagem. Meu radar detectara uma presença sobrenatural. Meus pulmões se contraíram, dificultando a respiração. Quando tentei inspirar, o cheiro de amêndoas me sufocou. Um movimento chamou minha atenção para o espelho retrovisor.

Ali pude ver uma figura nas sombras.

Meu sangue gelou e eu pisei no freio com força total. — Boa noite, minha pequena *Vânător* .

— Você quase me mata de susto! Seu cretino! — Lágrimas de raiva e alívio inundaram meus olhos. Eu me virei e encarei Constantine. — O que lhe dá o direito de aparecer quando quiser? Eu podia ter batido o carro e

morrido!

Os olhos dele se arregalaram e sua boca se entreabriu. Pelo seu rosto passou uma fugaz expressão de arrependimento. Espantada com a reação dele, interrompi minhas censuras. Seria ele capaz de sentir remorso?

Um sorriso se abriu no rosto dele.

— Você tem nove vidas, não é, pequena *Vânător* ? Não é assim com todos os felinos? Cerrei os dentes com força. Lá se iam meus pensamentos esperançosos... — Caia fora do meu carro!

— Mas assim você não poderia desfrutar da minha companhia. Você não quer um gostinho de liberdade? Eu posso lhe dar isso. — Ele abriu a porta e saiu. Já de pé, se abaixou. — Você sabe onde me encontrar.

Depois de fechar a porta, ele se transformou e saiu voando, circulando a luz do poste mais próximo. Pude perceber que ele tinha assumido a forma de um morcego, pelo bater de asas.

Assim que meu batimento cardíaco voltou ao normal, eu saí. Como Nicoleta havia previsto, as visitas de Constantine estavam cada vez mais frequentes e mais desesperadas. Seus olhos escuros me atraíam, como se ele estivesse colocando um feitiço sobre mim. E agora ele tinha a coragem de interromper meus sonhos com Ryan, toda noite, para me atrair até ele, mostrando-me outra vida. Sua proximidade constante me afetava de tantas maneiras que eu não saberia como descrevê-la. Ele apresentava um perigo real e imediato.

E eu poderia feri-lo de verdade por me assustar tanto. Ver alguém aparecendo no banco de trás do seu carro tinha um ar de pesadelo, como as babás de filmes de terror recebendo ligações de dentro da casa onde estão. Estremeci.

Capítulo XVI

Babá de vampiro

Minhas mãos ainda tremiam quando estacionei. O carro de Nicoleta estava ausente de sua vaga habitual, ou seja, a minha.

— Cheyenne? — chamou mamãe, da sala, quando entrei em casa. — Sim, sou eu. Onde está Nicoleta?

Mamãe e papai estavam sentados juntinhos no sofá. Após vinte e dois anos, eles ainda gostavam de ficar assim, juntinhos. Era bonitinho, mas um pouco enjoativo também.

— Por que você não vem se sentar um pouco? — convidou mamãe, indicando um lugar perto dela.

Em me sentei.

— Tem alguma coisa errada? Nicoleta está bem? — Ela está bem. Mas precisou cuidar de umas coisinhas — informou papai, seu tom revelando que havia mais a dizer.

— E...?

Papai se voltou para mim.

— E ela queria que nós nos certificássemos de que você está alerta. Devido a alguns fatos recentes, ela acredita que os *Liliacs* irão atacar em breve. E Nicoleta acha que você está quase com seu poder total, o que significa que eles não terão outra opção, a não ser levá-la à força.

— Mas se eu estou com meu poder quase completo, como é que não tenho a menor ideia do que fazer com ele? Nem de como utilizá-lo?

— É essa a questão, Cheyenne. Eles vão precisar levar você antes que perceba como usar seu poder contra eles. Tudo vai se esclarecer no momento oportuno — disse mamãe.

— Por que é tudo tão misterioso? Eu não entendo. Se eu sou tão poderosa, eu deveria saber o que fazer. Em vez disso, sinto-me indefesa.

Mamãe me abraçou.

— Nós não temos um manual de instruções, meu bem. A maioria das

coisas é puro instinto. Acho que vivemos entre os humanos, e do mesmo modo que eles, por tanto tempo, que levamos um período maior do que antes para nos adaptar. E é com isso que os *Liliacs* estão contando.

— Sua mãe tem razão, querida. Tenha paciência. Vai acontecer. Mas, enquanto isso, tenha cuidado, por favor. Sua própria vida pode depender disso.

Os olhos de papai estavam cheios de preocupação. Algo o assustara, e percebendo isso, fiquei com medo também.

— Vocês sabem de alguma coisa? Algo que não estão me contando? — Olhei de um para o outro.

Mamãe suspirou.

— Nicoleta acredita que os *Liliacs* sejam os responsáveis pelos quatro assassinatos que aconteceram nos últimos dias.

— Que assassinatos? — Eu não tinha ouvido nada a respeito. Ninguém me dissera nada sobre isso.

Mamãe ficou boquiaberta.

— Você não sabia? Não acredito que Larry não tenha comentado. Quatro corpos forma encontrados nas redondezas de Georgetown, um deles, inclusive, bem próximo da academia.

Foi como se meus ossos amolecessem.

— Ah, meu Deus! Ninguém falou nada sobre isso, nem mesmo Mandy. Mas o que faz Nicoleta pensar que foram os *Liliacs* ?

Pensar que assassinatos tinham ocorrido tão perto de nós me apavorou. E se Constantine tinha algo a ver com isso... Bem, eu não queria nem pensar na possibilidade. Eu sabia que ele fazia coisas más, mas era difícil aceitar que ele podia, de fato, matar alguém. Ele mais me irritava do que me assustava, exceto pela cena no meu carro.

Papai olhou para mamãe, que assentiu.

— Nicoleta conhece alguns de nosso *clicã* que trabalham na polícia de Georgetown. Digamos que as condições dos corpos encontrados apontam diretamente para alguém da nossa espécie. Nicoleta está tentando controlar as coisas antes que isso vaze para o público. O s *Liliacs* devem estar inquietos. Devem tentar algo em breve, e você tem de estar preparada.

— Preparada para o quê? O que devo fazer?

Eu estava perdida. Todos estavam contando comigo, e eu não tinha a menor pista do que devia fazer.

Mamãe me abraçou com força.

— Não se coloque em perigo, é isso que deve fazer. Nem mesmo pelo *clică* — ela acrescentou baixinho, como se temesse que alguém pudesse nos ouvir.

— Mas é isso o que eu devo fazer, proteger o *clică* . Não é para isso que estou me preparando? Não é esse o objetivo de todas essas conversas com Nicoleta, dizer que é minha responsabilidade cuidar do *clică* ? Como é que vocês podem vir com essa, agora? — Eu estava confusa e a ponto de gritar de frustração.

— Porque você é minha filha, só por isso. Nada é mais importante para mim do que você. — Os olhos dela brilharam, inundados de lágrimas. — Eu não vou sacrificá-la pelo *clică* . Não posso.

Afastei-me de mamãe e olhei para papai em busca de uma resposta. — Eu concordo com sua mãe, meu bem. Sua segurança está em primeiro lugar. Não

posso ficar assistindo, inerte, enquanto minha menininha se machuca. — Mas eu não sou mais uma menininha, pai. Olhe para mim: eu cresci. — Sim, eu sei. E isso parte meu coração. Não estou pronto para abrir mão de você, e

com certeza não estou pronto para vê-la morrer por uma causa que descobriu há apenas uma semana. É *nossa responsabilidade proteger você* . E não faz um minuto, você estava dizendo que não sabia como ou quando utilizar seus poderes. Nós achamos que você precisa de um pouco mais de tempo... — Ele parou e olhou para minha mãe outra vez. Definitivamente, eles sabiam mais do que estavam me dizendo. — Mas do jeito que as coisas estão, parece que não teremos esse luxo.

— E o que isso significa?

— Estamos dizendo que precisamos ficar mais colados a você por algum tempo. Eu sei que você não vai gostar disso, mas é para o seu próprio bem. Sua mãe vai levá-la para a escola e eu sairei mais cedo do trabalho para levar você e Mandy para a academia.

Eu desabei no sofá.

— Mas vocês não podem fazer isso! Eu não preciso de babás. É como se eu fosse uma prisioneira, puxa!

Mamãe balançou a cabeça.

— Não é nada disso. Mas até que você compreenda como usar seus poderes para se proteger, estará vulnerável e em risco constante. Os *Liliacs* vão continuar tentando atraí-la para o lado deles, e não podemos permitir isso. Se algo acontecer a você porque falhamos em protegê-la, eu nunca serei capaz de me perdoar.

Eu temia contar a meus pais o que tinha acontecido na academia, e depois no meu carro, mas percebi que seria obrigada a fazê-lo, já que Nicoleta não estaria por perto.

— Constantine apareceu na academia e, mais tarde, no meu carro, depois que deixei Mandy em casa. — Mordi o lábio e esperei pela explosão. Não demorou muito.

— O quê? O que aconteceu? Quando você planejava nos contar? E você chamou Nicoleta? — Papai disparava pergunta após pergunta, como se fosse uma daquelas máquinas de lançar bolas de tênis.

— Cheyenne! Por que não nos contou? — censurou mamãe. — Acabei de contar! — Controlei o impulso de revirar os olhos. — O que ele queria? — papai exigiu saber.

— O de sempre... que eu me juntasse a ele, porque minha vida seria bem melhor, blá, blá, blá.

— Isso é sério, mocinha — papai me repreendeu. — Sim, não é brincadeira — acrescentou mamãe. — Eu sei, eu sei. Mas ele não tentou me machucar ou sequestrar, ou seja lá o que for que

vocês pensam que ele quer fazer comigo.

Por que eu o estava defendendo?

Papai e mamãe me analisaram.

— Ah, Cheyenne! Você está se apaixonando por ele e seus planos malévolos? Está pensando em se encontrar com ele? Já se encontrou com ele? — indagou mamãe, horrorizada.

— Não! De jeito nenhum! É ele quem me encontra. Eu nunca fui atrás dele — declarei, veemente.

Lembranças do beijo dele e do modo como me despia com os olhos me deixaram nauseada de tanta culpa. Constantine tinha começado a ter um tipo de controle sobre mim que eu não compreendia. Mas sabia que não era a mesma coisa que eu tinha com Ryan, disso eu tinha certeza. Constantine me deixava fria por dentro, enquanto Ryan me acendia como uma árvore de Natal.

Os ombros de papai relaxaram.

— Graças a Deus. Não vá até ele, nunca. Jamais! Se você for, é a mesma coisa que entregar seus poderes nas mãos dele para que os controle como quiser. Já é ruim o suficiente se eles conseguirem usar seu sangue para proveito próprio, mas se você entregar seus poderes, não poderá lutar contra eles... e nós também não poderemos. Você entende a gravidade da situação?

— Sim, entendo.

Mamãe deu tapinhas no meu joelho.

— Compreende por que não podemos deixá-la sozinha? Assenti.

— Mas eu disse que iria jantar com Ryan depois da academia amanhã. Eles trocaram olhares. E eu não fiquei com um bom presságio vendo aquilo. — É só por um tempinho... até que os *Liliacs deixem a área* — argumentou papai. — Eles não vão partir sem mim — falei, sem emoção. Lá no fundo, eu sabia que era verdade. Constantine nunca me deixaria em paz. Não até

conseguir o que desejava: eu. E se eu nunca descobrisse como utilizar meus poderes? Eu não havia feito nenhum progresso nessa área até o momento. Eu seria um alvo fácil, sempre com medo. Eu não ia viver assim.

— É isso o que tememos. Você compreende por que temos de cuidar de você? Eu compreendia, e isso me deixava furiosa. Eu possuía a chave para parar com aquilo

tudo, mas não sabia como liberar os poderes para utilizá-los. — Sim, claro.

Eu me levantei e saí da sala sem dizer mais nada, subindo as escadas para o meu quarto. Não entrei no MSN com Mandy nem atendi meu celular quando Ryan ligou. Assim que

terminei meu dever de casa, me arrastei para a cama e adormeci. Acordei com um sobressalto, sentando-me na cama. Roxie ergueu a cabeça e olhou para

mim.

Minha respiração estava acelerada e eu tremia. Pousei a mão sobre meu pingente para me certificar de que ainda estava lá. Pelo que eu podia dizer, tudo estava em seu lugar, mas olhei para o quarto ao meu redor mesmo assim, em busca de intrusos. Roxie não parecia muito perturbada, o que me fez relaxar um pouquinho. Mesmo assim, eu continuava assustada, e minha camisola estava molhada de suor, me deixando gelada. Puxei as cobertas mais para perto de mim e olhei para o despertador: cinco da manhã. Droga! De jeito nenhum eu conseguiria voltar a dormir.

Constantine invadira meus sonhos outra vez. E ficava cada vez mais difícil distinguir entre o mundo dos sonhos e a realidade. A cada noite, ele forçava um pouco mais, me puxando em sua direção como se jogasse uma rede invisível.

Com pouco descanso, eu estava indo mal na escola. Durante metade do tempo minha cabeça simplesmente não funcionava. Meus pais teriam um troço quando vissem minhas notas. Nunca na vida eu havia tirado um “B” como média final. E era nessa direção que eu estava seguindo, ao menos em Álgebra.

Acendi o abajur e pisquei várias vezes para me adaptar à súbita claridade. Como eu não tinha vontade nenhuma de talvez voltar a dormir apenas para retornar ao pesadelo, resolvi que podia aproveitar para estudar um pouco.

Roxie saltou da cama e me seguiu até a escrivaninha, deitando-se por cima dos meus pés. Ela servia muito bem como aquecedor, ainda mais porque eu havia deixado minhas pantufas nos pés da cama.

Abri meu livro de Álgebra e olhei para as palavras borradas. Meus olhos ardiam por causa da falta de sono e da luz fluorescente. Por um instante, eu os fechei. Depois tentei reabri-los diversas vezes, mas minhas pálpebras estavam pesadas demais e se fechavam sozinhas. Acabei desistindo de lutar e pousei a cabeça sobre a mesa, com intenção de descansar só alguns minutos.

Cheyenne. Acorde, pequena Vânător. Está na hora de sair para brincar. Eu tenho tantas coisas maravilhosas para lhe mostrar! Encontre-se comigo esta noite. Você sabe aonde. Estarei esperando. Não me desaponte.

Levantei a cabeça de súbito e olhei ao redor. Minha adrenalina estava disparada. Roxie rosnou embaixo da mesa.

— Você também ouviu? — cochichei.

Como ela podia ter ouvido, se havia sido só um sonho? O despertador tocou. Saltei da cadeira tão rápido que ela tombou para trás. Roxie se

levantou correndo e latiu para a cadeira. Eu odiava aquele despertador. Arrumei-me para a escola e desci para tomar café. Meu estômago estava vazio, por isso

tomei também minha “vitamina” especial.

— Bom dia, luz do dia! — cumprimentou papai, tão contente que me deixou desconfiada. — Olá.

— Sua mãe disse que desceria em um minuto para levar você. — Ele me deu um beijo na testa. — Eu vou buscar você à tarde. Espere por mim na frente da escola.

Eu tinha me esquecido por completo de que eles iriam me levar para todo lado agora. Mas que droga... e que embaraçoso!

— Papai, espere! É a vez de Mandy dirigir. Será que eu não posso ir só com ela? Vamos ficar juntas o tempo todo, eu juro. E eu nunca fui incomodada quando estava com mais alguém. Por favor?

— Você sabe que os *Liliacs* estão ficando desesperados. Eu não acho que seja uma boa ideia.

— O que não é uma boa ideia? — questionou mamãe, entrando na cozinha. — Sua filha quer ir para a academia com Mandy, em vez de comigo. Mamãe pôs uma das mãos no quadril.

— Cheyenne, nós conversamos sobre isso ontem à noite. — Eu sei, mamãe, mas eu vou ficar com Mandy o tempo todo. Nós vamos tomar cuidado,

está bem?

Ela olhou para meu pai, que encolheu os ombros. — Está bem. Mas eu quero que você vá direto da escola para a academia, entendeu? E

ponto-final. Sem nenhuma parada, sem café, sem nada. — Sim, entendi.

— Bom. Vamos lá, então. Vou me atrasar para o trabalho. — Ela pegou a bolsa e saiu, esperando que eu a seguisse.

— Tchau, papai.

— Por favor, seja cuidadosa, meu bem — ele respondeu, enquanto eu saía. Sentei no banco do passageiro no carro de mamãe, cerrei os dentes e rezei. Ela não é

exatamente a melhor motorista do mundo. Para ser bem sincera, ela me apavorava. Quando mamãe me deixou na frente da escola, cinco minutos depois, eu queria me ajoelhar e beijar o chão.

Essa nova situação era horrível. E a culpa era toda de Constantine. Quando cheguei ao meu armário, larguei ali a maioria dos meus livros e fechei a porta

com força, resmungando sozinha o tempo todo.

— Bom dia, Faísca.

— Ai, credo! Que susto...

— Tem alguma coisa a incomodando? Você parece preocupada, com se estivesse com a cabeça cheia.

— Nada, não. Só uma manhã ruim... minha mãe me trouxe para a escola. — E isso é ruim? — Ele riu.

— Pegue uma carona com ela e depois a gente conversa. — Entendi. Por que você não veio dirigindo?

Pega desprevenida, eu não soube o que dizer. Não podia contar a verdade, então pensei em várias respostas viáveis.

— Meu carro não pegava.

Ryan inclinou a cabeça e franziu a testa.

— Que droga... Eu posso levar você para casa depois. — Obrigada, mas eu vou com Mandy. É a vez de ela dirigir até a academia, mesmo. — Tudo bem, mas estou aqui se precisar de mim. Ainda está de pé nosso jantar hoje à noite? A que horas você sai da academia?

— Sobre isso... Meus pais querem que eu volte direto para casa hoje. Não vou poder sair. — Mordi o lábio. — Sinto muito.

— Você está de castigo?

O que eu podia responder? Não, mas eles estão preocupados que eu possa ser sequestrada por um psicopata sanguessuga?

— Não, não é nada disso. Eles só querem que eu fique em casa. Aquilo

parecia uma desculpa esfarrapada. Ele provavelmente nunca mais me convidaria

para sair.

— Hum... bem, talvez outro dia, então. Eu levo você até sua sala. Andamos lado a lado no corredor apinhado. Nossas mãos se tocavam de vez em quando,

e centelhas voavam pelo meu corpo. De tempos em tempos, Ryan segurava meus dedos e apertava de leve. A atração que eu sentia por ele era completamente diferente do empuxo mórbido que Constantine exercia; era como o contraste entre o sol e a escuridão.

— Vejo você na aula de Biologia. — Ele piscou para mim e se afastou pelo corredor segundos antes de o sinal tocar.

Tive dificuldade para permanecer acordada durante a aula. Diversas vezes acordei assustada, segundos antes de bater a cabeça na mesa. Eu devo ter sido o motivo de piada da classe, porque cada vez que acordava em um pulo, ouvia risadas ao meu redor.

Quando cheguei à sala de Biologia, devo ter bocejado umas quinhentas vezes. Nem sequer me lembrava de ter caminhado até lá. Sentei-me em qualquer cadeira, nem me importei em qual, e apoiei a cabeça sobre os braços dobrados.

— Olá, garota, como é que vai? — perguntou Mandy. — Não vi seu carro de manhã e você também não estava perto dos armários.

Ergui a cabeça.

— Ah, olá. Pois é, meus pais insistiram em me levar para todo canto agora, então meu carro está em casa. Pelo visto, eu preciso de uma babá. Eles mal concordaram em me deixar ir de carona com você para a academia. Estão completamente paranoicos.

— Por quê, o que está acontecendo? — Ela baixou a voz para um cochicho. — Tem algo a ver com Constantine?

Olhei nosso redor.

— Sim, exatamente. Depois eu conto.

Eu não precisava de ninguém escutando nossa conversa. Senti a presença de Ryan no segundo em que ele entrou na sala. Pequenas vibrações

agitaram minha pele. Ele se sentou na cadeira a meu lado. Sorriu e meu coração derreteu como chocolate quente.

— Olá, Faísca. Senti saudades suas.

Meu rosto se aqueceu.

— Olá.

Uma cascata de risadas femininas chamou nossa atenção para a porta. Val entrou com seu séquito logo atrás, garantindo que todos notassem sua entrada triunfal.

O queixo de Mandy quase foi ao chão.

— Ah, meu Deus! Eu não acredito! Olha para aquela cara convencida, me dá vontade de vomitar! Como ela conseguiu sair mais cedo da detenção? Ela só cumpriu um dia!

— Tenho certeza de que o pai dela tem algo a ver com isso — comentei. Val fez questão de passar entre mim e Mandy e lançar um olhar mal-encarado em minha

direção. Na verdade, era mais como uma promessa de vingança. Então ela deu meia-volta e retornou pelo corredor, deslizando as unhas longas e vermelhas nas mesas, chamando a atenção da classe toda e passando entre mim e Ryan. Dessa vez, ela colocou um pouco mais de reboledo nos quadris para encantá-lo. Tenho de dar a mão à palmatória: ele mal olhou na direção de Val, mesmo quando ela estava praticamente dançando no colo dele. Irritada pela ausência de entusiasmo de Ryan, ela desfilou de volta para sua turminha e se sentou.

Por que ela não podia seguir a vida e me deixar em paz? O que eu havia feito para merecer aquele tratamento? Nós éramos amigas. É como se ela tivesse se transformado em uma bruxa no instante em que ganhou seios e vestiu o uniforme diminuto de líder de torcida. Eu nunca iria entender.

Durante toda a aula, os olhares dela arderam sobre minha pele. O calor de seu ódio queimava minhas costas. Suspirei de alívio quando tocou o sinal; ao menos eu não teria de lidar com ela pelo restante do dia. Bem, não nas minhas aulas, pelo menos.

Ryan enlaçou minha cintura e apertou.

— Tchau, Faísca. Se eu não a vir mais tarde, encontro você na academia. Eu me afastei.

— O quê?

Eu havia dito que não poderia sair depois da academia. Do que ele estava falando? — Minha irmã caçula tem aula de ginástica, lembra-se? Eu vou levá-la até lá. — Ah, sim.

Agora eu me sentia uma estúpida. Ele estava ajudando os pais deixando a irmã na aula, e eu pensando que tudo dizia respeito a mim. Quando eu tinha me tornado tão egocêntrica?

Por um milagre, consegui aguentar o resto do dia. Encontrei Mandy depois da última aula.

Ela se apoiou na parede ao lado do meu armário. — Estou tão cansada... Não estou com a menor vontade de ir à academia. E Larry avisou que hoje teríamos de subir escadas.

— *Você está cansada? Acho que eu não tenho uma noite decente de sono há uma semana.* — Aposto que sim. Mas por um bom motivo, com certeza. Eu tenho ficado acordada até

tarde conversando com Brad. — Ela sorriu, os olhos brilhando cheios de malícia. — Então, você e Brad continuam com tudo, hein? — Eu estava tão envolvida com minha

própria vida que nem prestara muita atenção à dela. Bela melhor amiga. — É, pode-se dizer que sim. — O rosto dela estava iluminado. — Isso é ótimo! Ele é um bom rapaz, e bem bonitão, inclusive. — Levantei e abaixei as

sobrancelhas como Ryan costumava fazer. Tive de rir da expressão no rosto dela. — Nós duas demos sorte, não? Ryan é lindo também. — É, demos sim.

Assim que chegamos ao estacionamento, o cheiro enjoativo de amêndoas me atingiu. Olhei em torno; Constantine estava muito próximo. Uma sensação gelada me dominou. Meus instintos me alertavam para o perigo, como no começo, na época em que Constantine era mais agressivo. Meu coração disparou.

Inclinei-me e cochichei para Mandy:

— Constantine está aqui. Precisamos ir embora, e rápido. — Qual é o problema?

— Vamos logo, eu conto quando estivermos no carro. Fiquei olhando para trás enquanto corríamos até o carro. Mandy se atrapalhou com as chaves; suas mãos tremiam.

A presença dele estava me sufocando. Meu cabelo voou e eu gritei, batendo as mãos, mas atingindo apenas o ar. Um hálito quente soprou em minha nuca.

— Ande logo, Mandy! — Talvez eu devesse ter ouvido papai. O pânico começou a me invadir.

— Mandy, agora!

Ela destravou as portas e eu pulei para dentro, trancando tudo. Agarrei meu pingente. — Preencha o vazio escuro em minha alma... preencha o vazio escuro em minha alma. A pedra se aqueceu, espalhando uma calma instantânea sobre mim. Exalei. Estávamos a

salvo, por enquanto.

Mandy deu ré e saiu do estacionamento.

— O que acabou de acontecer? Você me deixou apavorada! — Ela ainda agarrava o peito.

— Constantine está me seguindo. Eu me recusei a ir até ele por minha própria vontade, por isso meus pais acham que agora ele vai tentar me levar à força. — Minha voz tremeu. — Foi por isso que minha mãe me trouxe para a escola, e é por isso que eles não queriam que eu fosse com você até a academia. Eu deveria tê-los ouvido. Eu posso ter colocado você em perigo. Sinto muito, muito mesmo.

Meus olhos se encheram de lágrimas e meu queixo tremeu. Ah, o que é que eu havia feito?

— Ah, meu Deus! Que assustador! Eu não sabia que era tão sério. Pensei que você estivesse apenas sendo dramática. E não acho que era eu quem corria perigo, então não se preocupe. — O olhar dela pousou sobre minha mão, ainda agarrada ao pingente. — E esse colar? Eu vi o pingente brilhar. E o que significam essas palavras? Essas que você cantarolou?

— Este colar foi da minha tataravó. Ele me protege. — Esfreguei o polegar na superfície lisa da pedra. — As palavras o ativam. Eu posso usá-lo como um tipo de barreira quando estou dentro de um edifício ou de um veículo, pelo que pude entender. Enquanto eu estiver com ele, Constantine

não pode entrar onde eu estiver quando disser aquelas palavras.

— Isso é incrível. — Ela batucou no volante com os dedos. — Então como ele entrou na academia? — Ela mordeu a bochecha por dentro, um hábito que tinha quando estava nervosa desde que eu a conhecia.

— Eu não posso usar o colar quando estou na academia, esse é o problema. — Acho que deveríamos tentar achar uma maneira para você poder. — Ainda era visível

o medo nos olhos dela. Mandy parecia tão assustada quanto eu. — Sim, talvez você tenha razão. Nicoleta me disse para usá-lo o tempo todo. Eu não quero que ele fique rondando a academia. Eu não posso nem ir ao banheiro sozinha, e não acho que consiga aguentar cinco horas sem ir.

Quando chegamos à academia, ficamos paradas. Nenhuma das duas fez menção de deixar a proteção do carro. Olhamos uma para a outra, eu mordendo o lábio, Mandy, o interior da bochecha.

— Certo, vamos lá — falei, desafiando nossos temores. Praticamente disparamos até passar pelas portas da academia. Se não estivéssemos tão

apavoradas, teria sido cômico. Eu não senti a presença de Constantine do lado de fora do prédio. Talvez ele fosse me deixar em paz por um tempo. Era improvável, mas eu sempre podia torcer. Mandy abriu a porta para a cabine reservada para deficientes e eu entrei no reservado vizinho.

— Alguma ideia do que eu posso fazer com o colar? — indaguei. — E se usássemos as faixas para deixá-lo colado a você? — É, talvez. Eu só preciso garantir que ele esteja seguro. Não posso perdê-lo na valeta ou embaixo do piso.

Mandy me ajudou a grudar o colar em mim com a fita, por dentro do meu *top*. Coloquei minha mão por cima dele.

— Preencha o vazio escuro em minha alma... preencha o vazio escuro em minha alma — cantei.

O pingente esquentou, reluzindo mesmo sob meu *collant por entre meus dedos*. — Isso é loucura — disse Mandy.

— Pode ser, mas funciona. Acho que estamos seguras... desde que eu não o perca. Mandy deu um meio-sorriso.

— Então, sugiro que não o perca.

Para o aquecimento “divertido” de quarta-feira, jogamos traseirobol. Usamos nossos traseiros como bastões para acertar uma enorme bola que quicava em nossa direção. Era ridículo de assistir, mas muito divertido de jogar. Quando fomos para nosso primeiro equipamento, eu já tinha me esquecido de Constantine. Do jeito que Mandy ria sem parar, acho que ela também já se esquecera.

Mesmo sem dormir direito, minhas habilidades estavam ótimas. Eu não podia reclamar; ao menos, não até chegarmos ao condicionamento. Tínhamos escadas... eu odeio escadas, acabam com meus joelhos.

Calçamos nossos tênis e começamos a subir e descer como soldados. Meu *collant* logo estava encharcado de suor, o que me fazia olhar de quando em quando para garantir que a fita continuava firme no lugar. Até ali, tudo em ordem. Depois de Larry interromper o condicionamento, nós nos alongamos e nos acalmamos. Graças aos céus pelos exercícios

mais curtos nas quartas-feiras. Eu não teria durado as cinco horas habituais, de jeito nenhum.

— Ah, droga! Tenho de correr até o carro. Deixei o cheque da mensalidade lá. Volto já. — Mandy pegou suas coisas e saiu correndo.

Ela esqueceria a cabeça se não estivesse grudada no pescoço. Enquanto juntava minhas coisas, um pensamento nefasto me ocorreu: Mandy havia saído sozinha! Acomodadas em nossa zona de conforto, eu havia baixado minha guarda.

Apressei-me a ir atrás dela, e assim que abri a porta, uma lufada de amêndoas atingiu meu nariz, quase me mandando de volta.

Ah, Deus! Ah, Deus!

Constantine estava ali.

Corri até o carro de Mandy. A bolsa dela estava caída perto da porta do motorista junto com as chaves, mas ela não se encontrava em lugar nenhum. Frenética, olhei em volta.

— Perdeu alguma coisa?

Meu sangue gelou. Lentamente me virei, encontrando o olhar predador de Constantine. — Onde ela está? — exige.

— A salvo, por enquanto. Mas se planeja que ela continue assim, sugiro que venha comigo, e sozinha. Se eu sentir o cheiro de outra criatura, ela está

morta. Vou me divertir arrancando os membros de seu corpo e a carne de seus ossos. — Ele lambeu os lábios.

— Você é um monstro! — falei por entre os dentes. — Tsc, tsc, tsc. Você não é nada diferente de mim. Apenas se esconde atrás de seu disfarce de domesticidade.

— Se você a ferir, eu juro que vou...

— Vai o quê, pequena *Vânător* ? — Ele riu, me provocando. — Eu vou matar você! — ameacei. Eu não sabia como, mas mataria. — Você faz tantas ameaças... uma pena que não possa cumpri-las. A verdade daquela declaração me atingiu como um soco. Fechei os punhos com força.

Não iria permitir que ele me desestabilizasse; não numa hora daquelas. — Vá para o inferno.

— Por mais que eu aprecie sua companhia, devo partir. Tenho *convidados para cuidar*. Ele se transformou em morcego e voou, sua risada o seguindo. Peguei as chaves do chão e destranquei o carro de Mandy, jogando as coisas dela lá

dentro. Eu precisava chegar até Mandy, e depressa.

Capítulo XVII

Invasora de cavernas

A noite estava silenciosa e estranhamente sossegada quando me aproximei da entrada da gruta. Nada se movia, nem um morcego sequer. Nenhuma brisa, nenhuma folha agitada pelo vento, nenhum grilo. Nada. Era um silêncio completo e assustador.

Um mau presságio se instalou sobre mim. Eu sabia que provavelmente não conseguiria sair dali viva, mas não tinha escolha. Mandy precisava de mim e eu não a abandonaria à própria sorte. Mesmo que isso custasse a minha vida.

Depois de pegar a lanterna no bolso e acendê-la, desci a encosta íngreme que dava acesso à caverna. Eu tinha que agradecer ao meu pai por me forçar a manter um *kit* de emergência no carro. Sem a lanterna, eu nunca conseguiria descer até a caverna, mesmo com minha visão ampliada.

O portão fora deixado aberto, como se eles não apenas estivessem à minha espera, mas mantivessem seus braços abertos para me receber. Claro que eles sabiam que eu viria. Constantine havia me forçado a fazer uma visita, mantendo minha melhor amiga cativa e ameaçando arrancar cada um dos membros dela, banquetando-se em seu cadáver. Eu rezava para que Mandy não tentasse fazer nenhuma bobagem. Se ela ficasse calada e me deixasse cuidar de tudo, ela ficaria bem. Eles não a queriam; queriam *a mim*.

O portão rangeu quando passei pela abertura, rompendo o silêncio sobrenatural. Prendi o fôlego, sabendo que tinha acabado de anunciar minha presença melhor do que um anúncio de néon. Já não poderia mais usar o fator surpresa a meu favor.

Como sempre, o barulho ensurdecedor em minha cabeça começou assim que entrei na Sala de Apresentação. Fechei os olhos com força, tentando me habituar à invasão.

— Preencha o vazio escuro em minha alma — sussurrei, torcendo para que minha senha repelisse todo o mal e me protegesse.

Minha pele se aqueceu e o pingente vibrou. Eu não tinha a menor ideia de que efeito minhas palavras teriam naquela situação, mas imaginei que mal

não faria.

Os ecos em minha mente se intensificaram. Meu cérebro explodiu de dor. Caí de joelhos, a lanterna rolando pelo chão, e segurei a cabeça entre as mãos. Senti um gosto ácido no fundo da garganta e engasguei. Engoli com força, tentando evitar vomitar por causa do sofrimento indescritível. Eu devia tê-los irritado bastante para provocar tal reação.

Anotação mental: não fazer isso de novo.

Eu teria de confiar em algo além da minha senha secreta. Quando os gritos diminuíram ao nível do suportável, fiquei de pé e tentei me recompor. Não tinha tempo para desabar agora. Recolhi minha lanterna; ela piscou e logo em seguida tornou a apagar, deixando-me no breu total. Tentando não entrar em pânico, bati a lanterna contra a palma da mão. Dessa vez ela acendeu e continuou assim. Respirei devagar, aliviada.

Segui o caminho que ia para a Sala da Porcaria, sabendo por instinto e experiência que era ali que eles esperavam por mim.

Você não consegue ficar longe de mim, não é mesmo? — Constantine, é sempre um prazer. — Cerrei o maxilar. Ah, você não tem ideia do que seja prazer, mas eu ficarei muito feliz em lhe mostrar. — Onde está Mandy, seu cretino?

Tsc, tsc, tsc. Que linguajar... Ela está bem, desde que você faça o que eu mandar. — Eu estou aqui, não estou? Agora me diga, onde ela está? Siga seus instintos, pequena Vânător.

O riso dele ecoou pela área ampla e vazia, ricocheteando de uma parede para a outra em um estêreo assustador. Constantine tinha muito prazer em me provocar, mas eu ria por último. Prometi isso a mim mesma... e a Mandy.

Entrei na Sala da Porcaria incerta quanto ao que encontraria ali. A luz suave de centenas de velas se espalhava pelo local, lançando sombras em todas as paredes. Desliguei minha lanterna e a enfiei de volta no bolso. Eu precisaria de ambas as mãos livres. Impossível saber o que Constantine planejava.

Amarrada como um porco no abatedouro, cheia de fita adesiva de um rosa-vivo, Mandy estava deitada de barriga para baixo junto à enorme formação de rochas, os olhos arregalados de medo. Ela mexeu a cabeça, sinalizando para que eu olhasse para cima. Lentamente, ergui a cabeça.

Centenas de morcegos se amontoavam no teto. Um por um, eles foram caindo de lá, transformando-se em criaturas humanoides. Era como estar no meio de um saco de pipocas de micro-ondas: de todos os lados, eles foram chegando e se multiplicando. Em pouco tempo eu estava cercada por completo.

Apenas dois morcegos continuaram no teto. Pelo visto, eles aguardavam para fazer uma entrada triunfal. Sem dúvida, um deles era Constantine.

Ninguém prestou atenção a Mandy, o que era bom. Todos os olhares estavam voltados para mim.

Um dos morcegos se soltou, pousando diretamente diante de mim, e se transformou em Constantine. Ele sorriu, exibindo caninos compridos e pontiagudos, e lambeu os lábios enquanto seu olhar percorria meu corpo de cima a baixo.

Contive um tremor. De modo algum eu daria ao desgraçado a satisfação de saber como ele me afetava. O sorriso dele se alargou, como se lesse meus pensamentos.

— Bem vinda, pequena *Vânător*. Fico feliz em receber Vossa Excelência entre nós, os humildes *Liliacs*. — Ele fez uma reverência, zombando de mim.

Meu lábio automaticamente se curvou em desprezo. Ele andou ao meu redor, aproximando-se a cada passagem. Um hálito fétido soprou sobre minha pele. Constantine parou atrás de mim, fazendo com que eu sentisse o calor de seu corpo alcançar o meu. Ele afastou meu cabelo de lado e esfregou o rosto em meu pescoço, parecendo querer inalar meu cheiro. Agarrando-me pela cintura, me puxou contra seu corpo. Sua língua úmida e quente tocou meu pescoço, sobre a pulsação da minha veia.

Eu me virei de súbito, soltando-me e dando-lhe um tapa no rosto com força. — Não ouse me tocar, seu desgraçado!

Constantine riu.

— Isso não vai ser possível. Entenda: você me pertence. Eu vou tocá-la quando e como quiser.

Sua expressão era séria.

— Faça isso e vai perder a mão — ameacei.

— E como você planeja fazer isso, se é que pode me dizer? — Ele

gesticulou, indicando todos os outros *Liliacs* que mantinham sentinela ao nosso redor. — *Vai matar todos nós?*

Uma cacofonia de risos acompanhou sua pergunta zombeteira. Eu abri um pequeno sorriso.

— Não. Só você.

Todo o riso morreu, como se tivéssemos entrado em algum tipo de vácuo. Todos os olhares pousaram sobre mim, as bocas abertas de surpresa. Acho que era proibido insultar o poderoso Constantine.

Sem desviar os olhos de mim, ele ordenou:

— Todos para fora. Parece que a pequena *Vânător* quer algum tempo sozinha comigo. Certifiquem-se de guardar a entrada com cuidado. Não quero que nada nem ninguém entre aqui.

Obviamente confusos, os *Liliacs* olhavam de um para o outro tentando entender o estranho comportamento de seu líder.

— Não precisam pensar a respeito. Eu disse *saíam* ! — ele berrou. — Não me façam dizer de novo!

Tão rápido quanto a sala se enchera, esvaziou-se, restando apenas Constantine, Mandy e eu na Sala da Porcaria.

Sem saber o que esperar, me preparei para o pior. Cada nervo estava em alerta, pronto para reagir à mais leve provocação.

A expressão dele suavizou.

— Ouça, isso não tem de ser tão difícil. Eu não quero machucá-la. Pense em juntar-se a nós por vontade própria e tudo vai dar certo.

Incapaz de processar o que ele estava dizendo e o significado de seu gesto, pude apenas olhar para ele, boquiaberta, em choque.

Ele estendeu a mão, deslizou os longos dedos pelo meu rosto e suspirou. Instinto, não experiência, me fez perceber que o que eu via brilhando em seus olhos era desejo.

Recuei um passo, totalmente espantada por seu comportamento estranho. Ele tornou a baixar a mão, mas continuou me fitando nos olhos.

— Eu... não entendo — consegui dizer.

— Eu quero você para mim. Correção: você é minha... Mas eu preciso

que você aceite este fato e venha para mim por vontade própria. — Ele começou a levantar o braço para me tocar outra vez, mas parou. — Eu quero que você *escolha ficar comigo*.

Espiando para trás de Constantine, tive um lampejo de Mandy se soltando da fita adesiva. Desviei o olhar rapidamente, antes que ele percebesse o que eu tinha visto.

— E o que importa a você se eu vier por conta própria ou não? Você planeja me usar para as necessidades do seu *clică*. Eu sei o que você vai fazer... ou tentar fazer. Você só quer o meu sangue. Na verdade, você precisa de mim.

Ele precisava que eu fosse até ele por conta própria para poder acessar meus poderes. Eu sabia qual era seu objetivo. Não que isso pudesse ajudá-lo, pois eu mesma não sabia como acessar meus poderes.

Ele me agarrou pelos braços, o desespero tingindo sua expressão. — Não é só isso. Eu quero mais do que seu sangue. — Ele baixou a cabeça. — Eu quero
você.

— Para quê? — perguntei, sem pensar.

Ele ergueu a cabeça e aliviou o aperto em meus braços, suas feições se suavizando, sinceras.

— Para ser minha *parceira eterna*. Você é tão diferente do resto da nossa espécie! Você não se acovarda diante de mim, nem parece me temer. É reconfortante.

Apertei os olhos e balancei a cabeça. Ele não estava fazendo nenhum sentido. Em um momento, era um vilão repugnante e violento; no outro, era vulnerável e terno. Constantine devia estar tentando me deixar desprevenida, me tomar de surpresa. Mas havia algo em seus olhos que dizia que talvez eu estivesse errada. Talvez ele estivesse falando a sério.

— Eu tenho dezesseis anos. E você tem... tem... bom, não tem dezesseis, com certeza. E é meu inimigo. Meu *clică* espera que eu ajude a acabar com o seu *clică*. O que você espera? Isso é alguma piada à la *Romeu e Julieta à minha custa*?

— Não é piada. Eu acho que seríamos ótimos juntos. Você nunca sentiria falta de nada. Eu poderia lhe mostrar coisas que libertariam seu

espírito selvagem.

— Não posso abandonar meu *clică* . Essa opção não existe. Além do mais, como espera que eu goste de você? Depois de tudo que fez a mim, à minha amiga? — Ah, meu Deus! Eu não tinha a intenção de chamar atenção para Mandy. Tinha de manter o foco dele em mim. — Você é a encarnação do mal. Eu nunca poderia ficar com você.

Os olhos tristonhos dele reluziram, vermelhos. Vibrações poderosas perpassaram meu corpo enquanto Constantine dava vazão à sua raiva.

— *Eu* sou o mal? E você nunca poderia ficar *comigo* ? E o que me diz de seu namoradinho?

— O que tem ele? — Teria ele atacado Ryan também? — Você não parece se incomodar com a natureza malévola *dele* . — Constantine me

segurou pela cintura e puxou-me contra seu corpo, roubando meu fôlego. — Você nem se importou quando aqueles lábios malévolos cobriram os seus. — Ele me lançou um olhar obscuro. — O que mais aquela criaturinha malvada fez com você?

Pus minhas mãos entre nossos corpos e empurrei seu peito com força. — O que você diz não faz sentido nenhum. Solte-me! — Ah, não faz sentido? Por que você não pergunta para o seu *namorado* ? Tenho certeza

de que ele adoraria lhe explicar tudo.

O último morcego agarrado ao teto, do qual eu havia me esquecido completamente, se soltou e se transformou... em Ryan.

Capítulo XVIII

Um sacrifício de traição

Foi como um soco no estômago, tirando meu ar e me deixando desorientada com tamanha traição.

Ele era um *Liliac* !

Como eu pude ser tão estúpida?

— Solte-a! — exigiu Ryan.

Constantine respondeu me segurando ainda com mais força. — Ah, que bom que você está aqui. Agora pode explicar a ela exatamente o que você é. — Um *Liliac* ! — despejei, enojada.

— Algo me diz que ela não ficou feliz com a novidade. Que pena. — Constantine riu baixinho. — Você não teve problemas para aceitá-lo, então não deve ter problemas para me aceitar também.

— Eu disse para soltá-la. — Ryan deu um passo à frente, sua postura alerta e ameaçadora.

Constantine me soltou e voltou-se para Ryan.

— Sugiro que abandone esse tom ao falar comigo. Você não está exatamente em bons termos com o *clică* . Tudo o que eu preciso é dizer uma palavra e você estará morto. — Ele sorriu, exibindo os caninos compridos. — Assim como sua família. E podemos começar com sua irmãzinha... O sangue de uma inocente é sempre tão saboroso, não concorda?

Ryan cerrou os punhos e foi na direção de Constantine, mas parou. Seu peito ondeava, agitado, e seus olhos reluziam em um tom sinistro de amarelodourado. Seus caninos surgiram, empurrando a carne macia dos lábios carnudos.

Minha nossa, ele era mesmo um vampiro do *clică* *Liliac* ! Não havia mais como negar, mas minha mente não queria aceitar a verdade.

Ryan era um deles.

Através da visão periférica, percebi que Mandy tinha se soltado da fita e começado a rastejar para longe da formação rochosa. Eu tinha de manter as atenções longe dela, por isso comecei a me afastar do que prometia ser, em

breve, um confronto total entre Ryan e Constantine.

Uma mão me segurou pelo pulso antes que eu pudesse ir muito longe, me fazendo gritar de surpresa.

— Você não vai a lugar nenhum. Você pertence a mim — rosnou Constantine. Ryan agarrou meu outro pulso e puxou para me arrancar dos braços de Constantine. — Deixe-a fora disso!

— Você parece se esquecer de quem eu sou. *Eu* dou as ordens. Poderia matá-lo por muito menos que isso.

— Então traga seus capangas zumbis e me mate, porque você mesmo não consegue fazer isso sozinho — provocou Ryan. — Em vez de lutar seus próprios combates, você envia um substituto para fazer o trabalho sujo. Para mim, isso o torna um covarde.

Os olhos de Constantine passaram a brilhar no mesmo tom de amarelo dos de Ryan. Seu peito subia e descia com a respiração arfante. Ele abriu a boca e sibilou, suas presas reluzindo à luz das velas. O cheiro de amêndoas sobrepujou o de terra e umidade exalado pela caverna.

Vários morcegos chegaram voando. Fiquei congelada no lugar, sem saber o que aconteceria em seguida.

— Vão embora! Eu não os chamei aqui! — Constantine berrou para os morcegos. — Ah, então você tem alguma coragem, afinal. Pensei que estivesse com medo de mim

— instigou Ryan.

O que ele estava fazendo? Deixar Constantine furioso não parecia uma boa ideia, sem contar que não seria nada bom para a saúde de Ryan. Estaria ele tentando desviar a atenção de mim?

Como se estivesse respondendo aos meus pensamentos, ele rompeu o contato visual com Constantine para olhar para mim em uma mensagem silenciosa.

Eu recuei no mesmo instante em que Ryan se moveu no primeiro ataque. Sem querer desperdiçar a oportunidade, corri para onde havia visto Mandy na última vez, atrás da imensa formação rochosa. Encolhemo-nos juntas ali, inseguras quanto ao que fazer. Os sons vindos da luta, junto com os gemidos e rosnados, logo se tornaram insuportáveis. Incapaz de me manter escondida por mais tempo, espiei por cima das rochas.

Constantine estava por cima de Ryan, mantendo-o preso contra o chão. Pude ver que, em alguns locais, ele havia rasgado a carne de Ryan até o osso. Arfei e cobri a boca para conter um grito. Poças de sangue, enegrecidas pela parca luz, cobriam o chão da caverna. Ryan virou a cabeça e me fitou nos olhos. Suas íris voltaram por um instante ao azul cristalino que sempre fizeram meu coração disparar, lembrando-me da pessoa que eu acreditava que ele fosse, não do monstro enlouquecido que pertencia ao *clică Liliac*.

— Vá — ele sussurrou.

Eu balancei a cabeça. Ele precisava da minha ajuda. Eu não podia ir embora. Como que para provar para mim que ele podia se arranjar sem mim, Ryan derrubou

Constantine e ganhou vantagem. Eu podia ver também as feridas no corpo de Constantine. Eles pareciam estar muito equilibrados na disputa.

Sem se virar, Ryan gritou:

— Vá agora, Cheyenne! Agora!

Eu pulei, segurando a mão de Mandy, e corri pelo caminho para a saída. Não podíamos ir direto para a entrada principal por causa da horda de *Liliacs* que nos aguardava ali. Parei, forçando Mandy a parar também. Soltei o braço dela.

Confusa, eu não sabia para onde seguir. Durante a excursão, eu havia sentido que a Sala do Lago da Lua era algum tipo de santuário, um refúgio do mal que nos cercava. Mas ali eu estaria no fundo da caverna, sem ter para onde fugir. Ficariamos enjauladas como os tigres dentes-de-sabre e os outros animais que haviam caído ali por acidente.

Então me lembrei de Stan ter dito algo sobre uma das áreas ter uma passagem espremida que levava até a Sacada do Canudinho, junto à entrada.

— Precisamos chegar àquela parte com o teto parecido com merengue. Acho que podemos ir de lá para a entrada através de uma mini passagem. — Mandy parecia em choque e quase inconsciente, por isso voltei a agarrar seu braço e arrastei-a comigo.

Corremos pela caverna sem prestar atenção ao piso escorregadio por causa da umidade. Mandy escorregou e eu caí de costas em cima dela, em uma bagunça de pernas e braços para todo lado.

— Cheyenne! Você não pode me deixar. Eu não vou permitir — ecoou a

voz de Constantine.

Mandy se assustou e soltou um gritinho.

— Ouviu aquilo? — perguntei a ela.

Ela engoliu seco e assentiu.

Constantine não tentou esconder sua voz, o que por si só já era um sinal de seu desespero. Ele sempre mantivera nossas conversas em segredo, a menos que estivéssemos sozinhos.

Levantei-me de um salto e ajudei Mandy a ficar de pé. Precisávamos sair dali e depressa.

Entramos na sala com o teto de aparência fofa. Fiz uma busca visual na sala, procurando a abertura que, eu esperava, nos levaria à segurança.

Uma corrente estava pendurada na área portando uma placa de *entrada proibida*. Passei por cima da corrente e olhei em torno.

— Mandy! Por aqui. — Gesticulei para que ela me seguisse por uma passagem estreita entre duas rochas enormes.

Ela estava no meio da sala, o rosto sem expressão nenhuma, vago. Estaria entrando em choque? Droga! Eu nem pensara no que havia acontecido com ela antes da minha chegada. Impossível adivinhar pelo que Constantine a fizera passar. Tomando a mão dela, puxei-a para a fenda. Passamos ali nos espremendo, enquanto eu rezava para que aquele fosse, de fato, o caminho para a entrada.

Respirei fundo, preparando-me para a área à qual estávamos nos dirigindo. Peguei minha lanterna e a acendi. Ela não oferecia muita luz, mas teria que bastar.

— Vamos, Mandy. Por aqui.

Ajoelhamo-nos e rastejamos pela passagem apertada e de teto baixo. A pedra machucava minhas mãos e meus joelhos, mas eu mal notava a dor. Depois de um curto tempo, chegamos a um lugar banhado de luz azul.

Gritos animalescos e o odor metálico de sangue enchiam o ar. Eu gelei. Será que tínhamos voltado para a Sala da Porcaria? Cuidadosamente, rastejei adiante e espiei a cena violenta que se desenrolava ali. Cobri

minha boca para impedir que um grito escapasse; tanto sangue, tanto... Ryan e Constantine ainda lutavam. Ambos pareciam ter sofrido lesões

graves, mas continuavam mesmo assim. Era um combate até a morte; nenhum deles estava disposto a ceder. A única esperança de Ryan era que Constantine mantivesse a luta apenas entre eles dois. Até então, não se via mais ninguém por ali.

Parei, sem vontade nenhuma de abandonar Ryan a um destino desconhecido. Ah, Deus, ele precisava de mim e eu não sabia o que fazer. Onde estavam os poderes que

supostamente eu possuía? Por que eu não podia fazer algo para interromper aquela disputa? Meu estômago se contraiu e meus olhos se encheram de lágrimas. E se ele não conseguisse escapar? Ryan estava disposto a se sacrificar por mim. Eu nunca conseguiria olhar para mim mesma se ele... morresse.

Mandy ofegou quando viu a luta, lembrando-me de que eu devia guiá-la até um lugar seguro. Voltei-me e coloquei um dedo sobre os lábios, indicando para que ela continuasse em silêncio. Antes de sairmos daquela parte da caverna, olhei mais uma vez para Ryan e fiz uma prece silenciosa pela sua segurança. Eu tinha que acreditar que ele ficaria bem.

A alternativa era inaceitável.

Agente firme, Ryan. Eu vou voltar.

A adrenalina em minhas veias me empurrava adiante e eu acelerei o passo, torcendo para que Mandy me acompanhasse. Eu não tinha um segundo a perder.

Entre a escuridão e o espaço apertado, meus pulmões estavam tendo muito trabalho para suprir meu corpo com oxigênio. Eu respirava de modo tão rápido e superficial que pensei que iria hiperventilar. Parei por um instante e Mandy trombou comigo.

Eu estava tonta e oscilava de um lado para o outro. — Cheyenne? Você está bem? Qual o problema? — indagou Mandy, sua voz ficando mais aguda.

— Estou bem, só precisava descansar um momento. Afastei o início de pânico. Não tínhamos tempo para tal fraqueza. *Não! Este não era o momento para uma crise. Eu não iria ceder!* Andando de quatro, rastejamos pelo que pareceu uma eternidade. Mandy permaneceu

diretamente atrás de mim, a julgar pelo ruído das pedrinhas e o som de

sua respiração. Quando eu pensei que não aguentaria mais, chegamos a um lugar onde podíamos quase ficar de pé. Foi o que fizemos, seguindo a travessia abaixadas e aproveitando para alongar nossos membros enrijecidos. A passagem se estreitou como a fenda de um pequeno cânion, atrasando nosso avanço, mas ao menos podíamos, enfim, ficar totalmente de pé. Depois de algum tempo a área se abria um pouco mais, dando-nos um lugar para descansar.

— Vamos parar um minutinho. — Enxuguei o suor do meu rosto. — Você sabe para onde está indo? — Mandy conseguiu dizer, ofegante. — Espero que sim — resmunguei.

— Cheyenne! Você não pode partir! Eu não vou permitir. Estou com seu precioso Ryan. Não seja tola! — O alerta de Constantine ressoou pela caverna.

Mandy prendeu a respiração.

— Ele vai matar o Ryan. Ele é horrível, Cheyenne. Eu vi o que ele é capaz de fazer. Ele estava com uma garota. — Ela se abaixou, apoiou as mãos nas pernas e ergueu a cabeça, os olhos cheios de lágrimas. — Ela estava com tanto medo... E ele pareceu gostar ainda mais por causa disso, como se ele se alimentasse do medo da garota. Eles se revezaram.

Ela balançava a cabeça, como se tentasse se livrar do que havia visto. Como Mandy vinha de uma família de metamorfos e era mais do que provável que

tivesse visto sua cota de horrores, eu mal podia imaginar o que ela vira para deixá-la tão chocada. Eu tinha certeza de que não queria conhecer aquilo em primeira mão.

— Corra, Cheyenne! Não dê atenção a ele. Saia daqui — berrou Ryan. Minha pulsação disparou. Ryan estava vivo! Mas tínhamos que nos apressar. Eu tinha

que colocar Mandy a salvo para poder voltar e ajudá-lo. — Vamos — chamei-a com urgência.

Quase que de imediato tivemos que voltar a ficar de joelhos. A fenda se estreitava a cada passo, até que fomos forçadas a nos arrastar pelo chão como cobras. O confinamento do túnel espremia meu corpo, acrescentando mais pressão ao meu peito. Minha visão ficou borrada e minha respiração, difícil.

Eu estava tonta; os músculos e tendões das minhas costas queimavam. Eu sabia que era apenas uma questão de tempo até a transformação começar. A fera dentro de mim já rugia, querendo se libertar. Reconheci os sinais e usei cada milímetro de minha força para afastar o pânico que ameaçava me devorar.

Eu não podia me dar ao luxo de ceder e perder o controle. Duas pessoas dependiam de mim. Eu tinha que me recompor e encontrar o poder dentro de mim, o poder que havia se fortalecido a cada dia. Se ao menos eu soubesse como acessá-lo...

Concentrei-me em meu pingente.

Por favor, vovó, dê-me a força de que eu preciso. Ajude-me. Ele se aqueceu, enviando uma sensação reconfortante por todo meu corpo. Minha visão

clareou e a tontura cedeu.

Funcionou! Eu havia controlado meu próprio corpo. Eu conseguira! Cheia de confiança, concentrei toda a minha energia em sair da passagem estreita o mais rápido que podia.

— Mandy, estamos quase saindo.

Ela não respondeu, então me virei para olhar para trás. Mesmo com a pouca luz pude perceber que havia algo errado.

— Agente firme. Só mais um pouquinho. — Tomara que Mandy não estivesse entrando em choque... ou tendo uma crise de claustrofobia. Eu não desejava aquilo para ninguém.

Um último esforço e estávamos livres do túnel espremido. De volta às mãos e joelhos, eu sentia essas partes de meu corpo arranhadas e quase em

carne viva, mas não dei atenção ao desconforto. Era minha determinação que me levava adiante agora, não minha parte selvagem. Eu me sentia liberta.

Tínhamos que passar por várias outras áreas tão diminutas quanto aquela de onde havíamos saído, mas aquilo não me preocupava. Eu tinha vencido uma importante batalha em minha mente, dentro de meu próprio corpo. Os túneis eram um desafio pequeno. E eu podia lidar com desafios. Lidava com eles todos os dias na ginástica. Estava mais

preocupada se Mandy conseguiria sair.

Olhei para trás, virando a lanterna na direção dela. — Você está bem?

— Sim. — Sua testa reluzia de suor e ela estava pálida. — Eu me sinto estranha. Minhas costas doem. Estão queimando. Cheyenne, tem algo errado.

Costas doendo e queimando? Aquilo estava lembrando o que acontecia comigo quando eu ia me transformar... mas não, na família dela, isso só acontecia com os homens.

— Aguarde, querida. Estamos quase lá — encorajei-a. Mas eu nem mesmo sabia se estávamos indo na direção certa. Havia seguido meus instintos; até ali, ele não nos levava a nenhum beco sem saída.

Chegamos a um local onde a fenda se abria. Havia ali algo semelhante a uma sacada com uma abertura redonda de menos de meio metro. Usando toda a minha força, me puxei através da passagem estreita, meus braços tremendo com o esforço. Eu teria de me lembrar de agradecer a Larry por todo o condicionamento a que ele nos forçava.

Assim que saí, indiquei a Mandy que fizesse o mesmo. — Venha.

Quando ela começou a atravessar, eu a segurei pelos braços e ajudei-a a completar o caminho.

— Você não pode fugir de mim, Cheyenne. Você me pertence — gritou Constantine. — Eu vou pegar você!

Ambas congelamos onde estávamos. O que significaria aquilo? Teria ele matado Ryan? Não! Ryan *tinha* que estar bem.

— Por que ele não fala nada? — resmunguei.

Talvez porque ele não pudesse falar. Eu tinha que voltar para ele. Ryan precisava de mim.

— Psiu!

Eu pensei ter ouvido um barulho, por isso gesticulei para Mandy ficar imóvel. Alguns momentos se passaram sem nenhum som. Estendi meus sentidos para tentar

distinguir alguma coisa, mas não notei nada, por isso fui me aproximando da abertura. Vários canudinhos estalaram quando minhas roupas ficaram presas neles. Eu podia imaginar a cara de Stan quando ele visse todas as formações arrebitadas, mas não tive como evitar. E aquela era a menor das minhas preocupações.

Coloquei minha cabeça para fora e olhei ao redor. Com uma relativa certeza de que estávamos a salvo de olhares curiosos, me arrastei para fora e acenei para que Mandy me seguisse.

— Vamos dar o fora daqui — falei.

Corremos para a abertura da caverna como se tivéssemos o diabo em nosso encalço, parando apenas quando chegamos ao lado de fora.

— Mandy, preciso que preste atenção. Está entendendo? — Eu a segurei pelos braços, buscando conseguir sua atenção total. Os olhos dela estavam arregalados, as pupilas dilatadas, mas ela assentiu mecanicamente. — Bom. Preciso que corra o mais rápido que conseguir para o seu carro e caia fora daqui. Não olhe para trás. Vá direto para minha casa e conte aos meus pais o que aconteceu. Eles saberão o que fazer.

— Você não vem? Não pode ficar aqui! Eles vão matá-la! — A voz dela continha um tremor de pânico.

Passei minhas mãos sobre seus ombros em um gesto de conforto. — Eu não posso voltar com você. Tenho que voltar e ajudar o Ryan. E eles não vão me

ferir. Precisam demais de mim para isso. Vou ficar bem, juro. Agora vá, antes que seja tarde.

Mandy me agarrou, abraçando-me com força.

— Cuide-se.

— Vou cuidar. Agora vá.

Eu a soltei, empurrando-a de leve.

Mandy subiu correndo o caminho íngreme. Fiquei assistindo para ter certeza de que ela saía pelo portão antes de voltar lá para dentro. Graças aos céus pela minha visão noturna ampliada. Quando vi que ela estava a salvo, respirei fundo e encaminhei-me para a caverna.

Eu só esperava que não fosse tarde demais para Ryan. Ele havia salvado a nós duas. Apenas por isso, eu já estava em débito com ele. Mas

sequer considerei este detalhe. Depois de ver Ryan deitado em uma poça de seu próprio sangue, eu tinha percebido que não podia perdê-lo.

Não tive escolha, a não ser admitir para mim mesma que o amava. Mesmo sendo um *Li l i ac*, eu o amava. Mais tarde resolveríamos essas

complicações. Agora, eu tinha que ajudá-lo.

Corri pela formação Tentação, seguindo o túnel longo e estreito em que quase perdera o controle no dia da excursão. Estava tão determinada em ajudar Ryan, que dessa vez o local nem me incomodou. Apenas segui em frente até chegar ao Beco da Dor de Cabeça e então parei: uma multidão de morcegos me cercou. Alguns se transformaram em humanos e me seguraram pelos braços, outros continuaram em forma de morcego e giraram ao meu redor. Sabendo que eles me levariam até Constantine, não lutei.

Quando entramos na Sala da Porcaria, vi Ryan caído próximo da formação rochosa. Constantine estava sobre ele, pronto para atacar e dar-lhe outro golpe. Ele ergueu o braço.

— Não! Pare! — Eu me soltei dos capangas que me continham e corri para junto de Ryan, cobrindo seu corpo com o meu. Virei a cabeça e encarei Constantine. — Se você o machucar mais uma vez, eu juro que vou matá-lo.

Ele riu, o mal exalando de sua alma negra.

— E como, exatamente, você planeja fazer isso? — Por que você não tenta para descobrir? Vai ter que me matar primeiro, antes que eu

permita que o atinja de novo. — Minha respiração saía em ofegos curtos. Minha visão estava encoberta de vermelho. Meu coração batia com força contra as costelas.

Ele gesticulou para os dois que haviam me segurado antes. Minhas gengivas arderam e coçaram, mas dessa vez não tentei controlar a transformação. Permiti que meus caninos se estendessem e sibilei um alerta para os dois *Liliacs* que se aproximavam.

— Fiquem longe, ou vou arrancar a cabeça de vocês. Eles pararam e me olharam de cima a baixo, voltando a fitar Constantine em busca de instruções.

Ele jogou as mãos para cima e berrou:

— Tirem ela de perto dele agora mesmo, seus idiotas! Não me digam que estão com medo de uma vampirinha. — Ele estreitou os olhos.

Eles vieram e me arrancaram de perto de Ryan. — Assim é melhor. Agora posso terminar o que comecei. — Ele olhou para mim e sorriu, revelando os caninos sujos de sangue. O sangue de Ryan.

Comecei a me revirar, tentando me soltar dos meus captores. — Não toque nele, seu desgraçado!

Constantine se ajoelhou junto a Ryan e arrancou o que restava de sua camisa despedaçada. Ele ergueu um dedo, a unha afiada, e olhou para mim, certificando-se de que eu acompanhava cada movimento seu. Então Constantine correu a unha pelo peito de Ryan, rasgando sua pele. O sangue se acumulou nas bordas do ferimento e escorreu pelas laterais do corpo de Ryan. Ele gemeu, mas estava fraco demais para fazer qualquer outra coisa.

— Pare! — Eu me remexia e chutava, mas não conseguia me soltar. — E por que eu deveria parar, Cheyenne? Ele não a traiu? Você não quer que ele seja

punido por isso? — A expressão esperançosa no rosto dele me deixou enjoada. — Ou será que você gosta deste jovem tolo?

Parei de lutar e olhei para Constantine.

Sua expressão ficou amarga quando ele terminou de examinar como eu reagia à sua provocação.

— Muito bem, muito bem. Creio que você goste dele mais até do que está disposta a admitir. — Ele empurrou a ponta da unha diretamente acima de onde devia estar o coração de Ryan, deixando um buraco ali. Ryan tornou a gemer. Quando ele retirou o dedo, o local foi preenchido por mais sangue. — Vá em frente, Cheyenne, admita seus sentimentos. Não vamos contar a ninguém.

Ele levantou o dedo mais uma vez para abrir outro buraco. Solucei, lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

— Sim! Eu o amo. Era isso o que você queria ouvir? Está feliz agora? Constantine se levantou e veio até mim, praticamente desfilando. Ele ergueu meu rosto

com seu indicador sangrento e fitou-me nos olhos. Raiva e, talvez, tristeza passaram rapidamente pelo seu rosto.

— Se estou feliz porque você ama a outro? Não! — Seus olhos estavam fixos nos meus. — Mas torna tudo mais simples para mim.

Afastei-me de seu toque vil.

— O que quer dizer?

— Quer dizer que agora eu tenho algo com que barganhar. Você é mesmo inocente demais. Tsc, tsc, tsc. Acaba de me entregar o que eu desejava em uma bandeja de prata.

— Você não está fazendo sentido nenhum.

— Então deixe-me esclarecer. Ou você concorda em vir a mim e me aceitar como seu *parceiro eterno* ou... — Ele indicou Ryan com um gesto. — ...ele morre.

Meu queixo caiu antes que eu pudesse me conter. — Você quer trocar minha vida pela dele?

— Não seja tão dramática. — Ele rolou os olhos e gesticulou, o cheiro do sangue de Ryan ainda em sua mão.

Olhei para Ryan. Ele tentou se erguer até ficar sentado, mas caiu, fraco demais. Fiz uma careta.

Constantine seguiu o rumo de meu olhar e voltou até Ryan. Deitou-se ao lado de seu oponente, sem se importar com o sangue espalhado por ali. Com o dedo, ele tracejou um círculo sobre a área onde repousava o coração enfraquecido de Ryan.

— Qual sua escolha, Cheyenne? Só você tem o poder para salvá-lo. A vida deste tolo está em suas mãos. Ou eu devo arrancar o coração dele para fora do peito e comê-lo enquanto ainda está batendo?

Olhei para Constantine, chocada. Será que eu tinha caído em algum *reality show*? Comer um coração batendo, mas que coisa! Parecia saído diretamente de um filme assustador e surreal. Balancei a cabeça, na esperança de acabar com a tontura que de repente cobrira minha realidade como um cobertor pesado.

— Estou perdendo minha paciência, Cheyenne. Faça... sua... escolha. Até por que, não vou precisar matá-lo se você demorar muito a se decidir. Ele vai sangrar até a morte; olhe para ele. Ele precisa de sangue. Você só precisa dizer, e o salvará.

Sem escolha, eu tinha que salvar a vida de Ryan. Depois eu daria um jeito de escapar da barganha.

— Se eu concordar, você vai deixá-lo viver e permitir que eu lhe dê o sangue de que precisa?

Ele hesitou, olhando de mim para Ryan. Constantine não pareceu feliz

com suas opções, mas concordou.

Vasculhei minha mente, tentando encontrar outra maneira de salvar a vida de Ryan. Constantine pressionou a unha contra o peito de Ryan. — Certo. Pare, por favor. Eu aceito. Eu... vou fazer — murmurei. — Você vai fazer o quê, Cheyenne? — Um sorriso se espalhou em suas feições lindas e geladas.

Ryan ergueu a cabeça e disse, em um fio de voz: — Cheyenne, não aceite. Você tem que se salvar. Constantine forçou a cabeça de Ryan para baixo e cortou o braço dele, deixando um rastro de sangue atrás de sua passagem.

— Por que você não cuida da sua vida? — sibilou. — Pare! Eu disse que aceito.

— Aceita o quê, Cheyenne? Diga. Eu a desafio. — Eu aceito ser sua *parceira eterna*, ou seja lá que raios for. — Encarei-o com todo o ódio que sentia em meu coração.

— Viu? Nem foi tão difícil assim. — Ele fez um gesto para os dois *Li l i acs* que me seguravam. — Soltem-na.

Assim que eu me vi livre, corri para o lado de Ryan. Constantine se sentou e observou enquanto eu me ajoelhava do lado oposto ao que ele estava, junto a Ryan.

Ryan abriu seus olhos azuis cristalinos.

— Não faça isso.

— Que meigo. Mas é tarde demais. O trato está feito — declarou Constantine. — Ryan, você precisa de sangue. Diga-me o que fazer — pedi. — Tsc, tsc. Viu o que a domesticação fez com o seu *clică*? É uma tristeza: você é uma

Vânător e não sabe como se alimentar. Quando se acostumar com os nossos hábitos, vai ter muito mais prazer ao se alimentar. — Ele sorriu, um brilho malicioso em seus olhos, e começou a lambar o sangue de seus dedos. — Um tanto novo demais, mas nada mau.

— Você é doente.

Como um sujeito tão lindo podia ser tão repugnante, tão... malévolo? O

que acontecera em sua vida para torná-lo assim? Era difícil crer que um dia nosso *clică* vivera como os *Liliacs*. Estremeci só de pensar.

Ergui a cabeça de Ryan, apoiando-a em meu colo. Sem saber mais o que fazer, ofereci meu pulso, colocando-o contra os lábios dele como havia visto nos filmes.

Ryan virou a cabeça, recusando-se a cooperar.

— Bem, se ele não quer tomar de você, acho que devemos respeitar sua opção. — Constantine riu, apoiando o peso do corpo nos cotovelos.

— Ryan, você tem que beber. Não vai conseguir se curar sozinho. Seus ferimentos são graves demais, você vai morrer — argumentei. Minha voz estava cheia de desespero. — Qual é o seu problema? Beba! — Pressionei meu pulso contra sua boca mais uma vez, apenas para ser rejeitada de novo. — Por que você não se salva?

— Porque ele sabe que vai ser torturado com suas lembranças e experiências para sempre depois que tomar da sua força vital. E uma vez que ele prove sua essência, vai desejá-la pelo resto da vida... como eu desejo agora. Ele prefere morrer. Tolo.

Constantine cuspiu perto de Ryan, errando-o por pouco. Desejar? Uma ideia surgiu em minha mente. Estendi meus caninos e mordi meu pulso. O

sangue encheu os pontos deixados pelos meus dentes e escorreu pela minha pele. Coloquei meu braço sobre a boca de Ryan, permitindo que o sangue pingasse em seus lábios.

A língua dele surgiu, lambendo o líquido. Seus olhos se arregalaram e ele agarrou meu pulso, levando-o até seus lábios quentes. Enquanto ele bebia, pude sentir a energia retornando ao seu corpo. Um campo de eletricidade nos envolveu, estalando e estourando. Ele iria ficar bem.

— Já chega! — berrou Constantine. Seus olhos brilhavam, amarelos, e seu rosto estava vermelho.

Fechei o cenho enquanto o observava, tentando descobrir o que o deixara tão furioso, agora que tinha tudo o que dizia desejar. Seria ciúmes? Que bobagem! Ele só me queria pelo meu sangue e para o tal negócio de *parceira eterna*. Ele não gostava realmente de mim. Ou gostava?

A expressão atormentada em seus olhos traía seus sentimentos. De maneira alguma um *Liliac* era capaz de amar.

Constantine se levantou e estalou os dedos. Duas belas *Liliacs* surgiram em uma névoa tremeluzente. Uma tinha cabelos loiros e longos que alcançavam a cintura, a pele de porcelana e olhos incrivelmente azuis. A outra era seu oposto total: cabelos negros, pele azeitonada e olhos castanho-escuros.

— Preparem-na — Constantine ordenou às duas. — Sim, meu senhor — elas responderam em uníssono. Meu senhor? Mas o que era aquilo? Elas se aproximaram de mim como se flutuassem

sobre o chão da caverna. Seus vestidos negros, impecáveis, espalhavam-se sobre os corpos curvilíneos. Hipnotizada pela presença etérea das duas, eu já havia me esquecido de suas intenções.

Quando uma mão gelada segurou meu antebraço, eu pulei. — Não me toque. Eu não vou a lugar nenhum.

— Ah, eu acho que vai, sim. Lembra-se de nossa barganha? — Ele voltou-se para Ryan. Os dois guardas gigantescos se dobraram sobre Ryan, forçando-o a ficar de pé. — Ei! Para onde o estão levando? Nós fizemos um trato. Deixe-o ir! A fúria se expandiu em meu peito, espalhando-se pelo corpo todo. — Ah, Cheyenne, minha vampirinha inocente! Eu disse que o deixaria *vi ver*; não falei

nada sobre libertá-lo. Ele seria um perigo para todos nós daqui para diante. Libertá-lo não é viável. Além do mais, não quer que seu queridinho esteja por perto? Como se fosse o seu... bichinho de estimação. Talvez eu até permita que o visite em sua jaula, de vez em quando.

Incapaz de controlar as reações de meu corpo, e sem saber se desejava mesmo controlá-las, meus ossos começaram a estalar e se mover. Gritei enquanto meus músculos queimavam e trocavam de lugar. Garras surgiram nas pontas de meus dedos. Meus caninos se alongaram. Pelos negros e luzidios cobriram cada milímetro do meu corpo. Eu me agachei no chão enquanto meu corpo terminava sua transição, minhas roupas se arrebentando e rasgando com a mudança de forma.

O poder era uma onda dentro de mim e me dava uma liberdade que eu jamais provara antes. Lambi meus lábios, encarando minha presa diretamente nos olhos. Um rugido de gelar o sangue escapou de meus pulmões.

Espantado, Constantine recuou alguns passos. Eu teria rido, se ainda fosse capaz disso. Lentamente, me aproximei, apreciando o medo que se

espalhava no rosto dele.

O que fazer? Rasgar-lhe a garganta ou mutilá-lo até que ele morresse pelos sangramentos?

Horrorizada com esses pensamentos, parei e me sentei. De onde tinha vindo aquilo? Constantine tirou vantagem de meu espanto e se recompôs. — Cheyenne! Pare já com essa bobagem. Isso é, se deseja que seu namoradinho continue

saudável — debochou ele.

Virei a cabeça para olhar para Ryan. Um punhal afiado reluzia contra seu pescoço. Outro rugido deixou minha garganta.

— Ah, eu sei o que você está pensando: que eu vou quebrar nosso trato. Nada disso. Ele vai continuar vivo. Eu vou garantir que isso aconteça. Tsc, tsc... Já se esqueceu que vampiros se curam muito mais rápido? Eu não tenho que matá-lo. Posso apenas feri-lo várias e várias vezes. E como você já descobriu, nós ainda sentimos dor. É isso o que deseja para seu precioso Ryan?

A raiva vibrava através de mim. Um golpe de minhas garras e eu poderia derrubá-lo, arrancar aquele sorriso arrogante de seu rosto. Olhei para Ryan de novo. A lâmina agora estava pressionada em seu pescoço, uma trilha de sangue escorrendo da ferida. Rosnando baixinho, voltei a encarar Constantine.

— Vejo que você entendeu a situação. Muito bem. Agora, vamos acabar com essa besteira.

Toda a fúria deixou meu corpo e eu voltei à minha forma humana. Minhas roupas tinham sido destruídas, por isso me encolhi no chão, tentando me cobrir o máximo que podia.

Constantine fez um gesto para os guardas.

— Levem-no, e cuidem para que seja limpo. Ele tem uma cerimônia a participar. — Cerimônia? — grasei, minha voz rouca e forçada. Ele desabotoou sua camisa preta, veio até mim e colocou a peça sobre meus ombros. — Ora, claro que sim, pequena *Vânător*! Nosso enlace como *parceiros eternos* merece

uma cerimônia. Não me diga que já havia se esquecido? Agora saia. Espero que aja como uma vampira boazinha que é, certo?

Insegura quanto ao que me afetava mais, se sua gentileza em cobrir meu corpo exposto ou seu peito musculoso e abdômen perfeito, fiquei olhando, muda, como a adolescente boba que, pelo visto, eu era.

Por que ele se importava com minha modéstia, afinal? A menos que ele não quisesse que os outros *Liliacs* vissem meus encantos. Não que eu tivesse algum encanto, para começo de conversa. E onde foi que ele havia conseguido aquele corpão?

Com cuidado para manter a camisa fechada com minhas mãos, me levantei, o cheiro dele invadindo meus sentidos: amêndoas e terra fresca, uma mistura reconfortante de odores. *Reconfortante* ? O que havia de errado comigo?

As duas mulheres tornaram a se aproximar. Eu me afastei de suas mãos, mas não lutei com elas, sabendo que Constantine teria prazer em causar dor a Ryan pela mais leve provocação. A loira foi adiante e eu a segui, a morena logo atrás.

— Para onde estamos indo? — perguntei.

Nenhuma das duas respondeu.

Fomos até a Sala do Lago da Lua. O brilho dourado e suave das velas que forravam as paredes da caverna se refletia na água transparente.

Eu havia pensado que a sala servia como um refúgio contra os *Liliacs* . Aparentemente, minha intuição havia falhado nesse ponto.

A loira disse:

— Sou Celestina.

— E eu sou Stefania — informou a morena. — De agora em diante, nós a serviremos. Ambas fizeram uma reverência.

— Servir?

— Sim. Como *parceira eterna* de nosso senhor Constantine, nós agora pertencemos a você — anunciou Celestina.

— Prazer em conhecê-las. — O que mais eu podia dizer? — Que negócio é esse de “senhor”?

Stefania olhou para mim com uma expressão confusa. — Ele é o líder do nosso *clică* .

— Ah, sim — murmurei. — Pensei que esta sala fosse proibida para os

Liliacs... Pelo menos, é o que achei que minha intuição estivesse me dizendo.

— Apenas para os homens do nosso *clică* . — Celestina afastou uma mecha de cabelo comprido do rosto e baixou a voz. — A concentração de minerais encontrada exclusivamente nesta área os torna impotentes.

— Que horror! Eu não precisava saber disso!

— Nosso senhor, Constantine, não quer que nenhum outro homem a veja se vestir, por isso nos fez usar esta sala — declarou Stefania.

A voz de Constantine ressoou pela sala ampla:

— Celestina! Stefania! Vocês querem passar algum tempo com Dracul? Concentrem-se em sua tarefa!

Ambas tremeram visivelmente, os olhos arregalados e apavorados. A ameaça de Constantine acertara em cheio. Quem seria Dracul? Pelas reações delas, ninguém que eu quisesse conhecer.

— A que tarefa ele se referia?

— Preparar você para a cerimônia. Há muito que fazer. — Celestina apressou-se pelo quarto de vestir improvisado.

Stefania indicou que eu me sentasse no banco artificialmente escavado na rocha, próximo à piscina mais rasa. Ela tirou um objeto de sua bolsa de tecido preto, algo parecido com uma escova, e começou a arrumar meu cabelo em um arranjo exótico. Sem um espelho, eu não podia dizer como estava ficando. Não se assemelhava a nenhum penteado que eu já tivesse usado. E mamãe costumava fazer as coisas mais malucas no meu cabelo para minhas reuniões de ginástica.

Assim que terminou, Celestina mostrou minha roupa especial. O tecido branco e translúcido lembrava o do robe cerimonial do meu *clică* , mas era ainda mais delicado, e entrelaçado de fios de ouro. Olhando mais de perto, notei que cristais reluzentes haviam sido tecidos junto com os outros fios. Eles não eram um enfeite da peça, e sim, parte integrante dela. Era de tirar o fôlego.

Celestina e Stefania começaram a tirar minha camiseta e minha calça jeans arreventadas. Recuei, colocando as mãos à minha frente.

— Isso eu posso fazer sozinha.

Virei de costas e despi os restos da minha camiseta. Graças aos céus,

meu sutiã havia sobrevivido bem. De jeito nenhum eu o tiraria. Não em frente daquelas duas *Liliacs*, nem de ninguém mais.

Peguei o vestido e o passei sobre minha cabeça. O tecido gelado se ajeitou sobre meu corpo. Parecia ter sido feito especialmente para mim. As mangas, que começavam justas e terminavam em formato amplo nos punhos, eram soltas e fluidas, como as imagens que eu já vira de trajes medievais. O corpete era justo, mas não apertado. Nos quadris, o vestido se abria em uma cauda ondulada que se arrastava atrás de mim.

Como eu ainda estava com meu jeans rasgado, enfiei as mãos por baixo do vestido, desabotoei o jeans e o retirei. Eu estava com minha calcinha modelo short nas cores do arco-íris, mas não iria tirá-la de forma alguma. Uma pena, porque ela ficou aparecendo por baixo do vestido.

Stefania ergueu uma longa peça de tecido transparente e prendeu-a no topo da minha cabeça, deixando que caísse para a frente e ajeitando-a sobre meus ombros, escorrendo nas laterais. Aquilo me lembrava um véu de noiva.

Ofeguei e quase engasguei sozinha, desatando em um acesso de tosse. Um véu de casamento? A tal cerimônia do negócio de “parceria eterna” era um casamento? Antes que eu pudesse pensar um pouco mais a respeito, Stefania colocou um arranjo de cristal sobre o véu, prendendo-o à minha cabeça. Os cristaizinhos no tecido davam cócegas nas minhas bochechas e na minha testa a cada movimento que eu fazia. Ergui a mão e explorei o intrincado enfeite.

Constantine berrou:

— Ela está pronta?

As duas mulheres pularam.

— Sim, senhor — responderam, obedientes.

— Então tragam-na aqui. Estamos esperando.

Stefania e Celestina me acompanharam de volta à Sala da Porcaria, que havia sido modificada para a cerimônia. Mais velas foram acrescentadas, formando um círculo. Todos presentes estavam agora cobertos por robes pretos translúcidos. O símbolo de seu *clicã* estava bordado nas costas de todos eles, do mesmo jeito que o nosso. Apertei os olhos, tentando discernir o desenho. Depois de olhar por algum tempo, percebi que ele lembrava um morcego. Ora, veja...

Constantine se aproximou e estendeu a mão. Eu pousei a minha sobre a dele, hesitante, sem saber onde Ryan estava entre as figuras encapuzadas. Conforme Constantine me levou na direção do círculo iluminado, a multidão se abriu e nos deixou passar. Foi quando divisei Ryan. Ele vestia o robe negro do *clică*, mas não usava capuz. Suas mãos estavam presas acima da cabeça. Ela parecia estar muito mais forte, mas seus olhos estavam distantes, como se ele tivesse se recolhido para dentro de si mesmo.

— Como parte da cerimônia, preparei um presente especial para você.
— Constantine estava agitado de tanto entusiasmo. — Tragam-na aqui.

Ela? Por favor, meu Deus, que não seja Mandy! Era fácil de imaginar Constantine forçando-a a assistir àquela cerimônia ridícula. Vários *Liliacs* parrudos arrastaram uma garota vestida em um robe vermelho similar aos

pretos que os outros usavam. O capuz que a cobria caiu para trás e, cabelos loiros se espalharam. Um pedaço de fita adesiva cor-de-rosa cobria sua boca. Quando ela ergueu a cabeça e me fitou nos olhos, eu a reconheci.

Capítulo XIX

Eu sou a Vânător

— Por que... *ela está aqui?* — *Não consegui evitar que minha voz tremesse um pouco.* — Ela é parte da cerimônia, meu amor. — Constantine esfregou as mãos, deliciado. Eu sabia que ia me arrepender, mas tinha de perguntar. — Que parte?

— Ela será o banquete, ora! — Constantine sorria, feliz. — Precisávamos de um humano, e ela precisava sofrer pela dor que causou a você. Uma solução perfeita!

Os olhos de Val se arregalaram ainda mais. Ela me encarou com o desespero de uma presa acuada.

Constantine estava maluco. Ele acreditava mesmo que eu ficaria contente, que ele estava me fazendo um favor.

— Não. Eu não vou permitir que o faça. Deixe-a ir. Ela não faz parte da nossa barganha. Ele franziu o cenho, confuso, enquanto me encarava tentando compreender minhas

palavras. Então, toda a emoção sumiu de seu rosto, que ficou impenetrável. — É tarde demais. Ela nos viu, e nós precisamos de um ser humano para o nosso

banquete.

Parei diretamente na frente de Constantine, cada movimento meu seguido de perto por seu olhar.

— Apague as lembranças dela e deixe-a em qualquer lugar. E não precisamos de um banquete; eu estou satisfeita. Não tenho fome nenhuma. Posso ir até o Sonic e comprar alguns hambúrgueres para nós. — Respirei fundo e segurei seus braços, fazendo uma pressão gentil. — Por favor, não faça isso.

Um instante de compaixão passou pelos olhos dele, que balançou a cabeça como se para clarear os pensamentos.

— Você assiste a filmes demais. Nós não temos o poder de apagar lembranças. O que está feito, está feito. A cerimônia vai continuar.

Chocada, abri a boca para argumentar, mas me calei. Soltei os braços dele. Não adiantaria nada brigar; estava óbvio pela expressão dele. Quando meu pai ficava daquele jeito, mamãe e eu sabíamos que palavras seriam inúteis. Eu teria de descobrir um modo de salvar os dois, Val e Ryan. Afinal, eu era uma *Vânãtor* ... embora ainda não visse a vantagem disso.

Constantine segurou meu queixo entre o polegar e o indicador, forçando meus olhos a encontrarem os dele.

— Em breve você aprenderá os nossos costumes e apreciará a liberdade que eles nos proporcionam.

Para evitar entregar o que estava pensando, mantive minha boca fechada e me concentrei em não fechar as mãos em punhos. Era fundamental que eu mantivesse o controle. Não podia permitir que minha raiva corresse livre.

Ele tomou minha mão e me levou até o círculo de luz. Virei a cabeça e tentei enviar a Val uma mensagem silenciosa dizendo que tudo daria certo. Olhei para Ryan; meu coração deu um salto quando nossos olhares se encontraram. Os músculos dele se contraíram, tensos, enquanto o olhar lançava chispas de tanta fúria.

Um *Liliac* empurrou Val para o círculo e a forçou a deitar-se aos nossos pés. Lágrimas escorriam pelo seu rosto; ela me olhava, pedindo socorro em silêncio. Mas não havia nada que eu pudesse fazer. Ainda não.

Outr o *Liliac* , enorme, com mais de um metro e noventa e cinco de altura e tão largo quanto uma casa, se aproximou. Ele me apresentou uma adaga ornada de joias em suas mãos estendidas.

Constantine a aceitou e fez uma reverência.

— Obrigado, Dracul.

Meu coração parou. Agora eu compreendia o medo de Stefania e Celestina quando o nome dele foi mencionado. Era de se imaginar a que tipo de propósitos ele servia: nada de bom.

Antes que eu pudesse despertar da presença paralisante de Dracul, Constantine se ajoelhou, ergueu a manga do robe de Val e fez três cortes no antebraço dela. De imediato, o sangue escorreu das feridas.

— Não! — gritei, lançando-me sobre Constantine antes que ele tivesse a chance de fazer um estrago maior.

Eu nem tinha alcançado o chão quando duas mãos fortes me seguraram

e me mantiveram de pé. Sem escolha, assisti, enojada, enquanto Constantine mergulhava o dedo no sangue de Val. Ele se levantou e fez um desenho na minha face esquerda com o sangue, depois deslizou o mesmo dedo sobre meus lábios. A doçura metálica fez com que minha boca se enchesse de água, e o impulso de lambe meus lábios se tornou insuportável.

Constantine riu.

— Vá em frente, pequena *Vânător*. Você sabe que quer. Posso ver a vontade em seus olhos. Não se negue esse prazer; não faz sentido.

Para meu alarme, meus caninos se estenderam em velocidade recorde. Eu queria passar a língua sobre os lábios e saborear o líquido pegajoso, mas sabia que aquilo era errado. Não! Eu não me permitiria fazê-lo. Se eu cedesse agora, não seria em nada diferente deles. Mas a tentação me deixava perdida.

Fechei os olhos.

— Não sou como você.

— Ah, mas em breve será. Nós temos todo o tempo do mundo. E eu sou muito paciente — ele contrapôs.

Ele assentiu para Dracul, e a pressão em meus braços aumentou. Constantine abaixou-se ao lado de Val de novo e ergueu a outra manga, fazendo três cortes no outro braço. Ela gemeu e mais lágrimas escorreram de seus olhos. Eu lutei contra o aperto das mãos de Dracul, sem resultado. Como eu poderia ser uma ameaça para aquelas criaturas do mal? Eu nem sequer conseguia me soltar de um *Liliac gigante*!

O cheiro de sangue impregnou o ar. Os *Liliacs* que nos cercavam levantaram o nariz e farejaram, oscilando de um lado para o outro.

Constantine se levantou e estalou os dedos. Dracul me soltou abruptamente. — Percebe como o sangue os excita? Logo estarão em frenesi. É uma bela visão, assisti-

los a devorar sua presa. — Constantine lambeu os lábios e andou até ficar atrás de mim. Ele pressionou o corpo contra o meu enquanto cingia minha cintura e sussurrava em meu ouvido: — Admita. Também excita você.

— Você é doente. — Desviei meu rosto do dele. — Não. Eu apenas aceito aquilo que sou. E algum dia, você terá de aceitar também. —

Ele andou ao meu redor, mantendo o braço em volta da minha cintura. — Está na hora. Tentei me afastar de seu abraço para ganhar alguma

distância. — Hora de quê?

— Hora de começar o enlace da *parceria eterna*. Ah, que ótimo. Hora de enlaçar. E eu ainda não tinha ideia de como escapar daquela

encrenca e salvar Ryan e Val. Eu precisava de ajuda, de algum tipo de guia. Meu pingente vibrou, me encorajando e dando esperança. Uma imagem de minha tataravó

apareceu, tremeluzente e linda, fazendo-me perceber que ela estava ali para me ajudar. Como eu sabia que era ela, não posso explicar, mas eu sabia.

Vovó, preciso da sua ajuda. Estou perdida e não sei o que fazer. Meus amigos estão em perigo e eu fiz um pacto com o diabo. Ajude-me... o tempo está acabando.

Ela colocou as mãos sobre o peito.

Tudo o que você precisa saber está dentro de você. Aceite quem você é e permita que o conhecimento a alcance.

Então, ela começou a desvanecer.

Não, não vá! Eu preciso de você.

Aceite quem você é. Acredite em si mesma.

Ela tocou a área acima do coração mais uma vez e desapareceu. Olhei ao redor, imaginando se alguém havia testemunhado aquele breve diálogo. Se

viram, ninguém parecia se importar. De repente, todos os *Liliacs* começaram a cantar em uma língua desconhecida para mim.

— Preciso do seu braço, Cheyenne — exigiu Constantine, a voz baixa e firme. — Ahn?...

— Seu braço.

Ele estendeu a mão e, sem pensar, eu estiquei meu braço. Ele o agarrou e deslizou a adaga pelo meu pulso.

— Ai! Mas que diabos...? — Puxei o braço de volta, mas ele segurou firme. Dracul segurou o que parecia ser um cálice medieval todo cravejado de joias sob meu

pulso para recolher o sangue que pingava do corte. Constantine levou meu braço até a boca e lambeu o ferimento. Eu vi o corte fechar e se curar ali mesmo. Então ele fez o mesmo com seu braço, permitindo que seu sangue

pingasse no cálice junto ao meu.

O canto se tornou mais alto e mais frenético. Constantine girou o conteúdo do cálice, misturando-o, e bebeu. Eu franzi o nariz e fiz uma careta. Que nojo! Ele me entregou o cálice.

— Beba, pequena *Vânător*, e nós seremos como um só. Olhei para o líquido cujo cheiro se elevava até minhas narinas. Meus caninos se alongaram e minha boca se encheu de água.

— Vá em frente, Cheyenne. Você sabe que vai ser bom. Não lute contra isso — ele persuadiu.

Todos os meus sentidos estavam em alerta, implorando para que eu bebesse. Meu corpo gritava *sim*, minha mente berrava *não*. Era uma batalha, e eu estava perdendo. Só um gole... Toquei o cálice com os lábios.

Sobre a borda, pude ver Ryan lutando contra as amarras. Ele gritou algo, mas não pude ouvi-lo por causa do canto. Voltei a mim e baixei o cálice.

— Beba! — ordenou Constantine.

— Não, eu não posso.

Constantine arrancou o copo de minhas mãos e Dracul me agarrou pelo pescoço, forçando minha cabeça a inclinar-se para trás. Constantine pressionou o cálice contra minha boca e pude sentir o líquido morno fazer contato com meus lábios. Cerrei o maxilar com força, recusando-me a beber.

— Beba! Agora! — Constantine tentou me forçar a abrir a boca, mas eu não cedi. — Será que preciso visitar seu namoradinho?

Quando abri a boca para responder, ele forçou o copo contra meus lábios e a mistura penetrou em minha boca. Eu queria engolir, queria muito, mas em vez disso, virei a cabeça e cuspi. Quando Constantine tentou repetir o gesto, foi puxado com força e jogado para fora do círculo.

Ryan tinha, de algum jeito, conseguido se soltar. Seus olhos brilhavam, e rosnados baixos e ferozes escapavam de seus lábios.

Constantine recuou e circundou Ryan, ambos concentrados em destruir um ao outro. Ryan atacou e rapidamente lançou Constantine ao chão. Ocupados demais com seu canto,

os outros *Liliacs* não sentiram a necessidade de se envolver no que se desenrolava. Exceto Dracul. Ele se aproximou por trás com uma adaga na

mão.

— Não! — gritei, saltando sobre suas costas na esperança de atrasá-lo. Mas para ele, eu não passava de uma mosca que pousara no lugar errado, no momento

errado. Com um pequeno esforço, ele me arrancou de suas costas e me jogou de lado como se eu fosse uma boneca de pano.

Antes que eu pudesse me recompor e ir atrás dele, Dracul alcançou Ryan. Eu assisti, horrorizada, enquanto ele enfiava a lâmina na barriga de Ryan e a rasgava com um movimento rápido. Ryan caiu no chão, por cima de Constantine.

Dracul ergueu a adaga para atingi-lo novamente. — Não! — repeti.

Eu sou a Vânător. Não vou permitir que isso aconteça. Eu sou a Vânător. Uma explosão de energia me atingiu como se uma barragem tivesse se rompido e

liberado uma poderosa inundação de conhecimento. E tudo ficou claro para mim. Eu sabia o que devia fazer.

Inspirei e concentrei toda a energia para o centro do meu ser. Meu corpo tremia com o poder puro e inalterado que me atravessava. Lancei os braços para a frente, soltando uma bola de energia sobre Dracul. Ela foi de encontro a ele, derrubando-o no chão junto ao seu mestre.

Ele não se levantou mais.

Assombrada pelo meu próprio poder e pelo que eu acabara de fazer, pude apenas observar enquanto Constantine saía de onde estava, debaixo de Ryan, e vinha em minha direção como se se movesse em câmera lenta. Como se um interruptor tivesse se desligado, a cantoria parou. A sala da caverna estava mergulhada em um silêncio tenso.

Medo e admiração cintilavam nos olhos de Constantine quando ele parou diante de mim. — Fique comigo, Cheyenne. Não porque a estou forçando, mas porque você quer. Eu

vejo a batalha que se trava dentro de você. Nós seríamos ótimos juntos. Eu poderia lhe mostrar coisas que você nunca imaginou que existam. Jamais a colocaria em uma jaula de domesticação como os *Panterãs* fizeram. Você será livre para ser a predadora que a natureza planejava que fosse. — Ele se abaixou e pegou o cálice que havia caído durante toda a comoção, olhando

para seu interior. — Ah! Temos o suficiente para completar a cerimônia que nos enlaçará por toda a eternidade.

Ele me ofereceu o cálice em suas mãos estendidas. — Não! Eu não posso. Não vou. Não sou como você. Eu *não quero ser como você*. Um véu de ira cobriu os olhos dele, e fui envolvida por um calafrio, mesmo com seu olhar ardendo sobre mim.

— Eu não vou deixá-la partir. — Ele agarrou meus braços, os dedos afundando em meus músculos.

— E eu não vou permitir que me mantenha aqui. O medo já não me dominava mais. Agora eu possuía todas as respostas. E sabia o que

tinha de fazer. Já não estava presa em uma névoa de incerteza. Fria e confiante, coloquei minhas mãos entre nossos corpos, sobre o peito dele. Mais uma vez concentrei meu poder.

— Preencha o vazio escuro em minha alma — falei, alto e claro. Meu pingente vibrou e minha marca começou a formigar. As mãos de Constantine tremeram enquanto ele tentava me manter presa. Sua boca se abriu e ele ficou rígido. Finalmente ele compreendera o que eu pretendia fazer, e estava indefeso contra o meu poder.

Foquei toda a minha energia em seu coração, o refúgio de sua alma pútrida. Meus dedos formigaram enquanto a energia fluía, entrando no corpo dele e cercando o órgão que pulsava. Fechando meus olhos, controlei a corrente como se ela fosse o mais técnico dos instrumentos, e eu, a musicista. Comecei a extrair a essência de Constantine: sua alma.

Fui esmagada por lembranças, as lembranças *dele*, todas caindo sobre mim de uma vez, tomando-me de surpresa. Ofeguei, despreparada para a intensa dor de suas emoções, dos abusos que havia sofrido.

Gritei, incapaz de compreender as atrocidades que testemunhara em minha mente: açoitamentos, amputações, instrumentos medievais de tortura que eu jamais vira antes sendo aplicados vezes e vezes sem conta.

Tanta dor, tanto sangue... Gemi e fechei os olhos com mais força. Não. Assisti à própria família de Constantine negar-lhe nutrição até que ele entrasse na fissura

por sangue, recusando-se a permitir que ele fizesse algo a respeito, enquanto o forçava a assistir a atos de crueldade... até que ele cedesse. Atos

que faziam os piores filmes de horror parecer uma piada.

E ele era apenas uma criança.

Lágrimas escorreram pelo meu rosto. Ele era a criatura resultante dos atos de outra pessoa. Não começara a vida sendo mau. Meu coração se confrangeu pelo seu sofrimento, pela sua infância perdida, por toda a sua dor.

Abri os olhos e encarei o olhar quase vazio de Constantine. Eu não podia ir até o fim; não tinha o direito de decidir seu destino. Quem era eu para julgá-lo? A vida lhe dera mais golpes do que qualquer um deveria ser obrigado a suportar. Ele nunca recebera nenhum amor, nenhuma compaixão. Se eu tivesse recebido o mesmo tratamento que ele, talvez seguisse os mesmos passos também. Ele não tivera escolha. Do mesmo modo que eu também não tinha. Era tudo muito injusto.

A culpa por minha incapacidade de aceitar minha posição no *clică* me deixou nauseada. Que egoísta eu havia sido, recebendo um dom tão especial e desejando renegá-lo, enquanto ele fora obrigado a seguir os costumes malévolos de seus ancestrais. Eu podia não ter opção a respeito da minha habilidade ou do que eu era, mas meu *clică* não me torturou na esperança de que eu levasse adiante uma tradição medonha. E meus pais me amavam.

Quando afastei as mãos de seu peito, a energia parou de fluir e voltou para mim, deixando-me momentaneamente tonta. Oscilei sobre minhas pernas. Uma presença suja e vil povoava minha psique. A feiúra agora repousava junto à minha alma: as memórias dele, sua dor, sua vida.

Constantine me fitou, confuso, os olhos arregalados de espanto. — Por que... por que me poupou?

Vári os *Liliacs* vieram para cima de mim e me pegaram pelos braços, mas eu não me importei. Tudo em que podia me concentrar era no horror que ele tivera de suportar. Ninguém deveria ter de passar por aquilo.

Uma lágrima escorreu pelo meu rosto.

— Eu não pude. Eu vi tudo. — Baixei a voz e olhei no fundo dos olhos dele. — Eu sei. Mágoa e humilhação nublaram o olhar de Constantine, transformando-o no garotinho

torturado que ele fora um dia.

— Você sacrifica sua própria liberdade porque sente compaixão *por mim* ? Poderia ter acabado com tudo. Nosso trato estaria desfeito... mas você

não o fez.

— Não.

Ele ergueu as mãos diante de si.

— Por quê?

— Sob todos os horrores que testemunhei, eu vi a bondade em seus olhos. Você nem sempre foi mau. Eu sei o que passou. Provei da sua dor. Você foi transformado na criatura que é agora. E eu sinto muito, porque você não merecia. Não foi culpa sua. Mas agora você tem escolha, e eu acredito que possa mudar. Você não é mau... O que *você fez é mau*.

Mais uma vez, sua expressão era confusa.

— Você ainda ficaria comigo e cumpriria sua parte no trato? Você se tornaria minha *parceira eterna* ?

— Para salvar Ryan, sim.

Olhei para Ryan, que continuava encolhido no chão junto a um Dracul imóvel. Meu coração se apertou. Ele precisava de mim, e eu tinha de ir até ele. Meu olhar voltou a pousar sobre Constantine, permitindo que ele enxergasse minha alma e lesse meus sentimentos. Ele analisou meu rosto; eu não escondi nada. Precisava que ele compreendesse.

Seus olhos se abriram de leve quando ele finalmente entendeu, seu rosto se contorcendo com um dor tão profunda que era doloroso assistir.

— Você o ama de verdade.

— Sim.

Sua expressão desabou e ele expirou, os ombros decaindo. Virou-se de costas para mim. — Então vá até ele. — Sua cabeça desabou sobre o peito. — Soltem-na. Está na hora de

irmos embora daqui.

— Senhor? — questionou um dos *Liliacs* .

Ele tornou a ficar de frente para mim, os olhos brilhando com lágrimas não derramadas. — Você me ouviu. Nós vamos partir — ordenou Constantine. Os *Liliacs* soltaram meus braços. Dei um passo adiante, cruzando a distância entre

Constantine e eu. Fitando-o nos olhos, ouvindo seu coração disparado,

segurei suas mãos e as segurei.

— Você não é mau.

Eu não rompi o contato visual, deixando claro que eu me importava com ele e enxergava o que havia sob o disfarce de malvado.

Uma lágrima solitária deslizou pelo rosto dele.

— Ah, pequena *Vânător* ... Você não sabe que eu lhe daria o mundo? Eu posso até precisar do seu sangue... mas é você que eu *desejo* . — Ele suspirou, um som de cortar o coração. — Mas nunca vai acontecer. Não, enquanto você amar outro.

— Você sabe que eu vou atrás de você se as coisas continuarem como estão agora — ameacei, minha voz meio vacilante pelas palavras inesperadas dele.

Palavras que eram como uma estaca em meu coração. Ele continuou a me fitar nos olhos. Para minha surpresa, ele era, sim, capaz de amar.

Ele se aproximou ainda mais.

— Eu sei. Ambos devemos fazer o que fomos destinados a fazer. Adeus, pequena *Vânător* . — Ele deslizou o dedo pelo meu rosto, depois se transformou em um morcego e circundou minha cabeça.

Os outros *Liliacs* o seguiram de imediato, e centenas de morcegos saíram voando de uma vez.

Eu tinha a sensação de que nossos caminhos tornariam a se cruzar algum dia. Mas no momento, Ryan precisava de mim.

Tonta e ainda meio desorientada, tropecei até o lugar onde Ryan estava e me ajoelhei ao lado dele. Ele abriu os olhos, e um sorriso se espalhou em seu rosto.

Fiquei boquiaberta. Espantada, examinei-o outra vez. Sua camisa estava rasgada na frente, e sua barriga estava suja de sangue. Mas, tirando isso, ele estava bem.

— Olá, Faísca. Você parece ter visto um fantasma. — Mas como? Eu vi Dracul...

Ryan riu.

— Eu saí do caminho bem na hora. A adaga dele mal me atingiu. Olhei para o corpo ainda imóvel de Dracul e me voltei para Ryan. — Então por que

você não se levantou? Você só... Ele tocou a parte de trás da cabeça e me mostrou sua mão: havia sangue nos dedos. — Levei uma bela pancada na cabeça quando caí. — Ah...

Eu não sabia se queria beijá-lo ou lhe dar um tapa. Ele tinha me deixado tão preocupada! Decidindo-me pelo beijo, abaixei-me e pressionei os lábios contra os dele. Quando levantei a cabeça, Ryan me fitou de boca aberta e olhos arregalados.

— O que foi? Agora é você quem parece ter visto um fantasma. Uma dor aguda atingiu minhas costas. Olhei para baixo: a ponta de uma lâmina se projetava do meu peito. Meu vestido branco estava se transformando em vermelho-escuro diante dos meus olhos. Um guincho agudo soou, ecoando pelas paredes da caverna. Por um momento, não compreendi o que havia acontecido ou por que eu não conseguia mais respirar normalmente.

E então a pontada desapareceu e outra dor aguda me atingiu. Um morcego voou para o meu campo de visão e desapareceu atrás de mim. Ouvi um som gorgolejante e um gemido. Do nada, Constantine estava a meu lado, seus olhos me encarando, arregalados de horror. Ele limpou o sangue de seus lábios e caiu de joelhos. O que ele estava fazendo de volta? Caí para a frente em cima de Ryan, meus olhos se fechando sozinhos.

Um grito veio do fundo do peito de Ryan, e eu não ouvi mais nada.

Capítulo XX

Enlaçados para a eternidade

Um calor delicioso penetrou meu corpo. Eu estava com frio, com tanto frio... Aninhei-me junto à fonte daquele calor. Senti dor; gemi. Estava coberta por uma umidade pegajosa e desconfortável. O cheiro de algo doce e apetitoso alcançou meu nariz. Humm...

— Cheyenne?

Ryan? Minhas pálpebras se abriram com relutância. Pisquei para clarear a visão. Quando consegui enxergar, reconheci Ryan: eu estava aninhada em seus braços fortes. Mas uma lágrima descia pelo seu lindo rosto. Por que ele estava tão triste? E por que eu sentia dor para respirar? Ou me mover? E por que Constantine estava ali, sobre mim?

— Cheyenne, você foi ferida e perdeu muito sangue. Precisa se alimentar — disse Ryan, a voz tão suave que eu não sabia se o que ouvia era real ou apenas um sonho. — Compreende o que estou dizendo?

— C-Como? — Naquele momento, eu não tinha certeza de nada. Tudo ao meu redor era um borrão.

— Foco, Cheyenne. Isso é muito importante, e não temos muito tempo. Você precisa de ajuda *agora*. Precisa de sangue. E ele deve vir de um vampiro.

Ele estava muito sério.

— Hum-hum.

— O que lhe dá uma única opção: eu.

— Não, são duas opções: eu também estou aqui — retrucou Constantine. — Você não é uma opção. — A voz de Ryan continha um tom de ameaça. O que estava havendo? Por que eles estavam brigando? — Cheyenne? — Ryan me balançou.

— Hein?

— Eu preciso lhe contar uma coisa. Você precisa me ouvir com atenção, está bem? — Hum-hum.

— Se você tomar do meu sangue, vai estar enlaçada *para sempre*

comigo. Eu tomei do seu sangue, então se você escolher tomar do meu, estaremos ligados para sempre, de corpo e alma. Você vai ter minhas lembranças, sentir minha dor e muito mais. Faça sua escolha; eu não vou forçá-la a nada. Você é quem deve decidir. — A mão de Ryan tremeu quando ele afastou o cabelo do meu rosto. — Mas você não tem muito tempo.

— Cheyenne, escute-o. Você precisa tomar sangue — insistiu Constantine. Eu não conseguia manter os olhos abertos, não importava o quanto tentasse. Estavam tão

pesados... Minhas pálpebras desceram e eu me senti diminuindo... indo embora... — Cheyenne! Escolha! — A voz de Ryan ribombou em minha mente. Eu só queria dormir. Estava tão frio que eu já não sentia dor. Abri um olho e sussurrei:

— Eu escolho você. Sempre você...

Pensei ouvir um arquejo do canto onde Constantine estava ajoelhado. Algo quente e úmido pingou sobre meus lábios. O gosto era tão doce que minha língua

buscou mais. Eu queria mais. Era tão bom!

Virei a cabeça, procurando a origem. Mais do delicioso líquido chegou até minha boca. Estendi a mão e agarrei a primeira coisa sólida que encontrei, trazendo-a até minha boca. Ansiosa, sedenta, bebi mais. Meu corpo se aqueceu e eu suspirei, satisfeita. Senti duas áreas em minhas costas formigando. Esquisito...

— Cheyenne? — Ryan me cutucou.

— O que... — Abri os olhos. — Olá.

Os lindos olhos de Ryan se iluminaram e seus lábios se abriram em um sorriso. — Olá para você também, Faísca. Você me deu um susto e tanto. — Em mim também.

Virei a cabeça para Constantine. A sinceridade no rosto dele me espantou. — O que você está fazendo aqui?

— Voltei por causa de Dracul. Não estamos em condições de deixar nenhum de nossa espécie para trás... e então eu o vi com uma faca nas mãos. — A voz dele fraquejou. — Cheguei tarde demais. Sinto muito. — Ele baixou a cabeça.

Constantine, sentindo muito?

— Estou bem, está vendo? — Acenei, indicando meu corpo. — Mas o que aconteceu a Dracul?

Eu tentei me sentar, mas Ryan me impediu.

— Ele está morto. Constantine cuidou disso.

Ele havia matado Dracul por minha causa?

Morcegos sobrevoaram a área, nos cercando.

— Devo ir agora. — Constantine se levantou. — Vou sentir saudades de você, minha pequena *Vânător*. — Ele olhou para Ryan. — Cuide dela, Ryan. Tão bem quanto eu o faria.

Lágrimas reluziam nos olhos dele quando me fitou pela última vez antes de se transformar em morcego e partir.

O que tinha acontecido com ele? Parecia tão sincero, tão diferente... Ryan afagou meu cabelo, trazendo minha atenção de volta a ele.

— Não sei o que eu faria se tivesse perdido você. — A voz dele ficou embargada. — Eu acredito que você goste de mim um pouquinho. — Eu dei risada, o que me

provocou um acesso de tosse.

O sorriso deixou o rosto dele.

— Mais do que um pouquinho, Cheyenne. Você já deve saber disso. Tudo o que fiz foi por você, para protegê-la.

— O que você quer dizer? — perguntei, sem entender. — Os *Liliacs*. Eu me juntei a eles para monitorar seus atos. Arqueei a sobrelanceira.

— Então você não é um *Liliac de verdade*?

Ryan desviou o olhar.

— Não, eu sou um *Liliac* ... Era, pelo menos... É... complicado. Consegui me sentar.

— Não entendo. Você não é como eles.

— Minha família deixou os *Liliacs* junto a várias outras quando ficou claro que o *clică* estava evoluindo para algo muito mais malévolo. Não poderíamos nos juntar aos *Pantereiras*, pois eles não teriam confiado em nós — explicou Ryan.

— Não, eles teriam compreendido — discordei. — Você não entende.

Nós teríamos sido exterminados como os outros *Liliacs* . Eles não

podiam se dar o luxo de nos poupar. Nossa única opção era nos separar, tentar sobreviver sozinhos. Os *Liliacs* nos caçaram porque nós sabíamos onde eles moravam e tínhamos informações que seriam valiosas para os *Panterãs* . Por muito tempo, tivemos de nos esconder e formar nosso próprio *clică* : o *Apărăre* .

— Outro *clică* ? Eu não sabia que existia algum outro. — Existem vários *clicăs* , mas você não saberia mesmo da nossa existência, pois era um

segredo conhecido apenas por nós mesmos. Somos os autodesignados guardiães de nossa raça, garantindo que nenhum integrante se torne descuidado e revele nossa presença para os humanos. Monitoramos os *Liliacs* bem de perto. Muito da informação coletada pelo seu *clică* foi revelada por nós. — *Ele fez uma pausa e deslizou o dedo pelo meu braço, fazendo-me arrepiar.* — Mas logo ficou claro que teríamos de agir, não poderíamos mais permanecer invisíveis. Os *Liliacs* planejavam atacar, e o alvo era você. Não foi coincidência que eu aparecesse na época em que o fiz. Seu *status* como *Vânător* já era conhecido pelo nosso clã há algum tempo.

Franzi a testa.

— Mas nem eu sabia até o meu aniversário! Nem minha família, nem meu *clică* ... Como é que vocês...

— Porque esse é o nosso dom. Nossos sentidos evoluíram por pura necessidade. Meu *clică* soube que você seria *Vânător* assim que você nasceu. *Você é especial.*

— É... foi o que me disseram.

— Sou apenas um pouco mais velho que você, por isso fui enviado para protegê-la. E para garantir sua segurança, eu precisei voltar para os *Liliacs* e monitorar os atos deles. Nós os seguimos até esta área e até você. Constantine me usou para ficar de olho em você e mantê-lo a par do seu progresso. — *Ele fez uma pausa, encaixando a mão em meu rosto. Seus olhos cristalinos se suavizaram.* — O problema... é que eu me apaixonei por você. Constantine descobriu meus sentimentos e se utilizou deles para tirar vantagem. Eu tentei distraí-lo fingindo estar interessado em Val, dizendo que você era apenas uma missão.

— Você se apaixonou por mim?

— Faísca, eu am...

Um grito abafado nos arrancou daquele momento mágico. Olhamos à nossa volta, tentando encontrar de onde tinha vindo aquele som.

— Ah, meu Deus! Val! — gritei.

Nós nos levantamos de um salto e corremos para junto de Val. — Vai ficar tudo bem, Val. Agente firme — Ryan a tranquilizou. Ele a ajudou a se sentar e começou a soltá-la das amarras. Puxei a fita adesiva que a

amordaçava. O corpo dela tremia como uma escova de dentes elétrica. Em seu rosto, havia manchas de rímel que escorrera dos olhos. Seu braço estava decorado com manchas de sangue, que secara nos cortes. As feridas não eram tão graves quanto eu imaginara; eram apenas arranhões. Constantine provavelmente a cortara apenas para gerar um efeito visual, para sorte de Val. Suas pupilas estavam dilatadas e ela exibia um rosto vazio de expressão. Estendi a mão e segurei as dela, que estavam frias e úmidas.

— Val? — Tentei chamar a atenção dela, mas ela continuava olhando para o nada. — Acho que ela está em choque. — Ryan esfregou os braços dela, tentando passar calor

através da fricção.

Tentei novamente.

— Val? Olhe para mim.

Lentamente, ela virou a cabeça e me fitou nos olhos. Piscou várias vezes antes que o olhar distante sumisse e ela voltasse à realidade. Apertando minhas mãos com toda a força, ela começou a gritar, gritos histéricos que arrepiaram minha nuca. Gritos agudos, animalescos, que eu nunca mais quero ouvir.

Meu instinto me dominou e eu tirei minhas mãos das dela e dei-lhe um tapa no rosto. Fez efeito: os gritos pararam. Ela parecia estar me vendo pela primeira vez, e me abraçou.

— Ah, Deus! Ah, Deus! — soluçou ela.

— Shh... está tudo bem. Você está a salvo. Estou aqui — reforcei-a. Ela respirou fundo e se afastou.

— Você... você é uma deles... eu a vi... mas você me salvou. — Não, Val, eu não sou uma *deles*. Posso ser diferente de você, mas não sou como

eles . O que é que eu faria agora? Val sabia demais e me odiava o suficiente para se deliciar

com essa informação, assim que voltasse a si. Ela ficaria satisfeitíssima em me derrubar. Ah, Deus, e Nicoleta! Ela ficaria para lá de furiosa. E o que ela faria a Val?

Como se eu os tivesse chamado ao lembrar disso, Nicoleta, Amarante e Mandy chegaram ali às pressas. Mandy ia à frente, como uma guerreira atacando o inimigo. Ficou boquiaberta quando chegou mais perto e pôde notar como eu estava. O sangue em meu vestido agora lembrava as manchas de tinta utilizadas em testes psicológicos. Com certeza, eu devia estar um horror.

— Cheyenne, minha nossa, o que aconteceu? Você está ferida? Por que tem sangue por todo lado nas suas roupas? E que roupa é essa? Como Ryan chegou aqui? E quem é que você está abraçando?

Quando Mandy parou para tomar fôlego, Val virou-se para ela. Os olhos de Mandy se arregalaram ainda mais, e ela abriu e fechou a boca algumas vezes antes de conseguir continuar.

— Val? Ah, meu Deus, o que ela está fazendo aqui? Por que ela está toda ensanguentada? E o que Ryan está fazendo aqui? Alguém diga alguma coisa, eu estou enlouquecendo!

Gentilmente, mas com firmeza, Amarante pegou Mandy pelos braços e tirou-a do caminho como se ela não pesasse nada. Quando ela começou a falar, ele colocou o dedo sobre sua boca em um pedido de silêncio. Com Amarante, era mais um sinal de “cale-se”. Mandy fez exatamente isso e ficou esperando quieta.

Lembrete: marcar no calendário como o dia em que Mandy ficou de fato em silêncio quando alguém mandou.

Nicoleta tomou o lugar de Mandy junto a mim. Ela pegou meu queixo entre os dedos e inclinou a cabeça de um lado para o outro enquanto me analisava com atenção, fitando-me nos olhos, depois olhou para Val e franziu a testa.

Puxa vida, isso não está indo bem.

Val se aproximou de mim, tremendo sob o escrutínio de Nicoleta. — Por que ela está aqui? Quem é ela? — indagou Nicoleta, sem desviar os olhos

de Val. — É uma menina da escola. Constantine fez com que a trouxessem até aqui. — Eu me

inclinei para Nicoleta e baixei a voz para que Val não escutasse. — Ele planejava utilizá-la como banquete depois da cerimônia. — Mordi o lábio, aguardando sua reação.

Ela estreitou os olhos.

— Ela seria o banquete? Com tantos costumes bárbaros para trazer a este século... E por que, exatamente, ela foi escolhida para ser o... banquete?

— Ele pensou em utilizá-la como algum tipo de presente para mim. — Olhei para Val. — Nós não somos lá muito amigas.

Val olhou para Nicoleta.

Nicoleta colocou a mão sobre o joelho de Val, as pulseiras douradas tilintando ao deslizarem por seu braço e pararem no pulso.

— Acredito que você tenha testemunhado eventos altamente perturbadores — comentou, com uma voz calma e tranquilizadora.

Val assentiu com veemência.

— Acho que posso ajudá-la com isso. — Nicoleta olhou para mim. Com medo que ela tivesse em mente algo que fosse machucar Val, eu falei: — O que você quer dizer com isso? Não está planejando feri-la, não é? Ela não fez nada.

Ela não vai dizer nada. Eu vou ficar de olho nela. — Ferir? — repetiu Val, a voz chorosa.

— Relaxem, meninas. Ninguém vai ser ferido. Parece que já tivemos muito disso por aqui — assegurou Nicoleta.

Os sons de passos correndo e latidos fizeram com que todos nós nos virássemos para ver quem o ou que estava invadindo a caverna agora. Roxie entrou, seguida por meus pais... mamãe sem fôlego, e papai não muito melhor.

Roxie pulou sobre mim e lambeu meu rosto, ganindo o tempo todo. — Olá, garota! — Afaguei as orelhas dela. — Estou bem, estou bem. Ela recuou e começou a circular a área, farejando tudo. — Cheyenne! — Minha mãe veio correndo na minha direção, mas parou antes de chegar,

fazendo com que meu pai quase a atropelasse. — Você está ferida? Tem

tanto... sangue. — Sangue? Onde, por quê? — Meu pai colocou-se ao lado de minha mãe. Ficou

boquiaberto e empalideceu. — Cheyenne...

Ele respirou fundo, seu corpo todo ficando tenso. Por um minuto, pensei que meu pai iria desmaiar ao ver meu vestido todo manchado. — Papai, eu estou bem. De verdade. — Voltei-me para Ryan. — Graças a Ryan. Papai suspirou, sua compleição voltando lentamente ao normal e relaxando. — Graças a Deus.

Meus pais vieram na minha direção, mas Nicoleta os interrompeu. — Estamos prestes a fazer uma repressão. Parece que Constantine trouxe uma das amigas

de Cheyenne para esta bagunça contra a vontade dela. A moça viu demais, e tenho certeza de que vão concordar comigo que não podemos permitir que ela continue como está. — Nicoleta voltou-se para Amarante. — Podemos?

Tornando a olhar para meus pais, Nicoleta convidou: — Gostariam de se juntar a nós também?

Eles pareciam entender o que Nicoleta queria, mas eu não tinha ideia. E a pobre Val continuava a tremer como um cachorrinho perdido. Se eu estivesse no lugar dela, tremeria também. Eu ao menos recebi algum aviso antes de cair naquele mundo de pesadelos.

— O que está acontecendo?

Eu precisava saber. Afinal, não era culpa de Val o que lhe acontecera. Ela não pedira para ser sequestrada e quase utilizada como parte de um ritual. Dessa vez, ela era inocente. Que ironia: eu, defendendo Val.

— Você também pode se juntar a nós, Cheyenne. Pode parecer um pouco estranho agora, mas você precisa saber como fazer isso. — Nicoleta gesticulou para que eu me juntasse ao círculo que se formara ao redor de mim e de Val.

Comecei a me levantar, mas Val agarrou meu vestido e me forçou de volta. — O que eles vão fazer comigo? Eu sei que é comigo. Ajude-me — ela implorou, os

olhos azuis marejados de lágrimas.

— Eu não sei o que é com precisão, mas não vou deixar ninguém

machucá-la — murmurei. — Eu juro.

Fiquei de pé e me coloquei ao lado de Nicoleta. — O que está havendo? O que é uma repressão? — Ela viu demais, Cheyenne, e não podemos nos arriscar a que revele nosso segredo.

Vamos reprimir permanentemente a lembrança dela de tudo o que aconteceu. Franzindo o cenho, retruquei:

— Mas Constantine disse que não é possível apagar a memória de alguém. Ela sorriu.

— Não podemos “apagar”, mas podemos enterrar a lembrança tão fundo que ela nunca irá ressurgir. Algumas coisas vão deixá-la confusa, mas ela nunca vai conseguir entender por quê.

Todos nos demos as mãos, formando um círculo ao redor de Val. Ela olhou para todos nós, os lábios trêmulos e a testa começando a transpirar. Senti pena dela; eu podia entender com perfeição a sensação de ser lançada no meio de uma situação incompreensível. Dei-lhe um sorriso.

— O que devo fazer? — questionei Nicoleta.

— Siga nosso exemplo. Vamos combinar nossa energia e direcioná-la para sua amiga. Minha amiga? Estava ali algo que eu nunca imaginara que ouviria, e pela segunda vez no

dia, ainda por cima.

Amarande começou a cantar em uma língua que eu não compreendi, parecida com o que os *Liliacs* haviam feito durante a cerimônia do “enlace”. Todo mundo se juntou a ele, cantando a mesma frase vezes sem conta.

Senti um leve formigar passando pela minha mão esquerda, para o meu torso e saindo pela mão direita. Isso se repetiu várias vezes, a frequência se acelerando até que os pulsos se tornassem um ciclo contínuo. O canto também acelerou. Então senti a energia ser sugada do meu corpo, concentrando-se em algum lugar no meio do círculo.

Val ficou rígida. Um halo de luz amarela a circundou. Ela oscilou, caiu para a frente e rolou sobre as costas. Seus olhos se fecharam e sua respiração ficou superficial. Vi seu peito subir e descer, assegurando-me de que ela estava viva e inteira. Suspirei, aliviada. Tudo daria certo.

— Vamos limpá-la e levá-la para casa. Ela vai imaginar como conseguiu as marcas nos braços, mas não vai se lembrar do que aconteceu — explicou

Nicoleta. Ela se virou e ergueu uma sobrancelha. — E mocinha, você tem algumas explicações para dar. Você quebrou a regra número um e colocou a si mesma e ao seu *clică* em perigo. Não pense que isso será esquecido.

Engoli em seco. Graças aos céus, Mandy veio em meu socorro. — Minha nossa, Cheyenne! Isso foi a coisa mais legal que eu já vi. Será que a Val vai

ficar mais boazinha ou algo assim? — Fazendo uma pausa, ela olhou para mim. — Qual é o problema?

— Digamos que eu ainda não estou fora de risco de vida. Olhei para Nicoleta, que ainda estava me encarando daquele jeito que só ela conseguia.

Nem minha mãe me intimidava tanto quanto ela. Mandy seguiu a direção do meu olhar e fez uma careta. — Ah, sim, entendi...

— Pois é. — Suspirei, meus ombros afundando. Ryan e Amarande pegaram Val no colo e a carregaram para fora, com Nicoleta os seguindo de perto.

— Vamos embora, Cheyenne! — chamou papai. — Você também, Mandy. É melhor voltarmos para casa. — Ele assobiou. — Roxie, aqui!

Roxie circulou mais uma vez e se juntou ao meu pai. Eu estava tendo dificuldade para acreditar em tudo o que acontecera. Olhei ao redor da

Sala da Porcaria, meu olhar recaindo sobre a mancha escura no chão. Meu sangue havia se misturado ao de Ryan e secado, cobrindo o piso da caverna.

— E se um dos funcionários da caverna chamar a polícia para investigar as manchas? Meu DNA não vai estar por toda a parte? — Eu assistia muito ao *CSI*. — E essas velas em todo canto?

Não se preocupe, tudo vai se resolver. Aposto que Nicoleta está chamando uma equipe de limpeza neste instante — asseverou mamãe, como se aquele tipo de coisa acontecesse todos os dias.

Essa ideia me apavorava.

— Vamos, meninas — chamou papai.

Mamãe passou o braço sobre meu ombro e o de Mandy e nos guiou para fora da caverna, com papai à frente e Roxie atrás. Agora que tudo parecia estar voltando ao normal, não pude deixar de voltar a pensar no que Ryan

estava dizendo antes que os gemidos de Val chamassem nossa atenção.

Ele havia dito que tinha caído por mim. O que será que ele estava falando? Quando a passagem da caverna ficou mais apertada, mamãe foi à nossa frente. — Mandy... o que quer dizer quando um rapaz diz que caiu por você? — Minha nossa! Ryan disse isso para você? — Mandy falou, alto o bastante para todos

em Georgetown e Round Rock ouvirem.

— Shh! — avisei. Mamãe olhou para trás e balançou a cabeça. — Sim, ele disse, mas o que você acha que isso significa?

— Você é tão pateta, juro! — Mandy riu.

— Que foi?

— Você não sabe o que ele queria dizer? Sério? Ah, meu Deus, você está falando a sério!

— Eu não perguntaria se não estivesse.

— Bem, por que você mesma não pergunta? — Mandy me lançou um olhar convencido. Ryan estava na entrada, seus olhos sobre mim. Pensei que ele tivesse ido embora com

Amarande e Nicoleta; sua presença ali me surpreendeu. Quando mamãe e papai passaram por Ryan, ele lhes disse algo que não pude ouvir o que

foi, pois Mandy não parava de falar. Eu sabia que tinha algo a ver comigo, pois ambos se viraram e sorriram, seguindo em frente e saindo da caverna, indo na direção do portão.

— Venha, Roxie! Vamos embora — chamou mamãe. Roxie estava junto de Ryan, recusando-se a sair dali. Parei diante dele e Mandy continuou seu caminho sem dizer nada, apenas dando um

aceno rápido de despedida.

— Tudo bem, garota, eu estou bem — falei, abaixando-me para afagar a cabeça de Roxie.

Ela choramingou, olhando para meus pais e de volta para mim. Eu a empurrei de leve e ela finalmente seguiu o resto do grupo.

— Sua protetora? — quis saber Ryan.

— Algo assim.

Ele olhou para baixo e traçou um círculo no chão com o pé. — Eu pedi para os seus pais se podia levar você para casa. — Ele olhou para mim,

examinando meu rosto, eu não sabia em busca de quê. Estava quase tímido, muito diferente do usual. Estranho. — Você está bem?

— Sim, estou. Acho que tudo que era essencial está curado. Sinto-me fisicamente ótima. — Não, eu estava perguntando se está bem por causa... do que aconteceu na caverna —

ele tentou novamente, fitando-me nos olhos.

— O que, exatamente, você quer saber? — Eu não tinha a menor pista do que ele estava falando.

— A troca de sangue. Está tudo certo com o que nós fizemos? — Ele fez uma careta, ansioso e preocupado.

— Bem, acho que estou com um pouco de nojo de mim por ter gostado do que fiz. Isso me deixa meio desconfortável, mas tudo bem. Você salvou a minha vida. Acho que eu deveria lhe agradecer, não é? — Eu o cutuquei com o cotovelo e sorri.

Ele me segurou pelos ombros, seus dedos enterrados na minha pele. — Estou querendo saber se você está de acordo com o *enlace*. Franzi o cenho. Do que ele estava falando?

— Eu sabia! — Ele soltou meus ombros e expirou, dando um tapa na perna. — Você não compreendeu o que eu expliquei sobre fazer uma escolha, não foi? Não tinha como.

— Acho que não entendi o que você queria dizer com “ligação”. Ou por que você está tão chateado. Eu estou bem, de verdade. — Tentei acalmá-lo.

— O que estou querendo dizer por “ligação” é que estamos ligados para sempre. Ao trocar sangue, demos um ao outro a permissão para entrar em nossas emoções e pensamentos. Quando eu sentir dor, você também sentirá. Quando você chorar, eu choro. Entendeu?

— E isso é ruim?

Do modo como ele agia, parecia que *ele* achava ruim. Não me parecia tão mau. Na verdade, estar “ligada” a Ryan me soava bom. Meu estômago se contraiu, ansioso, ao pensamento.

— Você ainda não compreendeu. — Ele apertou os lábios. Coloquei

uma das mãos no quadril.

— Acho que não, então por que você não me explica? — Você sabe o que é estar na cabeça de outra pessoa quando ela está morrendo? Ou

quando ela está sendo torturada? E se essa pessoa fosse sua irmã mais velha, a irmã que lhe deu seu sangue no momento em que você mais precisou? Hein? Entendeu agora? — Ele passou os dedos pelos cabelos. — Eu nunca desejaria um tormento assim para ninguém, especialmente não para você. Eu sabia, desde que a conheci, que nossa conexão era forte. Você também sentiu, só não compreendeu o que era. Agora que compartilhamos sangue, essa ligação vai ficar mais forte do que qualquer coisa que você já sentiu.

E acrescentou baixinho, como que para si mesmo: — Isso me assusta.

Ele me puxou para seus braços e me apertou contra seu corpo rijo, os lábios pressionados à minha testa. Eu me derreti em seu abraço, permitindo que os estalos de estática entrassem em meus sentidos alertas. Eu nunca havia me sentido tão aquecida e segura.

— Faísca?

— Sim?

— Sinto muito por ter mentido para você.

Levantei a cabeça e me afastei do conforto de seu corpo. — Mentiu para mim sobre o quê?

Ah, Deus! Tomara que não fosse sobre ter caído por mim! — Sobre ter de ser amigo da Val porque meu pai havia me pedido. O pai de Val é

banqueiro, mas ele não tem influência nenhuma sobre o meu. E ainda que tivesse, meu pai nunca me pediria algo assim. Eu sei que foi uma desculpa esfarrapada, mas foi o melhor que pude inventar na hora. É que você estava tão magoada, e eu não queria que você pensasse que eu estava interessado de verdade nela, quando tudo o que eu estava fazendo era disfarçar meus sentimentos para Constantine. Eu fui egoísta, sinto muito.

Soltei o ar que estivera prendendo.

— Ah, é só isso? Pensei que fosse me dizer algo muito pior. — Eu não quero mentir para você nunca mais. Você significa muito para mim. — Os olhos dele reluziam de ternura e sinceridade.

Voltei a me apoiar em Ryan, que me abraçou.

Quando eu pensei que estava flutuando em uma nuvem com destino ao paraíso, uma onda de sensações invadiu minha consciência. Ofeguei e me afastei dele, olhando para seus maravilhosos olhos azuis cheios de preocupação. Outra onda me atingiu e eu estremeci. O que estava acontecendo?

— Começou. — Ele tomou minha mão e a colocou sobre seu peito. A pulsação do coração dele ecoava em minha mão. — Você está sentindo minhas emoções: tudo o que sinto por você .

Seus olhos arderam nos meus, as sensações ficando cada vez mais fortes e claras. Era glorioso e, ao mesmo tempo, devastador. Ele lambeu os lábios e eu segui o movimento, pousando o olhar sobre sua boca carnuda. Eu estava *l i gada a ele* , um dos garotos mais lindos que eu já conhecera. E ele queria *a mim* .

Era loucura...

Ryan voltou a me abraçar, moldando meu corpo de encontro ao seu. Minha respiração acelerou, e meu coração deve ter dado um salto antes de disparar de vez. Ele deslizou o rosto contra a pulsação em meu pescoço. Eu já estava com dificuldades de raciocínio. Quando ele pressionou os lábios quentes no meu pescoço, fiquei completamente irracional. Tinha me transformado em gelatina, trêmula em seus braços... Ah, sim, eu estava perdida.

Ele mordiscou minha orelha e eu dei um gritinho, sentindo um calafrio percorrer minha espinha. Senti a vibração de seu riso contra meu rosto.

— Será que você consegue? — indagou, apertando-me de leve, seu cheiro de canela e almíscar instigando meus sentidos.

— Hum-hum — murmurei contra seu peito esculpido. Ele passou uma das mãos pelas minhas costas, prendendo os dedos em meus cabelos.

Puxou com gentileza, forçando minha cabeça para trás. Seus olhos agora estavam azul-escuros enquanto ele analisava meu rosto. Inconscientemente, minha língua surgiu, umedecendo meus lábios. Ele inspirou, seus dedos se fechando em meu cabelo. A expressão no rosto dele era a de um leão faminto, prestes a devorar sua presa. Eu deveria estar com medo, mas não estava. A fome que ele irradiava me deixava toda quente por dentro.

Um gemido feroz e suave ao mesmo tempo escapou de sua garganta. A mão em minha nuca se apertou um pouco mais. E então ele estava levando meu rosto para o dele, esmagando os lábios contra os meus. Chocada, meus lábios se separaram, permitindo que a língua dele penetrasse em minha boca. Quase pulei com a sensação nova, diferente. Era quente, sedoso, estranho, fantástico. Meu coração batia tão forte no peito que eu pensei que alguma costela iria arrebentar.

Depois de um minuto, quando finalmente juntei coragem, timidamente movi minha língua contra a dele. Ele gemeu e aprofundou o beijo, tirando todo o meu fôlego. Ryan me puxou ainda mais contra si, a mão se abrindo na base da minha coluna. Eu estava ardendo por dentro, num incêndio que eu não tinha a menor intenção de apagar. Era estranho e maravilhoso.

Eu precisava desesperadamente de ar, mas não queria interromper a magia do momento. Ele deve ter percebido meu dilema, pois interrompeu o beijo e pressionou a testa contra a minha. Sua respiração soprava contra meu rosto em rápidos intervalos. Ele parecia estar lutando para se controlar.

Quando a respiração de Ryan estava mais ou menos normal, ele roçou os lábios contra a ponta do meu nariz. A gentileza e a demonstração de posse do gesto fizeram meu coração se apertar. Meus olhos se encheram de lágrimas ao perceber a verdade: ele não era como nenhum garoto que eu já conhecera. As emoções passavam pelo rosto dele como em um livro aberto, mas um que apenas eu tinha permissão de ler.

— Faísca?

Inclinei a cabeça para trás, as pálpebras semicerradas. — Eu amo você.

O ar sumiu dos meus pulmões. Ele tinha dito que me amava! Meu corpo já havia me contado como ele se sentia, mas ouvir era outra história; como se fosse uma confirmação. Uma mão invisível aninhou meu coração e lágrimas escorreram pelo meu rosto. Ele sabia quem e o que eu era, e mesmo assim me aceitava e me queria. Por mim mesma. Eu nunca teria de esconder minha realidade ou fingir ser algo que não era.

Eu sou Cheyenne Wilde, uma Vânător do clică Panteră. E está tudo bem com isso. Um sorriso se espalhou pelo meu rosto. Eu finalmente estava livre, e isso era

maravilhoso.

— E eu amo você. — Aproximando-me de Ryan, plantei-lhe um beijo arrasador nos lábios.

Tudo estava bem de novo em meu mundo.

O Fim

Felizes para sempre, mais ou menos

Entusiasmada de verdade para ir à escola pela primeira vez, acordei antes de o despertador tocar. Como nunca fui uma pessoa matutina, isso é praticamente um milagre.

Enquanto andava pelo prédio principal para a minha primeira aula, cantarolava a música de abertura do *Bob Esponja*, cantando a letra na minha mente enquanto balançava a cabeça no ritmo.

Vive num abacaxi e mora no mar

Bob Esponja Calça Quadrada!

Tem a cor amarela e espirra água

Bob Esponja Calça Quadrada!

Estava tão ridiculamente empolgada que quase dava enjoos em mim mesma. Raios, eu me sentia como a tal da Julie Andrews, cantando e girando em uma colina verdejante em *A Noviça Rebelde*, um filme que minha mãe amava de paixão, eu não entendia muito bem por quê. Mas sério, a qualquer momento eu iria começar a saltitar pelo corredor. Meu coração parecia que ia explodir de animação. Ryan estava se aproximando; sua presença vibrava dentro de mim. Quando me aproximei do meu armário, notei que ele já estava ali, apoiado contra a porta. Um sorriso sexy iluminou seu rosto quando ele me viu.

Tive a impressão de que milhas nos separavam. Não existia mais ninguém no corredor, só ele e eu. Meu pulso se acelerava a cada passo que eu me aproximava dele, até bater com tanta força que eu podia ouvir o sangue passando em minhas veias.

— Bom dia, Faísca. — Sua voz grave e profunda me manteve cativa. Apoiei meu ombro contra o armário, o corpo em frente ao dele. — Bom dia. — Girei um cacho de cabelo entre meus dedos e mordi o lábio inferior. Ele baixou a cabeça e se aproximou mais, reduzindo a distância entre nós. Prendi a

respiração, torcendo para que ele me beijasse.

— Senti saudades.

Ah, Deus do céu! Um beijo! Agora! Estou morrendo, aqui! Eu não conseguia parar de olhar para os lábios dele. E Ryan deve ter percebido a direção dos meus pensamentos, porque passou a língua pelo seu lábio inferior, baixando a cabeça ainda mais.

Meus olhos se fecharam, antecipando a sensação da boca de Ryan sobre a minha. — Certo, vamos parar com isso, vocês dois! — avisou a sra. Jones, nossa treinadora de

vôlei, ao passar por nós.

Abri os olhos e pulei para trás, derrubando a mochila sobre meu pé. Senti meu rosto queimar. Cobri a boca e ri.

Ryan riu também, depois se abaixou para pegar minha mochila. — Minha nossa, Faísca... Você deveria aprender a controlar melhor seus impulsos. —

Ele sorriu e deu uma piscadela.

Eu fiquei boquiaberta.

— Seu... seu... — Dei-lhe um tapa no braço e ele caiu na risada. A voz de Val soou pelo corredor enquanto ela papeava com as amigas em altos brados,

interrompendo nossa brincadeira. Ambos ficamos tensos. Prendi a respiração, imaginando como Val reagiria a mim, a nós dois.

O trio parou à nossa frente. Val olhou para mim e depois para Ryan. Ela franziu as sobrancelhas e seu olhar foi para algum lugar acima e à direita. Não ousei dizer uma palavra, e Ryan também não.

— Por que você está parando na frente da garota-morcego? — choramingou Kimee. Val olhou para Kimee e fez uma carranca.

— Cale a boca, Kimee. Você é insuportável de vez em quando. — Ela olhou para mim com uma expressão vazia. — Olá, Cheyenne.

E continuou seu caminho.

Eu engasguei e depois de quase tossir um pulmão, consegui balbuciar: — Olá.

— Uau... Essa foi interessante — comentou Ryan. — Nem me diga.

Enquanto eu ainda olhava para a partida de Val e suas coleguinhas, uma sensação estranha, concentrada entre minhas espáduas, me atingiu. Os cabelos de minha nuca se arrepiaram. Sinos de alarme ressoaram com força pela minha mente.

Eu estava sendo observada.

Virando o corpo, vasculhei o corredor, procurando onde estaria a ameaça. Ryan também analisou a área. Ele deve ter percebido a ameaça através de mim. Era realmente ótimo ser ligada a alguém num grau tão íntimo.

— O que é? — perguntei.

— Não sei, mas seja lá o que for, é forte.

Ryan moveu-se mais para junto de mim, em uma pose protetora, prestes a atacar se necessário.

A coisa podia ser uma entidade poderosa, mas com Ryan a meu lado, eu a venceria. Eu me recusava a permitir que qualquer coisa arruinasse meu dia, nem mesmo o mal que

agora me seguia.

Sou uma orgulhosa *Vânător do clică Panteră*, e um rapaz maravilhoso e lindo de morrer me aceita e me ama. O que mais eu poderia querer?

Que o mal se danasse!

Ryan cingiu meus ombros e caminhamos em direção ao pôr do sol, felizes para sempre. Está bem, ele me levou até a aula de Álgebra, mas você entendeu.

Fim



Conversão & Formatação

JÚLIO CESAR

facebook

<https://www.facebook.com/juliocwmaciel>

juliocwmaciel@gmail.com

(Quem gostou desta formatação, me adicione como amigo no Facebook e veja todos os Títulos que tenho disponível)

- Geralmente faço formatações de Livros que ainda não estão no mercado, nos formatos EPUB/MOBI -

Table of Contents

[Capa](#)

[Índice](#)

[Rosto](#)

[Créditos](#)

[Sobre a Autora](#)

[Terminologia Vampiresca](#)

[O Início](#)

[Capítulo I](#)

[Capítulo II](#)

[Capítulo III](#)

[Capítulo IV](#)

[Capítulo V](#)

[Capítulo VI](#)

[Capítulo VII](#)

[Capítulo VIII](#)

[Capítulo IX](#)

[Capítulo X](#)

[Capítulo XI](#)

[Capítulo XII](#)

[Capítulo XIII](#)

[Capítulo XIV](#)

[Capítulo XV](#)

[Capítulo XVI](#)

[Capítulo XVII](#)

[Capítulo XVIII](#)

[Capítulo XIX](#)

[Capítulo XX](#)

[O Fim](#)